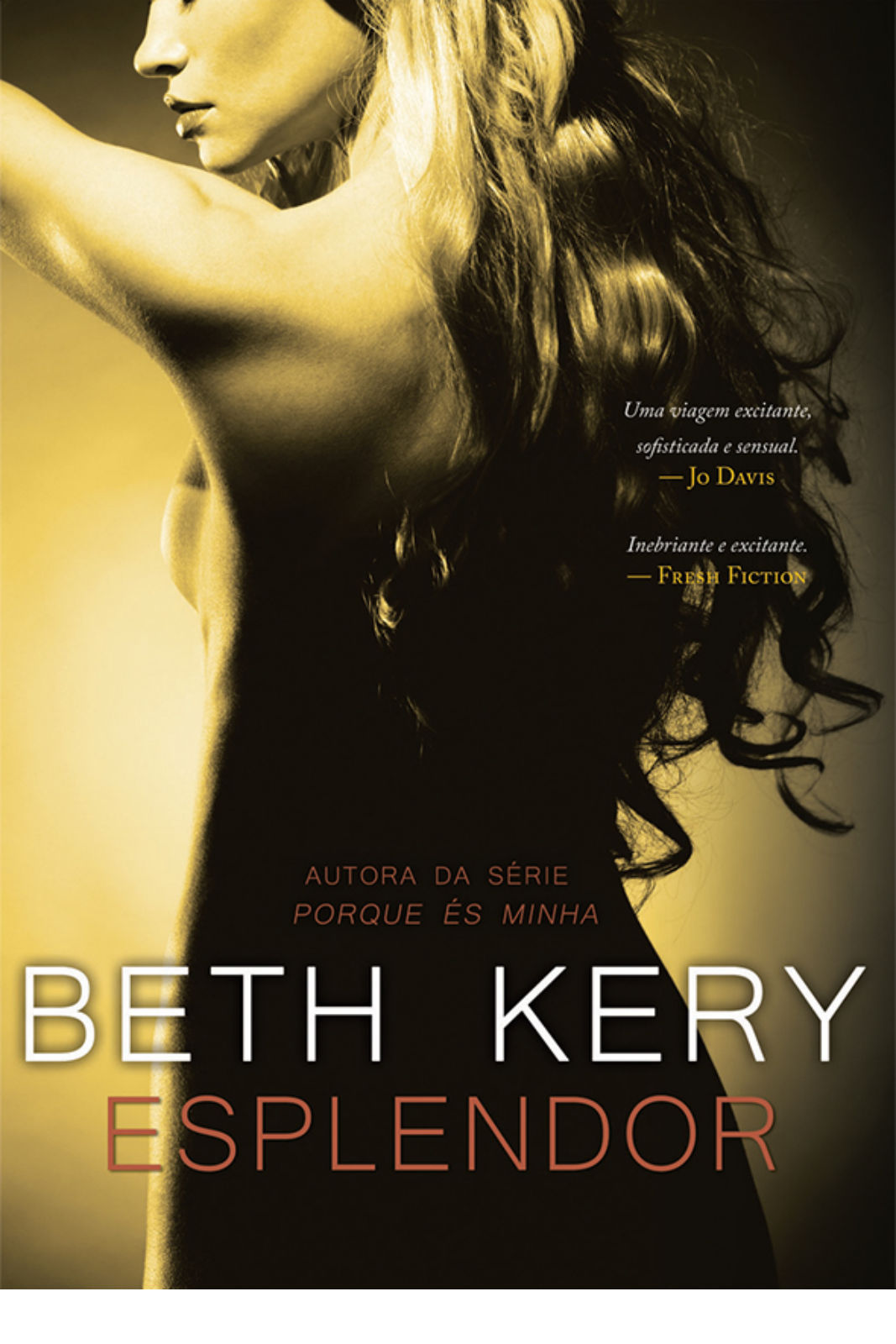




*Uma viagem excitante,
sofisticada e sensual.*

— JO DAVIS

Inebriante e excitante.

— FRESH FICTION

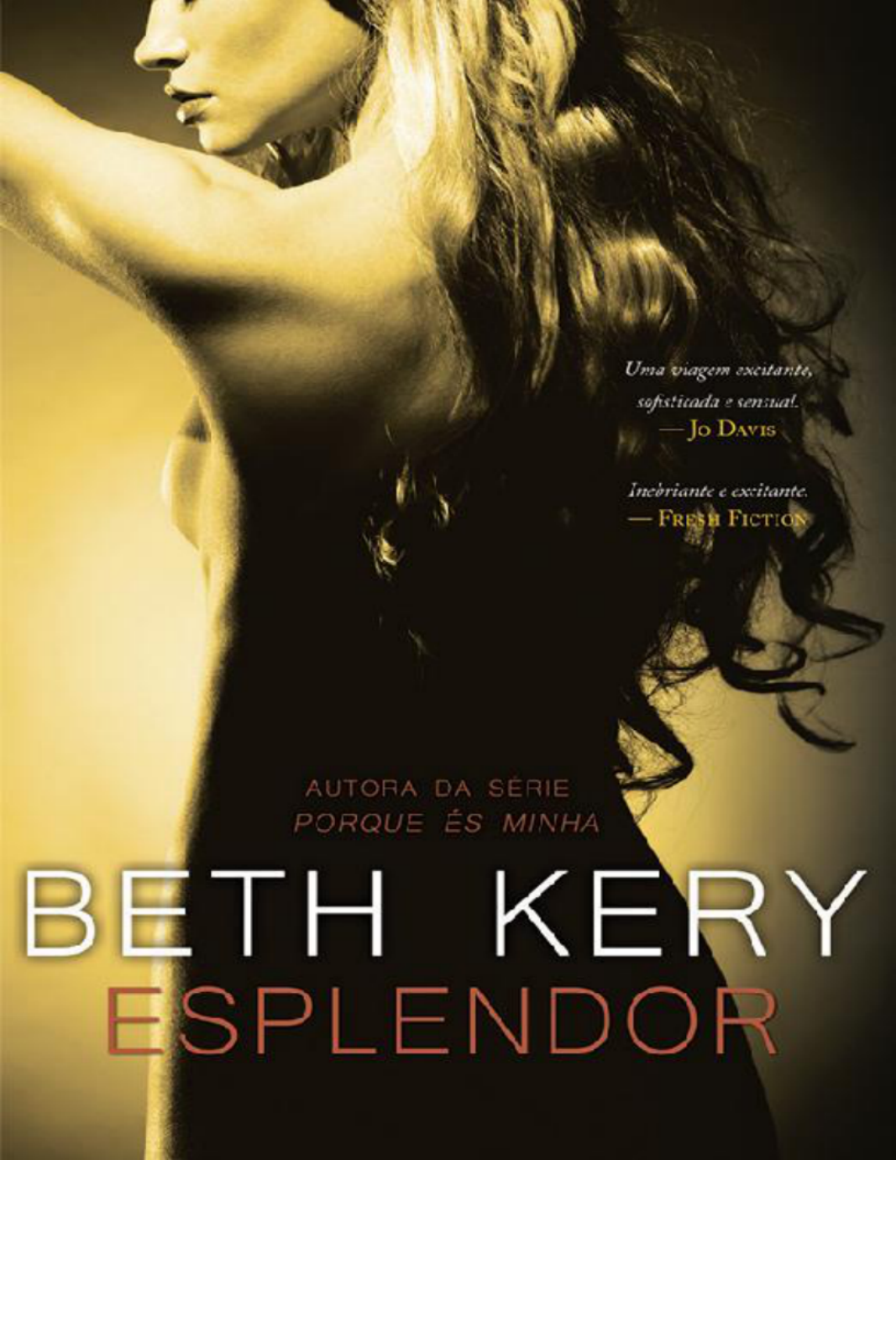
AUTORA DA SÉRIE
PORQUE ÉS MINHA

BETH KERY

ESPLENDOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



*Uma viagem excitante,
sofisticada e sensual.*

— JO DAVIS

Inebriante e excitante.
— FRESH FICTION

AUTORA DA SÉRIE
PORQUE ÉS MINHA

BETH KERY

ESPLENDOR

Ficha Técnica



CHOCOLATE

livros com sexta edição

TÍTULO: *Esplendor*

AUTORIA: *Beth Kery*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Glow © 2015 Beth Kery

Publicado originalmente nos E.U.A. por The Berkley Publishing Group, 2015

TRADUÇÃO: *Ester Cortegano*

REVISÃO: *Chá das Cinco*

DESIGN DA CAPA: *Chá das Cinco*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Abril, 2020*

ISBN: *978-989-710-272-1*

CHÁ DAS CINCO É UMA CHANCELA DO GRUPO SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

Agradecimentos

Como sempre, gostaria de expressar o meu agradecimento e amor ao meu marido, que me dá tudo: desde uma prolífera informação factual até ao muito necessário apoio enquanto escrevo um livro. Agradeço também aos meus maravilhosos leitores, cujo encorajamento, *feedback* e felicitações oferecem o combustível diário para uma carreira que é conduzida maioritariamente na solidão.

Estou tão entusiasmada por a sequência de *Vislumbre* estar finalmente a chegar às livrarias e *e-readers*! Esta foi a primeira vez na minha carreira de escritora em que tive uma história que senti ser demasiado grande para caber num único livro. Depois de escrever *Vislumbre*, percebi que havia mais, muito mais, a dizer sobre Alice e Dylan. Em *Esplendor*, quis dar a Alice a oportunidade de ultrapassar os incríveis desafios associados com o seu passado e crescer como mulher segura que está a aprender a confiar... e a amar. Espero que goste tanto da conclusão do apaixonado e emotivo romance entre Dylan e Alice como eu.

Obrigada por ler!

Beth

Na noite após a terrível tempestade, Alice sonhou enquanto dormia nos braços de Dylan Fall.

Estava de novo sentada na frente de um espelho em Twelve Oaks Inn — aquela espantosa casa com vista para o lago onde Dylan lhe dissera pela primeira vez como era especial para ele; onde tinha percebido que não era apenas uma rapariga medianamente bonita num estilo mais ou menos agressivo. Era linda. Desejável. Essa era uma verdade que tinha lido nos olhos de Dylan, naquela noite.

No sonho, Deanna Shrevecraft, a sofisticada e bondosa proprietária do Twelve Oaks Inn, que tinha sido tão sensível e generosa com o desconforto de Alice durante aquela escapadela romântica, estava de novo a maquilhá-la.

— Os seus olhos são tão bonitos — murmurou Deanna enquanto aplicava suavemente a sombra nos olhos.

— O Dylan não gosta da maneira como me maquillo — confessou Alice impulsivamente, mais uma vez experimentando uma aguda dor de embaraço ao lembrar-se das palavras de Dylan. — *Detesto que escureças as sobrancelhas. E não devias usar tanto lápis e rímel nos olhos.*

— Porque não gosta de a ver esconder-se. Ele sabe que há algo muito especial por baixo — diz Deanna num tom prático.

— Para quem considere que irremediáveis cromas são especiais — balbuciou Alice.

— Algumas são — garantiu-lhe Deanna com um olhar divertido. Estendeu a mão para uma bandeja de lápis para os olhos. Qualquer coisa cintilou no seu pulso, captando a atenção de Alice. Uma sensação de desconforto percorreu-a.

— Onde é que foi buscar essa pulseira? — perguntou Alice bruscamente. Reparou na expressão surpreendida de Deanna. — Quero dizer... — O que é que *queria* dizer, a falar com Deanna daquela maneira? — É tão bonita — hesitou, pouco à vontade. A visão da linda pulseira no pulso de Deanna parecia, de certa forma errada. Deslocada. Mas o cérebro de Alice, no sonho, esforçava-se para se

lembrar exatamente *porquê*.

— Foi o meu marido que ma deu — disse Deanna, aproximando-se dela com um lápis na mão. Alice recuou quando viu as manchas e queimaduras nos dedos dela, as unhas sujas. Chegou-lhe ao nariz um bem conhecido odor químico, tóxico e horrível. Ergueu o olhar, sobressaltada, e viu a cínzea palidez de um rosto maltratado. Deanna desaparecera. À maneira mágica dos sonhos, Sissy ocupara o seu lugar.

A mãe de Alice, Sissy Reed, tinha quarenta e cinco anos. Facilmente lhe dariam setenta. Era uma das muitas desvantagens de se fabricar e consumir metanfetaminas.

Alice foi invadida pela fúria, não por causa da visão da mãe, mas porque ela se atrevera a usar a linda e rara pulseira. Agarrou o pulso ossudo de Sissy e ergueu a pulseira com a ponta de um dedo.

— Isto não é teu. Roubaste-a. Não foi o teu marido que ta deu! Tu nem sequer tens marido, Sissy! — Empurrou o braço da outra mulher com desdém, a culpa a misturar-se com a aversão ao perceber como Sissy parecia leve e insubstancial... quando viu como ela tinha caído para trás com o empurrão.

— Tu nunca me chamaste mãe — acusou Sissy, e o seu falso choro passivo-agressivo era uma farpa demasiado familiar a enterrar-se sob a pele de Alice.

— Nunca conquistaste esse título.

O nojo e a culpa ardiam como ácido ao fundo da sua garganta. Bem como o desejo de algo diferente. Algo *mais*.

Perante os seus olhos, Sissy alterou-se, transformando-se numa linda mulher pálida de enormes olhos azuis — olhos muito parecidos com os de Alice, só que estavam dilatados de terror. Alice percebeu, com o seu próprio crescente horror, que havia um líquido carmesim a escorrer pelo lado da face e o pescoço da mulher. Ela estendeu as mãos para Alice, desesperada, e Alice viu de novo a delicada pulseira de ouro no seu pulso.

— *Foge, Addie. Esconde-te!*

Alice acordou, sufocada de medo.

Olhou loucamente em volta do quarto coberto de sombras, em busca de uma ameaça. O seu coração batia como se pudesse explodir a qualquer segundo.

Em poucos segundos, o abraço de Dylan penetrou a sua ansiedade. Acalmou-a. Estava na suite de Dylan, no castelo Durand. Estava nos seus braços.

Segura.

Respirou fundo, trémula, e tentou obrigar o coração a bater mais devagar.

Com o despertar da racionalidade e o regresso da memória, Alice reconheceu que a bela pulseira de ouro não pertencia nem a Deanna Shrevecraft nem a Sissy Reed. A última mulher no sonho, Lynn Durand, fora a sua verdadeira proprietária.

Já vira aquela pulseira e a sua dona em sonhos, antes daquela noite. De facto, já julgara até ter visto a mulher a caminhar na sua frente enquanto estava bem acordada. Na altura, perguntara-se se era um fantasma. Mais tarde, percebera que era uma memória há muito esquecida a ressurgir à superfície no ambiente familiar da mansão Durand.

Lynn era mulher de Alan Durand, o brilhante homem de negócios que fundara a Durand Enterprises, a multibilionária multinacional que fabricava tudo desde doces a iogurtes e a bebidas energéticas. Os produtos da Durand eram permanentes em todas as lojas de doces no mundo. E, mesmo do outro lado da floresta, estava outro legado de Durand: o Campo Durand, um aclamado campo de férias que ajudava crianças em risco de Chicago e Detroit. O Campo Durand era o projeto de solidariedade preferido de Alan e Lynn. Alice era monitora no Campo Durand, uma entre os quinze detentores de MBA que tinham sido escolhidos por gestores da Durand para competirem por nove posições altamente ambicionadas na empresa.

Estaria mesmo apenas na sua terceira semana no Campo Durand? O tempo tornara-se tão difícil de contar. Em especial desde uns poucos dias antes, quando a vida de Alice fora completamente virada do avesso.

Na verdade, o primeiro abanão no mundo de Alice dera-se no momento em que entrara no escritório do reitor, meses antes, para uma entrevista com o CEO da Durand Enterprises, o impossivelmente lindo, a-anos-luz-do-seu-campeonato, Dylan Fall: o mesmo homem que estava agora a abraçar o seu corpo nu.

«Eu sabia que ia gostar de ti. Não fazia ideia de que me ia apaixonar.»

Pressionou os dedos contra o peito. O seu coração apertou-se com angustiado espanto ao lembrar-se de Dylan a dizer-lhe essas palavras, umas horas antes, depois do seu sexo tempestuoso. A recordação parecia-lhe bela: frágil e terna, nova e crua, o peso da realidade das palavras dele a parecer-lhe demasiado para o conseguir conter dentro de si. Queria desesperadamente acreditar nele, mas não tinha a

certeza de o *conseguir*.

Em especial tendo em conta a magnitude de todas as outras informações que ouvira nos últimos dias. O pesadelo de que acordara trouxe-lhe tudo de volta. Estava muito confusa.

Muito assustada?

A dormir, Dylan mudou ligeiramente de posição e puxou-a com mais força contra si. Uma indizível emoção cresceu no peito dela, como um balão a encher. Por alguns segundos de pânico, não conseguiu respirar com a pressão. Jesus. Como era possível ter adquirido aquele nível de sentimentos por ele quando mal sabia da sua existência poucos meses antes e só o conhecia intimamente há um tão curto espaço de tempo?

Não é verdade que o conheces apenas há uns meses, é essa a razão. Conheceste-o durante a maior parte da tua vida, disse uma voz firme e autoritária na sua cabeça. Ela estremeceu instintivamente com a dura exortação, e o ar soltou-se dos seus pulmões. Alice só conseguia suportar a verdade em pequenas doses rápidas. Era como se o seu corpo e o seu cérebro não lhe pertencessem por completo. A sua fraqueza mortificou-a. Precisava de ser melhor. Precisava de ser mais forte.

Alice Reed não fugia da verdade.

A colcha e o lençol tinham deslizado para debaixo dos seus seios. O ar condicionado estava frio contra a sua pele nua, mas Dylan aquecia-lhe as costas. Alice sentiu vontade de se deixar enterrar mais fundo nos seus braços, fundir-se nele. Dylan fazia-a esquecer-se de tudo. O seu calor e o seu toque eram o mais doce dos vícios.

Mas, tal como na primeira vez que tinha acordado entre os seus braços, ela saiu furtivamente da cama.

Baixar as defesas e submeter-se ao conforto era algo a que Alice tinha sido quase programada para resistir. Em criança, obrigava-se a dormir com as janelas abertas, mesmo nas mais geladas noites do inverno de Chicago, para se prevenir contra os fumos tóxicos inerentes ao «negócio» de Sissy. Embora a caravana vibrasse com as vozes abrasivas e duras dos seus tios e dos clientes de Sissy, Alice nunca usava ventoinha, rádio ou televisão, com receio que introduzissem no seu cérebro a segurança de um sono sólido. Precisava de ouvir qualquer ameaça que se aproximasse do seu quarto trancado, de se preparar para lutar ou para fugir. Um potencial incêndio no laboratório de metanfetaminas de Sissy era uma outra realidade diária para a qual tinha de se preparar. Escapar à sua história estava a

provar-se um desafio.

Tremeu quando se levantou, e depois, cautelosamente, atravessou o quarto às escuras. Tinha visto Dylan pendurar as suas roupas na casa de banho. A tempestade apanhara-os na sua primeira força destrutiva. Só tinham chegado à entrada traseira do castelo Durand vários segundos depois de a chuva começar a jorrar em torrentes.

Ainda tinha a *T-shirt* um pouco molhada. Pegou nela na mesma, ignorando o roupão fofo, aconchegante e seco que Dylan lhe comprara. Os seus arrepios amplificaram-se quando desenrolou o tecido molhado sobre os seios e a barriga. Ignorou os calções de ganga e contentou-se com a roupa interior quase seca.

Quando saiu em silêncio da casa de banho, parou por um momento no quarto, à escuta. Tudo estava em silêncio. Dylan continuava a dormir. Era melhor assim. Ele não aprovaria a sua missão. Ou, pelo menos, insistiria em estar ao seu lado enquanto ela a levasse a cabo. Recordava vividamente as palavras dele durante a sua escaldante noite de sexo, enquanto a tempestade caía à sua volta.

— *Não gosto que estejas lá em baixo naquele campo, Alice. Não posso controlar o que te acontece.*

— *Não podes controlar o que acontece em cada segundo do meu dia — gemeu ela, porque ele a puxara contra si, premindo-lhe as costas contra o peito dele, e estava a assegurar-se da sua existência e segurança da forma mais elementar.*

— *Talvez não — arfou ele, enquanto roçava os dentes sobre a pele do pescoço dela e lhe moldava o seio com uma mão. — Mas neste momento posso.*

Sentimentos confusos de renovada excitação, irritação e pura compaixão pelo cuidado dele percorreram Alice com esta volátil memória. Lutara toda a sua vida para ser independente. A atitude proprietária de Dylan aborrecia-a um pouco. A sua possessividade também a excitava, um facto que muitas vezes fazia soar as sirenes de alarme na sua cabeça.

Mas Dylan tinha o *direito* àquela preocupação, não tinha? Conquistara esse direito. Vivera mais de metade da sua vida consumido pela ideia de encontrar Adelaide «Addie» Durand, a filha raptada e assumida como morta de Alan Durand. Todos os outros tinham aceitado há muito que Addie fora assassinada e jazia nalguma sepultura improvisada. Fora a inabalável convicção de Dylan — uma obstinada recusa em conceder a derrota, uma teimosa determinação, mesmo contra todas as mais horríveis probabilidades, que tinha

origem na sua juventude nas duras e implacáveis ruas do West Side de Chicago — que acabara por o conduzir a Addie.

Mas Alice não tinha os mesmos laços pessoais nem os fortes sentimentos por Adelaide Durand. Para ela, aquela adorável menina privilegiada era uma tragédia distante. No mínimo, era relevante principalmente por causa do seu singular efeito sobre a vida de Dylan.

Foi isso que Alice disse a si mesma, de qualquer maneira, enquanto ficou ali parada, naquele quarto frio e escuro, gelada até aos ossos.

Cambaleou um pouco, suprimindo um poderoso desejo de voltar para a cama e aninhar-se contra a sólida extensão do corpo de Dylan. A visão da bela pulseira de Lynn Durand voltou a relampejar na sua mente.

Por mais bizarro que isso pudesse parecer, aquela pulseira não era apenas um sonho criado ao acaso pela mente inconsciente de Alice. A sua memória daquela pulseira era uma genuína recordação. Porque, por mais que tivesse dificuldade em acreditar nisso, Dylan jurava que era a absoluta verdade.

De acordo com Dylan, Alice Reed e Adelaide Durand eram uma única pessoa.

Foi a segunda vez naquela semana que Dylan acordou no quarto escuro para encontrar os seus braços vazios. O instinto disse-lhe que era demasiado cedo para acompanhar Alice ao campo, um ritual clandestino que tinham empreendido todas as manhãs antes do nascer do sol. Nenhum deles queria que os gestores da Durand ou o chefe dos recursos humanos, Sebastian Kehoe, soubessem que Alice passava as noites com o CEO da empresa. O que se passava entre ele e Alice era complicado e poderoso.

E não era da conta de mais ninguém.

Pelo menos, por enquanto.

Dylan não sabia quanto tempo conseguiria manter Alice e a Durand Enterprises em esferas separadas. A verdade é que Alice era a Durand Enterprises. Ela só não queria — ou não conseguia — aceitar essa realidade, naquele momento.

«Quando ela estiver preparada para ouvir certas coisas, vais perceber, Dylan. Ela não te vai perguntar aquilo que não quer saber. A natureza é assim mesmo; a mente inconsciente vai tentar protegê-la da verdade até ela estar preparada para a aguentar.»

Era a voz do amigo Sidney Gates que estava a ouvir na sua cabeça. Sidney era psiquiatra e um velho amigo de Alan Durand. Conhecia

muito bem a história de Addie — e Alice. Dylan confiava na sua opinião mais do que em qualquer outra, no que dizia respeito ao estado de espírito de Alice naquele ponto.

O problema é que Sidney tinha também comparado Alice a um monte de explosivos por detonar. Ninguém podia ter a certeza do que a faria explodir, naquele momento.

Alarmado com essa ideia, tateou às cegas até encontrar o telemóvel sobre a sua mesa de cabeceira. Viu as horas. Não, tinha razão. Ainda só passavam poucos minutos das duas, demasiado cedo para Alice se levantar para se preparar para voltar ao campo.

Ergueu-se da cama com tanta pressa e alarme como da primeira vez, mas agora mais seguro de que sabia onde encontrá-la. O facto de o saber não acalmava a preocupação. Acendeu o candeeiro e vestiu umas calças de ganga.

Encontrou Alice plantada no meio do quarto vazio na ala ocidental, os punhos cerrados. As longas pernas tonificadas estavam nuas. Pareciam estranhamente vulneráveis no suave brilho do candelabro do teto.

A tensão comprimiu-se nos seus músculos. Naquela outra noite, quando encontrara Alice desorientada no corredor, ela alegava ter visto uma mulher; uma mulher que Dylan sabia estar morta há quase vinte anos. Era como se as suas memórias, há muito enterradas e em ressurgimento, fossem demasiado estranhas para as conseguir processar, por isso saltavam para o ambiente sólido do seu mundo como um estranho e inconsciente efeito holográfico. Ou, pelo menos, fora o que Sidney Gates lhe tentara explicar.

Era tão duro não saber o que esperar dela a cada momento. Dylan sentia que só podia ter a certeza do que esperar quando estava a fazer amor com ela, quando a sentia inteiramente presente, com ele, a abandonar-se ao prazer.

A abandonar-se a Dylan.

— Já te lembras a quem pertencia este quarto? — perguntou atrás dela, a sua voz a ecoar nas paredes nuas da grande suite quase vazia. Alice acusara-o de manipular e mentir, quando percebera que ele a impedira deliberadamente de entrar naquela divisão. Isso fora antes de lhe contar a verdade sobre a sua identidade.

Ficou contente quando ela se assustou ligeiramente e virou a cabeça, olhando-o nos olhos. Parecia totalmente alerta. Desde que Alice chegara ao castelo Durand, houvera algumas ocasiões em que tinha ficado imóvel na sua presença, parecendo estar a ver os

fantasmas do passado.

Era isso que *ele* era para ela? Um fantasma?

— Era o quarto da Addie Durand? — perguntou ela lentamente, a voz baixa e rouca a fazer com que a pele dele se contraísse.

Dylan sentiu o coração martelar-lhe contra o esterno, embora soubesse que a sua aparência continuava calma. Por mais que se esforçasse — por melhor que compreendesse — não conseguia ajustar-se à atitude distante e desligada de Alice a respeito de Adelaide Durand. Era...

Sinistra.

Fez um aceno afirmativo e aproximou-se mais.

— Ao princípio era quarto de brinquedos, e tinha acabado de ser remodelado como quarto antes de a Addie ser levada. O «quarto de menina crescida» da Addie — acrescentou com um pequeno sorriso. — Estás a lembrar-te? — perguntou, de novo com cautela.

Ela abanou a cabeça firmemente. O seu curto cabelo escuro estava a crescer. A franja caiu-lhe para os olhos. Ela espetou o lábio inferior e soprou para cima para libertar a visão. O gesto natural e sexy distraiu-o.

Tal como a maior parte das coisas em Alice.

— Não me lembro.

Apesar da rápida e firme negativa, ele não teve a certeza absoluta se devia acreditar.

— Então, porque é que estás aqui?

— Fiquei curiosa — respondeu ela, as sobrancelhas a arquearem-se em resposta ao calmo desafio.

— E como é que adivinhaste que este era o quarto da Addie?

Ela encolheu os ombros.

— Tentaste esconder-mo. E é o mais bem situado na casa, tão grande e arejado... — Calou-se, a olhar os tetos trabalhados, o papel de parede de seda azul-prateada, e a enorme janela com um banco almofadado embutido por baixo, com vista para os jardins e para a dramática queda do irregular penhasco calcário sobre o lago Michigan. Como era de noite, os seus reflexos brilhavam vivamente no vidro preto. O quarto estava quase vazio, com apenas uns poucos artigos pessoais que restavam da sua recente ocupação por Dylan. — Tu e o Sidney sugeriram que os Durand gostavam muito de Addie e davam-lhe sempre o melhor — continuou ela. — Por isso calculei que a melhor suite lhe pertencera. E pertenceu-te a ti. Alan Durand também gostava de ti — acrescentou, mais uma vez olhando-o nos

olhos.

Lentamente, virou-se. Vestia apenas a *T-shirt* que usara na fogueira do acampamento e um par de cuecas de algodão semitransparentes. O olhar de Dylan caiu, por instinto, sobre o corpo dela, percorrendo-lhe os ombros elegantes, os seios cheios que se projetavam em tão erótico contraste com os membros finos, cintura e anca estreitas. Depois demorou-se entre as coxas dela. Alice pintava o cabelo de uma modesta cor quase preta, mas o seu verdadeiro tom era um ouro-avermelhado, uma combinação do cabelo louro do pai e o rico acobreado da mãe. Apesar da tensão do momento, ele sentiu o seu corpo palpitar de excitação, com a visão do triângulo de pelo cor de cobre debaixo do tecido. Havia também qualquer coisa no contraste entre a força de miúda dura de Alice e a sua potente vulnerabilidade que o fazia incendiar-se, qualquer coisa primitiva e forte.

Arrastou os olhos para o rosto dela.

— Deve ser estranho pensares em mim a viver no quarto da Addie. Aqui. Na casa Durand — acrescentou, dando mais um passo para ela. Aproximava-se muitas vezes de Alice como se fosse um animal selvagem, altamente consciente de que ela podia desatar a fugir a qualquer momento.

Estava decidido a apanhá-la, não importava que movimento ela fizesse.

Alice abanou a cabeça. Não lhe restava nenhum vestígio da maquilhagem. Sem o pesado *eyeliner* e rímel que tantas vezes usava para se esconder ou para intimidar — ou ambas as coisas — os seus olhos azul-escuros pareciam enormes, no rosto delicado. Céus, o que ele sentira quando a vira entrar naquele escritório em maio, tão pouco à vontade e, no entanto, tão desafiadora no seu barato fato novo. A verdade atingira-o de imediato, abalando, agitando-o até ao centro dos seus ossos, embora se tivesse esforçado ao máximo para ocultar o choque. Ele já vira aqueles olhos azul-safira. Mas Dylan desconfiava que, mesmo que *tivesse sido* a primeira vez que a via, podia ter ficado igualmente abalado. Os seus olhos seriam capazes de hipnotizar homens com as mais nobres intenções.

E as piores, também.

— Não, não me parece nada estranho. Consigo ver-te neste quarto. Foi o Alan que sugeriu que ficasses com ele?

— Foi, sim. Mesmo antes de morrer.

— E saíste — o seu queixo ergueu-se e os olhos cintilaram naquele seu habitual ar de desafio — por minha causa, não foi?

— Não sabia o que ia acontecer. O Sidney achava que devíamos expor-te ao ambiente com cuidado — admitiu.

Sidney sugerira trazê-la à propriedade sob o pretexto de a contratarem como monitora do Campo Durand quando descobriram que — milagrosamente — ela era formada em Gestão. Naquelas circunstâncias, Dylan poderia determinar o que ela recordava da sua vida ali — se a recordava de todo — e ver como reagia ao ambiente. Se Dylan não conseguisse fazê-lo pessoalmente, os dois funcionários da segurança que pusera a vigiá-la em segredo poderiam dar-lhe informações a respeito do seu estado de espírito.

— Eu conhecia os hábitos da Addie Durand — disse ele lentamente. — Havia alguns sítios que temi poderem desencadear recordações demasiado depressa. Este, embora tivesse sido redecorado. A suite do Alan e da Lynn. O escritório, o estábulo, a biblioteca... e a sala de jantar. O *hall* de entrada, a cozinha, a sala de estar, os jardins do terraço e a sala de média foram extensamente renovados, por isso não me preocupavam tanto. A maior parte dos outros quartos não era muito usada, nem pelos Durand nem por mim, por isso não me preocupavam nada.

Ele hesitou.

— Nunca imaginei que fosses dar, sem querer, à sala de jantar, logo naquela primeira noite no castelo. Nem ao estábulo no dia seguinte — disse-lhe Dylan, escolhendo cuidadosamente as suas palavras. Alice deixara muito claro que, embora pudesse discutir os pormenores de Addie Durand, o rapto e o papel de Dylan na tragédia, não falaria de Addie e de si mesma como se fossem a mesma pessoa. Naquele momento, estavam a pisar terreno volátil.

Viu as pálpebras dela estreitarem-se ligeiramente, e soube que cometeria algum deslize, apesar da cautela.

— Desconfiaste que ia estar no teu quarto, mesmo antes de eu chegar? E foi por isso que mudaste de quarto, para não desencadear nenhum... — Calou-se, insegura, com noção de que se estava a aproximar demasiado do lume. A sua expressão desafiadora voltou de imediato. — Pensei que tinhas dito que não tinhas planeado nada de sexual entre nós... que isso apenas *aconteceu*, naquela manhã no estábulo...

— E é verdade. E, como estou a ver que precisas que te lembre, foste tu que me seduziste, Alice — disse ele com um olhar severo e marcado, destinado a esmagar de imediato a desconfiança dela. Não funcionou. Dylan arrependeu-se da sua postura defensiva e encurtou o

espaço entre os dois. Foi percorrido pela satisfação quando a tomou nos braços e a tensão desapareceu dos seus músculos. Ela encostou-se a ele.

— Se é isso que queres chamar aos três primeiros segundos do que aconteceu naquele estábulo. Depois disso foste tu, querido — resmungou ela entre dentes.

— Não te ouvi queixares-te.

Os olhos dela ergueram-se.

— Estou a dizer-te a *verdade* — disse Dylan sucintamente. — Não tinha planeado ficarmos juntos no estábulo naquela manhã. Como é que podia fazê-lo? Não sabia que lá ias aparecer. Eu *não* planeei envolver-me contigo daquela maneira quando chegaste ao Campo Durand.

— Então porque é que te preocupaste com a possibilidade de vir aqui... a este quarto? Porque é que arrumaste as tuas coisas e decoraste uma suite nova, se não estavas a *planear* dormir comigo? Por que outra razão viria eu ao *quarto* do CEO da Durand Enterprises se não esperasses que nos tornássemos amantes? — quis ela saber.

Dylan suprimiu um suspiro. Apesar de ela o ter agarrado pela cintura e pressionado ligeiramente os seios e barriga contra ele num gesto tentador, a expressão desconfiada que era sua imagem de marca permanecia nos seus olhos.

— Não foi por estar a planear seduzir-te — disse ele com um ar terminante, percorrendo-lhe as costas elegantes e a curva estreita das ancas com as mãos. Sentia o desejo por ela crescer. Como se teria desenrolado tudo aquilo se aquela poderosa atração não existisse? Era difícil de saber, mas teria arranjado maneira de a aproximar dele.

— Então *porque foi*? — insistiu ela, sem se deixar intimidar por um tom de voz que Dylan usava regularmente para fazer recuar alguns dos mais veteranos e experimentados executivos no mundo. Claro que não fazia recuar Alice. Ele fechou brevemente os olhos. Raios, ela podia ser impossível.

— Dylan?

— Senti-me um intruso por estar aqui... sabendo que estavas prestes a chegar à propriedade Durand.

— Sentiste-te um intruso? — perguntou ela lentamente, parecendo assombrada. — Porque esta casa era de Alan Durand? Por causa da tua história com ele?

Ele sustentou o seu olhar.

— Porque já não era o meu quarto, Alice. Já não era a minha

casa, na verdade. Deixou de ser quando chegaste. Ponto final.

Foi apunhalado pelo arrependimento pelo seu tom duro quando viu o volumoso lábio inferior de Alice tremer.

— Desculpa — disse, frustrado. — É só que, às vezes, não paras de insistir. E é difícil saber quando queres a verdade e quando não a queres.

— Eu sei — apressou-se ela a responder. Também parecia arrependida. — E não é verdade o que disseste. Claro que o castelo Durand é a tua casa. Pertence-te, não pertence? Não a compraste?

— Sim, mas só porque Alan Durand me ofereceu a casa como parte do contrato especial que criou para me permitir adquirir ações da Durand quando me tornou CEO. Eu não teria podido comprá-la naquela altura da minha vida, se não me tivesse oferecido certas concessões. — Suspirou com a memórias das negociações que tinham antecedido a sua tomada de posse da Durand Enterprises. Alan fora tão obstinado. Tão insistente. Tão *generoso* na formulação de um plano que permitisse a Dylan assumir fácil e completamente o leme da empresa. Tinha saudades de Alan Durand, mais do que gostava de admitir.

— Em tempos, a terra estava associada a um título. Foi o que o Alan me explicou. Alan adorava história europeia, e viagens — recordou com afetuosos divertimento. — Ele insistiu que eu seria levado mais a sério como líder da Durand Enterprises se fosse senhor do domínio simbólico da empresa.

— O castelo e a propriedade — disse Alice, com um pequeno sorriso a brincar-lhe nos lábios. Depois voltou a ficar séria. — Não me lembro de ter sabido como ele morreu. O Alan Durand.

— Cancro testicular.

Viu uma sombra cruzar-lhe o rosto. Ficou tenso. Mas ela tinha perguntado, não tinha? Estaria preparada para a verdade? Receou que fizesse ainda mais perguntas. Mas, em vez disso, viu-a inspirar e virar a cara.

Ainda não está preparada para ficar a saber mais sobre as mortes deles. Dylan não sabia se devia ficar preocupado ou aliviado com isso. Mas uma coisa sabia. Se *ele* alguma vez fizesse a bizarra descoberta de que tivera em tempos uma mãe e um pai afetuosos, não estaria demasiado ansioso por mergulhar no tema de os ter perdido antes de os chegar a conhecer. A negação era, para Alice, a única estratégia para lidar com tudo aquilo, e ele tinha de tentar respeitar isso, à medida que ela ia assimilando rapidamente a nova realidade. Ainda só

tinham passado uns poucos dias desde que lhe falara de Addie Durand, afinal de contas.

Dylan sentia-se a navegar sem mapa num campo minado.

— Tu és o dono desta casa, Dylan — disse ela, soando subjugada.

— Não. Não inteiramente.

Envolveu-lhe o queixo com uma mão, tentando desvanecer a sua súbita expressão perturbada... a sua abrupta fragilidade. Ela olhou para ele por entre a franja escadeada, a expressão a lembrá-lo de novo de uma coisa cautelosa e selvagem.

— Custa tanto a acreditar — disse ela num tom apressado. — Quero dizer, não que pense que estás a mentir. Porque é que havias de o fazer? É só... — A sua expressão tornou-se um pouco mais desesperada enquanto ela procurava as palavras para se explicar. — Não podes começar num segundo a pensar que o mundo é redondo, quando pensaste toda a vida que era plano. — Ela soltou uma curta gargalhada, como se tivesse acabado de absorver o significado das suas palavras. — Não é uma má analogia, por acaso — balbuciou para si mesma. — Estou mais ou menos a sentir-me como se pudesse cair da terra para o vazio, de cada vez que penso no que me disseste. Por favor, compreende.

— Eu *compreendo* — garantiu ele baixinho, os dedos a mergulhar no seu sedoso cabelo curto. Envolveu-lhe o crânio com as mãos. Era difícil ser o empresário racional quando estava com Alice. Era difícil ser objetivo naquela situação. Mas tinha de tentar. Havia tanto em jogo.

— O que é que achas que poderia ajudar a tornar tudo isto real?

Ela abanou a cabeça.

— Não sei muito bem. O tempo, talvez.

Dylan anuiu, baixando a cabeça até ficar a meros centímetros do rosto dela.

— Achas que ver provas tangíveis pode ajudar?

Ela pestanejou.

— Como o quê? Mais fotografias?

Ele apertou-a com mais força contra si. Sentiu a *T-shirt* dela fresca e ligeiramente molhada contra a pele nua do seu tronco. Mas, apesar do frio do tecido, foi a sensação dos seios redondos a pressionar-se contra a sua caixa torácica que fez a pele dele se arrepiar. Os mamilos eretos eram uma distração. Dylan obrigou-se a recuperar a concentração.

— Não apenas fotos. Foste tu própria que disseste que não

experimentas nenhuma ligação com as fotografias da Adelaide Durand.

— Então, o quê? — perguntou ela num tom rouco.

— O médico do Alan e da Lynn Durand ainda trabalha no Morgantown Memorial. Ele tem na sua posse algum do seu material genético. Foi o Alan que tomou providências nesse sentido, para garantir que existia um meio potencial de identificar a Addie. Podes descobrir sem sombra de dúvida se os Durand eram teus pais.

Ela ficou a olhar para ele com um ar inexpressivo.

— Queres que faça um teste de ADN?

— Só se estiveres disposta a isso. Não tem de ser agora — disse, acariciando-lhe o pescoço. Percebera por experiência própria, na última semana, que o seu toque a ajudava a focar-se. A acalmar-se. A distraí-la dos seus fantasmas. Era egoísta, também, mas não se importava de usar aquele facto proativamente para a ajudar ao longo do processo.

Não se importava de usar *fosse o que fosse*.

— Queres dizer... não tem de ser agora, mas tem de ser em *algum* momento.

Ele esforçou-se para manter o rosto impassível, muito consciente de que estava mais uma vez a passar por um campo minado.

— Eu soube a verdade quase no primeiro segundo em que te vi. Não preciso de mais nenhuma prova de que o que te disse é cem por cento verdade — disse, olhando-a com firmeza nos olhos.

— Mas *haverá* quem exija essa sólida prova.

Uma visão imaginada de uma sala cheia de sombrios diretores e advogados da Durand — todos os potenciais céticos e pessimistas, pessoas que entrariam em pânico perante a ideia de uma possível sublevação na Durand Enterprises — percorreu a mente de Dylan.

— Haverá bastantes pessoas que poderão querer ver os resultados desses testes — repetiu o mais calmamente possível.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. Para além de todas aquelas bizarras circunstâncias em que se encontrava, Dylan sabia que Alice Reed era tipicamente uma jovem mulher prática e terra a terra, com um brilhante cérebro para a matemática e os negócios. Tinha a quem sair. Alan Durand possuía uma das mais argutas mentes para os negócios que alguma vez conhecera, e Lynn fora uma notável académica. Era professora de Matemática na universidade do Michigan quando Alan a conhecera. Dylan estava satisfeito por ver Alice focar-se tão racionalmente no difícil assunto.

— Eu não quero nada do que era de Addie Durand, por isso, o que é que isso me interessa? — perguntou.

— Ainda não sabes isso.

— Eu sei o que quero e o que não quero, Dylan.

— Então, fá-lo por ti — sugeriu ele sem uma pausa. Estava preparado para a resposta dela. Estava preparado para a sua teimosia.

— Por mim?

Ele fez um aceno afirmativo.

— Era isso que eu queria dizer. *Tu* precisas de provas. Não apenas da minha palavra. Precisas de provas em primeira mão. Será uma coisa mais firme a que te agarrares.

— Um começo sólido — sussurrou ela.

— Um começo sólido — concordou Dylan, o alívio a varrê-lo porque vira qualquer coisa fazer clique no olhar dela, e soube que Alice aceitaria o teste genético. Ele precisava daquela prova tangível como escudo contra potenciais desafios.

Baixou-se e roçou a boca contra a dela. Tencionava que o beijo fosse suave e tranquilizador, mas Alice tinha outras ideias. Pôs a mão na nuca dele, puxando-o contra si e pondo-se em bicos de pés. Ele reagiu ao seu convite como sempre.

Por inteiro.

O beijo aprofundou-se. O desejo de Dylan foi alimentado pelo combustível do dela. Tão doce. Tão típico de Alice, estar desconfiada e com dúvidas num momento e a transportá-lo para o centro das chamas dois segundos depois.

Tinha de a ter de novo naquela noite, senti-la derreter sob o seu toque, nua e submissa ao laço que os unia. Precisava disso por Alice.

Precisava disso por si mesmo.

Dylan inclinou-se sobre ela, as bocas fundidas, as línguas enredadas. As mãos dele eram gananciosas e seguras enquanto lhe moldavam os músculos das costas e ancas e depois deslizavam por baixo da sua roupa interior para lhe envolverem as nádegas. Alice encostou-se mais a ele, desesperada pela prova da sua crescente ereção do outro lado da braguilha das calças de ganga. As suas mãos imitaram as dele, deslizando por baixo da cintura baixa das calças e acariciando-lhe os duros globos redondos do rabo. A excitação crescia pelo seu corpo, exigente e aguda. Pensou que devia estar a acontecer o mesmo a Dylan, porque ele gemeu fortemente contra a sua boca e mudou a posição das mãos como que para a erguer.

Conhecia-o o suficiente para adivinhar que ele estava prestes a levá-la para a cama para a consumir totalmente. Havia uma coisa que sabia de Dylan: ele nunca fazia nada por metade.

— Não — sussurrou roucamente contra os lábios dele quando interrompeu bruscamente o beijo.

— Não *o quê?* — murmurou ele, as sobrancelhas negras a inclinarem-se perigosamente enquanto ele a olhava, a boca numa linha sombria. Ela também conhecia Dylan o suficiente para saber que ele não gostava que lhe fosse recusado o que queria, *quando* o queria.

Como o queria.

— Aqui — disse Alice, segurando-lhe o queixo áspero da barba por fazer e fazendo-o voltar para a sua boca. Não sabia muito bem porque o tinha dito. Não havia uma única peça de mobília no quarto.

Ou talvez até soubesse. Não gostara de o ouvir dizer que aquela casa e aquele quarto não lhe pertenciam. Queria que ele reclamasse aquele espaço da maneira mais primitiva.

Talvez quisesse também marcar a sua própria alegação. Aquele quarto, aquela casa, aquele mundo... nada daquilo era dela. A única maneira de conseguir orientar-se por aquele estranho novo território era com Dylan como guia. Como a sua ligação. Por vezes, a paixão entre ambos, aquela intensa fome que nutriam um pelo outro parecia-

lhe a única coisa que era real.

Durante alguns segundos, ele resistiu, a sua expressão a tornar-se dura e inescrutável enquanto a olhava. Ela esfregou os seios de forma sedutora contra o peito e costelas dele, circulando a pélvis contra o seu pénis. Alguma coisa cintilou nos seus lustrosos olhos negros. *Olhos de cigano* — era assim que ela pensava dos seus olhos. Girou as ancas mais firmemente. Sentiu o triunfo quando viu o rito denunciador formar-se na boca de Dylan. Passou os dedos pelo queixo dele e depois sobre os lábios firmes, tentando-o.

Mesmo assim, ele não se moveu.

Ela deslizou uma mão pela pele macia do tronco dele, gozando a maneira como o sentia ficar hirto sob o seu toque. Baixou o olhar para onde os dedos lhe tocavam, observando-se a acariciar as duas cicatrizes mesmo abaixo das suas costelas. Foi inundada por uma poderosa emoção. Dylan fora esfaqueado ali pelos raptores de Addie Durand. Quase morrera, aos catorze anos, para tentar salvar aquela menina. Fechou as pálpebras com força, mas abriu-as quase de imediato, consciente do olhar de falcão de Dylan e não querendo trair a sua vulnerabilidade.

Os seus dedos desceram, procurando uma distração que aligeirasse o seu estado emocional. Encontrou-a de imediato.

Ele era o homem mais belo que alguma vez tocara. Que alguma vez *vira*. Adorava provocá-lo, mas isso não significava que não temesse um pouco o resultado. Sabia melhor do que a maior parte das pessoas que o polido aspeto de homem de negócios de Dylan ocultava um espírito feroz, selvagem, sempre magnífico. O conhecimento daquele lado tão intenso da personalidade dele acrescentava um traço de proibido à sua própria excitação.

Percorreu-lhe uma costela com uma unha, reparando no seu ligeiro estremecer. As pontas dos seus dedos desenharam-lhe o abdómen firme, descendo depois pela fina e sedosa tira de pelo escuro por baixo do seu umbigo. Introduziu o indicador por baixo da cintura das calças de ganga dele e acariciou-lhe a pele naquele doce ponto vulnerável: para cima e para baixo, para cima e para baixo. A expressão de Dylan tornou-se dura como pedra, o seu olhar a semicerrar-se. Depois os dedos dela prenderam-se ao primeiro botão das calças, sentindo a tensão dele e a sua própria expectativa a crescer. Muito devagar, desapertou-lhe o botão enquanto continuava a sustentar o seu olhar.

Deixando-lhe a maior parte dos botões ainda apertados, enfiou a

mão nas calças e encontrou a cabeça do pénis, macia como veludo, a pressionar-se contra a anca. Fez deslizar os dedos sobre a bem definida e succulenta coroa e fez um firme e abrupto puxão para cima.

Dylan sobressaltou-se e soltou um silvo. Quando Alice deu por si, ele tinha-lhe prendido as mãos atrás das costas. Ela arfou e depois riuse, trémula, quando ele a fez virar rudemente entre os braços.

— Consegues o que queres com demasiada facilidade, sabias? — disse-lhe ele, a voz grave e sedosa e quente, os lábios firmes na orelha e garganta dela a lançar um potente arrepio por todo o seu corpo. Ele encostou-se às suas costas e transferiu-lhe os pulsos capturados para a parte da frente. Fletiu as ancas, premindo o pau contra o rabo dela, numa exigência de aço. Ela gemeu. Os dentes dele roçaram suavemente contra a pele arrepiada do pescoço dela, e o gemido tornou-se mais trémulo. — Mas, por vezes, acabas por ter mais do que aquilo que querias, Alice — sibilou-lhe ao ouvido antes de a sua boca se fechar na abertura, e o prazer percorreu-a.

Empurrou-a por trás, fazendo-a aproximar-se da janela. Alice captou um reflexo do seu rosto ao espelho escuro do vidro brilhante. Os seus olhos pareciam enormes, a sua expressão, uma estranha mistura de ansiedade e excitação. Reconhecera aquele aviso na voz dele. Adorava *mesmo* provocá-lo, e havia sempre um preço por se provocar um tigre. Mas era o que estava a precisar naquele momento, o estado de esquecimento na sua exigente paixão.

— Inclina-te para a frente e apoia as mãos no assento — rosnou ele suavemente. O coração dela saltou, acelerando ainda mais.

Sim. Era *precisamente* aquilo que ela queria.

Dobrou-se pela cintura, pousando as palmas das mãos no assento almofadado. A ação fez com que o seu rabo ficasse ainda mais comprimido contra as virilhas dele. Conteve um gemido e empurrou ainda mais. Sentia o contorno da ereção dele, o seu subtil palpar. Um pequeno grito escapou-se dos seus lábios quando ele colocou as mãos no seu rabo num gesto possessivo. Depois sentiu-o recuar um passo, fazendo deslizar as palmas das mãos contra a sua pele, enquanto lhe baixava a roupa interior de algodão até às coxas.

— Afasta as pernas — instruiu curtamente. Alice abriu as coxas vários centímetros. A ação esticou-lhe as cuecas, que estavam pouco acima dos joelhos. Soube que assumira a posição que ele desejava quando ouviu o gemido rouco de Dylan. Ele abriu uma mão sobre a sua nádega direita e acariciou-lha.

— Alguma coisa me diz que precisas de uma boa palmada —

disse-lhe. — Estou certo?

— Não mereço — disse ela, com um tom de trémulo desafio. O toque da mão dele no seu traseiro era altamente distrativo, mas ela queria ter o cuidado de não soar demasiado graxista.

— Mas precisas — corrigiu-a ele, as pontas dos dedos a roçarem-lhe suavemente a fenda do rabo. Ela conteve a respiração, os músculos pélvicos a contraírem-se com a aguda vaga de excitação que experimentou com aquele toque. — Não precisas? — perguntou Dylan suavemente atrás dela.

— Sim.

— E sabes que estou aqui para te dar o que tu precisas.

Ela ergueu o olhar para a janela preta na sua frente, ouvindo o pequeno sorriso na voz dele. Se não fosse aquele humor, por vezes, durante a sua dominação, ela achava que não a conseguiria tolerar, por mais que a excitasse. Dylan fazia sempre as coisas na medida certa.

Ele já estivera a observá-la no reflexo. O seu sorriso cresceu quando a viu a olhar para ele.

— Que sorte a minha — murmurou Alice com cauteloso divertimento. Ele usou a outra mão para lhe envolver a outra nádega por baixo. Moldou ambos os globos com as palmas, num gesto firme, ávido.

— Que sorte a nossa — acrescentou ele, a voz espessa de desejo, a massajá-la lascivamente, habilmente, por um momento, antes de baixar as mãos. O seu sorriso desvaneceu-se.

— Abre de novo as pernas, e desta vez deixa-as assim — disse, dando-lhe uma pequena palmada na parte interior da coxa. Ela fez um som mistificado com a repreensão; só fechara um pouco as pernas porque ficara tolhida de excitação, afinal de contas. Ele colocou uma mão na nádega esquerda, agarrando-a num gesto possessivo, e espancou-a com a outra palma. Alice deu um pequeno salto. — Fica quieta, Alice — avisou ele suavemente. Com o ar a prender-se nos pulmões, ela fixou o seu olhar perfurante no vidro escuro. Muito devagar, Dylan voltou a erguer a mão, fletindo os músculos.

E espancou-lhe o traseiro.

— Au — saltou da sua garganta com o agudo ardor de pele contra pele. Ele nunca a espancava com força suficiente para causar qualquer dor duradoura. Mas a experiência não deixava de ser nova para ela. Surpreendia-a sempre, a excitação que lhe provocava.

— Chega de queixas. — No reflexo, Alice viu as sobrancelhas dele

inclinarem-se de sombrio divertimento. Ele estava a esfregar-lhe o rabo afogueado com a mesma mão que a espancara. — Concordaste que querias isto, não concordaste?

Ela engoliu em seco, porque ele começara a massajar-lhe o rabo também com a outra mão. A sua rata estava a ficar muito molhada. Sentia o clítoris inflamado de desejo. Ansiava por fechar as pernas, mas sabia que tinha de aguentar a posição para o espancamento.

— Alice?

— Sim — bradou ela. Viu a expressão de Dylan endurecer com o seu tom. Ele ergueu a mão e espancou-a na nádega direita uma vez, depois uma segunda. Alice gemeu e moveu instintivamente as ancas quando ele voltou a erguer a mão. Ele prendeu-lhe o rabo enfiando um braço por baixo da barriga e segurando-a pela outra anca. Naquela posição, espancou-a várias vezes. As terminações nervosas do rabo dela começaram a arder e a palpitar, a sensação a transferir-se pelo períneo até ao sexo e ao clítoris a ferver.

Ele fez uma pausa e esfregou-lhe o rabo com a mão, acalmando os nervos em chamuscas.

— Sim o quê, Alice? O que é que tu queres? — rosnou baixinho atrás dela.

Ela conteve a respiração, a tremer, porque os dedos longos de Dylan estavam a acariciá-la perto da fenda do rabo entre as coxas. Sentiu uma pontada de prazer no clítoris.

— Quero mais — fez, a voz rouca.

Ele prendeu-lhe uma nádega por baixo, apertando-a. A ação foi sentida ligeiramente no seu sexo — nos nervos que precisavam tanto de estimulação. Cerrou os dentes.

— E?

— Fode-me — sussurrou ela, sem fôlego. — Faz-me esquecer tudo menos isto. Faz-me esquecer tudo menos tu.

Pela janela escura, viu-o transferir o olhar do seu rabo nu para a sua cara.

— Consigo fazer isso.

— Eu sei que consegues.

Ele deixou-lhe o traseiro de um rosa vibrante, gozando os seus gemidos cada vez mais desesperados enquanto batia e acariciava, inebriado pelo calor que emanava da sua pele macia e firme e as nádegas duras. Adorava a sua ligeira atitude de desafio ao ser

espancada, combinada com a completa imersão e submissão à experiência. Caminhava sobre um fino arame. A qualquer momento, podia pisar a linha e enfurecê-la. Provocá-la sexualmente era um risco, mas o desafio atraía-o. Inebriava-o.

Alice inebriava-o.

E sempre que ela se submetia, ele aproximava-a mais de si.

Colocou ambas as mãos nas suas nádegas quentes e ergueu-as um pouco, revelando-lhe o sexo rosado e a cintilar. Foi percorrido pela excitação. O seu pénis contorceu-se desconfortavelmente. Baixou uma mão, deixando-a ainda parcialmente aberta para a poder observar. Esfregou a ereção por cima das calças, para tentar aliviar aquela dor aguda. O gemido forte que ouviu fê-lo erguer a cabeça. Os olhos dela pareciam enormes no reflexo na janela.

Manipulou o pau mais devagar, altamente consciente de que ela o observava pelo vidro brilhante.

— É isto que queres ver quando entras neste quarto? É esta a recordação que tu queres?

— Sim. Céus, sim.

— Nunca mais me vais esquecer, Alice.

Retirou a mão da nádega dela. Alice baixou a cabeça e arfou audivelmente quando ele lhe enfiou um dedo na rata. Tão quente. Ele viu o ligeiro brilho na nuca dela e sentiu o impulso de passar a língua pelo seu suor. A sua avidez por ela era épica; a sua fome da completa submissão daquela mulher não tinha paralelo.

— Eu não te vou esquecer. Nunca esqueci — acrescentou desesperadamente.

Ele puxou-a mais para cima, envolvendo-lhe o sexo sensível e molhado com uma mão, o dedo ainda a penetrá-la. Fez circular a mão, estimulando-lhe o clítoris. Ela fez um som abafado.

— Estás a recordar mais do que admites? — perguntou ele, sombrio, passado um momento.

— Não — gritou Alice. — Estava a dizer que, entre todas as outras coisas, tu és aquilo que me parece mais familiar. És tu que... que me aproxima mais — terminou, rouca, ofegante. Ele sentiu o arrepio a percorrer-lhe a pele, e soube que ela estava muito perto do orgasmo.

Estacou, ainda a aplicar uma firme pressão no seu sexo, enquanto assimilava a sua admissão. Compreendeu por instinto o que ela queria dizer. Era a sua presença que a levava mais perto do limiar da memória; que a levava à profunda, talvez intransponível, divisão entre o seu presente e o seu passado.

Inclinou-se para lhe fazer as descer as cuecas até aos pés.

— Despe-as e põe-te de joelhos — ordenou. Agarrou-lhe as ancas nuas, guiando-a para o banco curvo embutido por baixo da janela tripla. Era um banco estreito almofadado, concebido para se poder olhar o Grande Lago e os magníficos jardins em baixo. — Apoia-te ao lado das janelas.

— Mas o que...

— Faz o que eu te disse — disse ele em voz baixa, conduzindo-a para a estrutura de madeira entre a janela do centro e a da direita. — Agora debruça-te para a frente e põe as mãos por cima da cabeça. Prende-as à estrutura de madeira. Não te preocupes. É sólida. Vi como esta janela foi feita durante a remodelação do quarto, antes de me mudar para aqui.

Alice foi percorrida por uma medida de satisfação e excitação amplificada quando seguiu as instruções sem mais hesitação, dobrando-se pela cintura enquanto estava de joelhos, de forma a expor o rabo rosado e redondo. Incapaz de resistir à tentação, ele espancou-a rápida mas suavemente numa nádega, deixando a outra mão a subir pela sua barriga acima por baixo da *T-shirt*. Ela gemeu o nome dele, trémula, quando o sentiu envolver-lhe um seio farto e depois espancar-lhe de novo o rabo. Virou a cabeça de forma a pousá-la sobre o braço e ele poder ver o seu perfil. Tinha as faces tão afogueadas como o traseiro; as pálpebras estavam pesadas. Era linda. Lentamente, eroticamente, ela fez circular as ancas, acenando com o rabo numa hipnotizante tentação.

A chamá-lo.

Ele espancou-lhe com firmeza a pele esticada e quente, a castigá-la por tentar voltar a marcar o ritmo... a recompensá-la pela sua beleza singular.

— Alice — sibilou ele, desafiado pela visão da excitação dela. Do seu abandono. — Abre os olhos.

Viu as pálpebras dela agitarem-se.

— Vê-te pela janela — ordenou.

Lentamente, puxou-lhe a *T-shirt* sobre os globos dos seios e a cabeça, expondo-lhe a linda extensão das costas nuas. Atirou a *T-shirt* para o lado, o olhar fixo nela. A sua pele era de uma cor maravilhosa — pêssego e creme onde não estava bronzeada, alperce acobreado onde estava. A visão dos pálidos seios suspensos à janela fê-lo cerrar os dentes com força. Nunca conhecera uma mulher que se lhe comparasse. Observou-se ao espelho enquanto lhe acariciava, por um

momento, a barriga firme e os peitos suspensos. O seu pau ardia por ela.

— Vais observar-me a foder-te. Não te vais esquecer disso, pois não? — perguntou, abrindo de rompante a braguilha e baixando as calças de ganga. Apesar das ações apressadas, manteve os olhos presos no rosto luminoso de Alice no vidro escuro.

Os lábios dela formaram um enfático *não*.

Atirou as calças para o lado e colocou-se atrás dela, o pénis a palpar pesadamente. Ela dobrou-se, por instinto, vários centímetros, quando ele a segurou pelas ancas, posicionando-se. Ele agarrou o pau e afastou-lhe uma nádega a esgaldar, a feroz excitação a atingi-lo com a visão de pele branca na fenda do rabo dela e o seu acetinado sexo cor-de-rosa.

Moveu o pau na direção da abertura. O ângulo não era o ideal, mas ele estava decidido a fazê-lo funcionar. Compreendera, de certa forma, o desejo não dito de Alice. Ela queria ser marcada ali. Queria tornar aquele espaço como seu. Como de ambos.

Tinha todo o prazer em dar-lhe o que ela queria. Criariam mais memórias ali, mas aquele era um ótimo começo.

Ergueu o pé, colocando-o na almofada ao lado dos joelhos dela. Levou a cabeça do pénis ao canal húmido e apertado de Alice. O ângulo era agora muito mais hospitaleiro.

— Diz em voz alta, Alice — ordenou ele, tenso, segurando-lhe as ancas com firmeza.

— Eu nunca me vou esquecer.

Mergulhou o pau no paraíso que era Alice. O gemido dela deu lugar a um sonoro grito.

— Oh, céus. Nunca me vou esquecer disto. De ti. Nunca. Nunca — entoou, enquanto ele começava a entrar e a sair do seu corpo, e a mútua e volátil paixão era transmitida como um farol iluminado para a janela escura.

Ele viu a luz e as silhuetas e mergulhou de imediato para o lado para se esconder, com medo de ter sido visto. Cautelosamente, voltou a espreitar. O suor irrompeu na sua testa e pescoço. Não conseguia acreditar no que estava a ver.

Thad Schaefer não *queria* acreditar, mas não conseguia desviar o olhar. Era algo que nenhum homem alguma vez devia ser obrigado a testemunhar: a mulher dos seus sonhos a ser sexualmente devorada

por outro homem.

Maldito Fall.

Recebera ordens para estar ali por um objetivo específico. Nunca tinha sido a *sua* missão, mas não lhe provaria já a vida que sempre estivera à mercê de outra pessoa? Embora tivesse sido rotulado como um líder nato em muitas ocasiões, a verdade é que fora criado no papel de seguidor. Não o seguidor de *uma pessoa qualquer*. Apresentava um desempenho ótimo quando estava em jogo a desaprovação ou aprovação de um único macho alfa, tudo graças ao seu maldito pai — o alfa original.

Thad não conseguiria completar a sua tarefa se se fosse embora, por mais que desejasse fugir até cair de exaustão. Outra parte de si não teria sido capaz de se afastar, mesmo que usasse cada grama de força de vontade que possuía.

Já tinha percebido o que Alice ia fazer ao castelo noite após noite com Dylan Fall. Mas não adivinhara aquilo. Uma coisa era experimentar o ardor do ciúme com a ideia de Alice na cama de outro homem. Mas o que ele estava a observar naquele momento queimava-o até ao osso.

O corpo dela balouçava, nu, enquanto Fall a possuía por trás, e os seus seios balouçavam com o choque de carne contra carne. A posse de Fall não era violenta, mas era firme. Precisa. Total.

Pensar que alguma vez achaste que tinhas uma hipótese.

Os braços dela estavam erguidos por cima da cabeça na moldura entre as duas janelas, mas ele via a maior parte do seu corpo nu através do vidro. A pele sobre as costelas estava esticada, os seios, um suculento contraste com a estrutura fina. Ela era extraordinária; muito para além de tudo o que tinha fantasiado. Mas não era apenas o corpo exposto de Alice que o deixava hipnotizado. Era o que podia ver exibido no seu rosto: a pura luxúria e abandono ao erotismo do momento.

Julgou vê-la fazer uma careta quando Fall se tornou ainda mais duro. Thad começou impulsivamente a mover-se, quase avançando para o caminho de pedra e deixando-se ver. Estaria Fall a magoá-la? Deteve-se. Conteve a respiração, com um trejeito no rosto.

Não. As suas preocupações eram escusadas. Alice levou a mão entre as coxas, ainda a apoiar-se com uma mão, procurando o alívio do intenso prazer, não da dor.

Mal tinha acabado de enfiar os dedos entre as pernas quando Fall lhe agarrou no pulso e devolveu a mão à estrutura da janela. *Sacana,*

pensou Thad, embora o desprezo não dispersasse a sua concentração da cena na sua frente.

Depois era a mão de Fall que estava entre as coxas dela, e ele estava de novo a penetrá-la poderosamente. Uma estranha combinação de respeito e ardente ciúme percorreu Thad. *Fall* queria ser ele a fazê-la chegar ao clímax. Ou tivera medo que ela se magoasse se não apoiasse o corpo adequadamente, com a força com que a estava a possuir.

Ou as duas coisas, reconheceu Thad, desmoralizado. Era, para ele, bizarro e novo sentir-se ao mesmo tempo nauseado e fortemente excitado ao mesmo tempo. Culpa de Alice.

Culpa de Fall, pensou com amargura. Como é que Alice não via que ele a estava a controlar, seduzindo-a com poder, dinheiro e sexo? Anadara a aprender muito sobre a implacabilidade de Fall. A sua capacidade de manipulação. Toda a gente na comunidade empresarial sabia que ele estava habituado a ter precisamente o que queria. Antes, Thad respeitava esta característica... até compreender que Fall pusera os olhos em Alice Reed.

A mão de Fall movia-se agora mais depressa entre as pernas dela, e Alice inclinou a cabeça para o lado. Thad quase conseguia sentir o crescer da excitação dela. A noite estava escura como breu. A densa cobertura de nuvens permanecera após a tempestade, obliterando a luz das estrelas. Via o erótico cenário com surpreendente clareza, nas grandes janelas iluminadas. Alice tinha os olhos fechados, como se toda a sua consciência se tivesse concentrado na sensação de Fall a tomá-la de arrasto. Mesmo àquela distância, Thad pressentia que o seu foco era absoluto. Com um misto de horror e fascínio, viu quando os seus lábios voluptuosos se entreabriram e o seu rosto ficou rígido.

À distância, ouviu o seu grito de prazer.

O som foi como um prego afiado a enfiar-se diretamente na sua carne e osso. Thad não sabia como tinha sobrevivido àquela nova, destilada, forma de tortura. Mas ficou.

Até ao amargo final.

Ele estava a possuí-la com toda a força, a enterrar nela o seu desejo, a essência do seu ser. Alice desejava que o fizesse. *Adorava* que o fizesse. Ao mesmo tempo, era quase demasiado prazer e emoção para o conseguir suportar. Doía-lhe de uma forma que ia para além da dor, uma tão doce e insuportável agonia. Colocou uma mão entre as coxas,

desesperada por pôr-lhe um ponto final.

— O teu trabalho é apoiares-te — ouviu-o ralar. Abriu as pálpebras. Voltou a pressionar ambas as palmas na solidez da estrutura. Ele removeu a mão do pulso dela para a fazer deslizar pela barriga dela abaixo até às coxas. Alice sentiu o pénis dele saltar dentro de si. Gemeu, perfurada pelo prazer, enquanto ele lhe esfregava o clitoris lubrificado.

— Só eu posso dar-te prazer — acrescentou ele num tom escaldante ao lado da sua orelha.

— Oh, céus — gemeu ela.

Ele entrou outra vez. Ela virou a cabeça para o lado, a tensa fricção a crescer, com a mão dele e o pau a penetrá-la a provocar-lhe um grito alto. Chegou ao clímax, o seu cru estado emocional e o efeito de Dylan sobre ela demasiado poderosos para serem suprimidos. Tremeu enquanto ele continuava a possuí-la com força, a ouvir as suas palavras eróticas como que à distância.

Quando a sentiu aquietar-se, ele deslizou as mãos pela barriga e costelas dela, agarrando-lhe firmemente os seios. Abrandou um pouco da sua possessão. Moldou-lhe a carne às suas palmas. Ela descaiu ligeiramente contra a estrutura de madeira, ofegante.

— Eu disse-te para olhares para a janela, Alice — disse ele, a voz baixa, uma rude ameaça que excitava e tranquilizava ao mesmo tempo. — Eu disse-te que queria que te recordasses.

Ela abriu os olhos lentamente, virando a cabeça, procurando a sua imagem no vidro. Os olhos dele eram tão pretos como a noite lá fora. Ainda assim... distinguia neles a luxúria, a centelha de posse selvagem. A sua postura — uma longa perna plantada no chão, a outra dobrada, o pé no banco ao lado dos seus joelhos, só amplificava esta aura de pura dominação.

— Apoia os braços. Mantém-te firme — disse ele baixinho, moldando-lhe os seios com as palmas das mãos, as pontas dos dedos a deslizar pelos seus mamilos rígidos, a beliscá-los ligeiramente, antes de baixar as mãos para as suas ancas. Esperou que ela firmasse os músculos, preparando-se para ele. Alice não conseguiu afastar os olhos quando ele começou de novo a fodê-la. Pertencia-lhe, naqueles momentos, talvez mais do que ao seu passado. Ao seu presente.

Talvez até ao seu futuro.

Alice sentia-se esgotada, quando Dylan desligou o candelabro do

quarto e fechou a porta atrás deles. A luxuriante cama dele era uma delícia já familiar, o peso dele ao seu lado era sublime. O sexo com Dylan tinha este efeito. A seguir, estava normalmente demasiado saciada e exausta para pensar.

Ou, pelo menos, era o que julgava. Os últimos dias tinham mudado as suas expectativas sobre si própria, até mesmo nos mais básicos funcionamentos do seu corpo e mente.

Um pensamento insistia em andar às voltas no seu cérebro, impedindo-a de sucumbir ao sono.

— Dylan? — balbuciou, os lábios a roçarem contra o seu peito duro.

— Sim, querida — respondeu ele, ensonado, os dedos a moverem-se contra o crânio dela. Alice adorava o som da sua voz grave na escuridão.

— Então e o gongo?

Os dedos dele imobilizaram-se. Quando não houve uma resposta imediata, ela continuou.

— Havia mesmo um gongo, não havia? Antigamente? Tenho andado para te perguntar. A Addie Durand brincava com ele, ou coisa do género? Tu sabes... quando ela vivia aqui?

Referia-se a um incidente que ocorrera quando fora pela primeira vez ao castelo Durand, com o outros gestores e monitores, para uma festa. Alice abandonara o grupo ao ouvir soar um gongo, ficando a vagar sozinho pela grande casa. A nota doce e misteriosa atraía-a inexoravelmente. Dylan fora encontrá-la na sala de jantar. Ao princípio, Dylan insistira que Alice não podia ter ouvido nenhum gongo, aumentando a humilhação de Alice por ser apanhada a passear pela casa sozinho. Mais tarde, ele inventara uma história sobre a cozinheira, Marie, ser a responsável pelo som misterioso. Mas, há poucos dias, Alice descobrira a sua mentira a respeito do gongo e confrontara-o com ela, o que acabara por conduzir à revelação da verdade acerca de Addie Durand.

— Sim. Há mesmo um gongo, mas ninguém o toca há muito tempo — disse ele baixinho após uma pausa. — O Alan encontrou-o numa loja de antiguidades numa viagem de negócios à China e ofereceu-o à Lynn. A Addie gostava de alguns dos objetos diferentes que ele trazia das suas viagens...

— Como o batente do cavaleiro — disse Alice, a sua voz pouco mais que um sussurro.

Dylan ergueu a mão e depois voltou a mergulhá-la no seu cabelo,

massajando-lhe o escalpe.

— Como o batente do cavaleiro — concordou, ambos a referirem-se ao batente de bronze na porta de entrada do castelo Durand. — Ele trouxe o batente de uma viagem à Escócia, quando a Addie tinha três anos. A Addie gostou dele por causa de alguns dos contos de fadas sobre cavaleiros que a Lynn e o Alan lhe liam. Mas o gongo? — perguntou ele calmamente, os dedos contra o seu crânio a criarem um efeito entorpecedor. — Não consegues adivinhar o que significava para a Addie?

— Não faço ideia — insistiu ela. Agarrou-se a outro assunto que a andava a incomodar. — Dylan... Tens a certeza que não havia nenhuma verdade na história que o Matt contou na fogueira esta noite? Tens a certeza que a Lynn Durand não estava presente quando a Addie foi levada?

Ela contraiu-se quando o sentiu soerguer-se ligeiramente na cama.

— Já te disse o que aconteceu naquele dia. Eu era a única pessoa com a Addie quando ela foi levada naquela floresta. *Porquê?*

Alice hesitou. Não devia ter abordado aquilo, mas a sua curiosidade levava a melhor.

— Não é nada. Foi só... um pesadelo que tive esta noite. Era diferente dos que tinha antes. Talvez fosse só um pesadelo.

Dylan ficou à espera. Ela suspirou, sabendo que ele queria ouvir os pormenores.

— Sonhei que uma mulher que parecia a Lynn Durand estava a dizer à Addie para fugir e esconder-se. Parecia um pouco maltratada, e estava... suja de sangue. — Virou o queixo sobre o ombro quando Dylan não respondeu de imediato. Sentiu-o levar a mão à sua anca.

— Foi só um sonho — disse ele baixinho. — Aquela história junto à fogueira mexeu contigo. Tendo em conta tudo o que tens passado, não é de admirar. Mas eu garanto-te: a história que aquele miúdo estava a contar é um mito urbano, uma história que tem sido contada e embelezada até só restar uma minúscula parte da realidade. Já pedi ao Kehoe para tentar abafá-la no acampamento, mas parece voltar sempre à superfície, normalmente com uma nova reviravolta ainda mais sensacionalista. Mas já te disse o que aconteceu na verdade — concluiu com determinação. — Isso foi só um pesadelo. A Addie nunca viu a Lynn dessa maneira. Nunca. Está bem?

— Está bem. Boa noite — disse ela suavemente ao fim de uma pausa. Dylan procurou-lhe a boca num breve beijo ardente. Ela virou-se de costas e conteve a respiração. Felizmente, ele não disse mais

nada. Ainda assim, Alice sentia que ele se mantinha muito atento. Não acreditara inteiramente que ela não estava a recordar outras coisas.

Nem que ela estava «bem».

Mas *devia* acreditar. Alice apenas tinha uns poucos e efémeros fragmentos de memórias que pareciam relacionar-se com a história que Dylan lhe contara sobre Addie Durand. Não sentia aqueles fragmentos como memórias pessoais. Era mais como se tivesse sido submetida a alguma espécie de técnica cirúrgica de ficção científica para lhe coserem memórias de outra pessoa ao seu cérebro. Aquela mão cheia de minúsculos e irregulares pedaços de memória criavam um contraste tremendo com os biliões de outras recordações que acumulara ao longo das duas últimas décadas da sua vida.

Por vezes, sentia-se como um computador com um vírus. O que aconteceria se aqueles fragmentos da mente de outra pessoa — do mundo de outra pessoa — comesçassem a multiplicar-se e a expandir dentro de si?

Poderia Alice Reed desaparecer por completo?

A ideia apavorou-a de uma forma muito primitiva, uma forma que não conseguia transmitir a Dylan. Era difícil pô-lo em palavras.

E havia uma *sensação* que não parava de crescer dentro de si. Cada vez desconfiava mais que, se tentasse comunicar a Dylan aquela sensação amorfa, ela poderia tomar forma e solidificar-se ainda mais.

Poderia então a sensação tornar-se uma memória tangível?

Não penses nisso agora.

Addie Durand e Alice podiam ter sido uma única pessoa, em tempos, mas a brecha era completa. Agora eram duas pessoas separadas. Alice era matemática, afinal de contas. Os números faziam sentido, apresentavam realidades claras, racionais, previsíveis. Era *assim* que Alice Reed via o mundo. Estava transtornada por causa do seu medo.

Claro que podes descobrir alguns factos interessantes sobre Addie Durand sem perderes a Alice. Não sejas tão paranoica com isto tudo.

Sentindo-se aliviada pela sua auto-repreensão, permitiu que as pálpebras pesadas se fechassem. Fez uma muda prece por um sono sem sonhos.

Infelizmente, uma boa noite de sono não estava nas estrelas para Alice ou Dylan, nessa noite.

Acordou sobressaltada com o som estarrecedor de um forte e

agudo alarme. Antes de conseguir pronunciar uma única sílaba, sentiu Dylan saltar da cama.

— Dylan, que raio...

— Fica aqui. Estou a falar a sério, faz o que eu te digo, por uma vez na vida — rosnou ele, tenso. Ela abriu a boca, incrédula. Teria ele visão noturna? De que outra forma poderia saber que ela estava a soltar as pernas do lençol para saltar da cama e segui-lo? Pareceu-lhe ouvi-lo mover-se pelo quarto nas frações de segundos entre os crescentes gritos do alarme.

Pestanejou quando o candeeiro da mesa de cabeceira foi aceso. Semicerrou os olhos e viu Dylan de pé ao lado da cama. Envergara um par de calças de pijama cinzentas com estonteante velocidade. O seu rosto e tronco pareciam tensos e duros, quando ele lhe passou o telefone.

— Quero que te levantes e tranques a porta depois de eu sair.

— Mas...

— Está alguém na casa, Alice. Se não fizeres exatamente o que te digo, eu juro que...

— Está bem, está bem — disse ela de uma forma beligerante, convencida pela feroz intensidade de Dylan. Atirou com o lençol para trás.

Ele dirigiu-se para a porta de madeira apainelada.

— Liga para o número de emergência, assim que trancares a porta — disse-lhe por cima do ombro. — A polícia deve vir a caminho desde que o alarme disparou, mas vê se consegues informar os agentes de que estou lá em baixo. Não quero ser confundido com um dos intrusos pela polícia.

A realidade por detrás das suas palavras penetrou o cérebro de Alice. E se Dylan levasse um tiro da polícia? Ou de um ladrão?

— Dylan, espera, *não*...

— Sei tomar conta de mim — disse, parando brevemente com a mão no manípulo da porta. — Agora *tranca* esta porta e *fica neste quarto até eu te vir buscar*. Vou ficar desconcentrado se não fizeres exatamente o que te pedi. *Alice*. — O seu tom era como um aviso ameaçador. Ela percebeu que ele tinha visto o desafio estampado no seu rosto. A pesada ruga de preocupação na testa de Dylan e o seu olhar tenso atingiram-na.

Fez um aceno de assentimento. Ele desapareceu.

Alice sabia que o que ele tinha dito era verdade, embora isso não a acalmasse em nada. Dylan crescera nas ruas. Confrontos e violência

não lhe eram coisas estranhas. E não era nenhum tolo. E também não queria que, enquanto investigava o potencial arrombamento, ele estivesse preocupado com a sua segurança, distraído-se.

Correu para a pesada porta entalhada e trancou-a. Alguns minutos depois de ter ligado o cento e doze e vestido o robe, ouviu o som de sirenes a misturarem-se com o guincho do alarme. Correu para a janela e puxou as cortinas, os nervos a ferver de ansiedade. No topo da longa estrada íngreme que dava para o castelo, viu o pulsante reflexo de luzes vermelhas contra o opaco céu noturno. Menos de três segundos depois, dois carros da polícia apareceram e pararam na frente da entrada, com as sirenes a apitar. Alice viu um polícia sair e correr para as traseiras da casa, enquanto o outro — um homem muito grande — se aproximava da porta de entrada. Esforçou os ouvidos e julgou ouvir bater e depois distantes vozes masculinas.

O enlouquecedor apito do alarme cessou abruptamente. Seguiu-se um silêncio pesado, sufocante. Recordando a sua promessa a Dylan e sentindo-se um animal encurralado, Alice correu para porta trancada e encostou a orelha à madeira, desesperada por sinais do que estava a acontecer em baixo.

Após um tenso minuto a ouvir apenas o bater do seu próprio coração, os poucos fios de controlo que lhe restavam rebentaram. Correu para o *closet* de Dylan. Abriu a porta de rompante e encontrou o interruptor. A divisão iluminou-se por completo. Era a primeira vez que a via — e era uma sala, não um *closet*, pelo menos na limitada experiência de Alice com o luxo. Procurou entre prateleiras de cedro imaculadamente organizadas e o que pareciam ser centenas de fatos e *smokings* pendurados. O seu olhar prendeu-se num potencial alvo.

Vários segundos depois, descia em silêncio sobre os pés descalços a enorme escadaria curva, empunhando um taco de golfe com as duas mãos.

Dylan conferenciava baixinho com Jim Sheridan, o xerife de Morgantown, no seu escritório. Alex Peterson, um dos ajudantes de Jim, ainda estava a fazer uma rápida verificação da casa e dos jardins. Jim, porém, estava convencido de que fora um falso alarme. Todos os pontos de entrada estavam intactos, e tudo parecia em ordem.

Jim era um velho amigo, apesar da diferença de idades. Jim estava quase com sessenta, enquanto Dylan tinha trinta e quatro anos. Jim já era o xerife quando Addie Durand fora levada. Naquelas semanas e meses de tensão e pesadelo que se seguiram, Dylan ficara a conhecer Jim melhor e mais completamente do que a maior parte das pessoas em anos.

Jim Sheridan fora um potente jogador de futebol americano na sua juventude, e ainda tinha a solidez de outrora — mais ainda, depois de os anos e o amor pela comida do restaurante local acrescentarem trinta quilos a uma estrutura anteriormente seca. Jim usava bem tanto a experiência como o peso a mais. Possuía um rosto amigável e enrugado e uma simpatia terra a terra que podia fazer com que alguém desprevenido pensasse que ele não passava de um bom homem de cidade pequena com um distintivo. Outros poderiam julgar que fora a estatura física que lhe conquistara o respeito em Morgantown, mas Dylan e os que eram mais próximos do xerife não se deixavam enganar. O facto é que, escondido sob aquele sorriso fácil e a evanescente glória de uma estrela de futebol da escola secundária, Jim Sheridan era um observador astuto e muito bom polícia.

Dylan sempre julgara que Jim mostrara uma melhor compreensão e mais perspetivas úteis sobre os pormenores e as nuances do rapto de Adelaide Durand do que qualquer um dos agentes do FBI enviados para investigar o crime. Aqueles agentes do FBI tinham falhado por completo, enquanto Jim fora uma das pessoas a encorajá-lo a nunca desistir. Apoiara as viagens regulares de Dylan para visitar Avery Cunningham, um dos raptos de Adelaide, todos os anos na prisão, até Cunningham confessar finalmente o crime, mesmo antes da sua

morte. Aquela recusa em desistir fora o que tinha acabado por dar pistas do paradeiro de Addie, vinte longos anos depois de ter sido levada da propriedade Durand.

Claro, Jim ainda não sabia da confissão de Cunningham, e Dylan queria que continuasse assim por mais algum tempo.

— É estranho que o alarme tenha uma avaria esta noite. Nunca tinha disparado uma única vez, com ou sem razão, desde que me mudei para aqui, há seis anos. É verificado regularmente — estava Dylan a dizer a Jim.

— A tempestade causou algumas quebras de eletricidade mais a sul — disse Jim, encostado à berma da secretária de Dylan, de braços cruzados sobre o peito largo. — Deve ter sido alguma espécie de anomalia elétrica. — Reparou no ar cético de Dylan e encolheu os ombros. — Já aconteceram coisas mais estranhas. Acredita em mim. Ao fim de trinta e sete anos na polícia, não te sei dizer o número de falsos alarmes que já me fizeram sair a correr a meio da noite, por causa de problemas nos sistemas de segurança. Sabes melhor do que ninguém quantos executivos da Durand vivem em Morgantown. Montes de casas grandes. Montes de sistemas de alarmes sofisticados. Montes de avarias — disse Jim com um pequeno sorriso.

— Mesmo assim, não gosto disto.

— Manda alguém vir dar uma vista de olhos no sistema...

Jim parou e pestanejou. Os seus olhos aumentaram de tamanho. Dylan deu meia volta. Teria Jim estado enganado ao pensar que era um falso alarme?

Alice estava parada, com um ar cauteloso, a poucos metros da porta aberta, o cabelo curto todo despenteado, o robe mal apertado e a cair-lhe desordenadamente em volta do corpo magro. O rosto estava tenso e pálido, como se estivesse pronta para a batalha. Agarrava-se fortemente ao seu ferro número cinco.

— *Alice*. Raios — balbuciou entre dentes. Atravessou rapidamente a distância até à porta. — Pensei que te tinha dito para ficares no quarto até eu voltar. — Agarrou-a pelo antebraço e puxou-a para o escritório.

— Devias ter ido lá a cima para me dizer o que se estava a passar, em vez de me deixares sozinha a preocupar-me enquanto estás aqui sentado na conversa — sussurrou zangada. Soltou o braço das mãos dele e lançou um olhar meio de desculpa, meio ressentido a Jim antes de voltar o seu olhar cauterizante para Dylan.

— Acabámos *agora mesmo* de verificar que não houve nenhum

arrombamento. — Ele resistiu à forte vontade de a erguer sobre o ombro e a ir trancar atrás de uma porta qualquer. Jim estava a estudá-la com ávido interesse, o que só fez aumentar o crescente desconforto de Dylan.

Maldita Alice pela sua impulsividade. Ele não queria que Jim desconfiasse da verdade. Não tinha nada contra Jim saber que encontrara Addie — o xerife fora um dos poucos que sabiam que Dylan continuara a procurá-la ao longo de todos aqueles anos, afinal de contas, e merecia celebrar a maravilhosa verdade numa data futura. Só que, assim que soubesse de Addie, o xerife seria obrigado a informar o FBI. O rapto não era um caso de Jim. Era um caso federal.

Alice ainda não estava pronta para ter a polícia e agentes a andar à sua volta e a fazer-lhe um monte de perguntas. Embora dissesse estar bem, Dylan não tinha muita confiança no seu bem-estar emocional e mental. Ainda só tinham passado dois dias desde que lhe fora dito que era uma pessoa muito diferente daquela que julgava ser.

Não estava, de certeza, preparada se a sua «mãe», Sissy Reed, e alguns ou todos os seus muitos tios estivessem implicados como cúmplices de Avery Cunningham, um dos raptos de Addie Durand. Ela não perguntara sobre o envolvimento dos Reed, e Dylan esperava poupar Alice a essa realidade até uma data futura. Na opinião profissional de Sidney Gates, Alice desconfiava da cumplicidade dos Reed e estava a reprimi-lo. O seu silêncio sobre a questão era uma indicação de que ainda não estava pronta para lidar com esse território doloroso.

Não perguntes. Não contes. Era essa a linha de ação que Sidney recomendava, por enquanto.

Mandar o clã Reed para a prisão naquele segundo poderia dar a Dylan um sentimento de doce vingança, mas só deixaria Alice a sentir-se mais dilacerada, confusa e sozinha. Ela desprezava os Reed, mas não deixavam de ser a sua família. Dylan sabia melhor do que ninguém que os sentimentos para com os membros da família podem ser muito confusos.

Desconstraiu o queixo e soprou, frustrado.

— Jim Sheridan, queria apresentar-lhe Alice Reed.

— Tem licença de porte para esse ferro número cinco, minha senhora? — perguntou Jim, dando um passo em frente com a mão estendida num cumprimento. Alice olhou desnorteada para o taco de golfe que tinha em riste como que esquecida que ele ali estava. Fez uma careta e soltou uma mão, apertando a de Jim.

— Foi o primeiro candidato que encontrei no *closet* do Dylan.

— Pessoalmente, sempre preferi um ferro sete para uma luta, mas percebo que o cinco seja mais manobrável — gracejou Jim.

— Não precisarias de nenhum deles se tivesses feito o que te pedi — lembrou-a Dylan em voz calma, encostando-se à secretária com forçada descontracção.

Aquele animal selvagem e encurralado voltou a surgir nos olhos dela.

— E se precisasses de ajuda? Não conseguia ficar ali em cima sem saber o que se passava!

— Eu disse-te que conseguia resolver o assunto sozinho, Alice — disse ele, o seu olhar vincado a lembrá-la do resto do que ele lhe dissera para fazer. Ela pareceu um pouco envergonhada, mas era evidente que não estava submissa.

— E então, o que é que se passa? — perguntou ela, mudando de posição sobre os pés descalços e olhando de relance para Jim.

— Nada de especial. E, a não ser que consiga combater os efeitos de uma tempestade eléctrica com esse taco de golfe, não há nada a fazer aqui — disse Jim.

— Foi a tempestade que fez disparar o alarme? — perguntou Alice, baixando lentamente o taco de Dylan. — Mas a tempestade já acabou há horas.

— Talvez tenha sido alguma espécie de rebentamento eléctrico residual — disse Jim. — É difícil saber.

— O ponto é que está tudo bem — disse Dylan. Ela apertou o roupão com mais força à sua volta, como se tivesse acabado de se aperceber da sua aparência descomposta. Dylan não estava a gostar da maneira como Jim olhava a cara dela fixamente, com uma expressão um pouco espantada. Mais uma vez, experimentou aquele agudo impulso de a esconder. — A casa nunca foi assaltada. Porque é que não voltas lá para cima? Eu só demoro um minuto — acrescentou, quando ela o olhou nos olhos furtivamente por entre o escudo parcial da franja.

— Tudo bem — concordou Alice num tom rouco ao fim de um momento. — O despertador também não deve demorar muito a tocar.

— Tem de ir trabalhar muito cedo? — perguntou Jim.

— Sim — replicou Alice.

— Houve umas inundações grandes a alguns quilómetros a sul, para os lados de Chandler Creek. Espero que não tenha de ir tão longe para o trabalho — disse Jim num tom preocupado.

— Ah, não. Estou mesmo aqui em baixo no campo.

Dylan resistiu à vontade de revirar os olhos, ao ouvi-la oferecer a Jim exatamente aquilo que ele estava a sondar. Alice lançou um último olhar de relance a Dylan e saiu da sala.

Na manhã seguinte, os miúdos dela ainda estavam mergulhados na excitação de ser a equipa na frente, com os pontos acumulados ao fim da primeira semana no campo Durand. Era uma boa altura para ter toda a gente tão bem-disposta, porque a atividade obrigatória da manhã era o desafio do slide — a atividade com que Alice tivera mais dificuldade durante a maior parte da sua formação. Alice tinha pavor de alturas. Pior ainda, ficara emparelhada na formação do *slide* com Brooke Seifert, a némesis de Alice desde o primeiro dia no campo.

Nesse dia, teve mais sorte.

— Pelo menos não tenho de fazer o slide pessoalmente, desta vez. E estou contigo, não com a Brooke — disse Alice baixinho a Kuvi Sarin enquanto caminhavam lado a lado por um prado na direção da floresta, os vinte miúdos de ambas as equipas espalhados à sua volta. Kuvi era sua companheira de cabana e amiga. Era calorosa, genuína, engraçada e esperta. Tirando a parte da inteligência, era o perfeito oposto de Brooke Seifert.

— A equipa da Brooke foi emparelhada com a do Thad para este desafio — disse Kuvi, trocista. — Ela deve estar no paraíso.

— Pelo que vi ontem, o Thad também — replicou Alice em surdina. Kuvi fez-lhe um olhar agudo. No dia anterior, Alice vira Thad e Brooke beijarem-se na floresta. Dissera logo a Kuvi o que tinha visto. O encontro accidental chocara-a, porque, no passado, Thad apenas demonstrara publicamente um interesse platónico em Brooke. De facto, o rapaz nem tentara esconder que estava muito interessado romanticamente nela — *Alice*. Considerava Thad um tipo impecável e um amigo, por isso, o que tinha visto entre ele e Brooke deixara-a a sentir-se um pouco confusa e perturbada. Estivera todo o dia a tentar evitar Thad. Porque estaria ele a enganar propositadamente os amigos no que dizia respeito a Brooke? Seria por saber como Alice a detestava?

— Ei — sussurrou Kuvi. — Ontem prometeste que me ias contar onde é que tens estado todas as noites.

Alice olhou em volta com cautela, para se assegurar de que ninguém ouvia a conversa. Até ao dia anterior, Kuvi assumira que ela

andava a escapar-se de noite da cabina que partilhavam para encontros amorosos com Thad. Alice nunca o admitira, mas Kuvi e Dave Epstein — outro amigo de ambas — tinham assumido que existia um relacionamento entre os dois, dada a óbvia atração de Thad por Alice.

— Digo-te esta noite, depois de os supervisores noturnos chegarem — disse Alice baixinho. — Prometo-te — acrescentou quando viu a preocupação nos olhos de Kuvi. Esta anuiu.

Alice não estava propriamente ansiosa por confessar pela primeira vez que estava a ter um caso com o CEO das Durand Enterprises. De certeza que Kuvi lhe diria que estava louca. Se fossem descobertos, as ramificações, tanto para Alice como para Dylan, poderiam ser graves. Mas uma parte de si sentia-se também aliviada pela perspetiva de contar a verdade. Respeitava e gostava muito de Kuvi e não queria continuar a mentir-lhe.

Viu Sebastian Kehoe, o vice-presidente da Durand para os recursos humanos, um minuto depois de entrarem na floresta. Kehoe estava junto a umas escadas que conduziam a uma plataforma de treze metros de altura. Olhou de relance para elas, depois olhou vincadamente para o seu relógio e continuou a escrever num bloco de apontamentos. Alice suspeitava que o bloco estava preso cirurgicamente à sua mão.

Ups. Estavam atrasadas? Alice não podia dar-se ao luxo de cair em desgraça junto de Kehoe, embora se sentisse constantemente prestes a fazê-lo. Kehoe era um veterano na Durand e no campo era visto como o *big-boss* — pelo menos quando Dylan não estava presente. Era reconhecido de uma forma geral, e mesmo renitentemente pelo próprio Dylan, que o Campo Durand era o bebé de Kehoe e sempre o fora. O Campo Durand era considerado um exemplo das fortes ideias comunitárias e filantrópicas das Durand Enterprises, para além de ser uma forma inovadora de encontrar os melhores entre os melhores jovens executivos no mundo. Kehoe, com efeito, reinava no Campo Durand como uma espécie de potentado. O que era uma infelicidade, porque Alice não conseguia livrar-se da desconfortável sensação de que Kehoe não gostava nada dela. Pensava que isso podia ter a ver com o facto de ter sido Dylan a contratá-la, quando era normalmente Kehoe que tratava de todas as contratações do grupo de elite de monitores e futuros executivos na Durand. Numa perspetiva ainda mais preocupante, temia que Kehoe desconfiasse que se passava alguma coisa entre ela e Dylan, e não gostava nada desse facto.

As duas monitoras aproximaram-se de Kehoe enquanto os outros miúdos se espalhavam pela clareira, a conversar uns com os outros.

— Olá, minhas senhoras. Podem dar-me os vossos pares para o slide? — perguntou Kehoe severamente. O estômago de Alice embrulhou-se. Kuvi abriu a mochila e retirou vários papéis. Passou-os a Kehoe.

— Alice? — perguntou Kehoe sem sorrir, erguendo o olhar e fixando-a através de uns elegantes óculos de armações escuras. Tudo em Kehoe era meticuloso, a sua aparência tão organizada como as suas maneiras. Até na roupa desportiva que usava no campo, Kehoe estava meticulosamente bem cuidado. Era magro e musculado, a constituição atlética, fazendo-o parecer bem mais novo do que os seus cinquenta. — Os seus pares, por favor?

— Eu, hum... esqueci-me de os imprimir — disse, rapidamente. — Mas sei todos os meus pares de cor. Trabalhei muito nisso.

— Mas não o suficiente para me dar a documentação que pedi. Eu não queria só os nomes e as equipas, Alice. Queria a sua justificação para a maneira como emparelhou os miúdos. O slide é um desafio significativo para muitos dos nossos novos campistas, e para alguns dos mais velhos também. É importante que seja feita uma boa planificação da maneira como os vamos tranquilizar e motivar para aquela que pode ser uma atividade provocadora de ansiedade — repreendeu ele friamente.

— Peço desculpa. Posso imprimir a minha lista esta noite — disse Alice, humilhada. Como podia ter-se esquecido? Não era nada dela. Os últimos dias tinham sido loucos. Estaria bem mais preocupada e distraída pela notícia acerca de Addie Durand do que tinha percebido ou queria admitir? Talvez Dylan tivesse razão em estar tão preocupado com o seu estado mental.

— Não abordamos um desafio potencialmente perigoso de uma maneira despreocupada ou descuidada — continuava Kehoe a dizer.

Uma fúria rebelde penetrou por entre o seu embaraço e irritação consigo mesma. É certo, fizera asneira, mas não por ser descuidada. Aterrada com a mera ideia de andar a pairar sobre o topo da floresta pendurada de um fino arame, Alice investira um significativo planeamento na combinação dos miúdos para os motivar para o desafio. Durante a sua própria formação, a única coisa que Kehoe fizera para aliviar o seu pânico cego pela atividade fora emparelhá-la com a inútil Brooke Seifert. Brooke limitara-se a sussurrar-lhe açucarados lugares comuns, e até fizera aumentar a ansiedade de Alice

fazendo-a olhar para o chão da floresta em baixo, o que ampliara a sua vertigem até ela estar louca de medo quando chegou o momento de saltar da plataforma.

Grande ajuda que Kehoe lhe dera.

Embora a verdade fosse que Alice nunca *confessara* ao diretor dos recursos humanos o facto de se borrar de medo de alturas, permitindo a ele ou a outra pessoa a oportunidade de a confortar durante a experiência. Alice não tinha facilidade em falar das suas fraquezas, quanto mais ir chorar por causa delas ao ombro de um homem como Kehoe.

— Eu sei que é importante. Fiz asneira — admitiu Alice estoicamente, a olhar Kehoe de frente. — Peço muita desculpa. Como lhe disse, pensei bastante nos pares da minha equipa. Posso dar-lhe os nomes facilmente. E posso dar-lhe a justificação para as minhas escolhas neste momento...

— Eu não tenho tempo para ficar a ouvir um relatório oral. Quero a lista impressa e a sua justificação *logo* a seguir ao jantar, esta noite — interrompeu Kehoe com severidade. Tomou uma rápida nota, a escrita tão forte que parecia que a ponta da caneta ia perfurar as múltiplas folhas no bloco. Depois virou-se e afastou-se uns passos para chamar os adolescentes espalhados a conversar. Alice olhou para Kuvi com um ar envergonhado.

— Está tudo bem — sussurrou Kuvi, calorosamente. — Não teve importância nenhuma, se vires bem. A Gina Sayre esqueceu-se daquela agenda para a oficina *anti-bullying* que tínhamos de fazer, e ainda perdeu o Mark Drayner e a Shayna Cawniac durante a atividade de caiaque que liderou. O Kehoe ficou furioso quando os encontrou a curtir na Enseada dos Mártires, os dois seminus.

— Devíamos passar a chamar-lhe Enseada dos Pecadores.

— Devia ter-te lembrado. Já vi como tens andado distraída, ultimamente.

— Não é responsabilidade tua — balbuciou Alice, de sobrolho franzido.

Precisava mesmo de se recompor. Era uma merda ter o Kehoe a dar-lhe sermões daquela maneira. Até agora, a sua desaprovação permanecera vaga e difícil de definir. A equipa de Alice seguia na frente nos pontos e ela tinha evitado até então cometer qualquer erro significativo, apesar de tanto Kehoe como alguns dos seus acólitos andarem a vigiá-la como falcões. Acabara, claramente, de receber a sua primeira marca negra nas meticulosas notas de Kehoe.

Por sorte, Kehoe apenas ficou com o grupo tempo suficiente para lhes atribuir um gestor da Durand, antes de se afastar à pressa pela floresta na direção da plataforma de slide seguinte. Tencionava, decerto, reunir o resto da documentação dos monitores, pensou Alice, mal-humorada. Apenas nove dos quinze monitores seriam selecionados para se tornarem executivos na Durand, afinal de contas. Kehoe tinha de encontrar razões para fazer cortes algures. Alice temia ter-lhe fornecido, muito convenientemente, uma bela faca afiada.

O desafio em si passou com toda a tranquilidade possível. Houve apenas um momento mais tenso — quando Judith Arnold, uma bonita, teimosa e talentosa rapariga de dezassete anos que Alice nomeara recentemente líder da equipa, confrontou Alice na frente de toda a Equipa Vermelha.

— Porque é que eu fico com o Noble D? — perguntou Judith com uma expressão altiva quando Alice anunciou os pares para a atividade. — Devia ficar com a Jill!

Lá vamos nós outra vez, pensou Alice.

Já se preguntara quanto tempo iria durar a relativa paz entre ela e Judith. Apesar de esta ter sido mal-educada e insolente com a monitora desde que chegara ao campo, também demonstrara, por vezes, verdadeira força e compaixão com os outros campistas. Alice tomara a decisão de desafiar a rapariga com a posição de líder da equipa. Judith era esperta e forte. Os instintos de Alice diziam-lhe que Judith conseguiria liderar os seus pares com eficácia. Sentira-se cautelosamente otimista com a sua seleção arriscada. Os primeiros dias do reinado de Judith tinham sido relativamente livres de conflitos. Alice até partilhara uns momentos agradáveis com a rapariga na fogueira da noite anterior, quando a Equipa Vermelha fora declarada na frente. As coisas tinham parecido estar a melhorar.

Até agora, pelo menos.

— A Jill fica com o Terrance — disse Alice, pegando na mochila e pendurando-a ao ombro. — O Terrance já tem experiência. Fez slide num retiro da igreja — diz, referindo-se ao hábito no Campo Durand de juntar campistas com experiência numa tarefa, ou «especialistas», com os não iniciados «noviços».

— Quando tinha doze anos e quase cem quilos a menos — ripostou Judith.

Alice reparou na cabeça de Terrance a virar-se repentinamente

com a exclamação desdenhosa de Judith.

— Cala-te, Judith — avisou Alice furiosamente, em surdina.

Os olhos de Judith cintilaram com um misto de fúria e arrependimento. O seu queixo ergueu-se em desafio.

— A Jill vai-se borrar de medo sem mim lá em cima. Tu sabes que vai — sibilou ela, tensa. Judith assumira o papel de protetora e defensora da miúda vulnerável desde o primeiro dia no campo. Alice sentia-se grata por isso. Mas pensava que talvez estivesse na altura de Jill sair da sombra da amiga e começar a experimentar a sua própria força.

— Jill e Terrance, são os primeiros — anunciou Alice em voz alta, ignorando o olhar carrancudo de Judith.

— Anda lá, anã — disse Terrance a Jill com um ar resignado, tocando no ombro da rapariga. — Tens o tamanho de um mosquito. És capaz de voar por cima dessas árvores mesmo sem arame.

Terrance e Jill dirigiram-se para as escadas, com um gestor da Durand na sua frente. Seria difícil para Alice imaginar um par mais contrastante. Terrance Brown tinha mais de um metro e oitenta e cinco e pesava por volta de cento e trinta quilos. Era diabético. Vivendo com pouca ou nenhuma supervisão parental, banqueteava-se com frequência de *snacks* açucarados e *fast-food*. Alice estava a tentar arduamente demonstrar-lhe os benefícios do exercício e uma alimentação equilibrada para o colocar num caminho mais saudável quando terminasse o campo. Terrance era um adolescente esperto e vivo, um comediante que gostava de ser a alma de qualquer festa. E, se continuasse como até ali, corria o risco de ficar mortalmente doente. Alice esperava conseguir atrair Terrance para uma atividade que o ajudasse a melhorar a sua saúde, e convencera-o a correr com ela enquanto estivessem no Campo Durand.

Jill Sanchez, por outro lado, era uma pequena e frágil miúda de treze anos que se tornara reservada até ao ponto da quase mudez, depois de testemunhar a morte violenta da mãe, no ano anterior.

— A Alice disse que todo o equipamento aqui é topo de gama e aguenta mais de duzentos e cinquenta quilos. Vai correr tudo bem. Pelo menos já fizeste isto antes — murmurou Jill timidamente a Terrance enquanto subiam os degraus. Alice experimentou uma vaga de afeição e gratidão pela rapariga. Reparou no olhar um pouco confuso e ansioso que Terrance lançou a Jill. Apesar da sua divertida bravata, Jill sentira a preocupação do colega. Tal como Alice suspeitara, por baixo da brincadeira despreocupada, Terrance sentia-se

assustado e envergonhado ao fazer o slide, por causa do seu peso. Jill saía da sua concha para o tranquilizar.

De repente, Terrance baixou-se e içou Jill no ar, deixando-a cair na plataforma das escadas na sua frente.

— Pois é. Leve como uma pena. Vais voar até Detroit nessa coisa — declarou, lançando um olhar surpreendido a Jill. Esta riu-se. Alice ficou de boca aberta. Nunca tinha visto a rapariga sorrir, quanto mais rir alto. Jill correu ligeiramente para acompanhar o andar pesado de Terrance enquanto subiam o resto das escadas, fazendo ao rapaz uma pergunta entusiástica que se perdeu na floresta.

Alice olhou de relance para Judith, que estivera também a observar o par. Quando a rapariga se virou para Alice, esta viu o seu assombro.

— A escolha certa nem sempre é a mais óbvia — disse Alice muito calmamente, ecoando o que dissera a Judith quando a selecionara como líder da equipa. — Além disso, esqueces-te que és tão noviça como a Jill, no que diz respeito ao slide. Emparelhei-te com o Noble D por uma razão. Ele vai ter algumas coisas para te ensinar. — Acenou subtilmente com a cabeça. Judith olhou por cima do ombro, o olhar a aterrar sobre o atraente, alto e sombrio adolescente que estava a alguns metros de distância, à espera da sua parceira. O motim regressara aos olhos de Judith quando voltou a olhar para Alice, juntamente com uma ponta de outra coisa.

Pânico.

Alice sabia que Judith tinha consciência de que Noble D estava atraído por ela. Evitava-o com todo o cuidado, mas Alice pensava que não era por achar D pouco atraente. Era exatamente o oposto, na verdade.

Os protestos de Judith a respeito dos supostos defeitos de Noble D eram um pouco audíveis e frequentes demais. Alice tinha a sensação de que Judith achava a ideia da atração e do namoro quase tão intimidantes como ela própria, com a sua idade.

— Boa sorte — disse Alice a Judith com sinceridade, antes de seguir Terrance e Jill pelos degraus acima.

Acalmar os receios dos seus campistas ajudava Alice a distrair-se do seu próprio medo no alto da plataforma. Era difícil estar demasiado ansiosa com o próprio bem-estar quando estava tão preocupada pelos seus miúdos.

Justin Arun e Rochelle Phelps foram o último par a voar com sucesso sobre o alto das árvores. Assim que deixou de ver Justin, ouviu um passo rápido nas escadas.

— Alice.

— Sim? — respondeu a Kuvi, de sobrolho franzido. Kuvi soava tensa.

— É melhor vires para baixo. Está aqui uma pessoa para falar contigo.

— Quem? — estranhou ela, dirigindo-se para a colega.

— O xerife de Morgantown — sussurrou Kuvi, em tom baixo para evitar que Aidan Salinger, o gestor da Durand que as estava a supervisionar, a ouvisse.

Alice pestanejou, surpreendida. Viu a pergunta nos olhos cor de avelã de Kuvi, mas não tinha resposta para a sua amiga. O que estaria o homem que conhecera na noite anterior no escritório de Dylan — Jim Sheridan — a fazer *ali*? O seu relacionamento com Dylan era secreto. Ninguém no campo podia saber que estavam envolvidos. Será que Dylan não avisara Jim desse facto, depois de Alice sair? Ele mencionara uma vez que o xerife de Morgantown era um velho amigo. De certeza que lhe pedira para ser discreto.

Então, porque estaria Sheridan ali no bosque a pedir para falar com ela, enquanto o campo estava em sessão?

Jim parecia tão descontraído e amigável ali no meio da floresta como parecera no escritório na noite passada. Estava a conversar com dois dos campistas da Equipa Diamante de Kuvi.

— Não se esqueçam, não posso garantir como está o ambiente no Campo Wildwood de ano para ano. Eu, no vosso lugar, pensava bem se a cabra vale mesmo a pena — disse Jim, a piscar o olho. Os rapazes

riram-se.

— Sr. Sheridan? — chamou Alice cautelosamente.

— Trate-me por Jim — disse ele, virando-se ao ouvir a sua voz. Estendeu a mão num cumprimento. — Prazer em vê-la, Alice. Desculpe vir incomodá-la desta maneira, mas pode dar-me um minuto ou dois do seu tempo? Dão-nos licença, não dão? — disse Jim cordialmente aos dois miúdos. Inclinou a cabeça para a esquerda e Alice seguiu-o vários metros por um caminho para uma clareira solitária.

— Os seus miúdos safaram-se bem no slide? — perguntou Jim, virando-se para ela.

— Sim. Missão cumprida — respondeu Alice, tensa, sem tentar ocultar a interrogação nos seus olhos.

— Estou a ver que não vai ficar satisfeita enquanto não lhe explicar porque estou aqui. Não há conversa de chacha para a Alice Reed, pois não? — perguntou ele, os seus pálidos olhos azuis a cintilar de divertimento.

— Só estou um bocado confusa. Tem a ver com o alarme que disparou ontem à noite? — perguntou ela baixinho. — Pensei que tinha dito que foi só uma avaria elétrica.

Jim anuiu, de repente mais sério.

— Foi. Penso eu.

— *Pensa* — enfatizou Alice lentamente. — Mas não tem tanta certeza como teve ontem à noite?

Ele encolheu os ombros largos. Ocorreu vagamente a Alice que o homem devia precisar de mandar fazer os seus uniformes de xerife por medida, para lhe caberem naquele corpo enorme.

— Digamos apenas que a preocupação do Dylan com aquilo tudo fez subir também um pouco a minha. Há muito, muito tempo que não via o Dylan tão tenso. Pôs-me a pensar: o que é que deixou o homem de gelo tão apoquentado?

— Ele não me pareceu apoquentado — disse Alice num tom despreocupado. Mas sentia-se pouco à vontade. O que Jim estava a sugerir era verdade. Para a maior parte dos observadores, Dylan aparentaria a perfeita imagem do controlo, na noite anterior. Mas ele *ficara* preocupado com o disparar do alarme, tenso com a ideia de uma ameaça. Não fizera qualquer esforço para disfarçar isso mesmo quando ambos regressaram à suite. E, definitivamente, não gostara que ela se tivesse aventurado sozinha para fora do quarto. Alice julgara que a sua preocupação e tensão eram desproporcionadas, e era

óbvio que Jim Sheridan pensara o mesmo. A única diferença era que Alice sabia porque Dylan era tão protetor a seu respeito.

Mas Jim Sheridan não sabia. Agora, ao que parecia, estava decidido a descobrir.

— Pareceu-me que ele estava preocupado consigo — disse Jim, a olhar com um ar casual em volta da clareira, como se estivesse sinceramente interessado na folhagem. — Muito preocupado.

— Ele não estava preocupado especificamente *comigo* — protestou Alice. — Estava preocupado porque pensou que alguém podia ter entrado na casa. Isso não o deixaria preocupado?

— Claro — concordou Jim, acenando com a cabeça com um ar pensativo. — Mas porque é que seria uma coisa má o Dylan preocupar-se também com a sua segurança?

Alice pestanejou, apanhada desprevenida pela pergunta.

— Não é uma coisa *má*...

— Vocês estão envolvidos, certo?

Alice soprou, exasperada.

— Foi por isso que aqui veio? Para descobrir se eu e o Dylan Fall estamos *envolvidos*? O que foi, acabaram-se as boas fofocas na pastelaria da vila e achou que podia encontrar mais aqui? Tenho coisas mais importantes para fazer do que alimentar essa sua curiosidade obscena.

Deu meia volta para se ir embora, mas parou com o som da gargalhada baixa de Jim. Olhou de relance para trás. A expressão satisfeita do polícia fez a ruga entre as sobrancelhas de Alice aprofundar-se ainda mais.

— *Obscena*? Estou a ver que o Dylan deve ter uma trabalhadeira consigo.

Alice soltou um riso incrédulo, uma réplica a formar-se na sua língua.

— Não estás a ajudar muito, Jim — disse um homem. Alice sobressaltou-se, esquecida a sua resposta. Dylan surgiu na clareira, com Sal Rigo nos calcanhares.

Por um perplexo segundo, ficou a olhar para ele, chocada, certa de que era uma alucinação, a figura alta e impressionante de Dylan. Usava um impecável fato azul-escuro, uma imaculada camisa branca, botões de punho de prata e gravata às riscas prateadas e azuis. Mesmo no meio do espanto pela sua presença, Alice reconheceu como que à distância que ele estava fabuloso. As suas ousadas feições masculinas pareciam tensas e determinadas. Os olhos quase pretos dardejaram

rapidamente para ela. Alice estava tão focada nele que percebeu por instinto que Dylan estava a avaliar num segundo o seu bem-estar. Parecia, ao mesmo tempo, estranhamente deslocado no meio daquele ambiente silvestre e totalmente em casa, como se possuísse aquela floresta por inteiro.

O que era verdade, claro.

— *Dylan* — balbuciaram Alice e Jim em uníssono. O xerife soava tão espantado como ela. Parecendo ter verificado que todos os membros de Alice estavam onde deviam, Dylan desviou a sua atenção para Jim. Sheridan rotulara-o como o homem de gelo, e Alice tivera muitas vezes razões para suspeitar que ele devia ser intimidante, quando pressionado. Ao vê-lo naquele momento, percebeu que estava cem por cento certa na sua suposição.

— Porque é que estás a interrogar a Alice aqui na floresta? — perguntou Dylan num tom baixo mas autoritário.

— Estás a falar como se fosse uma coisa muito estranha. Vim só fazer-lhe umas perguntas sobre ontem à noite, mais nada. Não valia a pena uma viagem de emergência desde o teu escritório — disse Jim, incrédulo. O olhar do xerife passou entre Dylan e Rigo para se fixar por fim neste último. Rigo era quase tão alto como o patrão, mas mais volumoso. Fazia lembrar uma rocha. Alice sabia que Dylan encarregara pessoalmente Sal Rigo e outro homem da divisão de segurança da Durand de a vigiar no campo. Fizera-o, ao início, sem o conhecimento dela. Alice estava a ser seguida — espiada, na verdade. Ver a prova daquela vigilância ser exibida de forma tão flagrante na sua frente fê-la eriçar-se.

— O que é que se passa aqui? — sibilou, a falar com Dylan.

— Isso é o que estou a tentar descobrir — replicou ele com aparente calma, ainda a prender Jim com o olhar. — O que é que se passa de tão crucial que tenhas de vir fazer perguntas à Alice quando ela está a trabalhar?

Jim suspirou e recuou.

— Queres saber a verdade? Acho que lhe vim perguntar o que é que te deu para estares assim — disse o xerife, acenando para Dylan.

— Para estar assim *como*, exatamente?

— Para vires a correr do teu escritório para o meio da floresta assim que aqui o Senhor Segurança chamou — disse Jim brandamente, acenando para Rigo. Alice viu o olhar de Jim voltar-se para ela, as sobrancelhas arqueadas de expectativa. O olhar de Dylan seguiu o do xerife, e, por uma fração de segundo, cruzou-se com o de

Alice.

Acaba com isto, Dylan. Para de fazer disto mais do que és! Se insistes em chamar a atenção para a situação da Addie Durand, como é que posso manter este esforço constante para a minimizar e lidar com os pormenores diários da minha vida?

As feições de Dylan contraíram-se, como se ele tivesse ouvido os seus pensamentos assustados. Virou-se de lado para Alice e encarou Jim. Sentindo-se totalmente desprezada por ele, a fúria e impotência de Alice cresceram.

— Estou a ver que tu *paras* que já sabes a resposta — disse Dylan a Jim.

— Eu não diria isso. Mas se for qualquer coisa como o que me diz a minha mais louca imaginação, consigo mais ou menos perceber porque é que me escondeste tudo.

— Não havia nada para esconder. Mas, se tivesse escondido, de certeza que seria por uma boa razão — replicou Dylan. — Seja o que for que estás a pensar, vir aqui para a floresta importunar a Alice não é uma boa ideia.

— Parem de falar como se eu nem sequer estivesse presente! — explodiu Alice, aquela conversa a enfurecê-la.

Os três homens olharam para ela, sobressaltados. Ela olhou diretamente para Sal Rigo, concentrando-se no alvo mais confortável. O homem fora o seu cão de guarda nas últimas semanas, sempre a rondar, a seguir cada um dos seus movimentos por ordem de Dylan. A noção da sua privacidade invadida pareceu-lhe, de repente, demasiado real. Depois de ter feito amor com Dylan no quarto antigo de Addie Durand, na noite anterior, tivera um pensamento desagradável e questionara Dylan a respeito das funções noturnas de Rigo e Peterson. Ele assegurou-lhe que os seus «guarda-costas» terminavam o serviço assim que ela estava com Dylan, um facto que a aliviou grandemente.

Era óbvio que não teria feito amor naquela janela à noite se julgasse o contrário.

Mas poderia estar Rigo ou aquele outro segurança da Durand — Josh Peterson — a rondar entre as árvores de cada vez que se encontrava com Dylan na floresta à noite? Trocariam informações sobre o assunto e rir-se-iam à socapa com o que sabiam? Teria algum deles ficado a vigiar naquele dia em que vomitara depois de fazer o slide, quando Thad a confortara, e a abraçara enquanto falavam? Teria ido Rigo correr a contar a Dylan sobre o seu interlúdio supostamente privado com Thad? Seria por isso que Dylan ficara tão

suscetível naquela noite quando a encontrara na praia com Thad? Nada de importante acontecera entre eles, mas só a ideia de a sua privacidade ser invadida num momento tão vulnerável fazia-a sentir como se tivesse uma mão a comprimir-lhe a garganta.

— Ouça, eu não sei o que é que esperava conseguir vindo aqui hoje — disse a Jim num tom tenso e baixo — e não sei o que é que o *senhor* — olhou, furiosa, para Rigo — sentiu ser tão importante ir a correr contar ao Dylan, ou porque é que *tu* — virou-se para Dylan — julgaste necessário vir aqui para a floresta, mas há uma coisa que eu sei: eu estou a *trabalhar*. Não tenho tempo para esse jogo que vocês os três estão a jogar. — Começou a ir-se embora, depois parou, olhando para Rigo de sobrolho franzido. — E não me siga neste momento. *Percebeu?*

— Alice, espera — chamou Dylan, tenso.

Era evidente que não estava a fingir a sua preocupação, mas ela estava demasiado zangada naquele momento para sentir qualquer compaixão por ele. Pela primeira vez desde que o conhecera — pela primeira vez desde que se apaixonara por ele, ignorou o seu pedido para parar. Se Dylan fizesse como queria, ia mantê-la debaixo das mãos por uma eternidade, tratando-a como uma frágil peça de vidro que se estilhaçaria com a mais pequena pressão.

Ele ainda tinha muito para aprender a seu respeito.

Estacou com um pequeno gritinho de susto, parando mesmo à entrada do caminho de madeira que conduzia para a plataforma do slide. Sebastian Kehoe chegava à clareira, o seu olhar curioso a percorrer-lhe o rosto. Ela conteve a respiração quando viu os seus olhos moverem-se de imediato para os outros três homens.

— Dylan. Que surpresa — disse Kehoe depois de se recompor. — E Jim. Prazer em ver — continuou, passando pela forma imóvel de Alice, de mão estendida. Cumprimentou Jim. — A que devemos esta honra? Espero que não se passe nada de errado no campo.

— Não, está tudo bem, pelo que tenho visto — disse Jim, retribuindo o cumprimento de Kehoe. — Como de costume, tens o Campo Durand a funcionar como uma máquina bem oleada.

Kehoe parecia confuso. Um silêncio desconfortável caiu na clareira.

— Então, posso perguntar o que está o xerife de Morgantown, o CEO da Durand e um dos meus gestores a fazer parados na floresta com uma das minhas monitoras? Deve ser alguma coisa de importante. Espero que a Alice não esteja metida nalguma espécie de

problema.

— Não, claro que não. Não precisas de te preocupar — disse Dylan num tom indiferente. — O Jim veio ter comigo ao escritório. Disse que tinha ouvido relatos de danos importantes na floresta, por aqui.

— Caíram algumas árvores sobre fios elétricos, causando falhas de energia — acrescentou Jim, alinhando admiravelmente com a desculpa de Dylan. — Pensámos que era melhor vir dar uma vista de olhos.

— Então... *tu* vieste ao Campo para verificar? — perguntou Kehoe a Dylan, incrédulo, o seu tom a deixar claro que julgava a ideia de um CEO da Durand Enterprises a verificar possíveis quedas de árvores na floresta ridícula.

— Tens algum problema com isso?

Um arrepio percorreu a pele de Alice. O tom de Dylan era baixo, mas gelado. Em combinação com o gelo palpável no seu olhar, ela ficou surpreendida por Kehoe não ter congelado de imediato.

— Claro que não — assegurou Kehoe de imediato.

Após uma pausa vincada, Dylan falou.

— Verifiquei o horário do campo e soube que os miúdos estavam hoje no bosque, por isso quis ter a certeza de que estava tudo seguro. Vimos o Sal na cabana principal e ele disse que nos trazia ao sítio onde estavam a decorrer as atividades.

— Obrigado pela tua preocupação — recuou Kehoe. — Tenho estado aqui toda a manhã e não vi nenhum dano. E a Alice, viu alguma coisa?

— Não, já lhes tinha dito — respondeu ela. Engoliu em seco quando a atenção dos quatro homens foi transferida na sua direção. Mudou a posição dos pés, pouco à vontade, desejando que o chão da floresta a engolisse por inteiro. — É melhor ir ter com os meus miúdos, para o almoço — disse, apontando numa vaga direção da floresta.

O seu olhar cruzou-se com o de Dylan antes de se virar. O rosto atraente estava fixo numa máscara de aço, mas os olhos gritavam todos os géneros de mensagens.

Assim que entrou na floresta, ouviu Sebastian Kehoe falar num tom aborrecido para Rigo:

— Quero dar-te uma palavrinha, antes de ires, Sal.

Alice chegou à plataforma distante apenas para descobrir que a Equipa Dourada e alguns gestores tinham levado os seus miúdos famintos para o almoço, juntamente com os outros. Ao fim de cinco minutos a andar depressa mas sem destino pelo bosque, ainda não tinha queimado energia suficiente para se acalmar.

— Alice, espera!

O chamamento arrancou-a aos seus pensamentos caóticos, fazendo-a parar no caminho da floresta. Deu meia volta. Apesar de estar com os nervos em franja, fez um pequeno sorriso quando viu o homem que vinha a correr na sua direção. Thad usava um par de calções caqui compridos e uma *T-shirt* cinzenta que exibia o seu corpo atlético e tonificado. Mesmo por baixo da manga curta viu uma parte de uma tatuagem no músculo volumoso: um tubarão a cortar água azul. Thad adorava tudo o que estivesse associado com a água: barcos, mergulho, natação.

Ao longo das duas semanas anteriores no campo, o tom da sua pele escurecera para um bronze dourado. O seu cabelo louro escuro estava atraentemente despenteado, e ele tinha um arranhão no queixo. Alice gostou de o ver, e não só porque Thad era atraente. Havia qualquer coisa normal e tranquilizadora na sua aparência, naquele momento.

Ele parou no trilho a poucos passos de distância.

— Estás bem? — perguntou o rapaz, a olhá-la com um sorriso divertido.

— Estou.

— Pareces cheia de pressa. Chamei-te meia dúzia de vezes antes de parares.

— Oh... desculpa — balbuciou Alice, a pensar como devia estar a bater com os pés de fúria pelo caminho da floresta. — Vinha a pensar numas coisas.

Thad arqueou as sobrancelhas, à espera. Suspirou quando ela não disse mais nada, mas não pareceu surpreendido com a sua recusa em fazê-lo. Começava mesmo a conhecê-la bem.

— Os teus miúdos já foram almoçar? — perguntou ele.

— Sim, o Dave levou-os com a sua equipa — disse ela, referindo-se a Dave Epstein, amigo de ambos e companheiro de quarto de Thad.

— Também levou os meus. — Após uma pausa tensa em que os seus olhos verdes percorreram o rosto de Alice, acenou com a mão na direção do bosque. — Este devia ser o nosso lugar.

— Hum? — Ela olhou em volta, só então reconhecendo a sua

localização. Mesmo à sua esquerda estava o prado escondido, polvilhado de sol, onde Thad a tranquilizara há pouco mais de uma semana.

— Ah, sim — balbuciou. — Não tinha reparado onde estava.

Thad olhou-a, desconfiado.

— Pareces um bocadinho pálida. Não vais... — acenou para a zona do seu próprio abdómen duro — vomitar outra vez, pois não?

As faces dela ruborizaram-se, ao lembrar-se que o colega a vira vomitar.

— Achas que vou ao gregório de cada vez que passeio por este sítio na floresta? — perguntou, com divertido exaspero.

Ele encolheu os ombros dubiamente.

— Só para confirmar.

Alice abanou a cabeça e riu-se. O seu humor desvaneceu-se quando reparou na forma sombria como Thad a estava a observar. Ele acenou para a clareira onde a abraçara.

— Importavas-te? Se voltássemos? Só por um minuto — acrescentou, provavelmente reparando no nervosismo dela. — Queria falar contigo sobre uma coisa. É importante.

Voltou tudo num clarão de memória, a razão por que andava a evitar Thad: o encontro secreto com Brooke que surpreendera na floresta. A suave pergunta que o ouvira fazer a Brooke: «*Então, porque é que estás aqui comigo?*» Thad a inclinar-se para a frente para cobrir a boca de Brooke com a sua num beijo que pareceu bastante a Alice ser um beijo entre amantes de há muito tempo.

— Hum, acho que, talvez... — Calou-se, pouco à vontade, a olhar em volta da floresta. Ficou muito quieta por um momento, contendo a respiração. A floresta estava em silêncio. Teria Sal Rigo acedido à sua exigência na floresta, não a seguindo, por uma vez? Não era provável, com Dylan ali. Fora Sebastian Kehoe que a ajudara inadvertidamente, quando insistira em ter uma conversa com o homem, enquanto Alice se escapava. Não era a primeira vez que se impacientava com Rigo por abandonar o seu posto designado. Mas Rigo obedecia a ordens de outro homem, para além de Kehoe.

Obedecia a Dylan.

Aborrecia-a ter de estar a pensar no seu direito à privacidade, naquele momento.

Que se lixe o Rigo, e o Dylan também.

Alice endireitou-se com aquele volátil pensamento.

— Sim. Também queria falar contigo sobre uma coisa.

Reparou na forma como os olhos verdes de Thad se semicerraram, e percebeu que soara, sem querer, um pouco condenatória. Estendeu a mão num gesto de «tu primeiro», um tímido pedido de desculpas no seu olhar. Que direito tinha de julgar Thad, quando ela própria estava envolvida num caso secreto com Dylan? Tudo bem, Brooke era uma das pessoas de que menos gostava, mas talvez Thad visse nela algo que Alice nunca vira.

Apesar de toda esta racionalização, Alice admitiu a verdade para si mesma enquanto seguia Thad pelo caminho quase invisível, sufocado de ervas, que conduzia ao prado. Estava desapontada com Thad porque ele lhe andava a mentir. Já deixara claro que não estava interessada num relacionamento com ele, mas talvez o seu orgulho tivesse ficado ferido pelo facto de o colega demonstrar publicamente interesse por ela, ao mesmo tempo que andava a curtir em segredo com Brooke.

Alice tivera Thad em alta estima, considerando-o um exemplo de um amigo sincero. Desde que chegara ao Campo Durand, sentia-se a nadar num mar agitado de emoções confusas. Era a *outsider* num grupo de *insiders* natos, uma rapariga que crescera num infecto parque de caravanas, a filha de uma doente e trémula toxicodependente que era objeto de compaixão, medo e aversão por muitos.

Mas, claro, houvera mais a contribuir para a sua desorientação no Campo Durand. Muito mais. Já começara a ter um vislumbre da razão por que a propriedade Durand a perturbava daquela maneira. Desde que chegara àquele ambiente, porém, Thad fora um elemento seguro, confiável.

E agora estava zangada com Thad por não ser o que precisava que ele fosse.

E isso não é justo para ele, pois não?

Estacou a alguma distância dele quando o viu parar e virar-se para ela no centro da clareira. Por alguns segundos, ficaram apenas a olhar um para o outro.

— O teu cabelo... está a ficar mais comprido.

Ela afastou a franja de cima dos olhos, embaraçada.

— Sim. Está uma desgraça.

— Está bonito. E está a ficar mais claro com o sol. Gosto.

Alice encolheu os ombros, pouco à vontade, a estudar a erva comprida que dançava em volta dos seus pés. Precisava de voltar a pintar o cabelo, mas não tivera oportunidade, ali no campo. Não só estavam a aparecer as denunciadoras raízes ruivas como o sol

começava a iluminar até as madeixas castanho-escuras que usava. Fazia-a sentir-se nua, de certa forma — vulnerável — saber que Thad reparara na sua verdadeira cor a emergir.

— Precisava de falar contigo sobre uma coisa. Uma coisa importante.

Ela ergueu o olhar, sobressaltada pelo tom sombrio de Thad. O olhar dele era tão caloroso. Tão afetuoso.

Porque é que as coisas não podem ser simples? Porque é que as coisas não podem ser o que parecem? Céus, a sua vida era uma tremenda confusão.

— Tudo bem — disse ela, rouca. — Eu sei o que se passa entre ti e a Brooke.

— O quê?

— Eu vi-vos juntos na floresta, ontem.

Ele pareceu estupefacto.

— Na boa, Thad — assegurou-lhe ela, inspirando fundo para ganhar força. — Provavelmente não me quiseste dizer porque... bem, porque é bastante óbvio que eu e a Brooke não somos propriamente as melhores amigas. Mas esse problema entre mim e a Brooke não deve interferir na *nossa* amizade — argumentou, acenando para o espaço entre os dois. Hesitou quando ele se limitou a olhar para ela. — Pelo menos, é o que eu espero — acrescentou, hesitante.

— Céus, não. Claro que não — disse ele, agarrando-lhe no braço. — Desculpa. Só não estava à espera...

— Que eu já soubesse? — Ela riu-se, sem humor. — Pois, calculei.

A mão dele apertou-se mais no seu braço.

— Quero que saibas que se as coisas tivessem sido diferentes entre nós... se tivesses mostrado algum interesse em mim... quero dizer, conheço a Brooke desde que temos quatro anos. Vamos curtindo de vez em quando, já há quase dez anos, mas não é como se ela fosse a mulher da minha vida, ou coisa do género...

— Não tens de me explicar nada, Thad. Eu compreendo. A sério — garantiu-lhe ela, o óbvio desconforto do rapaz a deixá-la também incomodada.

— Não, Alice, ouve — insistiu ele, aproximando-se mais. Alice olhou diretamente para o peito dele quando Thad moveu a mão sobre o seu braço, a acariciá-la. O seu coração começou a bater com mais força.

— Mas eu *tenho* de te explicar — disse ele, rouco. — Porque... na verdade... acho que *tu* é que podes ser a mulher da minha vida.

Ela ergueu o queixo bruscamente. Os seus olhos cresceram quando percebeu como o rosto dele estava perto do seu. Um pintarroxo piou sonoramente num ramo próximo e depois silenciou-se de repente.

— Eu sei — disse ele num tom seco, obviamente a ver o choque no rosto dela. — É muito mau da minha parte estar a dizer isto quando tenho andado a dormir com a Brooke. Sou fraco. O que é que posso dizer? Sempre fui fraco. O miúdo rico e mimado. É o que a maior parte das pessoas diria, não é? É o que o meu pai diz, pelo menos — acrescentou com amargura. Abanou a cabeça com óbvia frustração consigo mesmo. — E eu mereço. Cada palavra. Estava a sentir-me sozinho. Estava a sentir-me rejeitado, porque sabia que não sentias por mim o mesmo que eu sinto. E a Brooke estava ali. Ela é bonita. Atraente. *Conhecida*. Os meus pais adoram-na. E ela tem algumas coisas boas, acredites ou não. Eu sei que ela nunca se deu ao trabalho de tas mostrar, mas...

— Tenho a certeza que sim — disse Alice, respirando fundo. Fez-lhe um olhar determinado. — E, sabes que mais? Vou esforçar-me mais para ficar a conhecê-la. Tens razão. Se tu gostas dela, é porque tem de ter algumas... *O que foi?* — interrompeu-se quando a expressão de Thad endureceu e ele a agarrou pelo outro braço.

— Tu não percebeste o que te estou a dizer — disse, inclinando-se para ela a ponto de Alice lhe sentir o hálito nos próprios lábios. — Eu não gosto assim tanto da Brooke. Sou um idiota. Só comecei a andar com ela quando percebi que estavas envolvida com o Dylan Fall.

O nome pareceu ecoar e vibrar nos ouvidos de Alice, no silêncio que se seguiu.

— Como... como é que soubeste...

— Achas que um tipo não repara quando a rapariga de quem gosta está completamente apaixonada por outro?

— Eu não estou apaixonada pelo Dylan — negou ela automaticamente. Por dentro da sua cabeça, um alarme começou a tocar. Foi percorrida por uma vaga de calor, um prelúdio do pânico, porque não era como qualquer outra mentira que tivesse dito na sua vida. Aquela mentira era *importante*. Parecia-lhe puramente errada, como uma violação da natureza, dizer o que acabara de dizer.

— Tu estás *louca* por ele — declarou Thad, a boca a revirar-se com amarga fúria. Deu um passo em frente. — E era sobre isso que queria falar contigo. Tens de ter cuidado com o Fall. Ele está a manipular-te. Ele esconde-te coisas, Alice.

— Não, não está — defendeu ela sem pensar, a voz a ficar mais

aguda. A frente do corpo de Thad estava agora a roçar o seu, e ela estava tão confusa. — *Agora* já não está!

— Não confies nele, Alice.

E depois a boca dele estava na sua, ao princípio dura e zangada... e depois quente e sedutora. No seu estado alterado, Alice perdeu-se por um momento. Era um bom beijo.

Não era o beijo de Dylan.

Odiava que Thad tivesse dado voz ao seu medo mais profundo. Não sabia se podia confiar em Dylan ou não, mas estava irremediavelmente apaixonada por ele. Era horrível e tremendo percebê-lo.

Recuou a cambalear, ofegante. De olhos fixos em Thad, levou os dedos à boca, estupefacta. A mágoa dardejou nos olhos de Thad.

— Alice...

Ela abanou a cabeça terminantemente, interrompendo-o. Deu meia volta e começou a fugir da clareira.

— Alice, tens de me ouvir. O Fall não está a ser honesto contigo.

— Quem é que *está*? — murmurou ela amargamente em surdina, sem nunca abrandar o passo.

Imaginara que o dia em que Dylan lhe falara de Addie Durand seria o mais inquietante da sua vida, mas não era.

Aquela manhã no bosque ficava com o primeiro prémio.

Kuvi ficou a olhar para ela, os olhos cor de avelã enormes com o choque. A noite caíra. Alice deixara os seus miúdos em segurança com a supervisora noturna. Estava sentada com Kuvi na pequena zona de estar da sua luxuosa cabana, ainda com a roupa que usara durante o dia no campo. A companheira estava estarelecida porque Alice acabara de lhe contar com quem passava as suas noites.

— Dylan Fall — repetiu Kuvi com pura incredulidade.

Alice riu-se.

— *O quê?* — perguntou Kuvi, sem dúvida surpreendida pelo súbito ataque de divertimento, após uma tão tensa declaração.

— Nada — disse Alice entre dois surtos de riso. — Estás a soar exatamente como eu quando a Maggie, a minha orientadora, em maio, largou a bomba de que eu ia ser entrevistada pelo CEO da Durand Enterprises, não pelo vice-presidente para os recursos humanos. Também fiquei assim.

— Mas isto é diferente. Isto é mais *estrondoso* — defendeu Kuvi, a olhar em volta da cabana como se nunca a tivesse visto antes. Olhou Alice nos olhos. — Tens andado a dormir com o *Dylan Fall*?

Alice limpou uma lágrima de riso da bochecha. Estava quase no limiar da histeria, sem dúvida.

— Eu sei. Também não conseguia acreditar que o Dylan estava interessado em mim — replicou.

— Não é isso — insistiu Kuvi. — Porque é que não havia de se interessar por ti? Tu és brilhante, e naturalmente bonita, e tens isso tudo aí — disse Kuvi, a acenar vagamente na direção dos seios de Alice. — Claro que não estou a dizer que é nisso que o Fall está interessado, embora tenha a certeza que também não faz mal nenhum — acrescentou quando viu Alice revirar os olhos. — Só queria dizer... *tu andas a dormir com aquele homem bom como o raio?* — Pegou numa almofada e atirou-a a Alice, um sorriso a romper por entre a sua incredulidade. — Eu *sabia* que havia alguma coisa entre os dois naquela noite no castelo. E o sexo, que tal?

— Kuvi — balbuciou Alice, num tom de repreensão.

— Esquece. É fantástico, não é? Basta olhar para ele para perceber que deve ser escaldante, e um bocadinho perigoso, também. Como é que tiveste tanta *sorte*?

— Chh, fala baixo — disse Alice, a olhar com nervosismo para a porta de entrada. Estava fechada, felizmente. Alice comprimiu a almofada contra a barriga num gesto ansioso. — Eu disse-te, mais ninguém pode saber disto, Kuvi. Imagina o que aconteceria se o Kehoe descobrisse.

Kuvi fungou.

— Tinha um ataque, o maldito ditador. Mas o que é que pode fazer, na verdade? Não pode despedir o Fall. Se te despedisse a ti, teria de enfrentar a fúria do Fall. Tenho ou não razão?

— Mas pode contar aos outros membros da direção. O Dylan é o principal acionista. Não podiam necessariamente despedi-lo, mas podem puni-lo de alguma maneira... sujar o seu nome na comunidade empresarial, se quiserem... ou talvez tornar as coisas tão desagradáveis que ele se veja obrigado a sair? E quem é que me vai levar a *mim* a sério, mesmo que o Kehoe não me despeça? Digamos que, por alguma razão, ele nem sequer me contrata como executiva para a Durand, depois do campo. Se se soubesse que estive envolvida com o CEO da empresa, toda a gente ia considerar-me uma anedota, não achas? Iam pensar em mim como a rameira da empresa, ou coisa do género — disse Alice, infeliz, recostando-se no canto do sofá e ainda agarrada à almofada.

— Ninguém que te conheça durante mais de dois minutos alguma vez poderia considerar-te uma anedota.

Alice fez uma careta.

— Obrigada. Para ser honesta, nem sabemos o que é que aconteceria se o Kehoe ou outra pessoa da administração descobrisse. O Dylan disse-me que nunca tinha feito uma coisa como esta.

— Acreditas nele? — perguntou Kuvi com um olhar significativo.

Alice olhou a amiga nos olhos.

— Sim.

Ela soltou um suspiro de alívio. Apesar de todas as dúvidas que sentira a respeito de Dylan nesse dia, acreditava nele quando dizia que nunca tinha dormido com uma funcionária da Durand. Alice era a exceção à regra. A *razão* para fazer dela a exceção era o que criava aquela sensação de pânico crescente no seu estômago. Infelizmente, nunca seria capaz de contar a Kuvi acerca de Addie Durand.

— Então, isto que há entre vocês os dois, deve ser mesmo uma coisa única. É, não é? — perguntou Kuvi, ainda a estudar o rosto de Alice. Apesar da sua provocação, Kuvi era brilhante e uma astuta observadora do caráter das pessoas.

Se soubesses como é mesmo única, a relação entre mim e o Dylan.

Alice anuiu.

— Tentei manter-me afastada dele. Mas... não consegui — disse, erguendo as mãos, repugnada pelo seu fracasso. — Sou maluca, não sou? Por ir ter com ele todas as noites?

— Não — disse Kuvi com uma sensação de ter acabado de fazer um julgamento final após deliberação. — Pode não ser sensato. Mas pressinto que isto é um tipo raro de atração... uma coisa demasiado poderosa para ser rejeitada. Captei um breve sinal naquela noite no castelo, mas só isso foi bastante convincente. — Pegou noutra almofada de cima do sofá e começou a revirá-la entre as mãos distraidamente. — Há coisas que são maiores do que a lógica, e o karma é uma delas.

— Eu não acredito em karma, nem em destino.

Kuvi encolheu os ombros.

— Então, acreditas em quê?

— Em mim mesma. — Suspirou pesadamente, a sentir-se como um molho de fios esticados que estavam prestes a rebentar. — Ou, pelo menos, acreditava.

— Qualquer coisa que te faça duvidar de ti própria merece uma séria análise. Então... vais? Esta noite? — perguntou Kuvi num tom cauteloso.

Alice estudou o rosto da amiga. Kuvi tinha razão.

— Não — disse, de repente com mais confiança do que sentia. — Tens razão.

Kuvi pestanejou.

— Eu não estava a tentar ter razão. Estava só a fazer uma simples pergunta!

— Mas tens razão quando dizes que tenho de ponderar seriamente qualquer coisa que me faça duvidar de mim mesma — disse Alice, decidida, a agarrar-se à vaga insinuação de Kuvi de que devia ser cautelosa na sua relação com Dylan. Levantou-se e atirou a almofada que tinha no colo para o sofá.

— Vou tomar um duche e deitar-me. Foi um dia extenuante — disse, dirigindo-se para a casa de banho.

— Vais mesmo deixar o Dylan Fall pendurado na floresta, à tua

espera? — perguntou Kuvi, a soar espantada.

— Disseste que precisava de espaço para examinar esta coisa com ele — disse Alice por cima do ombro.

— Eu *nunca* disse isso. Mas se não te vais encontrar com o Fall esta noite, talvez fosse isso que precisavas de ouvir.

Alice enfiou-se na casa de banho, demasiado esgotada para dizer exatamente o que precisava naquele momento.

Demasiado esgotada para *saber*.

Consultou o relógio da mesa de cabeceira quando o mostrador iluminado passou das 00:02 para as 00:03. Só dormira na cabana naquela primeira semana durante a sua formação, antes de se envolver com Dylan. Kuvi dormia sossegadamente. O silêncio total enervou-a, por alguma razão. Parecia fazer aumentar o nível do volume dos seus pensamentos, que gritavam agora na sua cabeça. Estava deitada há duas horas, o quarto envolto em escuridão, acordada e alerta.

Infeliz.

O que estaria Dylan a pensar da sua recusa em encontrar-se com ele no lugar combinado na floresta? Cada minuto das últimas duas horas e meia tinham sido passadas a perguntar-se isso mesmo, vez após vez. O facto de não conseguir agarrar-se a uma resposta certa só fazia aumentar a sua insónia.

Virou-se para o outro lado, apoiando-se sobre o cotovelo para esmurrar a almofada já plana. Fez uma pausa quando ouviu um pequeno ruído, ficando em alerta, o punho enfiado entre as pernas.

A porta exterior fez outro ruído. Sentiu o coração saltar-lhe para a garganta com o som da fechadura a ser puxada. Ouviu o suave sussurro da porta a abrir-se e depois o baque suave quando voltou a ser fechada. Sentou-se na cama, as costas direitas como um fuso, preparada para voar pelo outro lado da cama.

A luz do teto acendeu-se.

Dylan estava dentro do quarto, a mão ainda no interruptor da luz. Na outra mão trazia um molho de chaves. *Claro* que ele tinha a chave daquela cabana. Era o dono da propriedade, não era?

A noite estava fresca. Ele usava um par de calças de ganga e camisa de ganga com um aspeto macio que contrastava com o seu longo corpo duro. O queixo era ensombrado pela barba por fazer, dando-lhe aquele sombrio ar de pirata que ela adorava, mas também a intimidava. A sua boca estava comprimida numa linha severa.

O cérebro estupefato de Alice deixou-a temporariamente muda.

— Vamos — limitou-se ele a dizer.

— *O quê?* — guinchou ela, a voz mal acima de um sussurro. Ambos olharam para a cama de Kuvi. *Merda*. Kuvi estava a soerguer-se, e esfregou os olhos e olhou, incrédula, a visão de Dylan Fall parado no meio da sua cabana.

— Peço desculpa por acordá-la — disse Dylan. — Isto vai levar apenas um minuto. Alice? — dirigiu-se a ela num tom firme. — Esperei até o campo ficar em silêncio, mas não vou esperar mais.

— Não podes entrar aqui e esperar que me levante e vá contigo! — exclamou Alice, mal conseguindo manter a voz num volume baixo.

— Espero, sim. Porque foi isso que concordámos, não foi? — perguntou ele em voz baixa, dando um passo na sua direção, o brilho de fúria nos seus olhos brilhantes a fazer a sua pele arrepiar-se de trepidação e crescente excitação. *Sim*. Excitação. Vê-lo na sua cabana, tão sólido e belo e exigente excitava-a, apesar de tudo. — Concordei em deixar-te voltar para aqui, como se estivesse tudo normal, desde que tu concordasses em passar as noites e os fins de semana comigo no castelo. Esta noite quebraste a tua promessa.

Ela olhou ansiosamente para Kuvi, que estava agora a observar aquela tensa conversa com os olhos cor de avelã muito abertos.

— Não tem de se preocupar com a Alice — disse Dylan a Kuvi, com um pequeno sorriso a revirar-lhe os lábios. — Ela fez um acordo comigo.

Alice cerrou os dentes no silêncio que se seguiu enquanto ambos olhavam para ela na expectativa.

— Não vou contigo — insistiu.

— Queres que te leve ao colo? — A ansiedade dela aumentou quando não conseguiu perceber se Dylan estava a brincar ou não.

— *Experimenta* — sibilou ela.

— Talvez prefiras que eu passe a noite aqui, então? — perguntou Dylan, dando outro passo na direção da cama.

Ela praguejou entre dentes e atirou com as cobertas para trás.

— Que conveniente da tua parte ires para a cama vestida — disse Dylan quando ela se levantou, o seu olhar a percorrê-la no que pareceu a Alice uma expressão insolente. Ele estava a insinuar que ela sabia que a iria buscar, como alguma espécie de homem das cavernas. Ela usava um par de calções de correr macios e uma *T-shirt*.

— É o que eu visto para dormir.

O seu ligeiro encolher de ombros parecia dizer tudo. *Agora já não*.

Dylan sabia perfeitamente que ela não usava nada na cama quando estava com ele.

— Alice? — perguntou Kuvi, hesitante.

— Está tudo bem — garantiu Alice, a olhar para Dylan, carrancuda. Kuvi não podia saber que ela e Dylan discutiam daquela maneira, de vez em quando, e que era inofensivo.

Bem. Relativamente inofensivo, pelo menos.

Dirigiu-se a bater com os pés para a casa de banho e fechou a porta com um *bang* sufocado. Deixara ali os seus ténis. Que Dylan ficasse sem saber muito bem o que ela estava a fazer. Parecia demasiado arrogante na sua confiança de que ela o acompanharia de volta ao castelo.

Tinha demasiada razão.

Depois de lavar desnecessariamente as mãos e a cara, abriu a porta da casa de banho, agora de sapatos e meias. Dylan olhou, parando o que quer que estava a dizer a Kuvi. A companheira estava sentada na cama, o lençol apertado por baixo das axilas. Parecia muito mais calma e estava até a sorrir. O que quer que Dylan lhe tinha dito tranquilizara-a.

O olhar de Dylan mergulhou nos ténis dela.

— A Kuvi disse que lhe contaste o que se passa. Se confias nela, eu também confio. Ela disse-me onde tinhas as tuas chaves — disse Dylan, estendendo-lhe o seu porta-chaves. — Vamos trancar a porta quando sairmos.

Alice fez a Kuvi um olhar de «obrigadinha, traidora». A colega respondeu com uma expressão impotente e um encolher os ombros. Alice revirou os olhos. Não podia censurá-la. Não havia muitas pessoas capazes de resistir ao charme e escaldante beleza de Dylan.

Ela certamente não era capaz, reconheceu com amargura para si mesma, enquanto a sua mão se unia à dele e Dylan desligava a luz. Por mais que o tentasse, nunca conseguia dizer-lhe não por muito tempo.

Seguiu-o para fora da cabana, os seus movimentos furtivos e silenciosos mais uma vez a uni-los. O poder do laço partilhado parecia vibrar no ar abafado enquanto seguiam pelo caminho até à cobertura das árvores. Ou talvez fosse o conhecimento da fúria e preocupação de Dylan perante o seu comportamento enervado nesse dia e o seu estado altamente volátil que fazia aumentar a sensação de eletricidade a crepitar entre os dois. A sua ansiedade foi aumentando até já não conseguir suprimi-la. Parou, puxando a mão de Dylan, quando

chegaram ao trilho não iluminado que conduzia ao estábulo.

— Nunca mais faça isso — desafiou-o baixinho.

— Nunca mais faça isso *tu*. Desafia-me, se isso te faz sentir mais no controlo da situação, Alice, mas não penses que vou ficar parado se me negares *isto*.

Ela engoliu em seco ao ouvir a sua rápida e sucinta resposta. Era óbvio que a tinha mesmo na ponta da língua. Dylan deixara claro que só concordaria em deixá-la retomar a sua vida como monitora no Campo Durand se ela passasse as noites com ele no castelo. Recordou mais uma vez a ansiedade de Dylan a respeito da sua segurança. Não era uma coisa daquela noite.

Era uma coisa com vinte anos.

Dylan parecia bizarramente convencido de que a ameaça à sua segurança permanecia. Era como se, depois de passar todos aqueles anos a preocupar-se, não conseguisse agora quebrar o hábito.

Quando ela não respondeu, ele retomou a apressada e silenciosa caminhada pela noite escura. A breve conversa só amplificara a tensão entre ambos. O coração de Alice iniciou uma corrida errática. Sabia o que ia acontecer quando chegassem ao quarto de Dylan. As suas emoções a fervilhar encontrariam uma escapatória no sexo volátil. Receava-o.

Queria-o tanto que sentia que se ia desfazer com a força do seu desejo.

Alice e Dylan não falaram durante a cada vez mais familiar, sombria e furtiva caminhada por entre a floresta, subindo a vertente da colina e passando pelas portas do terraço do castelo Durand. Ele nem sequer proferiu uma palavra enquanto fechava a porta do seu quarto, trancava-a, levava Alice para o lado da cama e baixava a intensidade da luz.

Nem quando começou a despi-la.

Por aquela altura, Alice tremia com a força de ansioso desejo.

Tentou ajudá-lo a desapertar-lhe o sutiã, mas ele limitou-se a agarrar-lhe nos pulsos e a baixar-lhe de novo os braços. Ela olhou o seu rosto, vendo-lhe a expressão fixa enquanto a despia. Ainda estava zangado. Alice via-o gravado nas suas feições duras. Também continuava zangada.

Mas, como sempre, esta necessidade elétrica, esta inexplicável pulsão que experimentavam um pelo outro, esmagava tudo o resto.

Apesar da óbvia irritação com ela, o toque dele era suave, quando lhe desapertou o sutiã. As pontas dos seus dedos percorreram-lhe o lado dos seios com ligeireza enquanto removia as copas. Ela estremeceu, os mamilos a ficarem dolorosamente retesados, mesmo com aquela subtil carícia de pele contra pele. Reparou no olhar dele sobre os seus seios nus e fechou os olhos, embaraçada e excitada com a exposição, sabendo que ele testemunhara a violência do seu desejo.

Quando a tinha despidido por completo e ela ficou ali na sua frente nua, o tremor amplificou-se.

— Deita-te na cama — disse ele.

Ela foi varrida pelo alívio ao ouvir a ordem. Deitada, talvez ele não reparasse na forma como estava a tremer. A sensação de alívio intensificou-se quando se reclinou contra as almofadas e ele abriu a gaveta de uma mesa de cabeceira, retirando duas algemas pretas com correntes.

Acalmou-a e excitou-a, sentir o cabedal suave contra os pulsos... sentir a sua força e solidez. Resignara-se ao facto de que render-se era

a sua única opção, no que dizia respeito a Dylan. Ajudava, porém, saber que, com as algemas, ela não tinha outra escolha senão submeter-se.

Ele prendeu-lhe os pulsos à cama. Quando terminou, estava deitada, nua, com os braços por cima da cabeça, os cotovelos ligeiramente dobrados e pousados confortavelmente ao lado da cama. Ele endireitou-se e parou ao lado da cama, a olhar o corpo ali acorrentado... a demorar-se.

Alguma coisa no seu olhar fez com que ela voltasse a cerrar os olhos com força.

Tão quente. Tão possessivo.

Ele posicionou-se por cima dela, ainda completamente vestido. Ela fez um sufocado som de desejo quando o sentiu plantar as mãos no colchão acima dos seus ombros.

— Olha para mim.

A voz de Dylan era brusca, com uma ponta de impaciência no seu tom.

Ela obedeceu, tentando desesperadamente acalmar a respiração irregular. Ele sustentou-lhe o olhar enquanto baixava os braços. A sua cabeça escura aproximou-se. Alice gritou de impotente e cortante excitação quando ele lhe sugou um mamilo ereto e o lambeu avidamente com a língua. Ergueu uma mão e moldou-lhe o seio que estava a sugar, as suas ações focadas e ávidas. As ancas dela agitavam-se sobre a cama, à medida que a excitação crescia entre as suas coxas.

— Dylan — chamou desesperadamente ao fim de um momento, mas ele estava perdido na sua tarefa de a consumir. Apertou-lhe o peito lascivamente enquanto lhe torturava o mamilo com a língua. Beijou-lhe a pele arrepiada com suavidade e veneração nos lábios, para depois voltar a sugá-la avidamente. Alice contorcia-se por baixo dele, a gemer o seu nome até os seus gritos se tornarem cada vez mais desesperados.

— O que foi? — perguntou ele abruptamente, e Alice percebeu que o entoar do nome dele rompera por fim a barreira da luxúria na sua mente.

Ela descerrou as pálpebras, e conteve a respiração com a visão daquele homem. Ele segurava-lhe os seios com as mãos grandes e possessivas. A boca estava ligeiramente contorcida — não de fúria, reconheceu Alice, mas de apetite interrompido. Os globos dos seios dela pareciam pálidos ao lado das suas mãos, os mamilos avermelhados e húmidos. Ela quase voltou a fechar os olhos com a

potência da visão.

— O que foi? — repetiu ele, os polegares a deslizar lentamente sobre os seus mamilos.

Ela tentou recuperar as pontas do seu autodomínio em farrapos.

— Não tenho a certeza se posso confiar em ti — acusou ela num sussurro tenso.

Quase mordeu o lábio para acalmar a angústia quando os polegares dele se imobilizaram nos seus mamilos molhados.

— O que é que queres dizer com isso? — Ela experimentou uma rajada da gelada fúria que Sebastian Kehoe devia ter sentido naquela manhã, perante Dylan.

Porque é que sentira necessidade de lhe dizer aquilo agora, naquele momento íntimo? Sentia-se em carne viva. Tão vulnerável.

Foi por isso mesmo que o fizeste.

— Alice?

Ela abanou a cabeça sobre a almofada.

— Percebi isso hoje. Foi por essa razão que não vim ter contigo.

A expressão dele ensombrou-se.

— O que foi que aconteceu? Alguém te disse alguma coisa? O Jim Sheridan? O Kehoe?

— Não. Não é nada disso. Ninguém me disse nada. Porque é que tiveste de te comportar como um Neandertal paranoico hoje na floresta? Não confias no Jim Sheridan? Pensei que eram amigos.

— Nós somos amigos. E confio nele. Tive as minhas razões, Alice.

Ela esperou pelo resto, de sobranceiras arqueadas. Suspirou de frustração quando ele continuou calado e implacável.

— Estás a ver? É por isso que não confio em ti. Estás sempre a esconder-me coisas. *Sempre*. Além disso... não sei se confio em alguém. Completamente.

As palavras desafiadoras soavam débeis até aos ouvidos dela. Pareceram ficar a pairar no ar entre eles, inadequadas e fracas.

— Queres estar aqui? Comigo? — perguntou ele.

— Tu sabes que quero. Mas estou tão confusa.

— Achas que não sei o que é isso? Ter de confiar só porque uma pessoa de autoridade me diz que tenho de o fazer? — Abanou a cabeça. — Ainda sou melhor do que tu a duvidar, Alice.

O olhar dele desceu pela garganta e peito de Alice, até ao ponto onde as suas mãos lhe agarravam os seios. Os mamilos dela ficaram hirtos com o peso do seu olhar.

— O teu corpo confia em mim. Mesmo que a mente não consiga

— disse ele, sombrio, após um momento. — Para alguém como tu, para alguém como *nós*, confiar não vem por atacado. Vem por fases. E isto — acenou com a cabeça para o corpo nu e afogueado na sua frente — é um começo.

Percebia o que ele queria dizer. Dylan tivera uma infância tão dura quanto a sua. Ambos tinham aprendido da pior maneira que confiar significava muitas vezes ficar magoado.

Mas não confiar também doía. Dylan estava a ensinar a Alice essa lição pela primeira vez na sua vida.

— Desculpa — disse ela tristemente, porque vira o clarão de dor no seu rosto quando lhe dissera que não confiava nele, apesar da sua resposta forte. Magoara-o, e essa noção magoava-a a ela, por sua vez. — Mas pensei que tinha de te dizer. Parecia-me justo.

— Mas vieste esta noite. Para isto? — perguntou, e as mãos nos seus seios apertaram-se ligeiramente.

— Sim. — Ela mordeu o lábio inferior quando ele voltou a massajar-lhe os seios e a acariciar-lhe os mamilos com os polegares. Estava agachado sobre ela, as coxas fortes abertas, as virilhas suspensas a um centímetro acima do seu baixo ventre e sexo. Quando retomou as carícias dos seus seios, ela sentiu-lhe o pénis a entrar em contacto com a sua pele, à medida que o peso da sua ereção crescia. Gemeu, o fugidio toque do desejo de Dylan a atormentá-la. — Vim por ti — confirmou numa voz aquecida. — Vim porque preciso de ti.

— Mesmo que não confies em mim? — perguntou num tom duro e seco, ainda a moldar-lhe os seios com as mãos e a acariciar-lhe os mamilos com as pontas dos dedos.

O calor varreu-lhe o peito e a face.

— Não é suficiente que esteja aqui? Que te deixe atares-me a esta cama? Que te deixe fazeres-me tudo o que quiseres? — perguntou ela desesperadamente.

As mãos mágicas de Dylan abrandaram o ritmo. Sustentando-lhe o olhar, ele passou as pontas dos dedos contra os seus lábios afogueados.

— Tudo o que quiser?

— Tudo o que quiseres — sussurrou ela, a excitação a crescer.

— E dizes que não confias. — Disse isto tão baixinho que, por um momento, Alice julgou não ter ouvido bem.

A cabeça dele baixou de novo, e os pensamentos dela estilçaram-se quando o sentiu beijar-lhe os seios e as costelas e a barriga, pausando para a saborear com a ponta da língua ou morder suavemente a curva da sua anca. A pele dela arrepiou-se. Puxou as

algemas, contorcendo-se na cama, mas as correntes permaneceram seguras — prendendo-a na cama para o prazer.

Tornando impossível fugir. Ela adorava-o por saber como precisava daquilo. Em especial naquela noite.

Não houve provocação, nem um lento crescendo até ao êxtase — ou, pelo menos, não houve muito. Num segundo, a língua de Dylan era uma pena a percorrer-lhe uma anca, e no segundo seguinte, estava a mergulhar entre os seus lábios vaginais e a lambê-la o clítoris vigorosamente. O corpo de Alice contraiu-se. Soltou um grito de surpresa. O prazer foi quente, transbordante, intenso. Ela contorceu as ancas, não necessariamente querendo escapar, mas a encolher-se por instinto para se proteger do ataque das sensações.

Dylan agarrou-lhe as ancas e manteve-a presa à cama, exigindo um alvo imóvel. Virou a cabeça para procurar um novo ângulo para atormentar com o firme domínio da sua língua. Ela levantou a cabeça das almofadas, a observá-lo. Ele lambia-lhe e agitava-lhe o clítoris, as ações ousadas e lascivas num momento, suaves e tranquilizadoras no seguinte. A sua boca aplicava a mais concisa mas subtil sucção. Todo o corpo de Alice estava tolhido de prazer. Era como se ele a preenchesse de prazer, com cada movimento, cada segundo que passava, a fazer aumentar a insuportável fricção.

Por fim, ela quebrou, e estremeceu entre as mãos dele.

Mesmo enquanto se debatia para recuperar do seu orgasmo, sentiu-o introduzir um dedo na sua abertura. Comprimiu-o sem pensar, ainda nas palpitações do seu clímax.

— Isso mesmo. Estou a sentir-te a vires-te para mim.

Alice abriu os olhos para o descobrir a olhá-la no rosto. Os olhos dele brilhavam de luxúria. Os lábios firmes e sensuais, o queixo e o nariz brilhava com os seus sucos. Ela soltou um pequeno gemido ao olhá-lo assim, outro arrepio de prazer a percorrê-la. Ele acariciou-a mais acima com o dedo, a boca a entreabrir-se de excitação. Inclinar-se mais sobre ela, e agora estava ajoelhado entre as suas coxas abertas. Sentiu uma súbita pressão atrás do joelho. Ele estava a fazê-la dobrar as pernas, os pés a ficarem pendurados no ar. Com o novo ângulo, o dedo mergulhava com mais firmeza. Ela gemeu ao ouvir o som dele a mover-se no seu sexo.

— Estás a ouvir isto, não estás? — rosnou ele, inclinando-se de novo para baixo entre as suas coxas afastadas e beijando o pelo húmido por cima do seu clítoris, a ligeira pressão e a promessa de mais prazer a fazê-la gemer e puxar as algemas. Ele continuou a

acariciá-la com o dedo.

Alice ficava tão perdida quando estava com ele. Lutara contra a sensação de impotência durante toda a sua vida. Não conseguia imaginar porque ansiava tão obcecadamente pelo abandono, no que dizia respeito a Dylan.

Ele retirou o dedo e ajoelhou-se, ainda posicionado entre as coxas dela. Alice observou-o com atenção, contendo a respiração, ansiosa pelo próximo movimento. A *desejar* o seu próximo movimento. Ele enfiou o antebraço entre as pernas e coxas dela até à parte de trás dos seus joelhos e empurrou ligeiramente para trás, expondo-lhe a parte de trás das pernas e as nádegas. Baixou a outra mão e voltou a introduzir um dedo no seu sexo, as ações precisas e firmes. Enquanto a fodia com o dedo, usou o polegar para pressionar pequenos círculos no seu clítoris escorregadio.

— Oh — gemeu ela, porque o seu clítoris começou a palpitar de novo sob o toque seguro de Dylan.

— Sabe bem? — balbuciou ele.

Ela pressionou as ancas ritmicamente contra o polegar que a acariciava e o outro dedo que a penetrava.

— Mais do que bom. É fantástico, foda-se. — O pequeno sorriso no rosto dele era sexo destilado.

— Queres vir-te outra vez?

— Estás a gozar? *Quero*. — Girou as ancas parcialmente suspensas com mais força contra a divina pressão dos dedos dele.

— Então, só um minuto. Primeiro, quero que faças uma coisa por mim — murmurou ele.

Alice desviou o olhar para o rosto dele quando o sentiu retirar o dedo e parar o delicioso movimento no seu clítoris.

— O quê? — quis saber, um pouco brusca, por ser privada de uma tão doce e crescente pressão. Ele levou o dedo lubrificado ao seu rabo.

— Confia em mim — disse ele baixinho.

Alice ficou inteiramente imóvel, concentrada na sensação da ponta do dedo pressionada contra o seu rabo e nas três palavras dele. Um gemido escapou-se da sua garganta. Estaria ele a aplicar uma pressão mais firme? Sabia-lhe bem aquela estimulação, ao seu corpo excitado, um tipo diferente e proibido de fricção. As suas faces inundaram-se de um novo calor e o seu clítoris começou a ferver.

Desavergonhada, disse uma voz divertida na sua cabeça. *Estás ávida até por isto, com ele*.

— Alice?

Pestanejou ao ouvir a tensão no tom de Dylan. Ocorreu-lhe que ele estava tão concentrado e expectante como ela, naquele momento — talvez mais ainda. Olhou-o nos olhos.

— Eu disse-te que confiava em ti para fazeres o que quiseses nesta cama — sussurrou.

Sem alterar a sua expressão, ele introduziu a ponta do dedo no rabo dela. Alice conteve a respiração.

— É mais do que a maior parte das mulheres deixaria fazer, mesmo depois de passarem anos com os maridos — disse, a observar-lhe atentamente o rosto. — Tens noção disso, não tens?

— O que é que eu posso dizer? — perguntou ela, trémula, porque ele tinha acabado de enfiar o dedo até à primeira articulação. Era estranho, senti-lo tocá-la ali. Senti-lo penetrar-lhe o rabo ao mesmo tempo que a prendia com o olhar era quase avassaladoramente íntimo... embora nunca conseguisse dizer-lhe isso. — Não sou a maior parte das mulheres.

— Não és tão forte como finges ser, por vezes.

— Nem tu — defendeu-se Alice.

Ele enfiou mais o dedo. Alice conteve um gemido. Um músculo palpitou no rosto dele.

— Estás tão quente e apertada.

— Vais foder-me aí?

A boca dele inclinou-se com aquela tentativa de ousada impertinência.

— Tão decidida a provar que tens razão, não és? Tão decidida a ser destemida.

— Estás a dizer que devia ter medo de ti?

— Não. Estou a dizer que devias confiar em mim. És *tu* que consideras essa perspetiva assustadora.

Retirou o dedo e desceu parcialmente por cima dela, para abrir a primeira gaveta da mesa de cabeceira. Alice ficou ali deitada, a resposta dele a silenciá-la por completo. Dylan endireitou-se e retirou a tampa do que ela reconheceu como um tubo de lubrificante. A sua expressão parecia concentrada e dura, enquanto ele lubrificava generosamente dois dedos. Alice achou a visão dos seus dedos longos e fortes a brilhar do líquido ao mesmo tempo intensamente erótica e intimidante.

Ele voltou a apertar a tampa e a atirar com o tubo para o lado no colchão. Depois colocou uma mão na sua perna e puxou-lhe suavemente as ancas para trás.

— Tenta descontrair — disse.

Ela começou a dizer qualquer coisa sarcástica, mas a sensação do dedo a introduzir-se no seu rabo silenciou-a. Ao princípio, sentiu um pequeno desconforto. Prendeu o olhar no dele, como se julgasse que isso a poderia salvar. Os olhos de Dylan eram tão profundos e enigmáticos. Tão hipnotizantes. Sentiu-o introduzir o dedo até ao primeiro nó e depois, devagar, começar a fodê-la com ele.

Os lábios dela entreabriram-se com excitado espanto, e um gemido escapou-se da sua boca.

— Isso mesmo, deixa-te levar — disse ele, a observar a sua expressão como um falcão. — Mantém as ancas puxadas para trás — pediu, soltando-lhe o joelho.

Ela gemeu audivelmente. Ele começou a massajar-lhe o clítoris com o polegar da mão esquerda. Estava muito escorregadio. Quente. Depois penetrou-lhe o rabo com mais firmeza. Mais depressa.

Ela olhou-o, incrédula. Ele parecia satisfeito.

— Eu sei que és virgem, neste sentido — disse ele ao fim de um minuto a estimulá-la.

— Como é que sabes? — arfou ela.

— Pela tua reação. Na primeira vez que te toquei aqui.

Ela recordou o incidente de que ele estava a falar. Fora na primeira vez que fora ao castelo Durand. Dylan tocara-lhe no rabo num momento particularmente intenso. Alice sobressaltara-se com a sensação desconhecida, traindo a sua ingenuidade.

— Só fiquei surpreendida — disse ela, num sussurro. Havia qualquer coisa na estimulação anal combinada com a do clítoris que a estava a deixar a arder. As faces e os pés suspensos no ar começavam a esquentar. Os seus mamilos estavam duros e doridos. O clítoris, em chamas.

— Agora já não estás surpreendida — disse ele, e Alice reparou no olhar fixo nos seus seios e mamilos eretos. — Agora o outro dedo.

Os olhos dela abriram-se mais quando ele inseriu o segundo dedo lubrificado. Fez um gritinho trémulo.

— Abre-te para mim, querida. Não resistas. Vai ser mais fácil — instruiu ele. Alice tentou obedecer. O polegar dele pressionou com mais firmeza o seu clítoris. Mais depressa. Como se tivesse carregado num botão mágico, ambos os dedos deslizaram por completo para o interior do seu rabo.

— Oh — exclamou ela suavemente com a sensação de preenchimento e pressão. Ele começou de imediato a fodê-la com os

dedos.

— Que rabinho tão bom, tão apertado — disse ele, a voz embargada de desejo. Observou-se a penetrá-la. A excitação de Alice atingiu um novo auge.

— Fode-me aí. Estou pronta.

— Estás com tesão. Não é o mesmo que estares preparada — retrucou ele, ainda a observar os seus dedos a entrar e a sair do rabo dela, concentrado.

— Não, não... Estou pronta — arfou ela. Ergueu as ancas, para conseguir mais fricção no rabo e no clítoris. Fechou os olhos, a gozar o seu prazer, à procura do alívio. — Sabe tão bem. Vou-me vir. Fode-me com o teu pau grande. *Por favor.*

Tau.

Os olhos dela abriram-se de rompante com a ardente palmada na sua nádega. Dylan estava a olhar para ela, os olhos tempestuosos, as narinas ligeiramente dilatadas, a boca bem cerrada.

— Sua hedonistazinha.

A boca dela abriu-se de surpresa com aquelas palavras. Não conseguia perceber se Dylan estava zangado ou a elogiá-la. Conhecendo-o como conhecia, imaginou que fosse as duas coisas. Havia uma ponta selvagem no seu tom. Ele levou a mão à virilha e esfregou o considerável volume ali.

— Pode doer — disse-lhe, a olhá-la nos olhos enquanto massajava a sua ereção por cima das calças de ganga.

— Muito? — perguntou ela, a incerteza a insinuar-se por entre a sua excitação.

— Não muito. Vou ter o máximo cuidado, nesta primeira vez. Mas agora não é a altura de me testares. Compreendes, Alice? — perguntou ele, o queixo hirto.

— Sim — disse ela, um pouco acobardada perante a sua intensidade.

— Não sabotes isto. Não tentes provar a ti mesma que não devias confiar em mim.

— O quê? Nunca faria isso! — negou ela acaloradamente. Precisou de um momento para perceber o que ele lhe estava a dizer. Dylan temia que ela o provocasse até ele se descontrolar, para depois usar isso como outra razão para desconfiar dele.

— Não — disse ela, agora mais sóbria. — Não o vou fazer. Prometo-te.

Ele removeu os dedos do rabo dela e abriu o fecho das calças.

Alice estacou perante a visão do pênis ereto a empurrar-se contra as boxers brancas. Ele parecia enorme. *Céus, em que é que te foste meter agora?*

A ansiedade dela cresceu quando o viu retirar o pau de dentro da roupa interior. O pau que estava duro e afogueado, a cabeça macia, gorda, e delineada desde a haste. Ansiava por senti-lo, ao mesmo tempo que o temia. Ele agarrou a base da rígida ereção e acariciou toda a sua extensão. Ergueu o olhar, de pau na mão, e reparou na expressão dela.

— Vou ser o mais cuidadoso que posso. Desta vez.

Aquelas duas últimas palavras pareceram um pouco ameaçadoras, mas também excitantes. O sexo de Alice contraiu-se com força. Ele baixou o olhar, como se reparasse na sua tensão. O seu rosto parecia sombrio, enquanto ele desabotoava a camisa e a despiu com uma flexão de músculos duros. Não tirou as calças nem a roupa interior. Ficaram arregaçadas por baixo dos seus testículos redondos e rapados, fazendo com que o pau parecesse ainda mais intimidante.

Ao vê-lo lubrificar a sua ereção, sabendo o que estava prestes a fazer com ela, Alice ficou a pairar entre fervilhante desejo e borbulhante ansiedade.

O corpo de Dylan parecia tenso como uma mola, quando ele se instalou entre as suas coxas. Mais uma vez, usou o antebraço para lhe empurrar mais os joelhos contra o peito e puxar-lhe as ancas para trás. Ela fez um pequeno grito quando ele voltou a mergulhar os dedos no seu rabo. Olhou-a nos olhos enquanto a fodia firmemente com os dedos.

— Não vou entrar muito nem com força. Mas vou foder-te o rabo, e vai-te saber tão bem, Alice.

— Está bem — conseguiu ela dizer, um pouco atordoada com o poder que sentia nele, naquele momento, toda a energia sua contida. Porque seria louca a ponto de a querer ver libertada?

Ele fez uma pausa e inclinou-se sobre ela. Um momento depois, a tensão na sua mão direita diminuiu. Ele soltara a algema da corrente que a prendia à cama.

— Toca-te — ordenou, endireitando-se de novo entre as suas coxas. — As minhas mãos vão estar ocupadas.

Ela fez com todo o gosto o que lhe era pedido, os dedos retomando a anterior tarefa. Estava tudo bastante quente e escorregadio entre as suas coxas. Ele observou-a com atenta concentração por um momento enquanto ela massajava o clítoris, os

seus olhos lustrosos a cintilar. Depois usou a mão esquerda para lhe puxar as ancas mais para trás. Os joelhos dela estavam agora a menos de um centímetro dos seus mamilos, os pés suspensos no ar. Ele aproximou-se mais.

— Não pares — ordenou sucintamente, quando ela parou de estimular o clítoris porque ele acabara de retirar os dedos do seu rabo para pressionar a ponta do pau no seu lugar. Ele olhou-a.

— Não vai funcionar — deixou Alice escapar. De certeza que Dylan tinha de perceber isso. O seu rabo era muito mais sensível do que se tinha apercebido. Podia sentir perfeitamente o contorno do pau dele contra a sua abertura. — Nunca vai...

— Vai, sim — replicou ele. — Com um pouco de tempo e paciência. Confia em mim.

— Mas...

Ele limitou-se a abanar a cabeça uma vez e ela calou-se.

— Toca-te. Por favor. Vais precisar — disse ele.

Lentamente, Alice começou a mover os dedos. Sabia bem, por mais precária que fosse a situação. Ou talvez estivesse excitada *por causa* do risco. Alice nunca se considerara uma provocadora, mas desde que ia para a cama com Dylan que viera a perceber que gostava do picante de um desafio sexual.

Ele agarrou-lhe com mais força a perna direita, mantendo-lhe o corpo imóvel.

— Faz força contra mim — instruiu. Ela obedeceu. Ele fletiu as ancas.

— Au — balbuciou Alice. Foi percorrida por uma faísca de dor intensa.

— Desculpa. Já está.

— Estás dentro?

Ela pestanejou quando ele soltou um pequeno ronco. Ergueu o olhar, inebriada pela visão do sorriso de Dylan. Ele parecia-lhe tão belo, naquele momento. O seu corpo musculado tenso como um arame; o brilho da transpiração no tronco rígido a dizer-lhe não só como ele estava excitado, mas também como controlava a sua excitação. O seu sorriso era um forte contraste com a anterior expressão sombria.

Estás tão perdida.

— Afirmativo. Primeira fase da missão cumprida — disse ele, a meter-se com ela por causa da sua pergunta prática a respeito da mecânica do que estavam a fazer.

Por esta altura, porém, Alice já sabia a resposta. Sentia a cabeça do pénis dele dentro de si — cheia e a palpitar. A sua mão moveu-se mais depressa entre as coxas. Era indescritivelmente excitante, sentir Dylan num sítio tão privado.

— Estás bem? — perguntou-lhe ela, porque pensou que a careta no rosto dele era de dor.

Dylan virou o queixo, limpando um pouco de suor que se formara no seu lábio superior com o ombro.

— Sabes extremamente bem — respondeu, e ela percebeu que a sua expressão vinha da dor da contenção. — Mais importante, tu estás bem?

— Já não dói.

Ele anuiu uma vez e usou a mão livre para lhe agarrar a parte de trás da coxa. Segurando-a firmemente com as duas mãos, fletiu mais as ancas. Alice gemeu quando ele a preencheu mais.

— Estás bem? — perguntou, parando.

— Estou — apressou-se ela a garantir, com medo que ele parasse. O clítoris fervilhava por baixo dos seus dedos. Os pés suspensos contraíram-se no ar. As solas estavam quentes. Gemeu mais quando a sua excitação atingiu um novo pico. — Mais, Dylan. Mais.

Ele introduziu o pénis até meio da haste. Oh, céus, ela sentia-se tão preenchida por ele. Tão excitada. Fletiu as ancas, pressionando-se contra ele, querendo mais...

A mão dele deslizou da coxa dela para a nádega. Espancou-a. Duas vezes.

— Fica quieta — vociferou por entre os dentes cerrados. Ela parou de mover o rabo contra o pau dele, mas a sua mão moveu-se mais depressa entre as coxas. Dylan reparou.

— Põe a mão no colchão. Já, Alice — disse ele com severidade. Ela cerrou os dentes. Foi preciso um esforço monumental para fazer o que ele pedia, semelhante a obrigar-se a saltar para um lago gelado. Ele reparou na sua expressão de rebeldia, quando a mão dela bateu contra o edredão. — Eu digo-te quando podes voltar a pô-la ali.

Depois começou a fletir as ancas, penetrando-lhe o rabo suavemente. A boca de Alice abriu-se perante a incrível excitação. Sabia tão bem; e, ao mesmo tempo, a intimidade era tão intensa que quase parecia insuportável. Avassalada, virou a face, pressionando-a contra a almofada. Pensou que ele ia exigir que o olhasse, como costumava fazer quando estavam no ardor do sexo, mas não aconteceu. Em vez disso, Dylan continuou a fodê-la com curtos

movimentos fluidos no rabo. Talvez soubesse precisamente o que estava a fazer, porque Alice descobriu que virar a cara não diminuía em nada a profunda carnalidade da experiência.

Ficou vagamente consciente de que não conseguia parar de gemer. Estava tão preenchida com ele. Dylan pressionava-se contra cada célula do seu ser, naquele momento.

Emocionava-a o facto de o conseguir acomodar daquela maneira. Embora se sentisse tão preenchida, tinha noção de que ele se estava a conter. Com cada movimento das suas ancas, ele entrava mais fundo, mas mesmo assim não a penetrava por completo. Embora a segurasse com firmeza, ela começou a ondular subtilmente as ancas. Sentia a enormidade dele dentro de si. Enorme e excitante, como se fosse rebentar a cada momento da volatilidade do momento.

— Mais — gemeu. — Mais, Dylan.

— Vais ter o que eu te der.

Ela virou a cabeça na almofada para o ver, atraída pela tensão na sua voz profunda. Por um momento, limitou-se a olhar para ele, ofegante, hipnotizada pelos seus olhos cintilantes enquanto a fodia.

— Tens a cara e os lábios tão cor de rosa. Estás a gostar, não estás?

— Sim — silvou ela. Ele deu-lhe uma palmada na nádega, e depois massajou-a, ao mesmo tempo que a prendia para firmar os seus movimentos.

— Sim, isso é tão bom, foda-se — murmurou ele, com a voz tensa, a ver-se penetrá-la. Depois olhou para a cara dela. Abalou-a totalmente o monumental esforço que Dylan estava a fazer para não aliviar o seu desejo óbvio, como o selvagem que ela sabia que ele podia ser. — Esta noite, vou com calma contigo — disse Dylan, com a voz rouca. — Noutra noite, posso foder-te com mais força. Mas vais aguentar, seja como for. Compreendeste? Porque vais confiar em mim.

Ela limitou-se a acenar com a cabeça, demasiado absorvida para discutir ou fazer perguntas. Queria agora suplicar-lhe que a possuísse com mais força, dar-lhe rédea solta. Mas sabia que ele não o faria. Era ele que controlava as rédeas, não ela. E estava a provar-lhe uma coisa. Estava a ensinar-lhe uma lição, e ela não tinha outra opção senão ficar ali deitada e aceitar.

Não experimentou mais dor, mas a pressão era intensa. Fazia-a ranger os dentes. Os gemidos vibravam-lhe na garganta enquanto continuava a investir, firme mas superficialmente, não permitindo que ela se movesse nem a fração de um centímetro.

— Queres tocar-te, agora? — perguntou ele, rouco, passado um momento, os seus movimentos a tornarem-se um pouco mais rápidos, traindo a sua crescente excitação.

— *Sim*.

Ela abriu os lábios e expirou em trémulo êxtase quando se acariciou. Estava a tremer. Sentia o seu creme em volta dos dedos.

Ele era tão belo, naqueles tensos momentos, os músculos enormes e definidos, tensos até ao ponto de rutura com a pressão entre pura luxúria e contenção. Sentiu-o investir mais depressa e com um pouco mais de força. Alice gemeu de satisfação.

Estava tão quente, tão pronta para a combustão. O seu corpo contraiu-se.

— Oh, céus. Sabe *tão*...

Começou a estremecer no orgasmo, os seus pés a fletirem-se no ar.

— *Bem* — rosnou Dylan, terminando a sua frase por entre dentes cerrados. Penetrou-a com mais força, fazendo Alice gemer. As mãos apertaram-se na coxa dela. — Se tivesses alguma ideia do que queria fazer contigo neste momento, Alice.

Outra onda de prazer percorreu-a. No meio do seu clímax, ainda estava consciente de que ele se estava a conter. Odiava isso.

— Então, faz — gemeu, a tremer. — Fode-me com força.

— *Calada* — exigiu ele, ainda a entrar no seu rabo com movimentos firmes, mas medidos. Ela contorceu-se de novo, puxando o braço acorrentado, a cabeça a erguer-se da almofada. Ele segurou-a com mais força.

— Oh, Jesus, sabe tão bem — fez, a voz rouca.

Alice voltou a descair sobre as almofadas, a arquejar, arrepios de prazer residual ainda percorrer o seu corpo. Respirou fundo. A mão que estivera a usar para se tocar caiu molemente sobre o colchão. Olhou para ele, hipnotizada pela evidente selvajaria acorrentada no rosto atraente de Dylan enquanto a continuava a foder. Um estranho anseio cresceu dentro de si, uma poderosa emoção difícil de nomear.

Uma ruga de tensão formou-se no queixo e face esquerda de Dylan.

— Vem-te — ordenou. *Suplicou*.

Um gemido gutural arrancou-se da garganta dele. Apesar do seu estado saciado, a pele húmida de transpiração de Alice arrepiou-se de excitação.

Sentia-o tão perfeitamente dentro de si, de uma forma ainda mais aguda do que na sua rata. A sua excitação disparou para um frémito

de ansiosa expectativa quando ele a agarrou ainda com mais força e o seu pau inchou, enorme.

Ele olhou-a nos olhos enquanto se vinha. Manteve a boca bem fechada, mas ela viu a contração dos seus músculos. Adorava que ele se mantivesse quase totalmente imóvel enquanto ejaculava, investindo apenas ligeiramente ao longo do seu prazer, exibindo uma fantástica dose de controlo.

Adorava e odiava.

A selvagem dentro de si, aquele indomável lado secreto que partilhava com Dylan, quisera que ele a possuísse forte e impiedosamente.

Embora ele a tivesse possuído por completo, reconheceu Alice um momento mais tarde. Perdera-se no palpitante desejo, enquanto Dylan permanecera controlado no leme.

Ele deixou o queixo descair para o peito, a tentar recuperar o fôlego. Alice ficou deitada, imóvel, a observar, fascinada, enquanto os rígidos músculos do abdómen dele abrandavam e os seus tendões tensos se descontraíam. Mais uma vez, lembrou-se da energia que ele despendia, não só com o exercício de fazer amor, mas com o tão grande esforço de contenção.

Passado um momento, ele ergueu o rosto e retirou-se.

Alice gemeu com um ligeiro desconforto. Sentira apenas excitação quando estavam unidos, mas agora...

Talvez ele tivesse tido razão em ir com calma.

— Não precisavas de me poupar — disse ela, a voz espessa e rouca da saciedade. — Mas obrigada, de qualquer maneira.

Ele percorreu-lhe o rosto com o olhar, demoradamente. Em que estaria a pensar? Por vezes Alice sentia que o podia ler como um livro aberto. Noutras — como agora — o livro permanecia bem fechado.

Ele soltou-lhe as pernas, deixando os seus pés descer.

— Anda — disse, num tom curto, inclinando-se para lhe soltar o braço. Pairou sobre ela e depois desceu, a sua boca a roçar na de Alice. Esta respondeu instintivamente ao beijo delicioso, deslizando os lábios contra os dele. — Vamos tomar um duche.

Apesar das suas palavras, fez uma pausa para lhe morder suavemente o lábio inferior e demorar-se ali. O seu cheiro e sabor preencheu-a, fazendo com que aquela inexplicável sensação de desespero e desejo inchassem dentro de si.

Após um langoroso duche quente a dois, Alice sentia-se como se todos os seus músculos estivessem a derreter. Como habitual, Dylan conseguira fazer dissipar toda a inquietação, dúvida e incerteza do seu corpo.

Quando ele se deitou na cama ao seu lado e desligou a luz, Alice enroscou-se no arco do seu corpo nu como um gatinho em busca de calor.

— Alice?

— Sim?

— Estás preocupada com o Jantar de Antigos Alunos, de amanhã à noite?

As suas pálpebras pesadas abriram-se de rompante.

Merda. O Jantar de Antigos Alunos: um evento semiformal que teria lugar na casa de Dylan. Vários antigos monitores e atuais bem-sucedidos executivos da empresa eram convidados para conhecer a atual turma de monitores. Dizia-se que algumas palavras de influentes antigos alunos podiam fazer a carreira de um monitor na Durand. Alice sabia deste evento — em teoria, pelo menos — desde que recebera o pacote informativo do campo Durand, ao ser contratada como monitora. Mas, com tudo o que se vinha a passar, a sua segunda visita oficial ao castelo Durand parecera sempre demasiado distante no futuro.

— Tinhas-te esquecido? — perguntou-lhe Dylan quando ela não respondeu de imediato, porque o seu cérebro começara a andar às voltas naquele remoinho cada vez mais familiar. Seria tão estranho andar pelos corredores do castelo Durand como se apenas lhe fossem vagamente familiares... tratar Dylan como o distante padrão demasiado afastado da sua esfera para ser considerado sequer um conhecido.

— Não — mentiu. — *Tu* estás preocupado com isso?

— Não é com isso. É contigo — disse ele, com a sua típica frontalidade. — Correu tudo bem, hoje?

Ela franziu o sobrolho ao ouvir o tom cauteloso na sua voz.

— Foi um dia perfeitamente normal... tirando todo aquele incidente na floresta — acrescentou, sombria, em surdina.

— Devo inserir aqui o meu pedido de desculpas? É disso que estás à espera? — perguntou ele, o humor a tingir-lhe a voz. Ela limitou-se a ficar a olhar a escuridão, carrancuda.

— Está bem, estou a ver que nenhum de nós vai pedir desculpas por agora. Não estou à espera que peças desculpa por teres fugido sozinha para a floresta. — Alice revirou os olhos e fez um som de aborrecimento, que Dylan ignorou. — Outra coisa, fiz uma marcação no Morgantown Memorial para ires fazer análises ao sangue. É às quatro horas da tarde de sábado. Eu levo-te ao hospital. O Dr. Shineburg vai transferir todas as amostras para uma clínica especializada em Chicago para o teste genético. Os resultados demoram quatro a seis semanas, por isso mais vale começar já.

Ela ficou em silêncio, mas talvez Dylan reparasse na sua tensão, porque começou a acariciar-lhe o braço e o ombro.

— Mudaste de ideias a respeito deste teste?

— Não. Quero fazê-lo. Quero ter a certeza.

— Então, em que é que estás a pensar?

— Dylan, porque é que estás tão preocupado comigo? Eu percebo porquê no passado, mas porquê *agora*?

— Referes-te à razão por que fui à floresta hoje, quando o Rigo me contou que Jim Sheridan estava lá? Ainda estás à espera que me defenda?

— Acho que mereço uma explicação, sim.

Mais uma vez, ele não disse nada.

— Dylan?

— O Jim era o xerife em Morgantown quando a Addie Durand foi raptada — começou ele lentamente. — Apoiou-me ao longo dos anos... encorajou-me a não desistir de procurar a Addie.

Ela ficou imóvel, a absorver não só as suas palavras, mas a tentar decodificar o que ele não estava a dizer.

— Isso é bom, não é? — perguntou.

— Claro que é. Não sei o que teria feito sem ele.

— Então porque é que foste para a floresta e saltaste daquela maneira para cima dele? Pensei que eram amigos.

— O Jim é um bom polícia. Excelente, na verdade. Ontem à noite, reparou como eu estava tenso. Contigo — acrescentou após uma pausa. — Ele foi lá hoje para te ver porque pressentiu que se estava a

passar alguma coisa comigo. Estava à procura de respostas.

— Ficaste estranho, ontem, quando aquele alarme disparou — balbuciou Alice, desconfortavelmente consciente de que se estava a desviar do assunto relevante. Franziu o sobrolho para a escuridão, a tentar firmar a sua determinação. — *Não podes* pensar que o Jim Sheridan estava a relacionar ontem à noite com Addie Durand. A relacionar-me *a mim* com a Addie Durand — acrescentou com relutância.

— E se o estiver a fazer? Eu disse-te, ele é um polícia excelente. É provável que já tenha reparado na parença entre ti e a Lynn.

Ela sobressaltou-se.

— Eu sou parecida com a Lynn Durand? — Aquela declaração aparentemente casual parecia, na verdade, uma bomba a rebentar dentro dela.

— Sim. E parece que estás a ficar cada vez mais.

— Como?

— À medida que o teu cabelo vai crescendo e ficando mais claro, e vais largando um pouco dessa maquilhagem pesada — replicou ele, sombrio, e ela sentiu a sua distração. — O que eu quero dizer é: estás pronta para responder às perguntas do Jim Sheridan? Estás pronta para ver o FBI ser notificado, e lidar com as ramificações da sua chegada aqui para encerrar por fim uma investigação de vinte anos?

— Não — exclamou ela, o receio a fazê-la dar um pequeno pulo e virar-se parcialmente para Dylan.

— Aí tens. Foi por *isso* que não quis que o Jim descobrisse a verdade. Por enquanto.

Durante vários segundos, ela ficou numa posição tensa, a sua mente a revisitar o que ele lhe tinha dito. Não. Alice não estava, definitivamente, preparada para ter vários agentes da autoridade a interromper a sua vida com perguntas a que não se sentia pronta para responder.

A que não *sabia* responder, porque nem ela própria encarara ainda por completo a realidade dessas perguntas.

Dylan irrompera por aquela floresta com um objetivo. E o objetivo era tentar protegê-la.

Ela voltou a recostar-se nas almofadas.

— Acho que podes ter tornado as coisas piores, com o teu comportamento com o Jim. Ele pareceu ainda mais desconfiado.

Alice ouviu o suave grunhido de irritada concordância de Dylan.

— Tenho noção disso. Talvez ainda esteja dividido quanto a

contar ao Jim. Ele merece saber a verdade, mas eu sei que tu não estarias preparada para enfrentar as consequências de lhe dizer. Naquele momento, pensei que mais ninguém o teria impedido de te interrogar senão eu. Fiquei preocupado.

— Eu estou bem — disse Alice com um suspiro tenso. Ele puxou-a mais contra o seu corpo. Ela cerrou os olhos com força quando uma emoção se expandiu no seu peito. E pareceu subir para o seu cérebro até começar a palpitar-lhe nos ouvidos.

Eu estou bem. A voz continuava a repetir-se no seu cérebro, fazendo-a estremecer. Soara como se estivesse a tentar convencer-se a si mesma, tanto como a Dylan.

Alice já estava de pé quando Dylan acordou na escuridão que precedia a aurora. Vestiu-se num atordoamento semiconsciente. Quando saiu da casa de banho, viu Dylan à sua espera à porta do quarto. Quando se aproximou, ele passou-lhe um saco sem uma palavra.

— O que é isto?

— É para logo à noite. O Jantar de Antigos Alunos.

Ela abriu o saco e espreitou para o interior. Viu um tecido preto. Quando o retirou, percebeu que era um lindo e sofisticado vestido de *cocktail*, uma peça elegante que nunca teria tido o bom gosto de escolher, quanto mais dinheiro para comprar. Era um dos vários vestidos que ele lhe comprara na semana anterior.

Raios. Ele reparara como ela se sentira desconfortável com o seu vestido de verão no último evento semiformal no castelo Durand. A ideia mortificou-a.

— E há mais — disse ele, a voz grave a emanar à direita dela a fazer a pele da sua orelha se arrepiar.

Incapaz de o olhar por ter medo de o deixar vê-la naquele misto de vergonha e excitação, enfiou a mão no saco e retirou uma caixa retangular de veludo negro. Lá dentro estava um lindo colar de pérolas. Ficou a olhar o colar por um momento antes de engolir em seco e olhar para ele.

— Sim. *Podes.* São teus — disse ele sucintamente, prevendo a sua resposta. Percebera que ela lhe ia dizer que não podia aceitar os presentes.

Vários dias antes, Dylan surpreendera-a com um pequeno mas espantoso novo guarda-roupa. Isso fora antes de lhe falar de Addie Durand. Agora deixava-a pouco à vontade, pensar nos seus presentes.

Talvez Dylan esperasse que ela se adequasse mais ao papel de herdeira.

Pesou se devia recusar ou não os artigos. No final, aceitou o vestido: de rosto franzido, exausta e altamente hesitante. A verdade, pura e simples, era que não tinha mais nada que vestir. Estivera tão distraída que se esquecera do jantar de Antigos Alunos, e ambos os seus vestidos de verão estavam no cesto da roupa suja.

— Mais uma coisa — disse Dylan antes de saírem pela porta. — Dá-me as tuas chaves.

Ela fez-lhe um olhar desconfiado, mas passou-lhe o porta-chaves. Ele retirou uma chave do bolso das calças e enfiou-a no aro de metal. Ergueu-lhe a mão direita e enfiou-lhe as chaves suavemente na palma.

— Tu sabes o código de segurança. Agora tens a chave para entrar no castelo. Se esta noite te sentires estranha por estares aqui como convidada, isto é apenas um lembrete de que és tudo menos *isso*.

Aquelas poucas horas de sono não tinham sido, definitivamente, suficientes. Continuou a sentir-se uma zombie durante toda a caminhada com Dylan pelo campo, e, quando entrou furtivamente na sua cabana, lavou-se e vestiu roupa lavada. Ainda estava atordoada quando se encontrou com Terrance Brown para a sua corrida matinal. O sol nascente fazia a floresta parecer em chamas. Terrance reparou de imediato no seu rosto pálido e olhos toldados.

— Então, Alice. Supostamente, devias ser tu a pessoa saudável, aqui. Estás de ressaca, ou coisa do género? Andaste na borgia, ontem à noite? — gracejou Terrance, com um enorme sorriso.

— Na *borga* — balbuciou Alice com negro sarcasmo. — Quem é que tem tempo para andar na *borga*?

Despertou um momento mais tarde, quando se juntou a Terrance a fazer alongamentos na praia. Terrance não parecia estar a fingir, mas a tentar genuinamente aquecer os músculos para a corrida. Talvez as suas tentativas para o fazer aderir aos benefícios do exercício estivessem a resultar. Pelo menos ele aparecia de livre vontade nas suas corridas matinais, o que já significava alguma coisa. Não era fácil fazer acordar um rapaz de quinze anos ao nascer do sol.

No fim da corrida, Alice acompanhou Terrance até à cabana da Equipa Vermelha, querendo falar com a supervisora noturna antes de ela sair. Depois de reunir com Crystal, abriu a porta para a sala de convívio quase deserta. Ouviu de imediato Terrance, Matt Dinorio e

Justin Arun a sussurrar com ares de conspiração numa mesa a um canto.

— Dizem que este ano montaram uma espécie de sistema de alarme secreto para impedir as pessoas de a roubarem — ouviu Matt sibilar. — Não é tão fácil como foi para o Ormitz e o McCaron e aqueles tipos da Equipa Dourada no passado. Acho que não conseguimos.

— Tu és um tangas. Ninguém ia desperdiçar tanto dinheiro e esforço no raio de uma cabra. Vocês disseram que a Equipa Vermelha nunca a conseguiu. Temos de tentar — insistiu Terrance.

— Não, a sério. Se te aproximas... *Bum*. Os alarmes começam a tocar e, quando dás por ti, estás atrás das grades na cadeia de Morgantown.

Alice estacou, preocupada e confusa com a conversa dos rapazes. Justin e Matt eram ambos «veteranos» no campo Durand. Eram espertos, enérgicos e muitas vezes traquinas, mas não mais do que a maioria dos adolescentes. Ela considerava Terrance parecido. Mas não os julgava capazes de qualquer infração grave. É certo que Matt estivera envolvido em vários pequenos crimes, anos antes. Vinha de um bairro muito problemático e envolvera-se com pessoas muito pouco recomendáveis. Mas, desde que começara a frequentar o Campo Durand, a sua vida mudara e as notas tinham melhorado significativamente.

— De que é que estão para aí a falar? — perguntou Alice em voz alta, entrando na sala.

Os rapazes sobressaltaram-se.

Claro que ela não conseguiu arrancar-lhes nada para além de risos desconfortáveis e alguns murmúrios ininteligíveis. Alice estava a ponderar separá-los para um interrogatório mais cerrado, mas deteve-se no último minuto. Alguma coisa lhe disse que seria mais sensato seguir outro caminho.

Quer dizer... uma cabra? A sério?

E não tinha já ouvido alguém dizer qualquer coisa sobre uma cabra, recentemente? Ocorreu-lhe então: fora Jim Sheridan, no dia anterior, que estivera a gracejar com dois miúdos de Kuvi sobre uma cabra.

Claro que era alarmante ouvir os seus miúdos falarem sobre um roubo, mas aquela história tinha de ter por trás mais alguma coisa que Alice não estava a perceber. Sentia-se confusa, acima de qualquer outra coisa.

Mencionou o incidente ao almoço nesse dia, quando estava sentada com Kuvi, Thad e Dave Epstein. Dave sorriu.

— Eu sei de que é que estão a falar. O Salinger contou-me depois de eu ouvir os meus miúdos fazerem umas referências enviesadas e a comportar-se como se eu fosse demasiado estúpido para reparar — disse Dave, referindo-se a Aidan Salinger, um gestor da Durand. — Há outro campo ao longo da costa, chamado Campo Wildwood, e a mascote deles é uma cabra. Chamam-lhe *Bang*.

— *Bang*? — perguntou Alice, sem perceber, detendo a sua sanduíche de frango a poucos centímetros da boca.

— A coisa baseia-se toda numa velha história. O Campo Wildwood costuma fazer um espetáculo de fogo de artifício na última noite. Um verão, há umas décadas, uma cabra selvagem entrou na barraca onde guardavam o fogo de artifício e comeu alguns dos foguetes. — Dave encolheu os ombros. — Podem imaginar o resto. A *Bang* fez *bang*. — Fez um som de explosão e um gesto com as mãos que implicava fragmentos a ser disparados em todas as direções.

— Que nojo. Vocês, americanos, têm um sentido de humor muito retorcido — declarou Kuvi quando Thad e Alice desataram a rir.

— A sério? Uma cabra selvagem? Por aqui? Onde é que as encontram, ao pé das vacas e ovelhas selvagens? — perguntou Thad, a olhar de Kuvi para Alice, incrédulo. Alice estava engasgada de riso e pousou a sua sanduíche.

— Sim, eu sei — assegurou Dave, baixando a voz para fazer abrandar o espetáculo que estavam a dar na sala de jantar apinhada. — Se aconteceu ou não, não interessa. A *Bang* é muito famosa por aqui. Tornou-se tradição alguns dos miúdos do Durand lá entrarem à socapa para roubarem a *Bang* quando ambos os campos estão em funcionamento. Devolvem-na no dia seguinte numa canoa, por isso não há nenhum problema real.

— Eles arranjaram *outra* cabra, depois de fazerem explodir a primeira? — perguntou Kuvi, parecendo escandalizada.

— Não — conseguiu Dave responder por entre acessos de gargalhadas. Thad, Dave e Alice tinham desatado de novo a rir com a pergunta incrédula de Kuvi. Por vezes, o inglesismo de Kuvi fazia-a parecer mais sofisticada do que qualquer outro dos monitores, mas, de vez em quando, ela era adoravelmente ingénua no que dizia respeito às idiossincrasias americanas. — Eles têm uma pequena estátua da *Bang* — continuou Dave. — Está instalada no meio do seu terreno comum, mesmo no centro de todas as cabanas. Como os miúdos e

pessoal do Campo Wildwood sabem que os do Campo Durand vão tentar roubar a *Bang* uma noite, tem-se tornado cada vez mais difícil fazê-lo. Os miúdos de Wildwood têm tornado a defesa da sua mascote uma arte. A tentativa do ano passado falhou, e acabou com dois veteranos da Equipa Dourada a serem levados para a prisão de Morgantown. A culpa foi deles. Puseram-se a refilar e foram mal-educados quando foram apanhados. Quase andaram à porrada. Saíram pouco depois da cadeia com uma repreensão. O Campo Wildwood não apresentou queixa e ficou tudo bem. Antes de isso acontecer, os gestores da Durand e o Kehoe fechavam os olhos ao fenómeno da *Bang*, tendo em conta que é uma tradição do Campo Durand, e que os miúdos são mesmo assim, blá, blá, blá. É o que fazem há anos. Diz-se até que há pontos secretos atribuídos à equipa que consegue roubar e depois devolver a *Bang*. Há montes de antigos alunos com a nostalgia da cabra.

— Glorificar a tradição do roubo desde que ninguém seja apanhado no local do crime — comentou Kuvi. — Que lindo.

— Oh, vá lá — discordou Alice. — São miúdos de quinze e dezasseis anos a divertir-se num campo de férias. Consigo pensar num da minha equipa a quem só faria bem um bocadinho de rebeldia adolescente, uma vez na vida. Não estamos a falar de atacar alguém. — Estava a pensar em Noble D. Era demasiado sério. A sua adolescência ia desvanecer-se muito depressa. Desde os dez anos que D assumira a liderança da família, depois de o irmão mais velho ter levado um tiro. D tencionava tornar-se pastor, depois de terminar os seus quatro anos numa faculdade Baptista. Antes de dar por isso, D seria um pio reverendo, e as suas oportunidades para ser um miúdo despreocupado desapareceriam para sempre.

— Concorde — disse Dave. — Mas depois de os dois tipos terem sido apanhados no ano passado e começado a discutir, as coisas mudaram. Este ano estão a desencorajar quaisquer incursões ao Campo Wildwood. Acho que o Kehoe lançou o boato de que a *Bang* estava armadilhada com um alarme, só para deter o pessoal do Durand a meter-se em mais sarilhos. Vou ter de falar com os meus miúdos sobre o assunto esta tarde, mas não sei se vai fazer alguma diferença. Parece que a Equipa Dourada é conhecida por ser a mais estratégica e bem-sucedida nas aquisições da *Bang*.

— Deves estar tão orgulhoso — disse Thad, trocista.

— Os miúdos dele devem estar — disse Alice em defesa de Dave, que parecia mesmo orgulhoso ao falar da sua equipa. — O Matt, o

Terrance e o Justin soavam mesmo invejosos, e *não* estavam contentes por a Equipa Vermelha nunca ter conquistado essa honra.

— Se consideras uma honra ir para a cadeia — disse Kuvi, enfiando uma batata frita na boca.

— Uma vez que nunca foi efetuada nenhuma queixa, acho que é exatamente o que os meus miúdos pensam. É preciso tomates para fazer aquilo. Só preciso de convencê-los de que não existe qualquer honra em serem idiotas mal-educados. Então, o que é que acham do Jantar de Antigos Alunos desta noite? — perguntou Dave, a olhar casualmente de um lado para o outro para verificar se não havia nenhum gestor da Durand por ali. — Acham que devíamos ficar nervosos por sermos vistos ao microscópio pela Rede dos Velhotes?

— Já que estamos a usar oxímoros, também vai haver algumas Velhotas. E alguns que não são assim tão velhos — disse Kuvi, lançando um olhar vincado a Dave. Ele encolheu os ombros numa concessão. Kuvi sorriu-lhe. — Acho que não vai ser assim tão mau — continuou Kuvi. — Ando com a impressão de que os executivos da Durand que foram monitores aqui têm uma tremenda nostalgia pelo campo. Vejam só este exemplo da *Bang*. Provavelmente vão estar mais interessados em contar-nos histórias sobre os bons velhos tempos do que qualquer outra coisa. Não estou demasiado preocupada com isto.

— E tu, Alice? Pronta para mais uma borga na casa grande? — perguntou Dave, usando o garfo para enfiar o resto da salada na boca. Como estava ocupado, não reparou nos olhares ansiosos que tanto Kuvi como Thad lhe lançaram. Porque é que toda a gente a achava uma desequilibrada mental?

Porque é assim que tens andado a comportar-te, ultimamente.

— Preferia ir ao dentista. É uma coisa que tenho de fazer e pronto. O que é que vais vestir esta noite, Kuvi? — perguntou Alice, com um ar descontraído, para desencorajar mais preocupação não desejada da parte de Thad ou Kuvi. Já estava suficientemente perturbada por ter de fazer o papel de estranha na casa de Dylan...

...Por fazer o papel de estranha numa casa onde, supostamente, já vivera e fora amada.

— **Q**ue linda que está esta noite, Alice.

Alice pestanejou, surpreendida, e virou-se.

— Sidney. Não sabia que ia cá estar esta noite — disse ela, soando ao mesmo tempo afogueada e satisfeita quando o psiquiatra lhe deu um breve beijo na face.

— Sou demasiado velho para ter frequentado o Campo Durand, mas tenho aconselhado antigos alunos durante muitos anos, dado o meu lugar na administração.

Alice sorriu.

— Bem, o homem que aconselha os homens e mulheres do topo merece, definitivamente, um lugar de honra.

Não via Sidney desde o dia em que Dylan lhe falara de Addie Durand. Parecia um pouco surreal — e embaraçoso — olhar agora o rosto enrugado e atraente de Sidney e os seus bondosos olhos cinzentos. Ela desmaiara na sua frente. Além disso, vê-lo ali, no glamoroso ambiente da grandiosa sala de jantar do castelo, enfatizava a realidade do dia em que Dylan lhe contara o rapto de Addie. A visão do psiquiatra parecia fazer colapsar os seus dois mundos separados, criando uma sensação de dissonância interna em Alice.

Sidney sorriu e acenou cordialmente a outro homem grisalho que estava a passar com uma mulher carregada de joias pelo braço. Depois levou a mão ao cotovelo dela e conduziu-a suavemente para uma parte desocupada da sala.

— Disse a algumas pessoas por aí que conheci o seu pai na Marinha, para explicar a minha familiaridade consigo — disse, mais baixo do que o zumbido geral de conversas da festa. — A ideia foi do Dylan. Espero que não se importe. Não é mentira, afinal de contas.

Mais uma vez, aquela estranha sensação no seu espírito. Alice pigarreou e brincou com o fio de pérolas que Dylan lhe dera. De alguma forma, achou tranquilizadora a sensação dos globos frios e macios entre a pele.

— Desculpe. Se calhar não devia ter dito isto — disse Sidney, o

olhar atento sobre o seu rosto.

— Não, claro que não — assegurou-lhe ela. — Então... esteve mesmo na Marinha com o Alan Durand?

— Sim. Conhecemo-nos quando estávamos ambos numa base naval em Guam. Eu fui seu comandante durante ano e meio. Um homem tão bom. Tão cheio de energia e determinado. Incrivelmente inovador, um homem que não tinha medo de arriscar. Teria gostado dele.

— Sei que gostava de viajar.

— O Alan era um cigano, por dentro — disse Sidney com um sorriso afetuoso. — Só a Lynn poderia ter conseguido fazê-lo assentar.

— E a Addie — disse Alice muito baixinho.

Sidney anuiu. O seu olhar sobre ela era intenso, mas não cauteloso, como tantas vezes o de Dylan. Era algo reconfortante saber que o psiquiatra não acreditava que ela estava sempre à beira de se despedaçar.

— Embora a Addie só tenha chegado treze anos depois de o Alan e a Lynn se encontrarem. Eles quiseram criar família de imediato, mas não conseguiam conceber. Todos aqueles anos de tentativas sem sucesso despedaçaram a Lynn... e o Alan, também. Ele sentia-se tão impotente, ao vê-la sofrer. Ela ansiava por ser mãe. Durante algum tempo, tornou-se uma sombra de si própria. Eu tive medo que a sua dor acabasse por os afastar.

— Oh. Isso é horrível.

— Acabou por correr bem — assegurou-lhe Sidney com um sorriso. — Ao fim de alguns anos de indecisão, acabaram por resolver adotar. Tinham dado início ao processo quando a Lynn descobriu que estava grávida. Por vezes estas coisas acontecem. Quando é tomada uma decisão alternativa, desaparece algum do stress e, *voilà*. O casal dá por si com um bebé a caminho.

— Devem ter ficado tão felizes — disse ela, atordoada. Estava a tentar com todas as suas forças ignorar uma crescente corrente de ar nos seus ouvidos. Mas estava também curiosa...

— Ficaram em êxtase. Nunca tinha visto duas pessoas tão arrebatadas. Acreditavam *verdadeiramente* que tinham sido abençoados com um milagre. E essa sensação de bênção nunca diminuiu. Só crescia, a cada dia que a Addie estava com eles.

E depois tudo desabou em cima deles, naquele dia terrível.

Sentiu-se abalada por um tremor de emoção. O que aquelas pobres pessoas deviam ter experienciado no dia em que a filha fora raptada.

Como o seu pânico e medo devia ter crescido nos dias e semanas seguintes. Nos anos. A dor devia ter sido esmagadora.

— Por favor — disse a um empregado que ia a passar. Devolveu o copo de vinho a meio. — Obrigada — murmurou antes de ele seguir o seu caminho.

O seu olhar passou por cima do ombro de Sidney e foi atraído inexoravelmente para a figura alta e formidável de fato preto do outro lado da sala, a dominar as atenções num pequeno círculo de três mulheres e dois homens. Não falara com Dylan toda a noite, e não tinha a certeza se queria sequer tentar, com tantas pessoas curiosas no jantar. Alice podia jurar que havia olhos a seguir todos os seus movimentos toda a noite. No segundo seguinte, acusou-se de estar a ser paranoica. Não estava a ser observada, pelo menos não mais do que todos os outros monitores que estavam a competir por posições permanentes nas Durand Enterprises.

Embora Alice soubesse que não devia demonstrar óbvio interesse por Dylan, os seus olhos pareciam mover-se na sua direção por moto próprio. Ele atraía a sua atenção como um íman.

Talvez fosse injusto dizer que ele estava a dominar as atenções naquele momento, porque isso implicaria uma tentativa ou procura da sua parte de dominar num círculo de ávidos ouvintes. Alice não conseguia ouvir o que ele estava a dizer, mas reconheceu a atitude: aquela absoluta mas muda sensação de confiança. O poder de Dylan era tal que ele nunca precisava de ser fanfarrão nem exibicionista.

Mesmo atento aos seus ouvintes, o seu olhar fixou-se de súbito nela. Estaria a imaginar, ou tinha mesmo visto qualquer coisa dardejear nos seus olhos? Uma pergunta? Uma preocupação?

— Espero não a ter perturbado com a conversa sobre o Alan e a Lynn — disse Sidney, interrompendo os seus pensamentos e acenando com a cabeça na direção do empregado que se afastava com o seu copo de vinho.

— Não, claro que não. Só que estou com fome. O vinho estava a cair em estômago vazio.

— Sim, imagino que o exercício físico que faz todos os dias no campo resulte num apetite muito saudável — disse Sidney, a sorrir.

— Nada como andar atrás de adolescentes para fazer acelerar o nosso metabolismo.

Sidney riu-se.

— Sabe, seria compreensível que o assunto dos Durand a deixasse perturbada. Mas não sei muito bem se é aconselhável evitá-lo para

sempre.

Alice ficou um pouco surpreendida por ele ter regressado ao mesmo tópico.

— Sim, eu julgo que tem razão. Mas só porque concordo consigo isso não muda o facto de me sentir como sinto quando ouço falar sobre os Durand — disse Alice vincadamente. Sidney anuiu, e ela pensou que ele a compreendera. Tentara dizer-lhe que não sentia qualquer ligação pessoal com a criança que Sidney e Dylan alegavam que fora em tempos. Era desconcertante aperceber-se de que, ultimamente, andava a esforçar-se tanto para convencer outras pessoas desse facto.

— Por vezes é difícil falar destes assuntos no mundo diário, onde há tantas coisas para nos distrair. Gostava de convidá-la para vir conversar comigo no meu escritório em Morgantown, quando quiser. Eu arranjo-lhe uma vaga, mesmo se estiver muito cheio. Pode ser bom para si ter um pequeno espaço livre de distrações para explorar estas coisas. Ou então posso indicar-lhe um bom terapeuta local.

Alice pestanejou.

— Hum... acho que não vai ser necessário, mas obrigada pela sua oferta.

— Pense nisso — disse Sidney, os olhos cinzentos suaves mas intensos. — Tem muitas coisas para resolver na sua vida, e o dobro delas para a distrair.

Olhou em volta da grande sala de jantar. Teria o seu olhar pousado em Dylan?

Alice não respondeu, porque não sabia muito bem como. O feitiço da seriedade de Sidney foi quebrado quando ele olhou em volta.

— Ah, ótimo. Estão a mandar-nos sentar.

Levou uma mão às suas costas e guiou-a para as mesas iluminadas por velas.

A sala de jantar onde Alice tinha entrado na sua primeira visita à casa sofrera uma transformação. Toda a parede do fundo, apainelada a madeira, fora puxada para o lado para expor uma área adicional, duplicando o espaço e expandindo a já espaçosa sala numa espécie de salão de baile. A longa mesa formal fora removida. No seu lugar tinham sido colocadas cerca de uma dúzia de mesas circulares cobertas com toalhas brancas e candelabros de prata.

Havia cartões com nomes nas mesas. Ela ficou pouco

entusiasmada por ficar sentada ao lado de um antigo aluno com um ar venerável chamado Jason Stalwalter, mas contente por ver Thad aparecer no outro lado. Mais ou menos contente, pelo menos. Sim, o que acontecera na floresta no dia anterior ainda a deixava incomodada. Mas Thad era um amigo, afinal de contas, apesar de todas as outras... *coisas*. Não conseguia evitar sentir-se tranquilizada pelo seu rosto familiar.

— Subornei o Dave para trocar de lugar comigo — sussurrou-lhe Thad diretamente ao ouvido depois de serem feitas as apresentações e todos se instalarem nos lugares designados. — O Stalwalter é o vice-presidente regional para o *marketing* e vendas. Tenho estado toda a noite a tentar conhecê-lo.

Alice ensombrou-se um pouco com isto. Não fora muito pró-ativa a tentar conhecer pessoas e fazer-se conhecer. Desprezava a ideia de se promover. Se ao menos possuísse a educação e refinamento de Thad, Kuvi ou Brooke, aquela descontração social que resultava da interação com os ricos e influentes desde a infância. Isso era grandemente parte do Jantar de Antigos Alunos: mostrar a cara e as qualificações na frente de alguns dos mais importantes diretores e supervisores da Durand no mundo.

— Ah, devíamos ter trocado de lugar — sussurrou Alice a Thad. Enquanto falava, a imagem do rosto ansioso de Brooke Seifert destacou-se de súbito entre a multidão. Brooke estava a duas mesas de distância. Ocorreu-lhe bizarramente que estavam de vestidos parecidos; Brooke também vestia de preto com pérolas. Alice não sabia muito bem o que sentia sobre o facto de poder passar por um dos pares de Brooke.

O seu olhar desviou-se para se focar no rosto de Sebastian Kehoe. Estava sentado à mesma mesa que Brooke, e também olhava para Alice. Ela pestanejou de momentânea indignação. Estaria a olhar para os seus seios? Não... Kehoe olhava de sobrolho franzido as pérolas que tinha ao pescoço.

Inquieta pela breve observação, obrigou-se a concentrar de novo em Thad.

— Talvez não seja demasiado tarde para trocarmos de lugar...

— Alice.

Deu um pulo de surpresa com o som brusco e tonitruante e virou-se no seu assento. Jason Stalwalter estava a olhá-la com benevolente interesse enquanto um empregado colocava um copo alto na mesa na sua frente.

— Tenho ouvido entusiásticos relatórios a seu respeito do nosso CEO. Já reformulei completamente a nossa campanha da *VitaThirst* a uma base nacional, graças a si. Acho que o Sr. Fall patenteava esse seu cérebro, se pudesse.

— O quê? — perguntou Alice, estupefacta. Por uns segundos, ficou sem respirar. Estaria Dylan *louco*, para se pôr a falar de Alice na frente de outros executivos da Durand? O seu olhar disparou para a mesa principal, onde Dylan estava sentado. Não ficou surpreendida ao ver os seus olhos negros presos nela, mas depois viu-o virar-se para o homem à sua direita e começar a falar com ele. Alice ficou deixada na confusão.

— Eu... hum, não percebo muito bem do que está a falar — disse, desconfortável, consciente de que Thad se estava a inclinar para a frente para ouvir a conversa.

Por altura da sua chegada ao castelo Durand, Dylan pedira-lhe para dar uma vista de olhos nalguns relatórios anuais e trimestrais da Durand. Tinha noção de que Alice era boa a detetar tendências, que possuía a capacidade de absorver grandes quantidades de dados e estatísticas e descodificá-los rapidamente em tendências significativas, encontrando anomalias e até prevendo resultados. Alice abraçara de boa vontade a oportunidade para se perder de novo no confortável mundo dos números.

Terá sido por isso que Dylan me pediu para ver os relatórios? Porque percebeu que acalmaria qualquer desorientação que pudesse estar a experimentar, com a chegada ao castelo?

A ideia deixava-a cada vez menos à vontade.

Stalwalter sorriu, benévolo, com a sua confusão.

— Modesta para além de brilhante, estou a ver. Não me diga que o Sr. Fall não lhe contou como gostou da análise que fez à campanha da *VitaThirst* — continuou, a sorrir e a beber um gole do seu copo. — Estou de olho em si, Alice Reed. Espero muito boas coisas.

Alice olhou de relance para o lado e reparou na expressão atónita de Thad.

— Não foram *recomendações*, na verdade. Só vi os relatórios e fiz os meus comentários — assegurou Alice. Tinha a cabeça a andar à roda. Porque é que Dylan não lhe dissera que tomara tão rápidas decisões com base nas ideias que ela lhe murmurara na cama uma noite depois de fazerem amor?

— Não a queria embaraçar — disse Stalwalter, inclinando-se para ela e falando com mais brandura. — Só devia saber que o Dylan Fall

está bastante impressionado com as suas capacidades ímpares, e olhe que ele não é uma pessoa fácil de impressionar. *Isso não é coisa com que deva ficar embaraçada. Deve ficar orgulhosa.*

Alice bebeu nervosamente um gole de água, desejando que as faces a escaldar se acalmassem. As palavras de Stalwalter mortificavam-na. Estaria ele a insinuar que sabia que era amante de Dylan? Seriam essas as capacidades a que se referia?

Não, *de certeza que não*, disse a voz da racionalidade, amortecendo o seu pânico. Dylan nunca a exporia dessa maneira.

Olhou de relance para Thad, que tinha uma expressão confusa e preocupada, ao mesmo tempo. *Stalwalter* podia não ter chegado à conclusão de que Dylan estava a insinuar que Alice era o seu brinquedo pessoal.

Mas ficou com a sensação de que *Thad* sim.

— Alice, posso falar contigo? Em particular? — perguntou Thad vincadamente num tenso sussurro.

O jantar terminara. A loiça da sobremesa e café estava a ser levantada após um curto discurso de Mary Spear, a vice-presidente da Durand para as operações internacionais. Alice anuiu relutantemente. Embora temesse o que Thad ia dizer, era melhor acabar de uma vez com o assunto. Precisava de lhe garantir que, o que quer que o estivesse a fazer suspeitar que Dylan era indigno de confiança, isso não era verdade.

É certo que... Alice tivera as suas próprias dúvidas a respeito daquele relacionamento, mas isso eram apenas os *seus* problemas de intimidade, não eram? As outras pessoas não deviam desconfiar de Dylan.

Thad levantou-se de um pulo e puxou-lhe de imediato a cadeira quando ela começou a soerguer-se. Pegou-lhe na mão e levou-a na sua frente. Contra as intenções de Alice, as suas ações partilhadas pareceram graciosas, uma ação natural entre um casal. Olhou furtivamente para a mesa principal. Dylan estava a escutar o homem à sua esquerda, mas o olhar preso nela.

Fantástico.

Suspirou de crescente frustração e levou Thad para fora da sala de jantar. Montes de pessoas já se tinham levantado, por esta altura. Estavam agora a desentorpecer as pernas com um passeio no terraço ou nos jardins, a conversar em grupos ou a dirigir-se para os lavabos.

Não querendo que os ouvissem, Alice levou Thad para o átrio de entrada vazio. Captou de relance o seu reflexo a um espelho quando se virou para Thad. O magnífico candelabro de cristal brilhava, revelando algumas das madeixas ruivas emergentes no seu cabelo.

— O que se passa? — perguntou-lhe ela, incapaz de conter o tom brusco. Os seus braços cruzaram-se na cintura, num gesto defensivo.

— Nunca chegámos a terminar a conversa de ontem na floresta.

— Acho que terminámos. Disseste-me que achas que não posso confiar no Dylan. É a tua opinião.

— Não queres saber porque é que penso assim?

— Interpretaste mal o que o Stalwalter disse lá dentro, Thad — disse ela, apontando para a sala de jantar.

— Pareceste tão espantada como eu quando ele começou a falar sobre coisas que o Fall lhe tinha dito sobre ti.

— Fiquei espantada, mas porque é que achas que o facto de o Fall usar as minhas ideias para a campanha da *VitaThirst* o torna pouco digno de confiança? É óbvio que me deu crédito por isso. — *Embora talvez tivesse sido simpático ter-me contado que andava a gabar-me nas reuniões da Durand.*

— Há mais coisas que devias saber sobre o Fall, Alice. O meu pai conhece muito melhor o funcionamento das Durand Enterprises do que me tinha dito antes de eu vir para aqui — começou Thad, a olhar em volta da grande entrada, as maneiras hesitantes. Referia-se ao juiz Schaefer. Pelo que Alice percebera até então, o pai de Thad era um homem muito influente e muito bem relacionado. Fora o juiz Schaefer que decidira que o filho seria um poderoso homem de negócios, não o professor e treinador que Thad aspirava a ser. Na opinião de Alice, o juiz Schaefer devia ser um idiota arrogante.

— Há mais coisas no facto de Fall ter assumido a liderança da Durand e as consequências disso do que me tinha apercebido, quando falámos antes — disse Thad num tom surdo. — O Sebastian Kehoe tinha uma *razão* para nos falar daquela maneira quando assumimos que o Fall ficara a liderar as Durand Enterprises porque era parente do Alan ou da Lynn Durand. Houve pessoas na administração da altura que sentiram que Fall tinha uma influência indevida sobre Alan Durand, em especial na fase final da vida dele, quando estava tão doente.

— *Quem é que pensou isso?* O Kehoe, de certeza — disse Alice, a revirar os olhos. — É óbvio que o Kehoe tem inveja do Dylan.

— Não é só o Kehoe — sussurrou Thad acaloradamente. — Vi-te

falar com o Dr. Gates, antes do jantar. Sidney Gates, o psiquiatra?

— Sim — disse Alice, mudando de posição sobre os saltos, pouco à vontade.

— O Sidney Gates também expressou as suas dúvidas sobre a aptidão do Fall como CEO, na altura.

Os braços cruzados de Alice descaíram para os lados. Não podia acreditar naquilo. Não eram próximos, Sidney e Dylan? Abanou a cabeça.

— Não. Isso não pode ser verdade. Além disso, mesmo que o Kehoe ou o Gates tivessem dúvidas da capacidade do Dylan para ser CEO depois da morte do Alan Durand, já se teria provado que estavam errados. Sabes tão bem quanto eu que as Durand Enterprises se tornaram mais diversas e financeiramente robustas sob o regime de Dylan do que eram na gestão Durand, que já de si era brilhante.

— Talvez, mas há mais, Alice — disse Thad, sustentando o seu olhar. — Há pessoas na Durand que sentem que o interesse do Dylan em ti não é...

Alice esperou, tensa, contendo a respiração quando Thad se calou. O seu coração afundara-se até ao estômago com as palavras *pessoas na Durand*. Será que o seu segredo fora descoberto e era do conhecimento geral? Ou estaria Thad a dizer que o facto de Dylan a ter recrutado diretamente, os seus altos elogios a pessoas como Stalwalter e a sua breve mas notável atenção na última festa no castelo Durand pusera alguns dos *big bosses* de sobreaviso? Era óbvio que Thad estava a tentar ser diplomático, mas Alice não se compadeceu disso.

— Despeja de uma vez, Thad.

— Eles sentem que o seu interesse por ti não é inteiramente honesto. Há alguma coisa por trás — terminou, o seu olhar a percorrer-lhe a face.

— *Quem é que pensa isso?* — quis saber Alice, a voz a tremer de emoção. Deu um passo agressivo na sua direção. — *Quem é que fala sequer de mim e do Dylan? Nunca me chegaste a dizer como é que tu descobriste que estávamos envolvidos. Ninguém devia saber!*

Thad fez uma careta.

— É uma fonte de confiança, Alice. Esta pessoa receia que o Fall se esteja a aproveitar de ti.

— Porque estou tão fora do seu campeonato? — perguntou ela, a sua voz a tremer descontroladamente.

De repente, estava a ferver, e nem sequer se apercebera disso. Tudo na frente dos seus olhos parecia envolvido numa névoa

vermelha.

— Porque ninguém consegue perceber porque é que ele se interessaria por uma rapariga que vem de todos os sítios errados, uma rapariga da família errada e da escola errada. Da puta da *vida* errada — fez por entre os dentes cerrados. — Bem, talvez o Dylan saiba mais da minha vida do que tu pensas, Thad.

Ele pareceu chocado com o seu súbito acesso de fúria. Alice não se surpreendeu. Ela própria estava um pouco chocada.

— Cristo, Alice, desculpa. Não estava a tentar sugerir que não estás no mesmo campeonato que o Dylan. Sabes o que sinto por ti. O que acho é justamente o contrário. — Agarrou-a pelo cotovelo, com uma expressão feroz no rosto. — O Fall é que não te merece.

Ela soltou o braço com um safanão.

— Eu não mereço *isto* — sibilou, apenas vagamente consciente do que estava a dizer. — Nunca pensei dizer isto na vida, mas por vezes gostava de voltar ao que era antes de ter posto os pés neste maldito lugar.

— Alice, mas que raio...

— Deixa-me em paz, Thad.

Deu meia volta e foi direta para a escadaria.

Quando Dylan apareceu no átrio de entrada, a única pessoa que viu ali parada foi Thad Schaefer, de costas para ele.

— Onde é que está a Alice?

Schaefer deu meia volta quando ouviu a pergunta brusca. Os pelos na nuca de Dylan arrepiaram-se quando viu a expressão atónita de Schaefer.

— O que foi que lhe disse? — perguntou, dirigindo-se rapidamente para ele. Schaefer empalideceu sob o seu bronzado.

— Nada! Quero dizer... eu não sei *o que* lhe disse — disse Schaefer, claramente confuso. — Ela ficou toda furiosa sem mais nem menos e mandou-me desaparecer.

— *Sem mais nem menos?* — Ele suprimiu uma quase avassaladora vontade de apertar o pescoço do miúdo até a sua cara de menino bonito ficar da cor de uma beterraba. — Para onde é que ela foi? — perguntou em vez disso.

Thad apontou para a escadaria principal.

— Ela parecia desesperada. Como se quisesse...

— O quê?

— Fugir de mim, ou de *qualquer coisa*. Não sei o que lhe disse para a deixar assim.

— Já que causou esta confusão, agora pode ajudar a resolvê-la. Esta casa é muito grande. Venha — ordenou Dylan, o seu passo rápido alimentado por um crescente alarme. Dylan reconheceu vagamente que já esperara alguma espécie de explosão da parte de Alice. Tinha medo que ocorresse fora do seu alcance. Percebeu também que Thad Schaefer estava ainda mais surpreendido com a ríspida ordem de Dylan para o acompanhar. Mas, após uma pausa, ele seguiu-o, correndo pelas escadas acima na sua peugada.

— Continue para o terceiro piso e procure-a — disse Dylan quando chegaram ao segundo nível. Começou a seguir pelo corredor, mas parou. — Verifique em cada quarto. Venha ter comigo *assim* que a localizar. Se terminar de procurar antes de mim suba para o quarto e comece ali. E fale baixo — disse em surdina por cima do ombro. De certeza que aquele miúdo não era tão estúpido ou insensível a ponto de provocar um alarme com toda aquela gente na casa. — Vamos tornar as coisas mais simples, não fale de *todo*, a não ser que tenha encontrado a Alice e esteja a chamar por mim. Entendido?

A boca de Schaefer inclinou-se num trejeito de irritação, mas ele anuiu.

O quarto do próprio Dylan estava vazio. Saltando todos os quartos pelo meio, Dylan dirigiu-se logo para a suite onde encontrara Alice na outra noite: o anterior quarto de Addie Durand.

Também esse estava em silêncio e destituído de vida.

— *Alice* — chamou quando estava de novo no corredor, dividido entre querer gritar o seu nome para poder ser ouvido em cada canto da mansão e emudecer o seu grito para evitar ser ouvido por alguém na festa em baixo.

— *Alice?* — chamou um momento mais tarde, acendendo uma luz. Estava à entrada da suite de Alan Durand. O que fora de Alan e Lynn, antes de esta falecer. Dylan não entrava ali desde que Alan sucumbira por fim ao cancro, sete anos antes. A maior parte da mobília fora coberta com panos. Ocorreu a Dylan que parecia vazio como um túmulo e, no entanto, tão cheio de recordações: mortas e vivas ao mesmo tempo.

Entrou mais no quarto e ficou imóvel no meio, a ouvir. Passado um momento, virou-se e apagou a luz, fechando a porta atrás de si.

Uma parte de Dylan ainda existia naquele quarto; as memórias de Alan Durand continuavam vivas dentro de si. Alice, no entanto, não

estava ali. Apostaria nisso a sua vida. Mas estar naquele quarto lembrou-o de uma coisa que Alan lhe contara algumas vezes.

Aproximou-se da escadaria das traseiras, subitamente consciente do som das solas dos seus sapatos no chão de madeira. Estacou ao lado das escadas que subiam para o terceiro andar. Conteve a respiração, à escuta. Ao contrário do que acontecera no quarto de Alan, experimentou uma muda sensação de ansiosa expectativa.

Ajoelhou-se junto ao painel de madeira por baixo das escadas. Recordando tanto as referências de Alan Durand como algo que Deanna Shrevecraft lhe mostrara uma vez quando estava de visita ao castelo Durand, usou as mãos para puxar uma porção do painel de madeira. O painel deslizou para o lado.

Espreitando o espaço negro, ouviu um ligeiro rufe-rufe e depois o mal audível som de um arfar ou pequeno gemido.

— Alice?

Silêncio.

Tentou com dificuldade enfiar o grande corpo na abertura, a pestanejar. Um sussurro veio da escuridão.

— Dylan.

Um arrepio percorreu-lhe a pele. Ela soava estranha. Distante. Assustada.

— Eu estou aqui, querida — disse num tom calmo, embora o susto começasse a borbulhar nas suas veias. Recuou na estreita abertura para se colocar num ângulo mais navegável. — Vou entrar, Alice. Está tudo bem.

— Eu sei.

Pestanejou.

— Eu lembro-me da Addie.

A pele dele contraiu-se com aquele murmúrio, os pelos dos seus braços e nuca a arrepiarem-se.

— Quero dizer... não de tudo — continuou ela sem respirar.

Dylan mal conseguiu conter uma praga por não a poder ver na sombra. Ela era um sussurro desencarnado na escuridão.

— Corri aqui para cima, e não estava a pensar... só a sentir-me encurralada por tudo, percebes? — continuou ela numa voz minúscula e trémula. — E pensei que me queria esconder e ficar escondida para sempre, mas precisava de um bom lugar. E depois, ocorreu-me, como eu e ela costumávamos brincar às escondidas. Ela conhecia todos os meus esconderijos, porque foi ela que me mostrou os bons sítios... todos os sítios secretos como este. Eram também os esconderijos dela.

Eu escondia-me e ela procurava-me como se não soubesse onde eu estava, mas eu sei que ela sabia. Depois chamava-me para eu saber onde ela estava enquanto procurava na área, para eu perceber que se estava a aproximar. *Aaadddie, onde estás?*

Fez um som como um riso abafado, ou um soluço.

Dylan estremeceu com o som sinistro, batendo com a parte de trás da cabeça na madeira.

— Dylan? Estás bem?

Ele abriu os olhos depois da careta de dor, porque a voz dela parecia mais próxima. De súbito, o seu rosto pálido emergiu das sombras. Estava a gatinhar para ele. Dylan estendeu-lhe as mãos num impulso e içou-se para trás, como se julgasse que a podia arrancar manualmente da sua perturbadora recordação da mesma maneira como podia arrancá-la àquele compartimento secreto. Aterraram com um baque mesmo na abertura, o corpo dele a amparar o impacto da queda.

— Dylan?

Ele estava caído de rabo e ela estendida por cima.

— Estou — balbuciou, puxando-a mais contra si. Ela pôs as mãos nos seus ombros. Ele sentou-se. Alice estava no seu colo, as pernas dobradas e abertas de cada lado das suas ancas, o vestido preto puxado até às coxas, as pérolas caídas para trás do ombro. As pontas dos seus dedos tocaram-lhe o queixo.

— Não foi assim tão mau. Não tens de ficar com essa cara — disse Alice acaloradamente, e ele percebeu que ela testemunhara o seu pânico. — Quero dizer... pensei que ia ser mau, recordar uma coisa a respeito de Addie, e *saber* que era uma recordação. A Addie Durand é uma pessoa completamente diferente. Pensei que ia ser como estar possuída por outra pessoa, ou coisa do género. Mas não foi. Foi...

— *Para*, Alice.

— O quê? — Ela pareceu incrédula e magoada pela sua abrupta interrupção de algo que lhe era obviamente novo e extraordinário.

— Se mencionar uma única palavra disto à sua almofada, quanto mais a outro ser humano, vai pagar — prometeu Dylan.

Alice virou-se, a boca a abrir-se de choque. Percebeu que ele não estava a falar com ela.

— Thad — arfou. Puxou a bainha da saia, tentando cobrir as pernas expostas.

Schaefer estava ali ao fundo do corredor, parecendo estupefacto. Quem sabia há quanto tempo ali estava, a ouvi-los?

Merda.

— Alice, estás bem? — perguntou ele.

— Estou.

— O que foi que ouviu? — quis saber Dylan.

— Nada.

— O que foi que ouviu?

— Já lhe disse. Nada! Acabei de subir.

— Não me dá outra hipótese. Se contar alguma coisa do que viu aqui esta noite ou revelar a alguém o que sabe sobre mim e a Alice, serei obrigado a mandá-lo para casa imediatamente. O seu pai não vai gostar muito disso, pois não?

— *Dylan* — fez Alice, sem fôlego, a olhar para ele como se nunca o tivesse visto antes, os olhos enormes. — O que...

— Compreendeu-me, Schaefer?

— Compreendi *perfeitamente*. — Recuou vários passos, o olhar a dardejar para o rosto de Alice e depois de volta para o de Dylan. — E talvez o meu pai não gostasse que eu fosse mandado para casa, mas não ficaria espantado por vê-lo agir como um filho da mãe. Eu sei que não ia ficar.

— Ainda bem que não é inteiramente idiota.

Dylan olhou-o fixamente até ele dar meia volta e afastar-se. Schaefer obedeceu, ainda que relutante. Dylan ficou a observá-lo enquanto a sua figura ia ficando mais pequena ao longo do corredor e depois virava a esquina e desaparecia.

Ficou desconfortavelmente consciente do olhar de incredulidade no rosto de Alice.

Quando ela saiu de cima das suas pernas, Dylan ergueu-se do chão de um pulo. Alice recusou-se a aceitar a mão quando lha ofereceu. Em vez disso, apoiou-se sobre as próprias mãos e pés e levantou-se desajeitadamente. Quando recuperou o equilíbrio sobre os saltos altos, dirigiu-se para ele, agressiva.

— Perdeste o juízo?

— Não. E também não vou pedir desculpa — disse ele num tom curto, e Alice sentiu o resíduo da sua furiosa e fria explosão de raiva contra Thad. Passou a mão sobre a gravata de seda, endireitando-a, e depois moveu ligeiramente o queixo, como alguém a reajustar o rosto após uma luta. Apesar da sua fúria, Alice reconheceu a atração que ele emanava — o excitante paradoxo do executivo fascinante e o duro

homem das ruas por quem se sentira tão inegavelmente fascinada desde o início. Foi percorrida por um arrepio, amplificando a sua confusão e fúria.

— Não o devias ter ameaçado daquela maneira.

— Ele podia muito bem ter ouvido o que estávamos a dizer.

Queres que vá contar aos outros?

— Ele não diria uma palavra, se eu lho pedisse! Além disso, provavelmente nem ouviu nada, e de certeza que não teria compreendido, mesmo que ouvisse. Como é que pode compreender, quando até *eu* estou tão confusa?

Ele abanou a cabeça, os pensamentos claramente noutro lado.

— Aquele miúdo é um problema.

— O Thad é um dos melhores monitores no Campo Durand! É inteligente e divertido e um líder nato — ripostou. — Toda a gente o adora.

Ele imobilizou-se e olhou-a lentamente. Ela foi percorrida por um arrepio.

— Toda a gente?

Apesar da súbita qualidade glacial dos seus olhos escuros, Alice não conseguiu desviar o olhar. Agarrou-se desesperadamente à sua decisão.

— *Toda a gente* — conseguiu dizer numa voz emudecida antes de se soltar e seguir Thad pelo corredor fora.

Dylan estava parado junto às portas envidraçadas do seu escritório a olhar os jardins lá fora. O tempo invulgarmente fresco para a época continuava. Um nevoeiro erguia-se da falésia de calcário à distância. Pouco passava da meia-noite. Tudo estava imóvel e em silêncio na propriedade Durand. Conseguia ouvir o som emudecido das ondas a bater na praia rochosa ao fundo da falésia na extremidade do jardim.

— Terei de trazer mais uns homens da divisão de segurança, se quiser vigiar a menina Reed à noite.

— Só um, por agora — respondeu Dylan. Virou-se e encarou Sal Rigo, que estava na frente da sua secretária. Tal como Dylan, ainda usava o seu fato do Jantar de Antigos Alunos. — Mande vir o Janocek. Já estive a rever o seu ficheiro e ele estava na minha lista original antes de o escolher a si e ao Peterson. Sei que não preciso de voltar a enfatizar a importância da absoluta discrição neste assunto.

— Claro. Eu próprio vou frisar isto ao Janocek. Ninguém vai pôr os olhos em cima dele.

— Garanta que isso acontece — disse Dylan, lançando ao outro homem um olhar vincado. Rico pareceu um pouco embaraçado. Ainda recentemente, Dylan não disfarçara o seu aborrecimento com Rigo e Peterson por terem permitido que Alice os visse durante a sua vigilância. Numa ocasião na floresta, a inépcia de Peterson causara um considerável susto a Alice, quando ela julgara estar a ser seguida com intenção maligna.

— Assim farei, senhor. Eu sei que já o deixámos ficar mal, mas o campo é pequeno. Além disso, como sabe, vigiar a menina Reed não é a nossa única responsabilidade. O Kehoe mantém-nos bastante ocupados.

— Tenho noção disso — reconheceu Dylan. Ao princípio, encarregara Rigo e Peterson de observarem Alice, não de a guardar. Precisava de saber se ela estava a ter qualquer reação invulgar ou adversa à propriedade Durand, quaisquer memórias da sua infância.

Mas também queria garantir a segurança dela. O problema é que, apesar das suas dúvidas quanto à direção de uma ameaça, Dylan queria cada vez mais que Alice não fosse apenas vigiada, mas protegida.

— Além disso, a menina Reed é muito observadora e... móvel — acrescentou Rigo com um pequeno sorriso.

— Está a dizer que ela é rápida? — perguntou Dylan secamente.

Rigo encolheu os ombros.

— É uma boa atleta. E repara nas coisas. Está mais atenta ao que a rodeia do que a maioria das pessoas.

— Tinha de ser, no sítio onde cresceu — balbuciou Dylan. — Assumo que o Rigo e o Peterson possam fazer turnos esta noite até trazerem o Janocek, certo?

— Sim, senhor. Vou substituir o Peterson dentro de algumas horas, para ele poder dormir um pouco.

— E o Rigo? Quando é que vai descansar?

— Depois de amanhã acaba. Houve montes de alturas no exército em que passei duas noites sem dormir.

Dylan anuiu devagar, bem consciente do extraordinário currículo de Rigo nas operações especiais do exército, antes de ser contratado para a divisão de segurança da Durand.

— Mais alguma coisa significativa a acontecer no campo?

— O Thad Schaefer continua a encontrar-se com a miúda Seifert à noite, mas passa o dia a olhar para a menina Reed no campo.

— E a menina Seifert não gosta muito disso, pois não?

— Não, senhor.

— É uma ameaça para a Alice? — perguntou Dylan abertamente.

— Não creio, mas aprendi desde o início na minha formação que uma das coisas mais imprevisíveis na natureza é uma mulher ciumenta. O Schaefer é mais problemático. Tem seguido a Alice, de vez em quando.

— Com que objetivo?

— O óbvio, julgo eu — disse Rigo com um olhar tranquilo. — Nunca o vi comportar-se de uma maneira agressiva com ela.

— Ele é um problema. Principalmente porque a Alice se recusa a perceber isso — ponderou Dylan. — Dá-lhe abertura, e aquele miúdo está a ser envenenado por alguém.

— Sim, senhor.

Dylan franziu o sobrolho. Ambos sabiam a quem ele se referia. Não falara a Rigo ou a Peterson da ligação Alice Reed e Addie Durand.

Só enfatizara que Alice era importante. Rigo e Peterson estavam também conscientes de que Kehoe e as suas interações com Alice eram de especial interesse para Dylan. Ele compreendia que ambos os homens estavam provavelmente frustrados pela falta de informação mais sólida para a sua missão. O facto era que, na verdade, Dylan não tinha nenhuma razão específica para desconfiar de Kehoe. Era do conhecimento geral que Kehoe era uma pessoa amarga e desaprovava a posição de Dylan como CEO. Não era o único na Durand. A popularidade universal era rara numa pessoa na sua posição. Mas Kehoe era também ultracompetente e um líder de alto nível na Durand Enterprises. O facto de o homem não ser fã de Dylan não representava propriamente uma prova contra ele.

Hesitava em dizer a Rigo ou Peterson que dera aos dois agentes da segurança uma missão baseada principalmente na intuição e numa vaga mas poderosa sensação de desconforto.

— Tem visto o Schaefer falar muito com o Kehoe? — perguntou.

— De vez em quando, mas talvez só um pouco mais do que com os outros monitores.

— E o Kehoe ainda trata mal a Alice?

— É mais uma muda desaprovação do que qualquer coisa demasiado aberta. Não é tão amigável com ela como com os outros. Ele sabe que o chefe tem algum interesse por ela.

— Nunca ninguém o acusou de não ser inteligente. E depois do que aconteceu ontem na floresta, ficou *mesmo* a desconfiar que vocês receberam ordens para ficar de olho na Alice.

— Sim.

— Era inevitável. Se vos der na cabeça outra vez, por favor, venham falar comigo.

— Eu posso com o Kehoe.

— Ótimo. Percebo que não seja uma posição fácil. Mais alguma coisa a respeito do Kehoe?

Rigo hesitou.

— Apanho-o a olhar para a menina Reed, de vez em quando.

Os olhos de Dylan semicerraram-se.

— A olhar como o Schaefer?

— Não. Mais como... como se estivesse a tentar perceber qualquer coisa nela, ou ver alguma característica invisível. Ele *estuda-a*.

Dylan anuiu lentamente.

— Sim. Acho que já o apanhei assim uma ou duas vezes.

— Senhor, gostava de voltar a sugerir que pensássemos na

vigilância telefônica.

Dylan fechou brevemente os olhos com o pedido já familiar.

— Eu sou CEO das Durand Enterprises, não o chefe do FBI, Sal.

— É o CEO de uma enorme empresa privada. Tem o direito de saber o que se passa no seu domínio.

— Aquilo a que chama «direito de saber» *eu* chamo espionagem empresarial. Não tenho justificação para ordenar uma coisa dessas, neste momento. O outro problema com o seu argumento é que não estou preocupado com a Durand Enterprises. Estou preocupado com a Alice. E, infelizmente, ninguém, incluindo o xerife de Morgantown, acredita que tenho razões para estar preocupado com o Sebastian Kehoe, neste momento. Toda a gente o considera um cidadão exemplar e respeitado. — Reparou nas sobrelanceiras erguidas de Sal. — Vamos continuar com os meus planos, por enquanto — disse ele calmamente. — Tem mais alguma observação.

— Só mais uma coisa. Reparei que o Sidney Gates esteve a falar com ela muito fervorosamente, esta noite, na festa, mas não consegui aproximar-me o suficiente para o ouvir o que estavam a dizer. Acho que a menina Reed ficou... *perturbada*, a certa altura.

— Também reparei nisso — disse Dylan, pensativo. E também pensara no que estaria o seu bom amigo a dizer a Alice quando reparara na sua expressão rígida e postura tensa. Suspirou. — Bem, acho que é tudo, por agora. Obrigado pelas informações. Eu acompanho-o à porta — disse, começando a dar a volta à secretária. Reparou na hesitação de Rigo e parou. — Há mais alguma coisa? — perguntou.

— Estava só a pensar que talvez fosse melhor mandar vir *duas* outras pessoas da segurança para a vigilância noturna da menina Reed, para poderem ter folgas. Posso recomendar outro homem bom.

— Não vai ser necessário. Quanto menos pessoas estiverem envolvidas nisto, melhor. Espero que esta situação de a Alice dormir fora da segurança do castelo Durand não se prolongue muito tempo — disse Dylan, sombrio.

— Claro, senhor. E não precisa de me acompanhar à saída. Boa noite.

— Boa noite.

Dylan duvidava seriamente que fosse uma *boa* noite. Ia ser, de certeza, uma noite insone.

Várias imagens lhe percorriam a mente como um vídeo: o rosto pálido e chocado de Alice quando ele ameaçara mandar Schaefer para

casa, a sua determinada recusa em olhar para ele quando saíra da casa essa noite. Vira-a à saída rodeada por Schaefer e os outros amigos no que pareceu a Dylan, irritado, um esquema protetor.

Recordou o seu sussurro desencarnado a emanar da escuridão.

Eu lembro-me de Addie.

Estava desesperado por saber o que lhe acontecera, mas bastara um olhar para o obstinado inclinar do seu queixo e a fúria suprimida no seu rosto para saber que Alice não voltaria ao castelo para nenhum encontro clandestino. Estava zangada, sim, mas ele conhecia-a o suficiente para reconhecer a sua confusão, também. Ela estava a ter dificuldade em distinguir entre o certo e o errado, naquele novo mundo em que se encontrava.

Por agora, não tinha outra opção senão aceitar a derrota. Mas seria, de certeza, uma derrota temporária.

Na noite após o Jantar de Antigos Alunos, Kuvi saiu da casa de banho e apanhou Alice a espreitar por entre duas persianas corridas.

— Achas que ele está lá fora? — perguntou Kuvi num sussurro conspiratório.

Alice deu um pulo e as persianas fecharam-se com força.

— Jesus, assustaste-me.

— Tens andado horivelmente assustadiça. Não dormiste ontem à noite, pois não? — perguntou Kuvi enquanto se dirigia para a sua cómoda.

— Não sei como é que podes saber isso, se dormiste como um bebé — disse Alice, a revirar os olhos.

— Esta manhã, a tua cama parecia ter sido palco de um combate de *wrestling* — disse Kuvi descontraidamente, fechando uma gaveta com força. — Como se a tua rabugice de hoje não fosse suficiente para me dizer que não era comigo que querias passar a noite. E nunca respondeste à minha pergunta. Achas que o Dylan está ali fora?

— Não — disse Alice baixinho. — Não é o Dylan.

Kuvi olhou para ela ao ouvir a sua resposta solene. Se Dylan estivesse por perto, Alice, de alguma forma, ia sabê-lo. Talvez porque uma parte de si desejava imenso que *estivesse*. Odiava admiti-lo, mas estava desiludida por ele não a ter ido buscar à cabana como fizera umas noites antes, quando a fizera cumprir a sua promessa.

Tinha saudades dele. Tremendas. E Alice sabia o que isso dizia a seu respeito. Que era uma hipócrita sem espinha dorsal. Ainda estava

confusa e zangada com o que o ouvira dizer a Thad. Queria pedir desculpa ao rapaz pelo seu acesso de fúria contra ele, e tranquilizá-lo, depois da ameaça de Dylan. Mas Thad não lhe estava a dar oportunidade para isso. Desde aquela manhã que andava a evitar Alice. Graças a Dylan, provavelmente decidira que a sua amizade com ela era um ponto negativo no seu currículo.

Havia uma outra coisa a incomodá-la. Ansiava por voltar ao castelo por outra razão. Estava sempre a reviver a memória de brincar às escondidas com Lynn Durand. Aquela memória continuava a assombrá-la. A alimentá-la.

Enquanto estava ali, na sua cabana, com Kuvi, pensava na mulher da sua recordação como Lynn Durand. Mas, quando a experimentara, Alice pensara nela como a sua *mamã*. A calorosa e doce sensação de absoluta segurança que se desenrolara dentro de si com a memória continuava a ser uma fonte de maravilhamento. Alice nunca se soubera capaz de um tal sentimento.

O facto era que ansiava por isso. Outra parte de si, porém, temia recordar-se, com medo de ficar a *precisar* dessas memórias, com medo do momento em que se evaporariam como névoa e ela perceberia que estava sozinha.

— Achas que pode ser o Sal Rigo que ali está? — perguntou Kuvi nesse momento, dirigindo-se para Alice. Kuvi estivera com ela na altura em que Alice apanhara Rigo a observar secretamente o grupo de colegas quando estavam na Lakeside Tavern. Mais tarde, Alice ficara a saber que Dylan mandara Rigo vigiá-la a ela — Alice — não todo o grupo de monitores. Mas, se explicasse isto a Kuvi, teria de explicar muitas outras coisas, como a razão por que Dylan era tão paranoico a respeito da sua segurança.

— Talvez — disse Alice, puxando os seus cobertores para trás. — Mas está alguém ali fora, estou a senti-lo.

— Talvez estejas só enervada — consolou Kuvi, enfiando-se na sua própria cama. — Como já te disse, tens parecido terrivelmente assustadicha, desde ontem à noite.

Alice ouviu a pergunta não dita no tom da amiga. Sabia que Kuvi estava curiosa a respeito do que acontecera depois do Jantar de Antigos Alunos. Alice e Thad tinham ficado incaracteristicamente tensos e pouco comunicativos enquanto faziam a caminhada de volta para o campo. Se Kuvi não pudesse adivinhá-lo a partir daí, a presença de Alice na cabana que partilhavam na noite anterior dissera-lhe claramente que se passava *alguma coisa* de errado entre Alice e Dylan.

— Não estou só enervada — disse Alice sucintamente, estendendo a mão para o candeeiro da sua mesa de cabeceira. — E não é só uma sensação. Ontem à noite, vi mesmo uma sombra ali fora, e a luz de um cigarro. Quem quer seja senta-se ali junto às árvores a fumar e a observar. E esta noite está lá outra vez. Vi o cigarro. Vou descobrir quem é esta manhã.

Kuvi desligou a sua luz.

— *Como?*

— Eu descubro uma maneira — esquivou-se Alice.

— Suponhamos que o que estás a dizer é verdade, não achas que confrontar a pessoa pode ser perigoso?

— Eles não são perigosos — disse Alice, trocista, em surdina. *Estão só a seguir ordens.*

— Alice, achas que o Dylan Fall mandou alguém vir espiar-te? — perguntou Kuvi, como se lhe tivesse lido a mente.

Alice hesitou.

— Sim. É provável — respondeu por fim.

Kuvi ficou em silêncio por um momento. Alice sentiu a sua confusão e espanto.

— Porque raio haveria de fazer isso? É alguma espécie de perseguidor?

— Ele não é um perseguidor — defendeu ela secamente. — É uma longa história.

— Imaginei que sim. Mas tenho uma capacidade de atenção muito longa, sabes.

Alice conteve a respiração. Quando se tornou claro que não ia revelar mais nada, Kuvi suspirou, resignada. Alice sentiu-se varrida pela culpa. Andava, com efeito, um pouco resmungona com Kuvi, ultimamente, e esta não o merecia. Nem de longe. Alice ouviu-a virar-se na cama.

— Boa noite.

— Boa noite — balbuciou Alice. — Kuvi?

— Sim?

— Desculpa andar a portar-me como uma cabra, ultimamente.

— Eu aguento o teu mau humor. Só gostava de saber o que é que te anda a incomodar.

— Pois — sussurrou Alice.

Kuvi suspirou de novo. Alice ficou a ouvir a respiração da amiga a tornar-se mais regular e suave. Deixou-se estar ali deitada, totalmente desperta, invejando o sono pacífico de Kuvi.

Na manhã seguinte, não tinha corrido combinada com Terrance, mas levantou-se na mesma e vestiu um top de desporto, meias e ténis. Saiu em silêncio da cabana e trancou a porta atrás de si. Um minuto depois, estava a correr ao longo da praia de areia branca. O sol começava a levantar-se, mas o bosque à sua esquerda ainda bloqueava grande parte da luz. A praia continuava envolta numa densa penumbra. Olhou em volta, mas não viu ninguém na praia atrás de si. Determinada, acelerou na direção da entrada na floresta que conduzia ao estábulo.

Tinha a respiração rápida e irregular quando chegou ao trilho. Não estava louca pela ideia de seguir o caminho pouco iluminado. Andara a tentar evitá-lo o mais possível, altamente consciente do seu significado.

Dylan informara-a de que fora nesse mesmo trilho que Addie Durand tinha sido raptada e ele esfaqueado enquanto a tentava defender. Na altura, Dylan tinha catorze anos e Addie quatro. Quando chegara ao campo, Alice julgara que tinha sido perseguida por um fantasma naquele trilho. Soubera depois que o fantasma era um homem contratado por Dylan para a seguir. O misterioso homem de carne e osso e o inconsciente, difuso, mas atávico medo do que acontecera naquele bosque vinte anos antes tinham-se fundido para criar o fantasma de Alice.

Naquele dia não tinha medo. Estava demasiado ofegante e concentrada em enganar a sua presa.

A várias dezenas de metros ao longo do trilho, decidiu que estava na altura de tornar as coisas um pouco mais difíceis para o Sr. Cigarros. Detetando um maciço de árvores e arbustos particularmente denso, saltou para fora do caminho, tendo o cuidado de emudecer os passos. Depois de correr uns vinte metros, usou um carvalho mais largo para se esconder, encostando-se ao tronco e esforçando-se para abrandar a respiração acelerada. Ficou à escuta à espera de passos no trilho.

A qualquer segundo...

Estaria a ouvi-los à distância? Virou o pescoço, inclinando a cabeça para o outro lado da árvore para captar o som fugidio. Sim. O seu seguidor estava a chegar. Alice contraiu-se, preparando-se para o seguir e depois confrontar. Tinha em mente algumas palavras escolhidas. Esperava bem que o Sr. Cigarros as transmitisse *ipsis verbis* ao seu chefe.

De súbito, uma mão enluvada estava a cobrir-lhe o sorriso

trocista. Deu meia volta, os olhos esbugalhados.

Dylan eclipsou-lhe a visão. Pressionou o corpo grande contra o dela, prendendo-a entre ele e a árvore. Alice percebeu que estivera a debater-se em pânico e imobilizou-se.

— Chhh — sibilou ele.

Ficaram ambos a ouvir os passos tornarem-se mais audíveis no trilho à distância. Ela olhou para o rosto tenso de Dylan. Ele ainda não se barbeara. O seu cabelo espesso estava despenteado e caíra para a frente, emoldurando-lhe os olhos escuros semicerrados. Parecia descomposto e rude e delicioso.

Merda.

Estava igual a todas as manhãs, quando saía da cama para a escotar em segurança até à sua cabana. Ela esquecera-se que, depois disso, ele costumava ir montar. As luvas pressionadas contra os seus lábios eram as luvas de montar. Mas ela não ouvira nenhum cavalo. Como é que ele sabia que a podia encontrar ali?

Dylan não a estava a observar, mantinha os olhos fixos à distância. Alice sabia que ele estava a tentar detetar os passos que se aproximavam. Mas era difícil para ela concentrar-se no homem no trilho, com o corpo grande e duro de Dylan encostado ao seu. Ele não lhe permitia mover-se nem olhar para baixo, mas Alice percebeu que estava de calças de ganga, como na maior parte das manhãs. A braguilha estava pressionada contra o seu baixo ventre. O corpo dele era tão denso e implacável, contra a sua carne. De uma masculinidade flagrante... penetrante; quase tão impossível de ignorar como uma pancada na cabeça. Depois captou o seu cheiro.

Contra a sua vontade, a excitação inflamou-se no seu corpo. Duas noites afastada dele. Demasiado tempo.

De súbito, ele desviou o olhar para a sua cara, como se tivesse sentido o súbito calor dentro dela, como se o clarão de luxúria tivesse saltado para o seu corpo. Sentiu-o pressionar mais a púbis. Sentiu-lhe o pau a endurecer. O homem estava agora no trilho diretamente na frente de ambos. Alice mal se importava. Virou a cabeça. Dylan baixou a sua até o seu rosto ficar a pairar poucos centímetros acima do dela, e removeu-lhe a mão da boca.

Em vez disso, usou a boca para a silenciar. O que foi bom, porque Alice gemeu de puro desejo com a forte pressão do beijo. Ele agarrou-lhe os ombros e apertou-a contra si, as ações um pouco zangadas e muito possessivas. Mergulhou a língua entre os seus lábios, um homem sequioso a dessedentar-se. Naquele momento, Alice teve a

certeza de que ele estava tão desesperado como ela.

Tentou erguer as mãos para lhe tocar, mas ele pressionou-a ainda mais, impedindo-a. As mãos dela continuaram presas contra a árvore. Sentia-lhe agora o pau mais cheio, o seu toque a comandar cada fibra da sua atenção que não estava absorvida pelo beijo exigente. O tempo passou. O homem no trilho fora esquecido. Ela mergulhava no gosto dele. Tinha a cabeça a andar à roda. *Céus*, precisava de ar.

Precisava ainda mais dele.

Virou a cabeça, a gemer suavemente. Ele moveu as mãos para o seu queixo e manteve-lhe a face quieta enquanto lhe fodia a boca com a língua. Depois prendeu-lhe os lábios com os seus e mordeu-lhe o inferior, raspando a pele sensível entre os dentes. Alice desfaleceu contra ele.

— Sempre a rebelar-te, mesmo quando não sabes contra o quê. Devia espancar-te esse rabo até ficar todo vermelho, sabias? — sussurrou-lhe numa voz rouca para os seus lábios entreabertos. A excitação disparou pelo corpo dela com a sombria ameaça. Os olhos dele cintilavam de zangada luxúria, entre as pálpebras semicerradas. Ela contorceu-se e tentou libertar o queixo. Ele agarrou-a com mais firmeza, a sensação do cabedal macio e gasto contra a sua pele apenas a ampliar a sua excitação. — Devia *mesmo* espancar-te com força e depois foder-te ainda com mais força. — Devorou-lhe a boca avidamente, e ela sentiu-lhe o pau inchar contra a sua barriga. — Devia foder-te tão fundo e vir-me tanto que tu ias sentir-me dentro de ti, para nunca te esqueceres dos teus tempos de rebeldia. Gostavas, Alice?

— Não.

— Gostavas, sim — rosnou ele, reconhecendo de imediato a mentira. Olhando-a nos olhos, começou a puxar-lhe os calções de corrida para baixo. O coração dela disparou.

— Se me espancares, a pessoa que me estava a seguir vai ouvir — disse ela num sussurro de pânico.

— Então vou ter de guardar as palmadas para mais tarde. Mas a outra parte não vai esperar. Se esse idiota incompetente for suficientemente estúpido para voltar aqui enquanto te estou a foder, vai ser despedido ainda mais depressa do que eu julgava.

— Mas...

Ele puxou-lhe as roupas sem cerimónias e Alice sentiu os calções e as cuecas caírem em volta dos seus tornozelos. Depois agarrou-lhe na mão e encostou-lha à sua ereção. Ela mordeu o lábio inferior, arfando

entre dentes. A mão começou a mover-se com vontade própria, a envolver e massajar os grandes testículos redondos, e depois a pesada e protuberante haste do seu pau. Ele fez uma careta feroz.

— Já me tinhas pedido que te fodesse contra uma árvore na floresta. Pede outra vez, minha linda — provocou ele. — Pede para eu te foder bem fodida, como tu mereces.

A crueza daquelas palavras estava a estimulá-la. Ele sabia que isso acontecera noutras ocasiões no passado. As faces dela ardiam, e a sua respiração era rápida e errática. A capacidade de pensar racionalmente estava ofuscada pelo desejo.

— Pede-me — disse ele suavemente, roçando-lhe os lábios com o nariz e depois a boca.

— Eu mereço. Ser. Bem. Fodida.

Se havia uma coisa chamada súplica desafiadora, Alice acabara de a conseguir.

Ele rosnou baixinho, a boca a contrair-se numa linha dura. Virou-a na sua frente. Quando a viu cambalear porque tinha as roupas reviradas nos tornozelos, equilibrou-a, as mãos a envolverem-lhe os ombros. Encostou o rosto ao seu pescoço, o beijo quente a fazê-la arquejar, e prendeu-lhe as mãos no tronco da árvore, para a fazer apoiar-se. Ela sentiu-o despertar as calças.

Um momento mais tarde, o pénis nu deslizou entre as suas coxas, o topo da rígida haste a esfregar-se contra a sensível e húmida abertura do seu sexo. Ele fez um grunhido contido e rouco que vibrou na sua garganta. Mordendo o lábio inferior para suprimir a sua própria excitação, ela inclinou-se contra a árvore, dobrando-se pela cintura. Sentir a bulbosa cabeça do pénis a fazer força contra o seu canal parecia-lhe excitante e proibido.

Tão bom, raios.

Ele segurou-lhe as ancas com as mãos e introduziu firmemente o pau. O facto de não poder gritar o seu prazer fê-la querer miar como uma gata no cio. O seu gemido abafado fez-lhe arder a garganta. O pau dele parecia enorme e pesado dentro dela. Quando, finalmente, sentiu-lhe os testículos encostados ao seu sexo e ele fez uma pausa, a apertá-la contra si, Alice abriu a boca num grito silencioso.

— Calada — balbuciou Dylan tensamente atrás dela, e Alice perguntou-se, confusa, se gemera alto, afinal de contas. À distância, ouviu os passos no trilho. O seu perseguidor percebera que a tinha perdido e estava a voltar para trás, os passos mais rápidos do que tinham sido anteriormente.

Imobilizaram-se num cenário de imóvel e incendiário prazer. Era insuportável. Dylan palpitava dentro dela, o pau a esquentar-lhe a carne. Céus, precisava de se mover. Não conseguia impedir os músculos de se contraírem à volta dele, de lhe apertarem a sua rígida extensão. Ouviu-o fazer um pequeno som desmaiado nas suas costas. De alguma forma, ajudou-a saber que não estava a sofrer sozinha.

Mas não muito.

Os passos do seu perseguidor desvaneceram-se enquanto ambos suavavam mutuamente. No momento em que julgou que não aguentava mais, ele começou a entrar e a sair dela, os movimentos profundos e até um pouco duros. Alice adorou. O seu corpo ondulava com o impacto do dele. O impiedoso pau a mergulhar dentro dela e a aguda fricção criada tornaram-se todo o centro da sua concentração. *Dylan. Dylan. Dylan.* Entoava o nome na sua cabeça como um mantra, de cada vez que a pélvis dele chocava contra si. Fechou os olhos, mordeu o lábio, e respondeu com um firme e fluido movimento das suas ancas. Era esquentante e proibido. Tão *certo*.

Estava tão embrenhada que ficou chocada quando Dylan imobilizou de súbito o bombar das ancas, os polegares a mergulharem nas suas nádegas. Ouviu passos distantes a aproximarem-se. O homem estava novamente de volta.

— Raios — ouviu Dylan dizer atrás dela, a palavra emudecida praticamente a explodir-lhe da boca com pura frustração.

— Foste tu que o mandaste fazer isto — sibilou ela por cima do ombro, o murmúrio quase inaudível.

Ele apertou-lhe ambas as nádegas numa severa reprimenda. Alice tentou respirar, mas era como se todo o seu corpo estivesse confuso sob a influência da excitação crescente e abafada. Os seus pulmões pareciam não querer expandir-se, embora ela precisasse desesperadamente do oxigénio. As mãos de Dylan moviam-se ligeiramente sob o seu rabo, abrindo-lhe as nádegas, fazendo uma espécie de exibição lasciva. E ela não podia fazer nada acerca disso.

Exceto um olhar carrancudo por cima do ombro.

Ele estava, de facto, de olhos fixos no seu rabo. Como se sentisse o olhar dela, virou-se para cima. O brilho nos seus olhos enevoados, o pequeno sorriso conhecedor e o solavanco do seu pau dentro dela fez a careta evaporar-se. À distância, os passos do seu perseguidor vinham a voltar para trás. O Homem do Cigarro estava cada vez mais alarmado. Em breve, iria abandonar o trilho e começar a vasculhar a floresta, à procura dela.

Dylan devia ter pensado o mesmo, porque começou a mover-se. Obviamente, concordava com ela que a única linha de ação era seguir em frente.

Agora não há como voltar atrás.

Ela estremeceu com a fricção, sempre a olhar para ele, com o ombro apoiado no queixo. Não conseguia desviar o olhar do rosto rígido de Dylan. Era errado. O homem estava apenas a uns vinte metros. Podia reparar nalgum pedaço de erva pisada e identificar o ponto onde ela deixara o trilho. Podia sair do caminho e estar em cima deles num segundo. Seria humilhante serem descobertos.

Mas o momento era demasiado volátil. O que estava a acontecer entre ela e Dylan não ia terminar de outra forma que não em explosão. Por um momento, perdeu a noção de onde estava o homem. Dylan já não estava a martelar a pélvis contra o seu rabo. Em vez disso, estava a parar a poucos milímetros de estabelecer contacto, as ancas a moverem-se depressa, fluídas, furiosas. Era o suficiente. Era mais do que suficiente. O sangue estava a pulsar nos seus ouvidos e a acumular-se no seu sexo. Nunca percebera que um homem podia foder tão silenciosamente e ao mesmo tempo com tanto poder. Mordeu o lábio, esforçando-se para conter um gemido. Não era uma coisa que podia controlar.

Estava mesmo quase a vir-se.

Talvez Dylan sentisse a sua agonia, porque, de repente, transferiu uma mão para o seu ombro. A outra mão deslizou para a boca dela. A sensação da luva contra os seus lábios foi o que fez explodir. Ele silenciou-lhe o grito com a mão. Alice tremeu no seu clímax, mordendo a pele macia com os dentes da frente. Foi varrida pelo prazer, quente e violento. Ele fodeu-a enquanto ela se vinha, usando a mão no seu ombro para dar ainda mais poder às suas investidas.

Ela pestanejou uns momentos depois, enquanto o orgasmo se dissipava. Ouviu o estalar de um raminho, depois silêncio. Dylan entrou com força e depois imobilizou-se também. Alice conteve a respiração ofegante. Tentou desesperadamente ouvir alguma coisa para além do seu coração a trovejar. Lenta e muito deliberadamente, Dylan aproximou-se mais, enterrando o pau até à base. Pressionou. Os olhos de Alice abriram-se mais com a pressão.

Os seus pulmões ardiam com a necessidade de respirar, mas ela estava a conter o ruído.

Depois ouviu os passos do homem no trilho. Estava a acelerar na direção do estábulo. A seguir começou a correr.

Um profundo e ominoso rosnar vibrou na garganta de Dylan. A mão deslizou da boca dela. Ele agarrou-a pela anca e investiu com força. Ela gemeu com a sensação do pau a inchar dentro de si. Sentiu-o estremecer atrás dela e soube que Dylan se estava a vir. O seu calor preencheu-a. Tentou mover-se, acariciar-lhe um pouco o pau enquanto ele se vinha, mas Dylan soltou um pequeno grunhido e prendeu-a no mesmo sítio com as mãos.

Ela fechou os olhos, experimentando com Dylan a sua doce agonia enquanto ele se esvaziava nas profundezas do seu corpo, sentindo-o tremer atrás de si.

Mais cedo do que qualquer um estava preparado, ele retirou-se. Sentiu-se um pouco magoada. Ele não a foderia com tanta força como já fizera no passado, mas também não mentira a respeito de se vir muito e com força dentro dela. Assim que ele saiu, ela sentiu-se vazia.

Dylan baixou-se de imediato e endireitou-lhe os calções e cuecas em volta dos tornozelos. Depois puxou-lhos para cima. Ela endireitou-se, ajudando-o furtivamente a vestir-se. Observou-o enquanto também ele puxava as suas boxers e apertava à pressa as calças de ganga. Quando estava quase a terminar, ele ergueu o olhar e observou-lhe o rosto.

— Espero que o teu joguinho tenha valido a pena o despedimento do homem.

— Vais despedi-lo da Durand? — perguntou ela, a esforçar-se por emudecer a fúria no seu tom.

— Não — replicou ele, a percorrer a floresta com o olhar. — Desta missão. Vais voltar para o castelo à noite. Os serviços dele já não serão necessários.

Ela abriu a boca para protestar contra aquela arrogante presunção, mas ele interrompeu-a.

— Vamos embora antes que ele volte. O *Kar Kalim* está ali — disse, referindo-se ao seu cavalo. Acenou com a cabeça para noroeste. Alice anuiu, demasiado atordoada depois da sua ilícita, escandalosa, aventura para dizer qualquer coisa muito coerente.

Seguiu-o, o seu progresso atrasado pelo matagal e folhagem densa. Chegaram, por fim, a uma pequena abertura. Na outra ponta, Alice reparou num trilho de cavalos. Viu *Kar Kalim* preso a uns arbustos baixos. Era ainda maior do que *Quinn*, o cavalo em que Dylan lhe dera a sua primeira lição, na semana anterior. A cor do seu pelo fazia-a

lembrar os olhos de Dylan — de um castanho tão escuro que era quase preto, e tão lustroso que brilhava. O cavalo olhou-os enquanto atravessavam a clareira, o seu olhar a parecer a Alice inteligente e régio.

— Como é que sabias onde eu estava? — sussurrou Alice quando Dylan se aproximou de *Kar Kalim* e pegou na rédea.

Dylan limitou-se a apontar para oeste. Alice deu um passo atrás e viu a abertura entre as árvores. Dali, havia uma linha de visão aberta até a uma faixa de praia e um pálido lago Michigan.

— Viste-me a correr?

Dylan anuiu.

— Sabia que o Janocek ia aparecer passado um bocado.

— Janocek? É esse o nome do homem que puseste atrás de mim à noite?

A boca dele estava contraída numa linha de insatisfação.

— Serviu-me de muito. Ou tenho uma equipa de segurança altamente incompetente na Durand, ou tu és quase impossível de guardar — disse ele, o seu rápido olhar de aborrecimento a dizer-lhe alto e bom som que ele sabia qual das opções era a correta. — Vi-te a olhar para trás, como se soubesses que estavas a ser seguida. Havia alguma coisa na tua cara. Rebelião. Depois disparaste como uma seta. Tive o pressentimento de que estavas a tramar alguma.

— Não gosto de ser seguida. Não gosto de ser vigiada toda a noite, também — disse Alice, com uma voz tensa, tendo dificuldade em olhá-lo nos olhos. Na verdade, sentia-se um pouco embaraçada. As suas ações pareciam-lhe, de repente, juvenis.

— Então vais ter de dormir todas as noites no castelo, não vais?

Não era uma verdadeira pergunta, por isso Alice não respondeu. Estava demasiado envergonhada para o olhar nos olhos. Fixou-se antes nas suas botas e nas coxas duras por baixo das calças de ganga. A verdade é que não queria estar noutro sítio que não ao seu lado. Só que, por vezes, sentia que, se se lhe rendesse com demasiada facilidade...

Estaria, de alguma forma, a perder-se de si mesma.

— Eu... eu nunca cheguei a contar-te mais do que aconteceu naquela noite. Do que eu me lembrei... sobre a Addie — disse, a voz a soar um pouco congestionada. Surpreendeu-se a si mesma ao abordar o assunto naquele momento. Até então — até voltar a vê-lo — não tinha percebido como ansiava por partilhar a incrível experiência com alguém.

Não apenas com *alguém*. Com ele.

Sobressaltou-se ligeiramente quando ele colocou a mão enluvada no seu queixo e a obrigou a olhá-lo de frente. Pestanejou quando viu a emoção que ardia na sua expressão normalmente impassível.

— Eu quero ouvir.

O lábio dela tremeu com a sua crua honestidade. Ele reparou.

— Eu não sou o que estás a imaginar, Alice. Não quero controlar-te. É uma situação complicada, para usar um eufemismo. Já te disse que estou apaixonado por ti. Acreditas em mim?

Ela engoliu em seco, encurralada pelo olhar dele.

— Sim — sussurrou. — Acho que sim.

— Precisas de ouvir isto mais vezes, menos... ou nunca?

O coração dela apertou-se desagradavelmente no seu peito ao ver a expressão de sombria inevitabilidade no rosto dele.

— Não é isso! *Claro* que o quero ouvir. — Ela fez uma careta. — Só que estou tão confusa, neste momento — balbuciou tristemente, porque omitira a verdade. Não a parte sobre estar confusa. Isso tornara-se, basicamente, o ar que respirava. Não, era o facto de ele lhe ter já dito duas vezes que a amava, e isso ter provocado um conciso arrebatamento em ambas ocasiões, uma alegria demasiado aguda para a conseguir compreender e absorver, quanto mais comunicar.

— Queres estar comigo durante a noite, Alice?

— Quero tanto.

— Então, para de o combater — vociferou ele, os dentes brancos a cintilar.

Um pequeno espasmo de emoção abalou Alice. Ela anuiu. Ele largou as rédeas e envolveu-a com os braços. A sua boca prendeu-se na dela. Alice deixou-se afundar na sua força. No seu calor.

Céus, era como uma traça atraída por uma chama. Será que as traças consideravam que valia a pena, tendo em conta que iam ser incineradas?

Ali, naquele momento, sob a influência do beijo de Dylan, Alice pensou que talvez sim.

Kuvi perguntou-lhe nessa tarde se ela queria ir com um grupo de outros monitores à Lakeside Tavern, em Morgantown, naquela sexta à noite. Alice explicou-lhe sobriamente porque não podia. Concordara encontrar-se com Dylan na floresta, nessa noite, e retomar a sua rotina anterior — se é que estar com Dylan Fall podia remotamente ser chamado *rotina*.

Tinha todo o dia para viver a expectativa de estar com ele, para preocupar-se com isso...

Para deliciar-se com isso.

Os seus miúdos estavam numa disposição maniacamente entusiástica, naquela noite, depois de terem ficado no primeiro lugar no desafio de escalada da tarde. Parecia que o emparelhamento inicial de Alice entre Noble D e Judith para o slide tinha sido inspirado.

Embora as coisas pudessem continuar espinhosas entre o par, ela reparou que a física da atração estava, definitivamente, a entrar em jogo. D e Judith costumavam invariavelmente acabar em lados opostos da sala de convívio, à noite, com a rapariga a ignorar regamente os olhares curiosos e ansiosos de D, agora que tinham ficado juntos. Porém, uma coisa nova estava a acontecer. Eram ambos miúdos espertos e competitivos. Os planos para o sucesso tornaram-se uma linguagem que estavam os dois à vontade para usar para comunicar. O par dominara a logística da escalada, nesse dia, inventando uma solução criativa para as dificuldades e forças de vários membros da equipa. Alice acabara por precisar apenas de ficar a observar. Abdicar do controlo e dar aos dois miúdos a liberdade para lidarem com a tarefa era um desafio pessoal também para ela. Vê-los todos a trabalhar juntos com tanto sucesso fora a sua recompensa.

E alguma coisa, de facto, tinha mudado, observou Alice quando entrou na sala de convívio nessa noite. D, Judith, Terrance e Matt estavam sentados num círculo largo em volta de uma mesa, a reviver alguns momentos mais excitantes da escalada. Judith estava em

silêncio a ouvir atentamente e a divertir-se. Estava, definitivamente, a permitir-se ser uma parte do grupo.

— Se ficasses mais tempo em cima daquela coisa, tive medo que a parede decidisse para que direção ias a seguir desabando sobre si mesma — disse D. Terrance e Matt riram com gosto. Judith foi incapaz de reprimir mais tempo o seu divertimento.

— Parecias um gigante a equilibrar-se na cabeça de um alfinete — exclamou Judith, com uma enorme gargalhada. Todos desataram a rir ainda mais alto. Alice estacou, a sorrir, enquanto observava o tipo de momento que resulta apenas do alcançar de um objetivo através do desafio pessoal e do trabalho de equipa. Dylan tinha razão. Ele dissera-lhe que uma parte muito importante da liderança era delegar tarefas. Alice sentiu a verdade disso em primeira mão, naquele momento.

Judith limpou uma lágrima do canto do olho.

— Mas safaste-te bem, Terrance. Sem ti, não teríamos conseguido. Terrance pareceu satisfeito pelo raro elogio de Judith.

— A propósito, a Crystal sabe que estamos a tramar alguma. Tem andado a vigiar-nos, a mim, a ti e ao Justin, como um falcão — disse Terrance em voz baixa para Matt, depois de todos se acalmarem. Referia-se à sua muito experiente supervisora noturna, que acabara de chegar e estava a cumprimentar um grupo de raparigas do outro lado da grande sala. — Mas, se fomos suficientemente bons para ficar em primeiro na escalada em parede, de certeza que vamos conseguir... vocês sabem — disse Terrance baixinho para Matt e Judith. Esta ergueu o olhar e reparou em Alice a aproximar-se devagar. Fez a Terrance uma careta repressiva.

— Roubar a *Bang*? — terminou Alice alegremente, parando de repente ao lado deles.

As expressões de Judith, Terrance e Matt variaram entre o pânico e uma convincente incompreensão. Noble D limitou-se a ficar de olhos na mesa, desconfortável.

— O que é uma *bang*? — perguntou Terrance, apontando para Alice e fazendo a Matt um olhar de «alerta-mulher-maluca».

— Sabem — disse Alice com o ar de quem está a pensar para si mesma e a ignorar Terrance. — Ocorreu-me agora que uma equipa com tão bom sentido de estratégia na escalada deve ser capaz de reconhecer que o candidato ou candidata a enviar num... hum... digamos, numa missão *secreta*, ou coisa do género, não é necessariamente o mais óbvio ou óbvia, porque essa pessoa ou pessoas

estariam com os holofotes por cima delas.

Terrance franziu o sobrolho com esta críptica declaração.

— Tu estás bem, Alice? Já jantaste? Estás com tonturas, ou coisa do género?

— Eu estou bem — disse Alice com jovialidade, porque enquanto Terrance e Matt pareciam confusos, D erguera a cabeça muito devagar e Judith estava a olhar para ela com os olhos semicerrados. Alice parara atrás de um sofá. Pegou ociosamente numa almofada. — E também me ocorreu que uma equipa devia pensar no objetivo *principal* de qualquer tarefa. Será mesmo o objetivo *óbvio*? — continuou Alice como que para si mesma, mantendo a voz tão baixa que apenas os quatro miúdos a ouviam. — Ou será que o verdadeiro objetivo é qualquer coisa simbólica? Poderá ser alcançado de uma forma alternativa sem se correrem riscos desnecessários? Sem se tirar *nada*, na verdade? É isso que tenho andado a pensar.

— *Okay* — disse Terrance, a revirar os olhos. Alice sorriu com um ar inocente, atirando a almofada ao ar e apanhando-a.

— Estava só a pensar numas coisas, mais nada. E está uma boa noite para se pensar...

— Ou para se ficar tolinho... — balbuciou Terrance em surdina.

—... em objetivos, e como os planos mais brilhantes muitas vezes atingem mais do que *um* propósito — continuou Alice. Atirou abruptamente com a almofada. Apesar da posição debruçada para a frente, Noble D endireitou-se e apanhou-a com os reflexos de um atleta nato.

Judith pestanejou com o súbito movimento. O seu olhar transferiu-se de D para Alice, os olhos a abrirem-se muito.

Mensagem recebida.

A monitora apontou para Terrance.

— Amanhã de manhã temos corrida. Não te atrases. Boa noite, pessoal — disse Alice, antes de sair com um passo animado.

O último beijo de Dylan na floresta — aquele beijo escaldante, profundo e terno — ainda girava na mente de Alice, quando ela saiu à socapa da cabana, naquela noite, às nove e meia. Nunca se apercebera de que era possível estar simultaneamente ansiosa e aliviada ao ponto da euforia com a ideia de ver outro ser humano...

Com a ideia de retomar o hábito de passar a noite na cama dele, envolvida nos seus braços.

A noite estava imóvel e silenciosa. Havia uma milhão de estrelas no céu noturno. Alice não sabia se era da aguda expectativa de o ver ou se estava a acostumar-se ao seu silencioso movimento noturno na floresta escura, mas, ao contrário da maior parte das noites, quando ele a surpreendia, ela virou-se um segundo antes de sentir o seu toque nas costas. A mão dele deslizou ao longo da sua *T-shirt* e envolveu-lhe um ombro. Alice deu um passo na sua direção e pôs-se em bicos de pés, ambas as mãos pressionadas contra a sólida parede do seu peito.

Encontrou a boca dele na escuridão. Beijou-o com avidez: não conteve nada. Todos os sentimentos que tentara sufocar encontraram uma saída naquele beijo.

Dylan precisou apenas de uma fração de segundo para ultrapassar a surpresa daquele ataque. Depois os seus braços fecharam-se em volta dela, e ele juntou-se àquele beijo molhado e louco.

Após um momento delicioso em que Alice sentiu os dedos dos pés enrolarem-se dentro dos ténis, teve de se afastar, com relutância, para respirar.

— Ainda estou zangada contigo por me esconderes as coisas — sussurrou contra os lábios dele.

— E como é que eu posso saber o que te contar e não contar, quando estás sempre a dar sinais contraditórios?

Ela mordeu os lábios, sem saber como responder à pergunta com tanta concisão como ele a fizera.

— Eu sei que dou sinais contraditórios — concedeu. — O que é que posso fazer? Estou confusa.

— É compreensível.

— Mas não devias ter tratado o Thad daquela maneira — sussurrou. — És demasiado protetor comigo, Dylan. Eu sou uma pessoa independente. Sempre fui. Não quero viver numa gaiola.

Uma brisa passou pelo topo das árvores que os rodeavam, o que as fez suspirar suavemente. Ocorreu de repente a Alice que estava a ter aquela conversa com ele no meio da escuridão, onde não o podia ver. Talvez isso tornasse as coisas mais fáceis, por alguma razão. Quando via os seus olhos profundos e magnéticos, por vezes perdia-se.

— Eu respeito isso — sussurrou ele, rigidamente, passado um momento. — E ainda acho que não devias dar carta branca a ninguém com a tua lealdade, mas compreendo que o Schaefer se tornou teu amigo. Para o melhor ou para o pior.

— E?

— E o quê?

— Porque é que és tão protetor? Se não consegues parar de o fazer, ao menos tens de me dizer a razão. Não estamos *há vinte anos*, Dylan.

— Agora não — sussurrou ele, tenso. Alice sentiu as mãos dele prenderem-se nos seus ombros e apercebeu-se de que Dylan estava a perscrutar a escuridão à sua volta. Era mesmo paranoico. *Não era?* — Está bem, vamos falar — disse por fim. — Mas aqui não. Na casa.

Ficaram em silêncio durante o resto do caminho para o castelo. Quando chegaram às portas do terraço, Dylan pediu-lhe baixinho para usar a sua chave, para verificar se funcionava bem. Também foi ela que inseriu o código do sistema de segurança. Quando chegaram à cozinha, ele disse-lhe para ir subindo enquanto preparava qualquer coisa para beberem.

Na suite de Dylan, Alice sentou-se estrategicamente no sofá da zona de estar, em frente à lareira. Queria conversar com ele, e não precisava da distração da grande cama luxuosa ou das ofuscantes memórias do que lá tinham feito em ocasiões anteriores.

Dylan entrou alguns minutos depois. Usava uma simples *T-shirt* vermelha e calças de ganga que lhe enfatizavam o corpo nos sítios certos. Ela devorou a sua imagem, um homem grande, elegante, macho, um homem supremamente confiante da sua fisicalidade, que conhecia o seu poder e força e sabia precisamente como usá-los. Trazia dois copos. Calculou que o líquido castanho escuro num deles era *Dr. Pepper*. Foi percorrida por uma estranha tontura, com aquela prova de mundana familiaridade da parte dele. Dylan gostava de beber água com gás com uma rodela de limão — o que trazia nesse momento — ou um caro *brandy* francês, quando queria álcool. Não pestanejava nem uma única vez quando ela nomeara a sua pouco sofisticada e ultra-açucarada bebida preferida.

Dylan pousou os copos na mesinha na frente do sofá, enfiou a mão no bolso de trás das calças e puxou uma caixa de *Doce Adelaide* na mesa ao lado da sua bebida.

Ela sorriu sem pudor e pegou na caixa.

— Obrigada.

Os *Doce Adelaides* eram dos maiores sucessos de vendas da Durand. Juntamente com os *Jingdots*, eram os preferidos de sempre de Alice. Esta ficara há pouco tempo a saber que Marie, a cozinheira de Dylan, tinha um enorme frasco cheio com vários doces da Durand na bancada da cozinha do castelo. Sentiu-se tímida mas feliz com o pequeno presente de Dylan. O que era estúpido, claro. Abriu a caixa e

despejou alguns dos doces de caramelo, amendoim e chocolate para a mão, fazendo um sorriso enviesado a Dylan.

— Deves mesmo gostar de mim, se estás disposto a alimentar o meu vício por chocolate.

Ele sentou-se na almofada ao lado dela e reclinou-se para trás, passando um braço nas costas do sofá. Alice fez uma pausa no processo de enfiar os doces na boca, a mão a imobilizar-se a vários centímetros abaixo do queixo. A *T-shirt* dele esticou-se sobre o largo peito musculado e tronco seco. As coxas fortes cobertas pela ganga também eram uma distração, mas foi o que ela leu nos seus olhos escuros que lhe roubou a atenção.

— Gosto.

Ela tentara falar num tom ligeiro, mas, de súbito, tudo pareceu tremendamente sério. Sentiu as faces aquecerem.

Ele sorriu.

— Eu sei que vens cá pelo amor do chocolate. Está nos teus genes.

Uma sensação de formigueiro percorreu-lhe os braços. Lentamente, ela abriu a palma da mão e olhou os chocolates que lá tinha. Olhara doces iguais centenas de vezes.

Nunca os tinha *visto* realmente até então.

Foi percorrida por um arrepio.

— Oh, meu Deus — sussurrou, a estremecer.

— O que foi?

— *Doce Adelaide*. Alan Durand deu-lhes o nome da filha.

— Sim — disse Dylan com o ar de alguém a confirmar que ela tinha, de facto, uma cobra pousada no pescoço. — Pensei que o tinhas percebido no dia em que te falei da Addie. O Sidney mencionou que o Alan até costumava dizer na brincadeira que a filha costumava ser um *Doce Adelaide*, mas de vez em quando conseguia ser um *Citrus Ácido*... — interrompeu-se quando ela ficou a olhar para ele, como se não estivesse a compreender. Inclinou-se para ela. — Alice? — chamou, tenso.

— Está tudo bem — balbuciou. Porque é que não fizera aquela incrível ligação até agora? Sim, Sidney fizera aquela declaração, mas fizera ricochete nela como muitas outras coisas, naquela fatídica tarde.

Para um casual observador dos factos, a verdade devia ter sido óbvia. Mas Alice não era uma testemunha casual. Estava tão profundamente mergulhada na situação que ficara cega. Indefesa. Aquela verdade vibrava agora nas suas orelhas e pulsava no seu sangue. Era como se dois circuitos eléctricos se tivessem juntado

abruptamente, a ferver com poder e a iluminar-lhe o cérebro, fundindo uma pequena parte da sua infância com a de Addie Durand.

Tudo isto a partir do estímulo aparentemente inócuo de um vulgar doce.

Lenta, deliberadamente, levou a mão à boca e colocou um chocolate na língua. Um. Não atirou todos ao mesmo tempo, mastigou e pegou noutra mão cheia ainda antes de engolir, como costumava fazer. Fechou a boca e as pálpebras, deixando que o sabor doce e a consistência aveludada do chocolate a preenchesse.

A vida não lhe passou diante dos olhos, como se diz das vítimas de afogamento. Isso teria sido uma representação demasiado dramática do que lhe aconteceu naquele momento. Mas, porque ela o permitiu, porque espremeu cada grama de significado daquele pequeno doce, fios da sua vida que julgara antes serem apenas inconsequente ruído de fundo uniram-se de súbito com a Alice Atual.

Engoliu em seco.

— Alice? — repetiu Dylan.

Ela pestanejou, saindo do seu transe. Percebeu por fim como devia parecer ansiosa.

— O tio Al trazia-me, muito de vez em quando, *Doce Adelaides e Jingdots*. Eu disse-te que o Al era o meu tio preferido — disse, olhando Dylan nos olhos. Ele fez um aceno afirmativo. — Para mim era como se fosse Natal, de cada vez que me estendia aquele saquinho de doces. A Sissy começava a gritar com ele, a acusá-lo de me estragar com mimos depois de eu ter refilado com ela, ou qualquer que fosse o pecado que tinha acabado de cometer. Mas o tio Al ignorava-a. E, em algumas alturas, quando ela gritava demasiado, ele ficava furioso e dizia: «Ela merece aquele doce, mana, isso e muito mais! Estás-te a esquecer disso?»

Alice abanou a cabeça.

— Eu nunca tinha *percebido* porque é que ela se calava com isto — disse, a voz rouca. As terminações nervosas nas suas mãos e pés vibravam. Pestanejou e a sua cabeça recuou de súbito, como se tivesse acabado de sofrer uma bofetada invisível.

— Eles *sabiam* — sussurrou para si própria. Os doces que ainda tinha na mão caíram para o seu joelho e depois para o tapete. Dylan agarrou-a pelos braços. Alice ficou grata por aquele toque. Acalmou-a.

— Porquê? — perguntou-lhe. — Porque é que ficaram comigo? Porque é que mantiveram tudo isto em segredo? Quem é que sabia? Todos? Quanto é que sabiam? — As perguntas iam saindo da sua boca

numa pressa inquieta, ao mesmo ritmo a que se formavam na sua língua. Como podia não ter pensado ainda nos Reed? Era como se uma barreira protetora tivesse desabado e ela estivesse a ser esmagada pela esmagadora e sólida ansiedade. — *Dylan?* — chamou, desesperada.

Dylan abanou a cabeça.

— Não sei com absoluta certeza quais dos teus tios sabiam ou até que ponto. É óbvio que o Al sabia alguma coisa, dado o que acabaste de dizer. Mas a Sissy sabia desde o princípio. — Ela ia começar a fazer outra pergunta, mas ele ergueu a mão livre. — Não tenho as respostas todas, Alice, mas vou contar-te tudo o que descobri por Avery Cunningham. Mas, primeiro, respira fundo. Acalma-te.

Ouvir o nome da mãe juntamente com o de um dos raptos de Addie Durand fê-la sofrer outro pequeno choque. A sua boca fechou-se de chofre. Respirou mais devagar pelo nariz. Dylan tinha razão. Sentira-se um pouco tonta, por um momento.

— Estás bem? — perguntou Dylan.

— Sim. De certeza. Continua, por favor — apressou-se a dizer, com medo que ele mudasse de ideias a respeito de lhe contar o que sabia.

Ele fez-lhe aquele olhar que ela reconhecia agora como de extrema cautela. Aprendera bem essa expressão ao longo dos últimos dias.

— Eu estou bem, Dylan. Quero saber.

Ele inspirou fundo, e Alice teve de novo a sensação de que ele estava a obrigar-se a descer ao poço fundo das recordações que tanto detestava.

— Eu disse-te que o Cunningham tinha planeado atirar o corpo da Addie Durand àquele ribeiro mas, quando a estava a largar, os seus olhos abriram-se. Só que era demasiado tarde. Ela caiu na água. Quando percebeu que a criança estava viva, ele correu ao longo do leito do rio e saltou para dentro para a salvar. Tinha chovido muito naquela noite, depois de uma seca prolongada. Ele disse que o ribeiro estava rápido e forte. Disse que devia ter batido com a cabeça em qualquer coisa quando estava a tentar apanhar a Addie no meio da corrente, porque ficou desorientado depois de a puxar para a margem. Disse que foi *isso* que contribuiu para o que o fez alterar os seus planos a respeito da Addie.

— Não acreditaste? — perguntou Alice, reparando na inclinação de desprezo na sua boca.

Dylan encolheu os ombros.

— Tendo em conta os constantes jogos de gato e do rato do Cunningham, tentei manter o ceticismo a respeito de quase tudo o que ele dizia. O que era difícil, porque ansiava por quaisquer informações que me pudesse dar. Não sei o que foi que aconteceu realmente naquela manhã há vinte anos. Nunca vou saber. A única coisa que tenho é o que ele me deu... e o facto de a informação me ter levado, de facto, a Addie Durand. Mas a explicação que o Cunningham me deu, a de que estava desorientado, não me convence.

— O que é que queres dizer com isso?

— O Cunningham dizia que a razão por que não levou a Addie de volta para o Jim Stout e retomou os planos de enviarem um pedido de resgate a Alan Durand foi o facto de estar desorientado pela pancada na cabeça. Isso e o facto de estar um bocado... comovido por a Addie ainda estar viva.

— *Comovido?*

Dylan olhou-a nos olhos.

— Lembras-te de te ter dito, há alguns dias, que o Cunningham não parava de falar dos olhos da Addie, do impacto que tinham tido sobre ele quando os viu abrir na altura em que julgava estar a livrar-se do seu cadáver? De acordo com o homem, ele ficou mais ou menos... — Acenou com a mão, impaciente. — *Convertido* pelo que aconteceu.

— Viu a luz? — perguntou ela, atónita.

Dylan olhou-a bruscamente.

— O Avery Cunningham era um mentiroso, um viciado em drogas e um assassino. Era o mais baixo denominador comum da sociedade. *Depois* de ter, supostamente, passado por esta miraculosa «conversão», quase rasgou um homem com as mãos nuas, quando estava pedrado com metanfetaminas. A suposta redenção do Cunningham não ajudou em nada a sua vítima. Ele estava a *manipular-me* com aquela história, a pintar uma imagem de si mesmo no leito da morte, tentando convencer-se tanto quanto a mim de que existia uma réstia de humanidade dentro de si.

— E o que é que ele fez com a Addie, depois de a retirar do ribeiro? — perguntou Alice em surdina, o temor e a curiosidade a batalharem no seu cérebro.

— Telefonou a uma velha amiga.

Os braços de Alice arrepiaram-se. Uma coisa que Dylan lhe dissera na semana anterior saltou para o seu cérebro para se misturar com a nova informação. *Cunningham já estava na prisão por outra acusação de homicídio. Tinha matado um homem alguns meses antes, quando estava*

pedrado com metanfetaminas. Isso e a cautela de Dylan naquele momento disse-lhe o que ela temia.

— O Cunningham conhecia a Sissy, não conhecia? — Virou-se para ele quando não o ouviu responder de imediato. — Ela era a sua fornecedora de metanfetaminas?

Ele anuiu uma vez.

Alice sentiu-se um pouco dormente, mas não estava surpreendida com a notícia. Homens e mulheres do calibre de Avery Cunningham apareciam com regularidade junto à sua desleixada e atulhada caravana em Little Paradise. Eram vozes como as deles — duras, guturais e, por vezes, selvagens — que Alice ouvia com regularidade a vibrar através das paredes do seu quarto. Era a vida de Alice. Ela era um rato a esconder-se numa toca de pitões, constantemente a tentar disfarçar a sua vulnerabilidade, fazer-se mais escura e mais dura do que era na realidade.

— Parece que a Sissy e o Cunningham já se conheciam há muito tempo — continuou Dylan. — Conheceram-se no Centro de Detenção Juvenil de Cook County, nos anos oitenta.

Alice engoliu em seco, a tentar absorver esta estranha realidade. Jesus. Quem sabia se ela e Cunningham não teriam até estado na caravana ao mesmo tempo? Típico da Sissy, receber o raptor e quase assassino da filha na sua casa, de braços abertos. Cunningham fora um velho camarada de crime e cliente, afinal de contas.

— De acordo com o Cunningham, a Addie estava muito maltratada, quando ele a retirou do ribeiro — continuou Dylan, sombrio. — Quando a pôs no carro, ela estava meio inconsciente. Mas, a certa altura, ela acordou. Ele disse que lhe deu de comer na estrada. Acho que foi nessa altura que percebeu que tinha acontecido uma coisa milagrosa. A Addie estava amnésica, não só não se recordava do rapto e tentativa de homicídio de Cunningham, como não se lembrava sequer da sua própria identidade. O Sidney garantiu-me que, dado o trauma físico que tinha sofrido, juntamente com todo o medo e *stress* psicológico, a amnésia é um mecanismo de defesa muito realista, em especial para uma criança tão pequena. O Sidney pensa que também pode ter sido apenas a queda que causou a amnésia, os pesados sedativos que lhe tinham dado, o trauma, ou então uma combinação de todas essas coisas. Para o Cunningham, deve ter sido como uma ardósia que foi limpa de todos os pecados contra ela. Também deve ter percebido que, no estado em que ela estava, seria pouco provável que o traísse, se a levassem ao médico. Ela nem sequer se lembrava do

próprio nome.

— Disseram-lhe que se chamava Alice, e ela acreditou — disse ela, num tom monocórdico.

— Não havia razão para não acreditar — disse Dylan. — Era uma menina traumatizada, ferida e minúscula, que tinha sido arrancada aos seus pais e quase morrera às mãos de um terrível criminoso.

Alice anuiu, a tentar disfarçar a sua inquietação.

— Continua.

As narinas dele dilataram-se um pouco quando a olhou, obviamente relutante.

— Por favor, Dylan.

Ele fechou por uns momentos os olhos e inspirou fundo.

— O Cunningham ligou à Sissy e combinaram encontrar-se num hotel em Michigan City, no Indiana. A Sissy ajudou-o a pintar o cabelo de Addie de castanho-escuro. O cabelo da Addie tinha uma cor invulgar, de um ouro rosado. Precisavam de esconder aquela característica denunciadora.

Alice abanou a cabeça lentamente.

— A Sissy pinta-me o cabelo desde que me conheço. Quando fiquei um pouco mais velha, disse-me que ela tinha sido abusada, quando era pequena. Disse que não queria que eu fosse uma presa óbvia, ali em Little Paradise. Foi ela que me ensinou a esconder-me. A escurecer o cabelo, esconder o meu corpo, fazer-me parecer mais dura. Na verdade, foi das poucas coisas úteis que alguma vez me ensinou — disse Alice com uma pequena gargalhada grave. — E, agora, descubro que tinha um motivo ulterior, até para isso. Estava a tentar disfarçar a minha identidade, não proteger-me.

— Lamento — disse Dylan após uma pausa.

Ela recompôs os pensamentos e concentrou-se nele.

— Continua.

— A amnésia da Addie não passou, e a Sissy acabou por levá-la a um serviço de urgências local. A sua falta de memória tornou as coisas mais fáceis. Tudo o que lhe diziam...

— Tornava-se realidade — completou Alice, a fúria a intrometer-se no seu tom de voz. — Essa é a minha primeira memória... ou, pelo menos, *era*, antes de chegar aqui... A de acordar no hospital — disse, a olhar o vazio enquanto revivia aquela vaga recordação. Arrepios de medo percorreram-lhe a pele. Aquela sensação de pertencer a desconhecidos, a pessoas com quem não tinha absolutamente nada em comum, começara *ali*, nos momentos em que acordara naquela cama

de hospital.

— Alice? — chamou Dylan, hesitante.

Ela pestanejou. Percebeu que estava a abraçar o próprio tronco, como se precisasse de se aquecer. Reuniu forças e baixou os braços.

— E o Cunningham limitou-se a dar a Addie... — a dar-me *a mim*, gritou mudamente na sua cabeça — para a Sissy criar depois disso? Porquê?

Dylan abanou a cabeça devagar.

— O que sei disto não passa de especulação. Disse-te o que o Cunningham me contou. Ele diz que se arrependeu de ter raptado e magoado aquela menina... de quase a ter matado. Não queria continuar aquela missão, mas era demasiado cobarde para levá-la de volta e arriscar-se a ser preso. Mas acho que também precisava de uma cúmplice feminina, e pensou em Sissy. Como única testemunha ocular, eu tinha falado à polícia e ao FBI sobre os dois homens que tinham levado a Addie. Eles usavam máscaras e bonés, mas tinha a certeza que eram ambos homens. Uma mulher que alegasse ser a mãe de Addie no serviço de urgências atrairia menos atenções.

— Mas, então, porque é que *deu* a Addie à Sissy numa base permanente? Eu sei que não sabes exatamente porque é que o fez, mas deves desconfiar de alguma razão — implorou Alice, desesperada por compreender.

Ele estava agora inclinado para a frente, os cotovelos pousados nos joelhos afastados. Olhou para as mãos unidas.

— Alice... Acho que o Stout e o Cunningham não foram os verdadeiros organizadores do rapto.

— Achas que foi outra pessoa que o planeou? Que eles foram contratados para o fazer?

Dylan olhou-a nos olhos.

— Sim — disse com tranquila convicção.

Ela passou as mãos sobre a pele arrepiada dos braços.

— Sempre pensei que os dois homens tinham recebido informações sobre os hábitos e atividades da Addie. Escolheram as circunstâncias *ideais* para a levar. Alguém teria de se esconder na floresta durante dias a fio para observar e compreender o momento em que Addie estava mais vulnerável e quando a sua fuga seria mais fácil.

— Mas foi isso que eles fizeram, certo? Vigiam a área para determinarem o melhor momento?

— É o que teriam de fazer, mas não havia provas que

demonstrassem que efetivamente o fizeram. Se isso tivesse acontecido, haveria vestígios... provas da sua presença enquanto passavam dias, talvez até semanas, a espiar, na floresta e nos campos. O verão tinha sido quente e seco, antes do rapto. Não houve chuva nem vento para fazer desaparecer as provas. O FBI passou a floresta e toda a propriedade a pente fino. Nunca encontraram nada que indicasse que o Stout e o Cunningham se tinham ali escondido repetidamente para descobrir o melhor momento para o rapto, só suspeitavam que tinham tido de o fazer. De alguma maneira. Os agentes localizaram o sítio onde julgavam que o carro da fuga ficara estacionado, numa estrada lateral logo a seguir à falésia, mas não havia indicação de várias viagens, não havia múltiplos rastros de pneus. Houvera uma única chegada, no dia em que a levaram. Além disso, a lição de equitação que planeei nesse dia com a Addie não era a nossa rotina normal. Alguém *tinha* de ter dito aos homens quando e onde se apresentaria o momento ideal.

— Quem?

Ele abanou a cabeça, a boca cerrando-se com firmeza. Alice pressentiu a sua profunda frustração perante a incapacidade de lhe responder.

— Várias pessoas podiam tê-los informado do campo: empregados e campistas que frequentavam o estábulo, qualquer pessoa com quem os Durand conversassem sobre a Addie e as suas atividades, como amigos e confidentes do Alan e da Lynn. Pessoalmente? Sempre tive as minhas suspeitas a respeito do Kehoe, mas nunca tive nada de sólido a que me agarrar. Nunca disse nada aos agentes porque a minha desconfiança parecia infundada. Falei ao Jim Sheridan das minhas preocupações, mas ele nunca concordou. O problema é que não consigo pensar num motivo. Quem quer que tenha feito isto não só precisava dos meios para contratar o Cunningham e o Stout como tinha de prever o resultado da coisa toda. Tal como o Jim sempre me lembrou, o Kehoe não ia beneficiar em nada com o rapto da Addie.

— Então, porque é que desconfias dele?

— Não tenho a certeza — admitiu Dylan, pouco à vontade. — É só um pressentimento que tenho.

— Bem, é verdade que ele não gosta muito de ti. — Dylan olhou para ela de relance. — É difícil não reparar. Nessa altura já era ele que dirigia o campo, não era?

Dylan fez um aceno afirmativo.

— Eu fui campista no segundo ano do campo, e Kehoe já estava à

frente do projeto. Foi por causa de todo o bom trabalho que fez aqui que foi promovido a vice-presidente para os recursos humanos, naquela altura.

— O que é que o Kehoe pensava de ti, na altura?

— O que ele pensava de mim quando tinha doze, treze... catorze anos? Muito pouco, acho eu. Não me lembro, sequer, de muitas interações com ele. Era um tipo decente, não só comigo mas com todos os miúdos. — Pressionou as pontas dos dedos contra as pálpebras e abanou a cabeça. — Talvez seja só paranoia da minha parte, no que diz respeito ao Kehoe, e as más vibrações que recebo dele sejam unicamente devidas ao facto de ele não gostar de mim. Como o Jim está sempre a dizer-me, o Kehoe não teria absolutamente nenhum motivo para raptar a Addie.

— Quem é que beneficiaria monetariamente se a Addie saísse de cena? Quem era o herdeiro da Durand antes de a Addie nascer? — perguntou Alice.

— Tanto a Lynn como o Alan eram filhos únicos. Os pais deles tinham morrido. A mãe e o pai do Alan morreram num acidente com um pequeno avião, quando ele tinha vinte e quatro anos. A mãe da Lynn morreu de cancro da mama quando ela tinha doze anos e o pai de ataque cardíaco, poucos anos antes de a Addie nascer. Tinham feito algumas doações pessoais no testamento original a amigos e primos afastados, mas não eram quantias significativas, dado o valor da propriedade inteira. Não era, de certeza, dinheiro suficiente para alguém correr um risco tão extremo de ir para a cadeia, pelo menos na minha opinião. Toda a gente entre aquele grupo de beneficiários originais eram já de si abastados, e não iriam receber muito mais do que afetuosas lembranças de Alan e Lynn. O FBI fez uma investigação cuidada de cada beneficiário, mas não descobriu nenhuma ligação com o rapto. Antes de a Addie nascer, o Alan e a Lynn tinham planeado que a Durand passasse a ser cotada, e o grosso da sua riqueza pessoal e os resultados da venda de ações seriam doados para instituições de solidariedade.

Então... a Addie não tinha quaisquer parentes próximos vivos. Alice esmagou com algum esforço a sensação de solidão que desceu sobre si. Obrigou o cérebro a concentrar-se.

— E as instituições que o Alan e a Lynn preferiam? Não seria possível que alguém quisesse mais dinheiro para a sua causa, retirando a Addie do cenário?

— O FBI também considerou essa hipótese. Mas nunca surgiu

nada que sugerisse nenhuma ligação ou motivação significativa nesse sentido. Além disso, embora os planos deles fossem dar o grosso dos bens para a caridade, não prometeram o dinheiro a nenhuma organização específicas, antes do rapto da Addie. Não designaram nenhuns beneficiários específicos, antes de Alan reescrever o testamento, depois do rapto da Addie.

— Mas os raptos planeavam pedir um resgate pela Addie. O dinheiro não seria motivo suficiente?

— Talvez — disse ele em voz baixa. — Mas, pessoalmente, acho que nunca houve, de facto, nenhum plano para enviar um pedido de resgate. O Cunningham e o Stout podiam ter *pensado* que era essa a intenção quando raptaram a Addie Durand. Mas, em alguma altura depois do rapto, acredito que quem quer que os tenha contratado lhes disse que o plano tinha mudado. Acho que eles, ou, possivelmente, apenas o Cunningham, receberam ordens para assassinar a Addie... fazê-la desaparecer para sempre.

— Então não foi mesmo um caso de morte accidental por uma overdose do sedativo que lhe deram?

— Não creio. Dada a confissão do Stout sobre o Cunningham ter sedado demais a Addie e a sua insistência de que não era responsável, ele podia não ter estado envolvido no homicídio. Mas, por outro lado, podia estar apenas a acusar o companheiro antes de o companheiro o acusar a ele.

Todo o corpo dela pareceu pulsar com o bater do seu coração. Era tão estranho estar a falar daqueles factos cruéis com tanta racionalidade.

— *Porquê?* — perguntou. — O que é que te faz pensar que havia outra pessoa envolvida e que foi ela que mandou matá-la?

Ele abanou a cabeça, e, mais uma vez, Alice sentiu a sua contida frustração.

— É a única coisa que faz sentido para mim. É difícil explicar o que era ter de conversar com o Cunningham. O tipo era um sociopata. Misturava factos com mentiras descaradas, mas também distorcia os acontecimentos. Nem sequer sei se ele tinha noção do que estava a fazer, algumas vezes. Limitava-se a tentar automaticamente mostrar-se e às suas ações a uma luz mais positiva.

— Como o facto de alegar que a razão por que salvou a Addie do ribeiro e a entregou a Sissy foi ter-se tornado de repente um homem salvo.

— Exato. Não me interpretes mal. Podia haver uma minúscula

ponta de verdade nisto. Lembro-me dos olhos da Addie. Era uma menina tão bonita. Ela praticamente cintilava de vida. Se havia um ser humano capaz de suscitar a redenção, era a Addie — disse, a voz a tornar-se rouca. Alice conteve a respiração quando ele fez uma pausa, claramente concentrado no passado. De repente, o seu olhar focou-se nela. — Não ficaria chocado se descobrisse que havia alguma verdade na história do Cunningham, o suficiente para ele fabricar uma mentira em volta dessa ponta de verdade, pelo menos. Mas o Cunningham era um manipulador nato, por isso, quando retirou a Addie do ribeiro, estava a fazer planos para o futuro. É esse o ponto. Provavelmente já tinha pensado nisso antes, mas o seu esquema ganhou forma quando percebeu que, por milagre, a Addie estava viva e não se lembrava do seu crime. O destino impeliu-o nessa direção. Podia ter feito um bom negócio com o pagamento de quem o contratou para raptar e matar a Addie, mas não faria um negócio muito melhor se ameaçasse quem o contratou com a informação de que a Adelaide Durand ainda estava viva e guardada num sítio que só ele conhecia? Quanto dinheiro conseguiria obter, chantageando-o com a ameaça de uma dica anónima à polícia? Com a Addie viva e na sua posse, também havia sempre a hipótese de um futuro resgate. Além disso, embora o Alan ainda não tivesse oferecido uma recompensa a quem lhe trouxesse pistas úteis que o conduzissem à sua filha, Cunningham podia ter pensado que ele acabaria por o fazer.

— O Alan ofereceu uma recompensa?

— Sim. Ofereceu meio milhão de dólares a quem quer que lhe fornecesse informações que levassem à recuperação de Addie. Quando ela continuava desaparecida ao fim de... ao fim de dez meses, aumentou o valor da recompensa para um milhão.

Alice ficou a olhar para ele, muda de incredulidade e confusão. Um milhão de dólares de recompensa, e ninguém tinha avançado? E...

— Porquê *dez meses*? — quis saber.

Ele desviou o olhar.

— Dylan? Qual é o significado dos dez meses? Porque é que o Alan elevou a recompensa para um milhão nessa altura? — repetiu ela, a pensar que ele não percebera a pergunta.

— Foi dez meses depois de a Addie ser raptada que o Jim Stout foi preso e fez aquela confissão quando estava bêbado, de que mais tarde se retratou. Antes disso, o FBI tinha assumido que o mais provável era que a Addie estivesse morta, dada a simples estatística de crime e o tempo que passara sem um pedido de resgate. Depois de Stout ter

confessado que a matou por acidente, ficaram ainda mais certos disso. Apesar de ele voltar atrás quando ficou sóbrio, o incidente alterou o rumo da investigação. Depois disso, quase ninguém manteve qualquer esperança de que Addie continuasse viva.

— Ah — sussurrou Alice, imaginando o horrível cenário quando os Durand receberam a notícia de que Stout alegara ter matado acidentalmente a sua filha.

— Só que o Alan recusou terminantemente acreditar no Stout. Nunca deixou de acreditar que a Addie podia estar viva, nem mesmo no seu leito de morte — disse Dylan baixinho. Alice desviou o olhar e limpou furtivamente uma lágrima, e ficou contente quando ele não comentou. Por um momento, não falaram, enquanto Alice tentava acalmar-se.

— O ponto é — continuou Dylan, sombrio, passado um momento — porque é que o Avery Cunningham *havia* de alinhar com o plano do tipo do dinheiro para se livrar da Addie? Entre a potencial chantagem, o resgate e o dinheiro da recompensa, ela era um bem precioso.

— Mas o Cunningham nunca admitiu que tinha sido contratado por alguém, pois não?

— Não. Ele negou-o, mas da mesma maneira astuta como costumava negar que tinha alguma coisa a ver com o rapto, durante todos aqueles anos. Comecei a reconhecer quando ele estava a mentir.

— Se fosse verdade que tinham sido contratados para o trabalho, porque é que não o havia de confessar? Estava a morrer e admitiu o rapto. O que é que lhe interessaria, naquela altura?

— Mais uma vez, não sei exatamente porquê. Pode ser uma série de coisas. É possível que quem quer que o tenha contratado tivesse alguma espécie de poder sobre o Cunningham ou um membro da sua família. Nunca saberemos. Eu acho que foi alguma combinação do facto de Cunningham querer ver-se como um herói incompreendido, uma espécie de patife com coração de ouro, com o facto de sentir *mesmo* algum estranho sentimento de afeição ou lealdade para com Sissy, ou Addie, ou ambas. Era um assassino condenado. Ia morrer na prisão, e sabia-o. Expor quem o contratara para o rapto e possível assassinato não lhe daria nada de substancial. Além disso, se confessasse que tinha sido contratado por alguém, isso podia levantar a questão dos motivos para manter a Addie viva. Teria sido *mesmo* para chantagear quem o contratou? Se as pessoas questionassem os seus motivos, como podia ele continuar a dizer a si mesmo que fora um homem decente, até um herói, por um breve momento na vida?

Como podia alegar qualquer tipo de valor quando encontrasse o seu criador? As pessoas mentem por motivações muito mais pequenas — concluiu, taciturno.

Alice recostou-se para trás no sofá.

— Ficaste mesmo a conhecer o Cunningham — disse, atónita pelo seu conciso conhecimento do funcionamento psicológico de uma mente criminosa.

Dylan fez uma careta.

— Não era agradável ouvir aquele idiota a falar sem parar sobre si próprio. Tive de me transformar naquilo que ele precisava: um ávido ouvinte das suas gabarolices. Era um fanfarrão astuto e perigoso — balbuciou Dylan, a boca pressionada numa linha dura.

— E, no entanto, ias visitá-lo religiosamente à prisão — disse Alice num tom suave. — Obrigada.

Ele esfregou distraidamente o lado da cabeça, rejeitando o elogio.

— Tinha medo de te contar isto. Sabia que devia ser um choque saberes que o Cunningham conhecia a Sissy. — Suspirou pesadamente e recostou-se também, o ombro encostado ao dela.

— Sim e não — disse ela num tom oco. — Fico espantada por a Sissy se dar com lixo como o Avery Cunningham e ficar comigo sob circunstâncias tão... *manhosas*? Não. Nem por isso. Ela estava sempre a recolher pessoas. Gostava de ter toda a gente viciada no seu produto, sempre a aparecer na caravana, a bater-lhe à porta. Pessoas carentes. Desesperadas. A Sissy não tinha relacionamentos no sentido clássico do dar e receber, mas adorava ter pessoas a pedir-lhe ajuda. Pessoas dependentes dela. Era uma traficante nata. Provavelmente julgou que lhe tinha saído o *jackpot* quando recolheu uma criança, por ter alguém tão completamente à sua mercê. Outro ser humano que seria — a sua voz falhou, e ela respirou fundo — totalmente dependente dela para sobreviver.

Dylan estremeceu e fechou os olhos.

Durante algum tempo, ficaram ali sentados em silêncio. Alice precisava de um momento para compreender o que estava a sentir. Tudo o que dissera a Dylan era verdade, mas isso não detinha a dor que a trespassava: uma terrível e dolorosa vergonha. Fora *aquela* a razão por que não se permitira alguma vez questionar como acabara por ficar com a Sissy. Estivera inconscientemente a evitar *aquela* dor.

Se um dos «amigos» drogados da Sissy lhe pedisse para guardar um cachorrinho como favor pessoal, ela provavelmente tê-lo-ia feito. Sissy conseguia ser espalhafatosa, extrovertida e amigável quando queria, e quando a sua última fornada de metanfetaminas saía particularmente bem. Teria alimentado de vez em quando o cachorro, ter-se-ia gabado de como ele a adorava e dado pontapés à criatura quando se pusesse no seu caminho. Depois esquecer-se-ia, dias a fio, que o animal sequer existia até de repente ele lhe aparecer pela frente dos seus toldados olhos azuis.

Alice fora isso mesmo durante todos aqueles anos: um cachorrinho largado na porta de uma toxicodependente. Antes, pelo menos, vivera sob a ideia de que viera do corpo de Sissy, de que partilhava com ela alguma espécie de ligação primeva. Mas não. Ela e Sissy eram desconhecidas que o destino juntara numa caravana durante catorze anos da vida de Alice. Sissy não lhe pertencia mais do que Alice pertencia a Sissy.

Era uma horrível verdade... uma cauterizante verdade. O que Dylan lhe contara nauseava-a... mas também a libertava.

— Porque é que eles não me entregaram para ficar com o resgate? Isso parece pouco típico do clã Reed — disse Alice, amarga.

— Não sei muito bem. Talvez a Sissy não soubesse todos os pormenores da tua identidade, ao princípio, mas, com o passar do tempo, começou a somar dois mais dois, tendo em conta as notícias e o que sabia do carácter do Cunningham. De certeza que sabia o que estava a fazer, para ter disfarçado a cor do teu cabelo durante todos aqueles anos. Seja como for, teve de perceber desde logo que

pertencias a alguém, e que estava a manter-te ilegalmente. Talvez o Cunningham ameaçasse implicá-la no rapto.

— De certeza que a Sissy não ia querer a polícia a rondar em volta da caravana.

— Mesmo que algum dos teus tios fosse como o Al e viesse a desconfiar da verdade, deviam ter percebido que podiam facilmente ser implicados ou até acusados pelo crime. Pelo que compreendi dos irmãos Reed, duvido que a polícia tivesse qualquer dificuldade em acreditar que estavam envolvidos ou eram os principais perpetradores.

— Eu acredito que a Sissy o fizesse. Mas o Al. Que nunca me tenha contado a verdade durante todos aqueles anos, que tenha alinhado. Isso é... horrível.

Doloroso.

— Pensei que gostava de mim, mesmo que fosse só um bocadinho — terminou.

— Bem, ele não te vendeu pelo dinheiro da recompensa. Talvez te considerasse mesmo da família. Isso tem de significar alguma coisa. As pessoas são estranhas. Complicadas — acrescentou Dylan, estendendo-lhe a mão. — É uma lição que a vida nos ensinou. As pessoas podem ser cruéis, mesquinhas, egoístas, e, no entanto, podem de repente fazer qualquer coisa que nos deixa ver a sua humanidade. Às vezes acho que era melhor que não o fizessem, porque assim seria mais fácil odiá-las.

Alice virou a cabeça para o olhar nos olhos. Sabia da sua ambivalência a respeito da mãe, que fora prostituta. A mãe não planeara nem desejara Dylan e tratara-o, tipicamente, com enojada fúria ou mera indiferença. Dylan fora deixado por sua própria conta num mundo frio e cruel.

E, mesmo assim, Dylan também amara a sua mãe e quisera ser amado por ela. Era a natureza humana, procurar a ligação, o sustento e a aprovação de uma figura maternal ou parental. Alice também sabia demasiado bem essa lição.

Encostou uma mão ao coração dele.

— Detesto a Sissy pelo que ela me fez — disse, trémula, de olhos fixos no peito de Dylan. — Acho que nunca a perdorei. Mas não detesto o tio Al. A Sissy era a pior de todos. Era sempre a instigadora. Choringava, e queixava-se, e manipulava até eles acabarem por fazer o que ela queria, só para a calarem. Podia parecer fraca e ineficaz, à superfície, mas na verdade era a líder do clã. Era a Rainha do País do Passivo-Agressivo. A pior culpa do Al e os outros tios era a

fraqueza, mas o Al era o que mais a confrontava. Quase sempre que o fez, fê-lo por mim. — Ela fez uma careta, perdida em dolorosas memórias por um momento. — Se a Sissy estivesse na prisão, ao menos ficava longe das drogas. Talvez vivesse mais uns anos, longe daquele veneno. E o mesmo acontece com os meus tios. Mas não quero ver o Al na cadeia — admitiu tristemente. De repente, estava a ter dificuldade em olhar Dylan nos olhos. — Isso faz de mim fraca, não faz?

— Não. Essa é a última coisa que tu és, Alice. É uma situação complicada, confusa. Acho que precisas de tempo para deixar as coisas assentarem. É muito para absorver de uma vez.

— Queres dizer que, um dia, posso querer vingança? Posso querer ver o Al na prisão? — Ela não tinha a certeza de *alguma vez* querer ver esse dia chegar.

— Quero dizer que não vai acontecer nada agora. Temos um adiamento, embora não possa garantir quanto tempo vai durar. Queria que tivesses algum tempo, por mais breve que fosse, para começares a resolver as coisas na tua cabeça.

— Foi por isso que não quiseste que o Jim Sheridan compreendesse já quem eu era — disse ela. Pressionou a mão com mais força, sentindo o músculo denso e o firme bater do coração dele a ressoar na sua carne. Cresceu nela um poderoso desejo de se ver rodeada pelos seus braços. A sua garganta comprimiu-se. Ele cobriu-lhe a mão, e ela sentiu o incitamento não verbal. Hesitante, ergueu o olhar ao encontro do dele.

— Se o Jim descobrir a verdade, vai ser obrigado a informar o FBI. O caso pertence-lhes. Eles virão até cá fazer-nos perguntas, a mim e a ti.

— E tu vais ter de lhe contar da Sissy e o Al e todos os outros — sussurrou ela, a compreensão a comprimir-lhe ainda mais a garganta.

— A Sissy e possivelmente alguns dos teus tios poderão acabar por ser implicados no crime. Quero que compreendas que não é uma coisa que eu possa impedir. Porque não estou a dizer a verdade de imediato não significa que aceite o silêncio acerca disto para sempre. Foi o guardar de segredos que nos levou a este ponto. A verdade tem de ser contada. Chama-lhe o que quiseres: destino, karma ou simples justiça, a Sissy e alguns ou todos os teus tios mantiveram deliberadamente uma criança raptada durante anos e anos. Mentiram consistentemente a respeito da sua identidade e impediram que regressasse aos seus verdadeiros pais.

— Mentiram sobre a *minha* identidade — disse Alice, os olhos vazios no peito de Dylan.

Arrepios percorriam-lhe o corpo todo em pequenos riachos. Parecia que lhe tinham despejado água gelada por cima da cabeça. Dylan agarrou-lhe o pulso e ergueu-lhe a mão do seu peito. Ela olhou para ele.

— Eu era Addie Durand.

Um músculo saltou no rosto hirto de Dylan.

— Tu és a Addie Durand. — Outro arrepio. — E também és a Alice Reed — assegurou-lhe bruscamente. — Vais sê-lo sempre, não importa o que aconteça.

Sentiu um ardor nos olhos. Fechou-os por instinto. Já não tinha a certeza de querer ser Alice Reed, tendo em conta o que Dylan acabara de lhe contar. Sempre se *sentira* uma estranha, em criança, as notas do seu espírito em chocante dissonância com as dos supostos familiares. Agora, ali estava a verdade. Aquela nunca fora a sua família. Nunca. Era uma estarrecedora, horrível, *incrível* verdade. E, no entanto...

Começava a parecer-lhe real.

Estava a tremer. Os braços dele fecharam-se à sua volta. Sentiu-o puxá-la contra si, até ficar com o peito encostado às suas costelas e a cara enterrada no seu peito. A sensação foi maravilhosa.

Isto. Era isto o oposto do que sentia na caravana de Sissy Reed. Fora isto que desejara toda a sua vida, sentir-se segura e valorizada.

Retribuiu o abraço. Com força. Felizmente, ele não falou por vários, tensos, minutos. Talvez percebesse que, se fosse obrigada a falar, ela trairia o seu devastado estado emocional... exporia a sua dor.

— Alice? — chamou ele em voz baixa quando a viu limpar as últimas lágrimas à sua camisa e recuperou o autodomínio.

— Sim? — fungou ela.

— Estás bem?

— Estou.

Ele esfregou-lhe os braços com as mãos.

— Nunca chegámos a falar sobre o que aconteceu na noite em que me encontrei debaixo das escadas — disse ela.

— Queres mesmo falar disso agora? — perguntou Dylan, e ela sentiu a sua cautelosa atenção.

Fez um aceno afirmativo. Estava cansada, mas as coisas que Thad dissera naquela noite eram como um verme a enterrar-se debaixo da sua pele. Ficara a saber tanto; tanta coisa que viera à superfície. Não

suportava a ideia de as alegações de Thad continuarem a persegui-la.

— O Thad disse uma coisa que me incomodou — começou, a sua voz a soar congestionada.

— O quê?

Ergueu a cabeça, mas o olhar permaneceu em baixo.

— Disse que o pai lhe tinha contado que as circunstâncias que te fizeram tornar CEO da Durand eram... suspeitas.

Ele deslizou os dedos por baixo do seu queixo e ergueu-o suavemente. Ela olhou os seus olhos semicerrados.

— O Schaefer estava a tentar *acautelar-te* a meu respeito?

— Acho que sim.

— Porquê? Ele sabe que estamos envolvidos? Contaste-lhe?

— Não!

— Então, como é que ele sabe?

— Não faço ideia — exclamou, a sentir-se de repente como se estivesse a depor em tribunal. Esforçou-se para recordar o que Thad lhe dissera quando ela lhe perguntara como é que sabia que tinha uma relação com Dylan. «*Achas que um tipo não repara quando a rapariga de quem gosta está completamente apaixonada por outro?*»

Estava desconfortavelmente consciente de Dylan continuar à espera.

— Ele disse qualquer coisa sobre reconhecer os sinais porque gostava tanto de mim que...

Calou-se, as faces a aquecerem.

— Está apaixonado por ti, e por isso percebeu para que lado estavas inclinada? — perguntou Dylan, incrédulo. — Isso é uma tretinha, Alice. Não acreditaste, pois não?

— Que ele está apaixonado por mim? — perguntou ela, a franzir o sobrolho.

— Não. Que ele sabia que estávamos envolvidos porque consegue ler a mente da mulher que ama — disse Dylan, num tom sarcástico. — Ele tem andado a *seguir-te*. Sabe aonde vais à noite.

— Ele não anda a seguir-me! Isso é... — Impediu-se de dizer *ridículo* porque se lembrou de repente das duas vezes em que o encontrara na floresta. A propriedade Durand era tremendamente vasta para o encontrar por coincidência quando estava sozinha e vulnerável.

— Recuso-me a acreditar que as minhas únicas opções são acreditar no Thad ou acreditar em ti — replicou, a sentir-se encurralada. — Talvez ele tenha reparado em nós a vir para aqui à

noite, mas isso não significa que tenha más intenções a meu respeito.

— Então é isso? — perguntou Dylan, um brilho duro no olhar. — O Schaefer está a tentar virar-te contra mim porque não quer competição?

— Não — admitiu ela com relutância depois de uma pausa. — Acho que alguém lhe anda a contar coisas, coisas *negativas* sobre ti.

— Quem é que achas que pode ser?

Alice engoliu em seco, a pergunta direta de Dylan a sublinhar a importância dessa resposta.

— Não disse — admitiu. — Mas disse que era alguém de confiança. E pelo menos *algumas* das informações vieram do pai. Fiquei com a impressão de que quem quer que lhe esteja a dizer coisas sobre ti, ou sobre nós os dois, é amigo do pai, ou coisa do género. Achas que pode ser o Kehoe?

— Pode muito bem ser. Não creio que seja grande segredo que o Kehoe gostava de me ver descer um ou dois degraus. E ele é, de facto, amigo, do pai do Thad.

Alice franziu o sobrolho.

— Então, voltamos ao Kehoe.

— Sim — disse Dylan, pensativo. — E ele está na minha lista.

— A tua lista?

Dylan anuiu distraidamente.

— Tenho uma lista de pessoas que estavam vivas durante o rapto, que tinham meios para contratar um par de criminosos conhecidos e algum conhecimento das atividades da Addie no campo. Mas o facto essencial não muda: o Kehoe não tinha qualquer motivo para se envolver num crime dessa magnitude. Então, o que é que o poderoso juiz Schaefer tem para dizer a meu respeito?

— Só que houve mais do que uma pessoa a expressar dúvidas sobre a validade de seres nomeado CEO por Alan Durand, antes de ele morrer.

— O juiz Schaefer insinuou que coagi o Alan enquanto ele estava doente e fragilizado?

— Qualquer coisa desse género, sim — disse Alice, hesitante.

— Não precisas de ficar com essa cara, Alice. Achas que é uma acusação nova? Já ouvi acusações e conversas em surdina semelhantes, ao longo dos anos. Felizmente, o Alan Durand era um homem muito inteligente. A sua mente continuou arguta como sempre, quase até ao fim. Ele já tinha deixado as coisas muito bem estabelecidas com o testamento e os planos para a propriedade muito

antes de começar a enfraquecer. Os críticos nunca tiveram hipóteses, com a clarividência e brilhantismo do Alan. A única coisa que lhes restava era andar a sussurrar as suas teorias da conspiração uns para os outros.

Alice ouviu isto com um sentimento de alívio. Não a surpreendia que houvesse sempre quem se ressentisse quando a transferência de tanto poder recaiu totalmente sobre Dylan.

— O Schaefer disse mais alguma coisa que te incomodasse?

— Sim — admitiu ela quase em surdina.

— O quê? — perguntou ele, a passar a mão ao longo do maxilar de Alice e a acariciar-lhe o lado do pescoço. Ela estremeceu de prazer quando os dedos longos deslizaram por baixo do cabelo na sua nuca e lhe esfregaram os músculos tensos ali. Teria ele sentido a sua crescente hesitação e estaria a tentar descontraí-la?

— Provavelmente o Thad estava enganado acerca disto...

— Alice, diz-me de uma vez.

— Ele disse que o Sidney era uma das pessoas que questionavam a tua adequabilidade como CEO.

O coração dela saltou um pouco quando os dedos de Dylan nunca se detiveram.

— Isso é verdade. O Sidney protestou, de facto. Mas não pela mesma razão que a maior parte dos dissidentes.

Ela olhou-o nos olhos, espantada por esta calma proclamação.

— Mas porquê? Pensei que o Sidney confiava em ti.

Ele encolheu os ombros. Alice fez deslizar as mãos pela sua camisa acima e envolveu-lhe os ombros.

— Lembras-te que o Sidney foi meu psiquiatra nos anos que se seguiram ao rapto da Addie. Por causa disso, ele julga que conhece melhor o funcionamento interno da minha mente do que conhece realmente.

— O que é que ele julga saber que pusesse em dúvida a tua adequação como CEO da Durand?

Alice sentiu a hesitação dele. A sua irritação.

— Dylan? — insistiu quando ele não respondeu de imediato.

— O Sidney pensa que dediquei a minha vida ao legado do Alan Durand por um sentimento de culpa.

Alice recuou ligeiramente com a dureza das suas palavras.

— Por causa da culpa que sentiste por a Addie Durand ter sido levada quando estava à tua guarda? — perguntou ela, devagar. Ele acenou com a cabeça uma vez, a boca bem cerrada. Era evidente que

o assunto o aborrecia. — O Sidney pensava que não podias ser um bom líder por causa desta culpa?

— Não. Ele expressou a sua dúvida porque estava preocupado comigo. — Dylan sentiu a confusão de Alice. — O Sidney acredita que eu devia sair da sombra da Durand. Acha que escolhi permanecer eclipsado pelas tragédias que aconteceram quando eu era adolescente. É da opinião que escolhi uma vida de culpa e opressão em vez da liberdade de escolher o meu próprio caminho. — Alice continuava atordoada. — O Sidney acredita que estou obcecado com a história da Addie Durand e o seu rapto — terminou sucintamente.

Alice ficou de boca aberta. De repente, sentiu frio. Então era *esta* a fonte da corrente de tensão subterrânea que sentia por vezes entre Dylan e Sidney.

E era *esta* a fonte de constante preocupação de Dylan a respeito do seu bem-estar e segurança.

Como terapeuta de Dylan, Sidney conhecera intimamente os duros efeitos do rapto de Addie Durand e presumível morte sobre a mente de um adolescente. Fazia sentido.

Fazia um *horrrível* sentido. E se a intensa atração de Dylan por ela estava relacionada com isto? E se o seu envolvimento com ela era alguma espécie de resíduo psicológico do trauma que partilhavam?

Oh, céus. Era demasiado para conseguir pensar naquele momento, quando toda a estrutura da sua vida — a sua própria identidade — pareciam desmoronar-se à sua volta.

— Não acreditas nas teorias do Sidney? — perguntou, trémula. Esperançosa.

As mãos dele deslizaram pelos seus ombros abaixo. Ele apertou-lhe os músculos suavemente.

— Há aí um fio de verdade, claro. Mas também compreendo que era um miúdo, na altura. Não tenho qualquer responsabilidade pela ganância daqueles criminosos. Pela sua brutalidade. E senti-me culpado e gostava de ter feito mais. Não é uma obsessão. É a natureza humana. Mas não estou *oprimido* pela culpa, Alice — disse ele com firmeza, apertando-lhe os ombros para dar mais ênfase. — As minhas escolhas de vida foram o resultado de ponderação e planeamento, não uma reação impulsiva de culpa para com Alan ou Lynn Durand. Ou para contigo.

Os olhos dele queimavam, quando disse a última frase. Era impossível não ficar aliviada com a sua firmeza. Anuiu, e sentiu alguma da tensão abandonar os seus músculos.

— Foi isso que mais te incomodou no que o Schaefer te disse? Que o Sidney proferiu dúvidas a respeito de me tornar CEO da Durand?

— Sim — respondeu ela com honestidade. — É só porque estou tão confusa, não sei...

— O quê?

— Em quem confiar.

— Não posso obrigar-te a confiar em mim, Alice — disse ele. — Mas *devas*.

— Estou a tentar — sussurrou ela.

— Eu sei — disse ele mais suavemente do que Alice merecia. Ela sentia-se tão fragmentada, tão puxada em tantas direções. Ele massajou-lhe os ombros. Ela suspirou de alívio. Os milagres que o seu toque conseguia inspirar. — Continua. Ficaste preocupada com o que o Schaefer disse sobre o Sidney e eu. O que é que aconteceu a seguir?

— Eu só queria ir-me embora. Fugir — disse ela, a sentir uma pequena dose do desespero que sentira naquele momento. — Esconder-me. Não pensei que ia fugir pelas escadas, mas dei por mim a fazê-lo. Os meus pés estavam a levar-me para aquele esconderijo sem o meu cérebro o comandar. Enquanto corria pelo corredor, a memória disparou no meu cérebro. Lembro-me distintamente de me agachar num lugar escuro e de ouvir a voz dela, a voz da minha mãe, a chamar-me. Era um jogo que fazíamos. Ouvi-a chamar-me algumas vezes, quando estava na cama contigo.

— O quê? — perguntou Dylan, as sobrancelhas a franzirem-se.

— Era só a minha imaginação — apressou-se ela a acrescentar, reconhecendo como aquilo lhe devia ter soado estranho. — A minha mente inconsciente a libertar alguma memória enterrada. E *vi-a*, também, naquela noite em que me encontrei no corredor. Ela estava a usar uma delicada pulseira de filigrana; a mesma que usava no recorte de jornal que me mostraste. Vi-a perfeitamente. Ouvi-a a chamar um nome. O *meu* nome — sussurrou.

Apercebeu-se que se tinha perdido na triste, doce e poderosa recordação e pigarreou.

— Seja como for, enquanto fugia do Thad pelo corredor, ocorreu-me que esta recordação era diferente. Estava *ligada* com todos aqueles sentimentos, e parecia-me *tão* real. Estávamos as duas a jogar quando ela me chamava daquela maneira. Eu escondia-me, e ficava tão excitada, a ouvi-la chamar-me enquanto ela andava pela casa à minha procura. E ela sabia muito bem onde eu estava — disse Alice com um pequeno sorriso. — Ou, pelo menos, sabia que estava num de vários

sítios. Era ela que me mostrava todos os bons esconderijos.

A mão de Dylan envolveu-lhe o lado da cabeça. Alice encostou-se a ela, procurando instintivamente o seu toque.

— E foi uma boa memória, não foi? Disseste que não foi assustadora, como receavas que fosse.

A emoção embargou-lhe a garganta. Ela levou um momento a reencontrar a sua voz.

— Pensei que ia parecer-me que a recordação pertencia a outra pessoa qualquer, como se uma desconhecida estivesse a tomar o controlo da minha mente — arquejou ela. — Mas não foi assim. Senti que era *eu*. Que era a *minha* recordação. — Ele acariciou-lhe a face com um polegar, e ela percebeu que tinha caído uma lágrima. — Mesmo que seja a única memória que alguma vez terei, foi suficiente. Porque trouxe tantos sentimentos ligados. Ela *amava-me*. Valorizava-me. Senti-o, não sei como, ouvi-o na sua voz. Era o ar que respirava, a segurança de ser amada. E, por baixo da minha excitação com o jogo, sentia-me tão segura, tão confiante de que o momento seguinte ia ser bom, e o outro, e o outro a seguir. Quando era aquela pequenina agachada por baixo daquelas escadas, não sabia o *significado* de medo ou necessidade. — Abanou a cabeça de frustração.

— O que foi, querida? — murmurou ele, a secar mais lágrimas com o polegar.

— Foi incrível. Não estou a dizer isto bem — disse ela, referindo-se à sua dificuldade em transmitir a profundidade da sua experiência em palavras.

— Estás a dizer tudo perfeitamente. Se não fosse essa memória, não creio que tivesses estado preparada para saber da Sissy, esta noite.

— O quê?

— Tu nunca me tinhas perguntado como acabaste por ficar com os Reed — disse ele, num tom um pouco triste. — Eu sabia que era porque não estavas pronta para ouvir o que eles fizeram.

— Mas depois de me lembrar da Lynn fiquei pronta? — sussurrou ela. Fazia um estranho sentido. Aquela breve recordação era um marco inabalável na sua identidade, algo que nunca ninguém lhe poderia tirar.

Ele agarrou-lhe a cabeça com ambas as mãos e inclinou-se para a frente para lhe beijar a boca com ternura. Alice procurou o seu calor e dureza, encostando-se mais, deslizando e mordendo-lhe os lábios com os seus. Fez um som insatisfeito quando Dylan recuou ligeiramente. Olhou-o nos olhos profundos.

— Não foi uma noite fácil. Vamos para a cama — disse ele, hesitante.

— *Sim.*

Ela lavou-se na casa de banho primeiro e emergiu com o roupão confortável que Dylan lhe dera. Ele levantou-se da berma da cama, onde estivera sentado a ler as suas mensagens no telemóvel. Os seus olhares cruzaram-se quando ele passou para a casa de banho. Mas não sem antes lhe acariciar o queixo.

— Estás bem? — perguntou num murmúrio grave, baixando-se para lhe beijar a têmpora.

Ela ficaria muito melhor quando estivessem na cama juntos.

— Estou.

Ele endireitou-se e fez-lhe um olhar que dizia «poupa-me». Ela retraiu-se.

— Estou um bocado atordoada.

O polegar dele desenhou-lhe a maçã do rosto.

— Uma admissão honesta da Alice Reed. Estou impressionado. Mesmo que seja um drástico eufemismo — murmurou ele, a boca a curvar-se num pequeno sorriso.

— Dylan?

— *Sim?*

— Eu sei que disseste que o Alan Durand nunca desistiu de pensar que... que eu podia estar viva. — As narinas dele agitaram-se um pouco com aquele hesitante «eu»; com a sua referência a Addie e ela própria como a mesma pessoa. Ia levar algum tempo a habituar-se. — Mas *tu* também não. Mantiveste a esperança durante mais tempo do que qualquer outra pessoa. Só queria dizer outra vez... obrigada.

A expressão dele tonou-se muito sóbria, quase sombria. Acenou com a cabeça uma vez e beijou-lhe de novo a têmpora com lábios quentes e demorados.

— Enfia-te na cama. Venho ter contigo dentro de um minuto — disse baixinho, a boca junto à orelha dela a fazê-la arrepiar-se.

Depois de Dylan entrar na casa de banho e fechar a porta, ela dirigiu-se para a cama. Os seus dedos hesitaram no laço do roupão. Queria ele fazer amor? Estava um pouco confusa com as maneiras dele nessa noite. Tão intensas. Tão profundas. Era como se a conversa tivesse começado a expor todas as suas camadas, os significados múltiplos do que Alan, Addie e a Durand Enterprises significavam

para ele. Tirava-lhe o fôlego pensar que todas aquelas camadas e complexidades já ali estavam quando entrara no escritório do reitor na faculdade de Arlington e o vira sentado àquela secretária.

Dylan era, para ela, um mistério, e, no entanto, *ela* era uma parte tão integral desse enigma. Ou, pelo menos, a Addie era.

Pensou no que o ouvira dizer a respeito das preocupações de Sidney. O psiquiatra pensava que Dylan devia ter forjado a sua vida longe das compridas sombras negras do trágico passado dos Durand. E se Dylan se tivesse ido embora depois de terminar a faculdade e nunca regressasse à propriedade Durand? De certeza que Alice não estaria ali, naquele momento. Mas se, por algum milagre, a verdade sobre Addie Durand e as mentiras que constituíam a vida de Alice viessem à luz, como seria se Dylan não estivesse ali, a abraçá-la, a tranquilizá-la... a tocá-la.

A ideia gelou-a até aos ossos. Despiu o robe. Mesmo que ele não quisesse fazer amor depois da sua conversa emotiva, não ia usar pijama. Desde que tinham começado a ter sexo, nunca passara a noite com outra coisa que não a própria pele. Atirou o robe para os pés da cama e enfiou-se debaixo dos macios e luxuosos lençóis e colcha.

«Ele acha que escolhi permanecer eclipsado pelas tragédias que aconteceram quando eu era adolescente. É da opinião que escolhi uma vida de culpa e opressão em vez da liberdade de escolher o meu próprio caminho.»

Estremeceu de frio e aninhou-se melhor nos cobertores. E se houvesse mais do que uma ponta de verdade nos receios de Sidney? O que é que isso significava para Alice?

Os seus pensamentos ansiosos dispersaram-se com o som da porta da casa de banho a abrir-se. Viu-o aproximar-se da cama, o coração a afundar-se um pouco quando reparou que usava um par de finas calças pretas descaídas nas ancas estreitas e que pouco deixavam à imaginação. Ele ia para a cama vestido — em parte, pelo menos. O tronco esculpido e poderoso estava maravilhosamente nu.

A sua conversa da noite fora pesada e tensa. Estava a ser superficial e carente, por pensar em sexo num momento como aquele. Só que... precisava dele. Em tantos sentidos. O sexo sempre fora a forma mais natural e confortável de explicar a sua necessidade dele, aquela necessidade inexplicavelmente forte.

Dylan encaminhou-se para o lado oposto da cama. Ela impediu-se de se virar para ele, envergonhada do seu desejo. O ar reprimido fez arder os seus pulmões. Ele desligou a luz e ela sentiu o colchão ceder

sob o seu peso. Ele arrastou-se para junto dela. Um suspiro rouco soltou-se da sua garganta quando lhe sentiu os braços a envolvê-la. Fechando os olhos com força, enroscou-se nele, as costas contra o seu peito, a curva inferior do rabo contra a sua virilha. Durante algum tempo, não se mexeram, não falaram. Alice sentia a garganta tão comprimida que não tinha a certeza de *conseguir* falar de todo.

— O que é que eu vou *fazer*?

Arquejou, meio em choque por ter dito as palavras desesperadas em voz alta. A perguntara andara a repetir-se no seu cérebro vez após vez, mas não planeara proferi-la. Dylan esfregou-lhe o braço num lento gesto tranquilizador.

— Vais continuar em frente, um dia de cada vez. Uma hora. Um minuto, se necessário. É o que vamos fazer os dois. Tu fazes o teste de ADN no sábado. Esse é outro passo no processo. Para a semana, talvez, se estiveres interessada, podes começar a ver o testamento do Alan e os pormenores dos seus bens, ficar a compreender como ele planeou o potencial regresso da Addie. Posso chamar alguém do departamento legal para te explicar os detalhes do *trust*, se quiseres. É um documento estanque, mas complexo. Alice? — chamou quando ela não respondeu.

— Não sei — disse ela, com a voz entrecortada. — Parece demasiado cedo para isso.

Vai parecer sempre demasiado cedo. Vai sempre parecer demasiado. Tenho de seguir em frente, apesar de tudo isto.

— Acho que o que gostava de começar por fazer seria rever mais relatórios anuais da Durand e ficar a compreender bem a história e estrutura da empresa — disse ela. — Isso iria parecer-me menos... pessoal.

— Se achas que pode ajudar. — Ele beijou-lhe o lado do pescoço. Ela sentiu-o inspirar com o nariz encostado à sua pele.

— Dylan?

Ele fez um «hum» profundo.

— Não sei se estou tão convencida como tu de que alguém contratou o Stout e o Cunningham. Mas, como tu acreditas nisso, achas mesmo que quem quer que o tenha feito ainda anda por aí? É por isso que és tão protetor comigo?

— Sim. E sim — disse ele contra o seu pescoço.

— Mas, mesmo que isso seja verdade, eles não podiam saber que eu era... tu sabes. A Addie.

— Ouve-me — disse ele abruptamente ao lado da sua orelha. A

sua voz era baixa, mas ela reconheceu aquele tom de aço. — Eu não sei tudo. Há partes que faltam. Já tenho lido e relido o testamento original do Alan, o testamento atual, o documento do *trust*. Não consegui encontrar um motivo monetário, nem na altura nem agora. A verdade a respeito da tua identidade vai acabar por ser divulgada, quando estiveres pronta. Temos de nos preparar para isso nas próximas semanas. Entretanto, ainda estou a tentar perceber quem teria um motivo para raptar e matar a Addie. Mas isso não significa que não exista uma potencial ameaça por aí. Foi só há vinte anos. *Vinte anos*. Se alguém te quis morta nessa altura, há uma boa razão para assumir que ainda o vai querer. Se essa pessoa esteve associada com o Cunningham, não há nenhuma razão para ele não lhe ter contado o mesmo que me contou a mim. Não há como saber a quem contou Cunningham a verdade no final da sua vida. Não é propriamente como se ele me considerasse especial. Eu servia apenas o propósito de lhe aumentar o ego. Conversar comigo era uma diversão do tédio da vida na prisão. Quem mais o visitava? Terá confessado a outro prisioneiro? Eu *não estou* a ser paranoico, Alice. Se retiveres alguma coisa desta noite, *por favor*, que seja isto.

Ela virou-se, atónita pela intensidade que lhe ouvia.

— Está bem. Desculpa. É só que... a vida da Alice Reed é muito mais simples do que a da Addie — disse ela, trémula, a culpa a varrê-la com a lembrança de como estivera constantemente a picá-lo e a desafiá-lo por causa das suas medidas de proteção. Era mais fácil fazer isso, antes de dar os primeiros passos na longa viagem da aceitação de que era Addie Durand.

Ele respirou fundo e encostou a testa à dela.

— Eu sei. Compreendo. Por favor, prometes não tentar evitar o Sal e o Josh enquanto estiveres no campo?

— Sim — sussurrou ela.

Ele beijou-a na boca, e Alice sentiu-o mover atrás de si.

— Foi uma noite difícil. Dorme — sussurrou, rouco, passado um momento.

— Mas...

— Dorme — repetiu ele. Ela virou a face na almofada, a mente e o corpo num turbilhão.

— Alice?

— Sim?

— Mal consigo imaginar como isto deve ser difícil. Estou orgulhoso de ti.

— Obrigada.

Ela fechou os olhos. O seu mundo ainda parecia desequilibrado, mas repetir as palavras de Dylan na sua cabeça mantinha-a mais calma.

Acordou numa fração de segundo, a sensação da plena, flagrante ereção de Dylan a pressionar-se contra o seu rabo nu a arrancá-la rápida e completamente do sono. O quarto estava às escuras. A boca dele movia-se contra o seu pescoço, quente e voraz. Ele mordiscou-lhe suavemente o lóbulo da orelha, os dentes da frente a moverem-se na pele sensível. Estremeceu de prazer. A luz da mesa de cabeceira acendeu-se de súbito, banhando o quarto numa fraca penumbra.

— Quero ver-te — murmurou ele rudemente. Falava quase ao seu ouvido, ampliando os arrepios. — És demasiado tentadora. Esperei a maior parte da noite, mas tenho de te ter antes de ires embora. Sou egoísta.

Ela gemeu quando ele pressionou os lábios contra a sua garganta e começou a descer.

— Então sou tão egoísta como tu — sussurrou em resposta. — Porque queria isto desde que vieste para a cama.

— Estava a ser sensível.

— Pode-se ser sensível e estar com tesão ao mesmo tempo, não pode?

Sentiu o sopro contra a sua pele e ouviu a pequena explosão de riso.

— Precisamos mesmo de comunicar melhor.

Ela virou-se nos seus braços. Ele fez-lhe chover beijos no peito, fazendo os seus mamilos contraírem-se. Ela enterrou os dedos no seu cabelo denso e puxou-o mais contra os seios. Ele fez um som rouco com a garganta e rolou parcialmente para cima dela, prendendo-a contra o colchão. Chupou-lhe um mamilo, lavando-o prodigamente com a língua. Ela sentiu o clítoris doer de excitação. Emaranhou mais os dedos no cabelo dele e arqueou as costas, oferecendo-se, gritando de prazer.

— Para de te contorcer — rosnou ele, divertido. Moldou-lhe ambos os seios nas mãos, aplicando uma ligeira pressão, segurando-a para o seu ataque. Enfiou o outro mamilo na boca e chupou-o. A sua óbvia fome raivosa alimentava a excitação dela. Alice abandonou-se ao desejo que crescia dentro de si. Era tão quente e deliciosa, a

húmida sucção no seu mamilo, e a língua a estimulá-la, a fazer arder o seu clítoris. Queria aquela língua ali, entre as suas coxas, escorregadia e firme, a lambe-lhe o clítoris até ela ficar frenética. Só de pensar nisso fazia doer. Deslizou uma mão entre as coxas, encontrando a abertura entre os lábios vaginais, quentes e molhados. Por um momento, acariciou-se, enquanto ele lhe apertava suavemente os seios e lhe sugava um mamilo, depois o outro.

A mão dele prendeu-se no seu antebraço. Depois foi descendo até lhe encontrar os dedos a pressionarem-se contra o clítoris. Ela parou de se tocar, pensando que ele a ia impedir. Dylan gostava de controlar o seu prazer. Ela gostava disso nele. Mas, em vez de a deter, ele baixou a mão e mergulhou o dedo do meio dentro dela. Alice gemeu e esfregou o clítoris com mais força.

Ele ergueu ligeiramente a cabeça, os lábios a fazerem um som de sucção quando o seio lhe saltou da boca. Ele lavou o pico sensível com a ponta da língua.

— Vamos, então, comunicar — disse ele passado um momento, os lábios a roçarem o mamilo molhado. — Diz-me o que queres.

— A tua boca em mim — disse ela, a verdade demasiado aguda para a conseguir conter muito tempo.

— Bem, eu quero o meu pau na tua boca, por isso vamos ter de chegar a um consenso — disse ele, um fio de humor no seu tom de voz. Moveu-se rapidamente, retirando o dedo, sentando-se e colocando-se de gatas, a cabeça virada para os pés da cama. Alice observou enquanto ele se posicionava por cima dela, a púbis a pairar por cima da sua cara. Ela mudou a posição da almofada, alinhando-se, e ergueu as mãos com avidez.

Ele não desceu de imediato entre as suas coxas. Em vez disso, observou-a. Ela fixava com o olhar o pénis que lhe erguia a frente das calças do pijama. Começou a puxar-lhe as calças para baixo.

— Tem uma braguilha. Tira-o para fora — instruiu ele, a voz rude.

Ela encontrou a abertura no pijama e enfiou a mão, agarrando-lhe o pénis. Estava quente e duro, e tão bom. Acariciou-o por um momento, os dedos a demorarem-se na cabeça bulbosa e macia.

— Céus, adoro o teu pau.

— O sentimento é mútuo, garanto-te. — Ele retirou-lhe bruscamente a mão da abertura.

— Ei...

— Não estás a ser suficientemente rápida. Quero a tua boca em mim. Já — ordenou ele. Passou o pau nu pela abertura e baixou o

tecido para debaixo dos testículos. O pénis projetava-se no ângulo certo, parecendo ao mesmo tempo intimidante e excitante. Ele envolveu a ereção por baixo. — Abre a boca.

A excitação perfurou-lhe o corpo com o som da dura ordem. Adorava quando o autodomínio dele começava a desfazer-se. Abriu os lábios, saliva a formar-se na sua língua. Ele baixou as ancas, guiando o pau para a boca que o aguardava. A cabeça penetrou-a, forçando os lábios a abrirem-se mais. Ela prendeu-o com força. Ele gemeu e premiu a haste contra a sua língua.

— Chupa, fofa. Chupa esse pau.

E foi o que ela fez, com todo o vigor, a boca e os lábios a doerem com o esforço. Estava tão faminta dele que ergueu a cabeça.

— Baixa a cabeça — ordenou ele. — Vou vir-me para ti. Fica quieta.

Ele pulsou as ancas, enfiando o pau vários centímetros na boca dela e retirando, vez após vez. Voltou a pousar a mão na cama, para se apoiar. Continuou a observá-la enquanto lhe fodia a boca superficialmente, a sua tensa concentração a deixá-la louca de excitação. Impeliu as ancas mais depressa, embora se refreasse de entrar demasiado. Ela chupava com tanta força que as suas faces se encovavam.

— Que boquinha tão quente. Gostas que a foda? — perguntou ele, a voz espessa de excitação.

Ela gemeu o seu assentimento, a boca demasiado cheia daquele pau túrgido em movimento para fazer qualquer outra coisa.

— Usa as mãos para a base — disse ele. Ela agarrou na parte inferior da haste e moveu a mão em uníssono com as ancas dele. — Céus, isso é bom — gemeu ele, rouco. — Abre as pernas, Alice.

Ela afastou mais as coxas sobre o colchão. Ele usou os dedos para lhe afastar os lábios vaginais e depois a sua língua deslizou para a fenda. Ela antecipara tão agudamente este momento, mas, mesmo assim, foi percorrida por um choque elétrico de prazer com o primeiro toque. A boca dele cobriu-a, os lábios a aplicarem uma firme pressão no seu sexo. Depois exerceram uma ligeira sucção, a língua pressionou-se contra o seu clítoris, deslizante, acariciante. Ela gritou, o pau na sua boca a abafar-lhe a angustiado prazer.

Tudo se misturou no seu cérebro, a sensação do pau dele a entrar e a sair, o seu sabor masculino, o seu próprio, maravilhoso, prazer. Foi engolida pelo momento. Isolada das duras realidades que estava a aprender sobre si própria, a protegê-la da sua dor.

Fê-lo entrar mais na sua boca, porque o prazer dele era o seu, o ritmo do pênis ajustava-se ao martelar nos seus ouvidos, os duros gemidos que ele fazia eram a voz do seu próprio êxtase. Eram um só, naqueles momentos, um único, palpitante nervo.

Ele virou ligeiramente a face enquanto sugava, o pequeno gesto firme a fazê-la atingir o pico. Depois fletiu as ancas para trás, retirando-lhe o pau da boca. O orgasmo explodiu dentro dela. O grito que ficara preso na sua garganta libertou-se. Ele continuou a comê-la com gananciosa concentração enquanto ela se vinha, lambendo-lhe o clítoris com a língua firme.

Ela pestanejou, aturdida, um momento depois, com os espasmos a desvanecerem-se. Ele virara-se e estava agachado sobre ela. Estava agora nu, o brilho quente do candeeiro da mesa de cabeceira a dourar-lhe a pele. Os músculos dos seus braços cresceram enquanto ele se apoiava por cima dela. A pélvis mergulhou para baixo. Ela conteve a respiração quando ele a penetrou. Instintivamente, dobrou os joelhos e ergueu os pés da cama, abrindo o corpo para o ajustar melhor à sua pesada ereção. Ele cerrou os dentes enquanto a penetrava até ao fundo, os músculos faciais tensos de prazer.

Começou a mover-se, possuindo-a com investidas profundas, os olhos fixos nos dela. Alice leu ali qualquer coisa que a deixou desesperada. Enterrou os dedos nos densos músculos do seu ombro, esforçando-se por acompanhar o ritmo.

— Se te sentias como se não pertencesse a lado nenhum, quando estávamos a falar, podes parar neste momento — disse ele. O rosto de Alice contraiu-se de emoção. Como conseguia ele ler-lhe sempre a mente? Agarrou-o firmemente enquanto ele a penetrava ainda com mais força, os seus corpos agora a chocar um contra o outro, o crescendo a atingir o pico. Ele enterrou-se bem fundo, esfregando a pélvis contra o sexo dela. Alice gemeu com a sensação de plenitude dentro de si. — Porque tu pertences *aqui*. És minha, Alice. E eu sou teu — disse, os olhos intensos.

Céus, como queria acreditar.

Sentiu o pênis dentro de si desferir um solavanco. Dylan começava a vir-se, os seus olhos a fecharem-se com força. Ele gemeu audivelmente e investiu em frente enquanto se derramava dentro dela. Comoveu-a indescritivelmente, testemunhar a rendição tão completa de um homem tão forte e seguro.

O dia seguinte era sábado, e as suas tarefas no campo Durand ficaram terminadas pelas três da tarde. Dylan ia levá-la ao hospital às quatro para o teste de ADN. Ela sabia que não receberiam os resultados em menos de um mês, mas mesmo assim estava mais nervosa do que deixava transparecer. Como de costume, desconfiou que Dylan tinha noção da sua ansiedade. Planearam encontrar-se às três e meia na floresta que rodeava o castelo, como tinham feito no sábado anterior. Dylan pedira a Sal para olhar por ela na primeira parte do percurso. Depois ele próprio vigiaria o seu progresso pelo campo aberto.

Mas, em vez disso, aconteceu-lhe uma coisa que nunca tinha ocorrido desde que trabalhava no Campo Durand, algo que parecia significar que os mundos de Addie e Alice estavam, de facto, a ficar cada vez mais próximos.

Ela e Dave estavam a guardar o equipamento depois de um treino de tiro ao arco. Faltavam alguns minutos para as três. Os miúdos já tinham partido para a cabana para se encontrarem com o supervisor do fim de semana e seguirem depois para a praia. Alice procurava setas perdidas pelo campo.

— Ficas bem? — chamou Dave a uma certa distância. Apontou para o trilho. — Precisava de tratar de uma coisa antes de os miúdos se irem embora.

— Sim, vai — gritou Alice. — Já levas a maior parte das coisas, de qualquer maneira — disse ela, referindo-se ao facto de ele transportar o grosso do equipamento da atividade em dois sacos de *nylon* pendurados ao ombro. Acenou-lhe e continuou à procura das setas. Reparou num movimento no bosque. Uma figura emergiu da linha das árvores.

Permaneceu imóvel, a desconfiança a crescer dentro de si quando Sal Rigo se aproximou. O que teria feito o seu guarda-costas abandonar as sombras e procurá-la?

— O que foi? — perguntou quando Rigo estava suficientemente perto para ver a maneira como o sol transformava o seu cabelo louro com fios de grisalho num pálido ouro prateado.

— O Sr. Fall pediu para a acompanhar até o castelo.

— Porquê? — quis saber Alice. — Só devíamos encontrar-nos daqui a meia hora.

— Não disse a razão, desculpe.

Deve ser importante, para o Dylan quebrar o protocolo desta maneira.

— Se quiser acompanhar-me... — disse Rigo, num tom rígido e formal. — Vamos manter-nos na floresta o máximo que pudermos.

Começou a andar ao lado dele. Entraram na floresta um momento depois, tomando um trilho pedonal muito gasto em que Alice nunca tinha reparado. Ocorreu-lhe que Rigo e Peterson, os seus dois guardas designados, deviam mesmo conhecer aquela floresta e campos como a palma das suas mãos, se faziam ali vigilância.

— Isto deve ser estranho para si — comentou, enquanto avançavam sob o dossel das árvores.

— O quê? — perguntou Rigo, virando o queixo por cima do ombro para a ver. O caminho não era suficientemente largo para caminharem lado a lado

— Andar comigo, quando está tão habituado a esconder-se pelas sombras.

Ele virou-se de novo para a frente, sem nunca quebrar o ritmo.

— Estou só a fazer o meu trabalho, minha senhora.

— Já conhecia bem este bosque? Antes de vir para o Campo Durand para... já sabe. Para me seguir?

— O meu trabalho é vigiá-la o melhor que puder enquanto o campo está em atividade — corrigiu ele brevemente. — E a resposta é sim. Alguns dos membros da segurança da Durand são treinados para trabalhar na propriedade. Fornecemos segurança durante muitos eventos da empresa aqui. Precisamos de conhecer cada centímetro quadrado deste sítio.

— E gosta? — Ele virou de novo o queixo sobre o ombro. — Do seu trabalho. Gosta de trabalhar na segurança da Durand?

— Sim, minha senhora.

— Não é muito conversador, pois não? — disse ela, um pouco ofegante, quase a correr para conseguir acompanhar o passo do homem de pernas compridas. Ele devia ter reparado, porque abrandou.

— É uma boa empresa. O Sr. Fall é um bom patrão, embora não seja meu chefe direto.

— Esse é o Kehoe, certo?

— O Sr. Hintzen é o chefe do meu departamento. O Sr. Kehoe é só

meu supervisor enquanto estou aqui no campo.

— Quando o Dylan não está a sobrepor-se às suas ordens? — Rigo fez-lhe um olhar impassível por cima do ombro. Pareceu-lhe uma afirmativa. — Não gosta dele, pois não?

— De quem?

— Do Kehoe — disse Alice, a arquejar quando emergiram da floresta para um prado soalheiro.

— Não é meu papel gostar ou desgostar dele.

— Não gosta.

Alice assumiu que tinha razão quando ele não discutiu.

Estava curiosa a respeito do homem que andara a rondá-la durante todo aquele tempo, a vigiá-la. Mas ele parecia esquivar-se às perguntas sobre a sua missão. Sem se deixar demover, correu para o seu lado.

— O que é que acha da *Bang*?

Ele pareceu um pouco sobressaltado.

— O que é que eu acho de um *bang*?

— Sim. Aquela cabra do Campo Wildwood. Acha que o Kehoe vai dar muito na cabeça dos miúdos, se eles lá forem?

— Porque é que me está a perguntar a mim?

— Porque também trabalha no Campo Durand, para além de me vigiar. Anda muito com Kehoe e os outros. Deve saber algumas coisas.

Ele pareceu ponderar isto por um momento, enquanto caminhavam.

— Não. O Sr. Kehoe tem uma atitude bastante tolerante a esse respeito. Há anos que os miúdos roubam e depois devolvem aquela estátua.

— Foi o que eu pensei — disse Alice enquanto voltavam a entrar na floresta. Um momento depois, ultrapassaram a linha das árvores e começaram a subir a vertente íngreme do jardim lateral do castelo.

Ele parou à entrada do terraço de pedra e acenou com a cabeça na direção das portas do pátio.

— Estão abertas. Ele está no escritório.

— Obrigada. Gostei de conversar consigo — acrescentou num tom brincalhão, porque conversar com Rigo era como conversar com uma rocha ambulante.

— Não é fácil de guardar — declarou ele frontalmente.

— Vou tentar ser mais fácil, agora que somos tão bons amigos.

— Não seja demasiado fácil. É observadora. Rápida. Essas não são coisas que deva mudar.

Talvez estivesse enganada sobre a coisa da rocha, porque a rocha fez-lhe um pequeno sorriso antes de se ir embora.

Alice estacou a três metros da porta do escritório de Dylan, quando a viu abrir de rompante. Thad saiu, parecendo tenso e preocupado. Também ele se deteve ao vê-la, parecendo tão espantado como ela estava.

— Alice.

— Thad. O que é que estás aqui a fazer?

Ouviu passos sólidos no chão de madeira.

— Ele estava mesmo de saída — disse Dylan, surgindo à porta. — Vou acompanhá-lo. Podes entrar e instalar-te, Alice. — Antes que Alice pudesse pensar em alguma coisa para dizer, estava a olhar as costas dos homens em retirada.

Dylan regressou um momento depois, fechando a porta silenciosamente atrás de si. O coração dela deu um pulo quando ele a trancou.

Alice observou-o enquanto ele se aproximava e ia para trás da sua secretária. Estava vestido com a roupa do trabalho. Usava um fato cinzento escuro que se ajustava na perfeição à sua figura alta e musculada. O cabelo escuro estava impecavelmente penteado, o corte na nuca muito bem aparado. Teria ido cortar o cabelo nesse dia? Quando a escoltara do castelo para o campo, ao início da manhã, o seu cabelo grosso e lustroso estava despenteado, o queixo e lábio superior obscurecidos pela barba crescida. Cheirava a especiarias, e ar livre, e sexo.

Ficou um pouco intimidada pelo ressurgimento do titã dos negócios. Sentiu o estômago tenso e vazio. Optara por sentar-se numa das cadeiras de pele na frente da enorme secretária. Enquanto esperava, reparara nos copos usados ali em cima, juntamente com vários relatórios abertos em várias páginas, como se ele tivesse estado a comparar números. A situação lembrara-a da enervante entrevista com ele na primavera.

— Porque é que pediste ao Thad para cá vir? Ameaçaste-o outra vez?

— Estou mais preocupado com a ameaça que ele representa para nós, para ser honesto — replicou Dylan secamente. Depois reparou no olhar de desafio de Alice. — Ele admitiu ter-te seguido algumas vezes sem o teu conhecimento.

— Já te disse que tem um fraquinho por mim. Isso não faz dele uma má pessoa — disse, desconfortável com a informação, apesar da continua defesa de Thad.

— Alguma vez viste o Schaefer a falar em privado ou a ter algum tipo de comportamento suspeito com alguém nesta lista?

O seu pico de irritação evaporou-se enquanto se inclinava para a frente para ver melhor o papel que Dylan empurrara na sua direção.

— Nem sequer sei quem são algumas destas pessoas — disse ela, confusa. — Quem é a Meg Everett?

— Uma boa amiga da Lynn Durand. Ainda vive em Morgantown. O marido, o Rob, é executivo na Durand.

— Ah, isto é a *lista*. Aquela de que me falaste ontem à noite, a lista de pessoas que teriam dinheiro para contratar o Cunningham e o Stout, estavam aqui na altura do rapto e podiam conhecer o nosso paradeiro naquele dia?

Dylan fez um aceno afirmativo. Ela voltou a olhar a lista.

— Porque é que o Thad haveria de falar com a Meg Everett? Ou o Sidney Gates? — perguntou, incrédula, reexaminando a lista. Reconhecia algumas das pessoas como funcionários do campo, mas a maior parte dos nomes não fazia qualquer sentido em associação com Thad.

— Tens a certeza de que o Thad não conhece o Sidney pessoalmente?

Ela encolheu os ombros e atirou a lista agora memorizada para cima da secretária.

— Não sei. — Incomodava-a saber deste lado misterioso de Thad. — Embora seja óbvio que sabe quem ele é, uma vez que me disse na outra noite que tinha posto objeções a tornares-te CEO da Durand. E pareceu reconhecê-lo na festa.

Ele anuiu, observando-a com o sobrolho franzido, um olhar de falcão.

— Porque o Sidney diz que nunca conheceu o Schaefer. O Sidney esteve a conversar contigo na outra noite no Jantar de Antigos Alunos. Parecias preocupada. O que foi que ele disse?

— Foi por isso que me pediste para vir cá mais cedo? — perguntou Alice, espantada.

— Gostava de ter uma resposta.

Ela suspirou.

— Estava a dizer umas coisas sobre o Alan e a Lynn Durand. Como tinham tido dificuldade em engravidar, como isso perturbava a

Lynn. — Dylan pareceu sombrio. — Mas não houve problema, eu não estava aborrecida — mentiu Alice. — Ele não parece pensar que sou tão frágil que não possa ouvir falar dos Durand. Por acaso, até acha que devia visitá-lo numa base profissional e conversar mais sobre o Alan e a Lynn.

— Ele disse isso? — perguntou Dylan em voz muito baixa.

— Sim. Não porque pense que sou uma potencial candidata ao asilo de malucos local. Mas porque pensa que seria saudável para mim. Útil. Tu não achas? — perguntou ela, confusa pela expressão dele. Estaria mesmo a desconfiar de *Sidney*, agora?

Dylan não falou por vários segundos, o olhar fixo na sua secretária.

— Sim, suponho que sim — respondeu por fim. Ergueu uma mão e fez-lhe um gesto para se aproximar. — Vem cá.

— O quê? — perguntou ela, apanhada desprevenida por aquele pedido.

— Vem. Cá — repetiu, rápida mas sucintamente.

Ela levantou-se da cadeira, a pulsação a começar a fazer-se sentir na sua garganta. A luz do sol projetava-se pelas persianas parcialmente fechadas na janela atrás da secretária.

Aproximou-se. Olhando-a nos olhos, Dylan recuou com a grande cadeira de pele em que estava sentado. Ela engoliu em seco com a visão de poder masculino que ele emanava, a força do seu peito, ombros e coxas evidente por baixo do fato de alfaiate. O seu olhar demorou-se na gravata de seda cinzenta e branca e na imaculada camisa branca bem engomada. Recordou como, no dia da sua entrevista, tivera uma vívida e chocantemente inapropriada fantasia de lhe desabotoar a camisa e passar a mão pelos densos músculos trabalhados e a pele macia e quente. O seu olhar desceu ainda mais.

Teria entrevisto naquela altura o que o destino lhes reservava?

— O que foi? — perguntou, hesitante, arrancando o olhar das virilhas dele.

— Não tinha percebido, antes da conversa de ontem, que tinhas tido uma recordação tão clara da Lynn naquela noite no corredor — disse ele. — Da pulseira. — Abriu a primeira gaveta da secretária e retirou uma caixa de veludo vermelho-escura. Passou-lha.

Alice abriu a caixa, e ali estava ela: a pulseira em toda a sua realidade.

Engoliu em seco e tocou-lhe. Era como uma bracelete, mas maleável e flexível. Delicadas gavinhas e folhas rodeavam-na, mas

entrelaçados na rede de ouro finamente trabalhado havia...

— Girassóis — murmurou. — Eles viram-se para o sol. Eu lembro-me...

— O quê? — perguntou Dylan quando ela se calou.

— De alguém me dizer isso. *Ela*, acho eu.

Olhou para ele, os olhos em fogo. Milagrosamente, fora-lhe concedido mais um fragmento de memória.

— Há mais coisas dela, para além da pulseira e das pérolas. São tuas, quando as quiseres.

— As pérolas que me deste na outra noite? Eram dela?

Ele fez um aceno com a cabeça.

— Não tinha a certeza se estavas pronta para sabê-lo na altura. Agora tenho.

Ela estudou atentamente a pulseira, tentando impedi-lo de ver as lágrimas que se tinham acumulado nos seus olhos. Pigarreou.

— Pensei que mas tinhas dado para me fazer parecer uma herdeira rica, ou coisa do género — balbuciou.

— O quê? — perguntou ele, claramente confuso.

Alice fungou.

— Não importa. Não acreditava mesmo nisso, de qualquer maneira — disse, com honestidade. — Era só a minha insegurança a falar.

— Queres que ta coloque? — perguntou ele ao fim de uma pausa.

— Por favor. — Passou-lhe a linda pulseira e pousou a caixa na secretária. Estendeu-lhe o braço e ele apertou o fecho. Alice ergueu a mão e deixou que a luz do sol cintilasse entre as gavinhas. Olhou para Dylan e sorriu.

— Estás feliz? — perguntou ele em voz baixa.

— Muito — disse ela. Era impossível parar de sorrir, embora os seus olhos ainda transbordassem de lágrimas.

Ele estendeu-lhe a mão.

— Vem cá — disse de novo.

Ela descalçou as sandálias e montou-se de frente nas suas pernas, os joelhos nus colados à pele macia da cadeira. Dylan abriu as mãos sobre o seu rabo e puxou-a mais para cima sobre as coxas. Envolveu-a nos braços. Ela abraçou-o com força, pousando o queixo no seu ombro. Sentia-se tão *cheia* de qualquer coisa: Gratidão. Maravilhamento. Alegria.

— Amo-te — disse num sussurro rouco, congestionado.

Ele pôs as mãos nos ombros dela e puxou-a para trás vários

centímetros. Ela resistiu ao impulso de esconder a cara molhada no seu pescoço.

— Não tens de dizer isso só porque te dei a pulseira. Nem sequer era minha. Pertencia à Lynn, por isso agora pertence-te.

Ela soltou uma gargalhada entrecortada e revirou os olhos.

— Dá-me algum crédito. Não é por isso que o estou a dizer.

Um pequeno sorriso curvou-lhe os lábios. Os seus olhos brilharam. Ela sentiu o coração apertar-se no peito. A sua admissão fizera-o feliz. Fazia-a feliz também, apesar da sua anterior ansiedade.

— Já o sinto há algum tempo. — Encolheu os ombros. — Eu só... não sabia se...

— Se podias confiar no que sentias? — perguntou ele calmamente, erguendo uma mão e envolvendo-lhe com ela o lado da cabeça.

Alice mordeu o lábio inferior, o olhar baixo.

— Não sabia como dizê-lo — admitiu. — Nunca o tinha dito antes. — Ele mergulhou os dedos no seu cabelo. As pálpebras dela palpitarão de contentamento quando o sentiu massajar-lhe o couro cabeludo. — Foi... foi difícil para ti? — perguntou.

— Dizer-te que te amo?

As suas pálpebras pesadas abriram-se com o som daquela voz profunda e grave a proferir aquelas palavras.

— Sim — sussurrou.

— Ao princípio. Como te disse antes, nunca fui muito romântico. Mas, a certa altura, começa a parecer que estou negar que o céu é azul.

Ela anuiu, a garganta demasiado comprimida para conseguir sequer pensar.

— Não sei o que isso significa, exatamente.

— Não tens de assinar um contrato porque dizes a uma pessoa que a amas, Alice.

Ela riu-se.

— Eu sei. Quero dizer... acho que sei, pelo menos. Ultimamente, parece que já não sei muito sobre nada. — Percorreu-lhe a face com o olhar. — Temos uma história tão complicada e longa. E, ao mesmo tempo... parece-me tudo tão novo — confessou. Ele não devia fazer ideia de que estava ela a falar. Nem Alice tinha a certeza se ela própria sabia.

O polegar dele percorreu-lhe a face com suavidade.

— Vamos fazer como temos feito tudo o resto. Um dia de cada vez.

Ela anuiu, reconhecendo que o estava a olhar com esperança nos olhos. Ele reparou, e a sua expressão tornou-se mais sóbria. Envolheu-lhe a parte de trás da cabeça com as mãos e puxou-a para si. O beijo começou por ser terno, mas a emoção borbulhou nela. Beijou-o febrilmente, a língua a girar com a dele. Passou as mãos contra a sólida parede do seu peito, gozando a sua dureza e o ritmo constante do seu coração. Sentiu-o ficar duro por baixo de si. Roçou as ancas contra o volume que ali sentia. Os seus dedos encontraram o nó da gravata. Interrompeu o beijo, a arfar, e puxou, ouvindo o sussurro da seda enquanto a soltava.

— Não temos tempo. Temos de ir para o hospital dentro de alguns minutos — disse ela contra a boca dele.

— Então porque é que me estás a despir?

Ela pestanejou de surpresa quando olhou para baixo. Não só lhe desapertara a gravata como lhe desabotoara os dois primeiros botões da camisa e estava a trabalhar no terceiro.

— Porque quero tocar-te — respondeu honestamente, a enfiar a mão na abertura da camisa. Acariciou músculo denso e pelo forte. Quando encontrou um pequeno mamilo ereto e o esfregou, a boca dele endureceu. De súbito, ele agarrou na mão que ela enfiara na sua camisa e ergueu-lha por cima da sua cabeça juntamente com o outro pulso. Arrancou-lhe a *T-shirt* num segundo, atirando-a para o chão. O sutiã de desporto seguiu-a de imediato.

— Só um louco não arranjaría tempo para isto — declarou num sussurro rouco, acariciando-lhe os mamilos demasiado depressa antes de virar a atenção para os botões dos seus calções.

— Achas mesmo sensato? — perguntou Alice, ajoelhando-se para o ajudar a puxar os calções por cima do rabo.

— Quem disse que tinha alguma coisa a ver com sensatez? Levanta-te só um segundo.

Ela recuou desajeitadamente para trás sobre as pernas dele, os seios a balouçar com o movimento. Ele rosnou suavemente e inclinou-se para a frente, detendo o seu progresso e envolvendo-lhe os seios com as mãos, os polegares a acariciar-lhe os mamilos.

— Céus, as tuas mamas — balbuciou, a boca a inclinar-se como se ele tivesse acabado de sofrer um ataque de fome sexual. Alice sabia exatamente qual era a sensação. Devia ter sido o resultado de toda a emoção que irrompia dela, mas sentia-se, de repente, desesperada. Gemeu e arqueou as costas despidoradamente, querendo que ele a tocasse mais. Ele deu-lhe o que ela queria, por uns momentos,

moldando-lhe os seios com as mãos, e beliscando suavemente, e esfregando-lhos até eles ficarem distendidos e duros. Ergueu os globos e deixou-os cair, só para os voltar a apanhar quando eles saltavam suavemente. Outro gemido vibrou na garganta dela. Ele ergueu o olhar com o som, os olhos brilhantes de desejo.

— Levanta-te e despe os calções.

Ela levantou-se e empurrou calções e cuecas pelas pernas abaixo. Endireitou-se, agora nua. Dylan estava a desapertar apressadamente o cinto e as calças. Enfiou os polegares no interior das boxers e esticou a cintura sobre a sua ereção. Erguendo as ancas, puxou a roupa para baixo até às coxas, sentou-se e puxou-a para si num movimento apressado. Alice voltou a montá-lo na cadeira, a respiração a sair em movimentos irregulares.

Ele agarrou a ereção, acariciando-se, enquanto conduzia Alice sobre si.

Um momento depois, ela estava a olhar cegamente pela janela, agarrada aos ombros dele, enquanto o sentia palpitar bem dentro do seu corpo. Ele incitava-a com as mãos. O ar soltou-se dos seus pulmões quando começou a subir e cair sobre ele.

— Isso mesmo — disse-lhe ele, o olhar cintilante enquanto a observava. Ainda a marcar o ritmo com uma mão a envolver-lhe o rabo, passou-lhe uma palma ao longo da curva da anca até à cintura e ao longo do lado do seu corpo. Acariciou-lhe o pescoço e roçou-lhe a face. — Tão linda. Estás exuberante, Alice — murmurou, parecendo hipnotizado.

— Dylan — sussurrou ela, abrindo-se toda para ele. Dylan acariciou-lhe um seio e passou as pontas dos dedos pelo mamilo. Ela gemeu de prazer, as ancas a moverem-se mais depressa.

Ele prendeu-a mais a si, as mãos ao fundo das suas costas. Empalou-a e manteve-a fixa no mesmo sítio. Alice gritou quando ele lhe tomou um mamilo com a boca e o chupou. Contorceu-se no seu colo. A sua avidez excitava-a. Estava a magoá-la um pouco com aquela firme sucção, mas a dar-lhe imenso prazer. As suas unhas enterraram-se nos densos músculos dos ombros dele. E fez força, desesperada por sentir a fricção do seu pau.

Ele grunhiu e ergueu a boca por um momento. Agarrou-lhe nos pulsos e puxou-lhos para o fundo das costas. Alice arqueou a coluna, movendo subtilmente as ancas para obter fricção no clítoris. Ele agarrou-lhe melhor nos pulsos e deu-lhe uma palmada no rabo.

— Porque é que tens de te portar sempre mal? — perguntou ele

antes de abrir a mão na anca dela e aplicar pressão, contendo os seus movimentos. Dissera «mal» mas a ponta de luxúria no seu tom fazia-o soar a «bem». Depois sugou-lhe o outro seio, lambendo-o com a língua. Alice gemeu descontroladamente. A sua espinha curvou-se como se estivesse de novo a oferecer-se.

A grossa haste que a preenchia estava a fazê-la enlouquecer. Aplicava uma pressão indireta no seu clítoris. Era impossível não tentar mover as ancas, mas ele prendia-a com firmeza. O suor irrompeu no seu peito e lábio superior, a febre dentro dela a procurar uma escapatória. Ele continuou a torturar-lhe os seios e os mamilos sensíveis com a língua e pontas dos dedos.

— Oh, por favor. Fode-me — suplicou ela, incapaz de aguentar mais tempo. Debateu-se para soltar os pulsos, querendo agarrar-se aos ombros dele para conseguir montar o seu pénis. Dylan agarrou-a com mais força.

Depois levantou a cabeça e passou a ponta da língua firme sobre o mamilo distendido de Alice. Ela tremeu.

— Tu não queres foder. Queres vir-te — disse ele. Agarrou-a pela anca e passou o polegar entre os seus lábios vaginais. Chupou-lhe o mamilo enquanto lhe esfregava e pressionava o clítoris. Alice saltou no seu colo. Ele prendeu-lhe as ancas com mais firmeza, fixando-a no seu colo enquanto a manipulava.

Enquanto a fazia arder. O seu clítoris começava a fervilhar por baixo da ponta do seu polegar.

— Oh, não. Não, eu quero foder — gemeu ela, louca de crescente prazer. Ele continuou a lamber e chupar o seu mamilo, demasiado concentrado nesta tarefa para lhe prestar atenção. — Dylan — gritou ela, desesperada, passado um momento.

Ele ergueu a cabeça e a ponta da sua língua dardejou no mamilo. Os pés de Alice enrolaram-se de prazer.

— Vem-te para mim, e depois eu dou-te o que tu queres — garantiu-lhe ele antes de passar os lábios sobre o seu mamilo molhado muito devagar, com se quisesse sentir cada minúsculo altinho ao máximo. Era um doce gesto erótico, fazendo-a apertá-lo mais dentro de si. Ele praguejou em surdina.

— Vem-te para mim, Alice.

A mão que lhe agarrava a anca pressionou para baixo e depois levantou-a ligeiramente, incitando-a. Concedeu-lhe movimento suficiente para Alice poder saltar um mero centímetro para cima e para baixo sobre o pau dele. Quando ela reconheceu a liberdade,

moveu as ancas rapidamente, montando-o. O rabo tenso batia contra as coxas duras dele, o rápido ritmo *staccato* a trair o seu desespero. O polegar dele moveu-se mais depressa no seu clítoris, um escorregadio e firme controlo.

— Oh...

Ele soltou-lhe os pulsos e puxou-a com força contra si. A sua boca cobriu a dela quando a sentiu estremecer com o clímax. Passou a língua entre os seus lábios, comendo avidamente os seus gritos e gemidos à medida que ela era abalada pelo prazer. Ainda se estava a vir quando ele a ergueu de cima de si. A privação foi cruel. Ela gritou com a sensação de perda.

— Aguenta um pouco — disse ele, a voz tensa. Desviou-se para a ponta da cadeira e levantou-se, erguendo-a consigo. Quando os pés dela tocaram o tapete oriental, ele virou-se para a deixar de frente para a secretária. Pressionou-lhe ligeiramente os ombros. — Para baixo — ouviu-o ela dizer. A arquejar erráticamente, ela encostou os antebraços, face, seios e barriga aos relatórios da Durand sobre a secretária, o rabo curvado sobre a berma da secretária. Os papéis estavam frescos contra os seus mamilos excitados e faces a esquentar.

Depois ele estava a penetrá-la. Alice arfou audivelmente com o impacto.

Ele estabeleceu um ritmo rápido e forte desde o início. Instintivamente, ela ergueu as mãos acima da cabeça e agarrou-se à outra borda da secretária. Os seus lábios entreabriram-se e um gemido trémulo escapou-se de entre eles. Os seus olhos reviraram-se para trás quando a pressão e o prazer lhe atordoaram a consciência. Quando estava pronto, Dylan acabava sempre por dar-lhe exatamente o que ela queria.

Ele grunhiu duramente e agarrou-lhe o rabo com mais força, oferecendo-lhe o seu pau em movimento.

— Era isto que tu querias, minha menina? — perguntou ele entre os sons dos seus corpos a chocar.

— *Sim*.

Ele passou a mão por baixo da coxa dela enquanto a penetrava. Ergueu-lhe a perna, forçando o joelho a dobrar-se. Alice adivinhou a sua intenção e pôs um joelho em cima do tampo da secretária, abrindo ainda mais o corpo para ele. Dylan mergulhou mais fundo, e ela gritou com a nova vaga de fricção e pressão mais forte. Ele fodeu-a mais depressa.

— Estás a deixar-me maluco — disse Dylan nas suas costas, o tom

duro da luxúria crescente. Depois gemeu de prazer e a visão imaginada da sua concentrada, controlada selvajaria saltou para a mente de Alice. Ele penetrou-a em quase toda a extensão do seu pau, os braços fortes a puxá-la, esmagando-lhe o corpo contra o seu com um ritmo brutalmente conciso. Ela fechou os olhos, avassalada pela sensação, a emoção pronta para ser derramada de dentro de si a qualquer momento.

— Diz-me — ordenou ele. — Diz-me outra vez.

— Eu... amo-te — arquejou, enquanto ele a penetrava.

As mãos dele desceram para junto dos seus cotovelos sobre a secretária. Os seus movimentos tornaram-se mais curtos e rápidos, os seus corpos a chocar repetidamente. Ele abalava-a até ao mais íntimo de si.

— Oh, céus — gemeu Alice, agarrando-se à secretária como se pensasse que disso dependia a sua vida.

— *Alice.*

Ele soava tão cheio de sensação e sentimento como ela estava. O seu pau inchou dentro dela. Ele mergulhou mais fundo, a rosnar duramente. Manteve a pélvis colada à dela e circulou ligeiramente as ancas, aplicando uma pressão alucinante no seu clítoris.

Ficaram colados dessa maneira, unidos num rito de combinado e intenso prazer. Alice desejou que aquele momento durasse para sempre. Mas, ao fim de um ofuscante momento, os estremecimentos do clímax dele começaram a diferenciar-se dos dela. Lentamente, o som das suas respirações ofegantes abrandou e silenciou-se aos ouvidos de Alice. Ela inspirou, trémula, conseguindo respirar como deve ser pela primeira vez em minutos.

Sentiu os lábios dele pressionarem-se nas suas costas. O pénis estremeceu no seu canal.

— Devo arrepender-me? — perguntou ele contra a sua pele.

— Céus, não — sussurrou ela, confundida com a pergunta. — Porque é que haverias de te arrepender?

Ele endireitou-se e puxou-a de cima da secretária, as mãos nos seus ombros. Envolveu-lhe o corpo com os braços. Alice fechou os olhos, a sentir-se puramente saciada e satisfeita.

— Se calhar devia ter sido um pouco mais romântico, depois do que acabaste de me dizer — disse ele, a boca encostada ao seu pescoço. Ela sentiu o seu pequeno sorriso. — Mas dás sempre comigo em louco, raios.

Ela soltou uma gargalhada rouca e agarrou-se aos seus braços.

— Eu podia dizer o mesmo de ti. E adoro isso. — O pénis deslizou de dentro do seu corpo e ele virou-a nos braços. Baixou a cabeça e beijou-a profundamente.

— Romântico e selvagem. Forte e autoritário. Concentrado e brilhante — murmurou ela, sonhadora, contra os lábios dele. Ainda sentia o gosto dele na sua língua; as suas terminações nervosas ainda vibravam de prazer por aquela poderosa presença no seu corpo. — És assim, não és? Porque é que havias de fazer amor de maneira diferente? — Ela pestanejou, abriu os olhos. — Porque é que alguma vez havia de querer outra coisa? — perguntou-se, a testa a enrugar-se de maravilhado espanto.

A expressão dele tornou-se mais sóbria. Alice reconheceu aquele duro brilho denunciador nos seus olhos. Levou a boca ao encontro da dele, ansiosa por ser possuída outra vez.

Depois de Alice se lavar rapidamente, encontrou-se com Dylan no átrio de entrada.

— Só devemos chegar alguns minutos atrasados à consulta, se nos despacharmos — disse ela, correndo pelas escadas abaixo.

Ele esperou pacientemente, parecendo de novo atraente e impecável com o seu imaculado fato e gravata. Alice aceitou a mão que lhe estendia.

— Porque é que estás com essa cara? — perguntou Dylan.

— Tens uma grande lata, para estares com esse aspeto quando eu estou com *este* aspeto. — Referia-se ao facto de ainda ter as faces de um vivo tom de rosa, depois de um sexo fantástico, e de estar ofegante e a suar um pouco pela correria para ficar pronta para a visita ao médico. Além disso, o cabelo parecia uma esfregona, de tão comprido e despenteado. Para tornar as coisas piores, a sua cor começava a parecer bizarra. Partes da porção pintada de castanho escuro tinham aclarado com o sol, e os tons acobreados por baixo e as raízes começavam a fazer-se ver de forma mais flagrante.

Dylan examinou-a com calma.

— Estás linda.

Ela fez um som de desgosto. Ele sorriu.

— Estou a falar a sério. Tens os olhos a brilhar, estás afogueada. — Ergueu uma mão e fê-la flutuar sobre uma face quente. — É como eu mais gosto de te ver.

Ela fez um sorriso trocista.

— Isso é porque gostas de te vangloriar do facto de teres sido tu a deixar-me assim.

— Apanhado, mas não me dou como culpado — replicou ele, baixando a mão e dando-lhe um beijo na boca. O seu sorriso desvaneceu-se enquanto se inclinava para trás e a estudava mais de perto. — Mas podes fazer-me um favor? Volta a pôr aquela maquilhagem nos olhos.

— O quê? Pensava que detestavas.

— E detesto — murmurou ele, ainda com o olhar preso no rosto dela. — Mas a tua pareença com a Lynn está a tornar-se cada vez mais óbvia. Não quero que mais ninguém repare. O mínimo que podemos fazer é esconder-te um pouco de mais tempo.

— Eu... está bem, claro, acho eu — disse ela dubiamente, a encolher os ombros. Dirigiu-se para as escadas. — Deixa-me só voltar à casa de banho para ir buscar alguma maquilhagem. Ponho-a no carro a caminho do hospital.

— E, Alice? — chamou ele uns segundos depois.

Ela parou a meio das escadas e voltou-se para o olhar. Viu-o acenar para o seu pulso. — A pulseira. Tira-a, por agora. Podes usá-la enquanto estás aqui, se quiseses, mas não lá fora, enquanto as coisas não estiverem resolvidas. A Lynn andava sempre com ela. Era a sua imagem de marca.

— Sim. Eu sei — disse, fazendo uma pausa por um segundo antes de começar a correr pelas escadas acima.

Quando voltou a descer, ele deu-lhe a mão e dirigiram-se para a entrada da garagem. Ambos estacaram quando ouviram bater à porta de entrada.

— Mas que... — Dylan dirigiu-se para a porta, de sobrancelhas erguidas de consternação.

Um homem alto, com trinta e muitos anos e um rosto fino e descarnado estava ali à espera com um fato de macaco.

— Venho da Home Guard, para fazer a manutenção do sistema de segurança — explicou. Dylan olhou o seu cartão de identificação.

— Raios, tinha-me esquecido — disse ele. — Tenho de sair. Deixe-me ir buscar a minha empregada. Entre.

Voou pelas escadas acima em busca de Louise. A sua eficiente e organizada empregada regressou com ele um minuto depois.

— A Louise e a Marie estavam em casa, enquanto estivemos no escritório? — perguntou Alice quando seguiam na estrada para o hospital, uns minutos mais tarde. Ela fora tão *ruidosa* enquanto faziam amor, pensou, incomodada.

Dylan fez-lhe um breve olhar divertido, claramente a adivinhar a origem da sua preocupação.

— Mande a Marie para casa mais cedo. A Louise estava aqui, mas a trabalhar num projeto especial para mim no quarto andar. Suficientemente longe para ouvir seja o que for. Até a *ti*.

Alice soltou um ronco de embaraço. Era agradável poder rir um pouco antes da inquietante consulta.

— Não tens receio que alguém nos veja juntos no hospital? — perguntou a Dylan depois de estacionarem e dirigirem-se à pressa para a entrada principal do Morgantown Memorial.

— Um pouco — admitiu ele, abrindo-lhe a porta. — Mas não o suficiente para não te trazer pessoalmente.

Ela lançou-lhe um olhar de gratidão. Dylan reparou, a boca a curvar-se num pequeno sorriso.

— Quando chegarmos à zona de espera, deixo-te a fazer o registo. Vou afastar-me um pouco, mas não para demasiado longe. Isso deve minimizar as hipóteses de sermos vistos.

O exame ao sangue foi bastante anticlimático, tendo em conta a crescente ansiedade dela. Assumira que ia conhecer o médico pessoal de Lynn e Alan durante a recolha, o Dr. Shineburg. O médico já devia saber alguma coisa acerca de Alice e Addie Durand, uma vez que Dylan lhe pedira para confirmar que ela era sua filha biológica usando a amostra de sangue de Alice e o material genético dos Durand que estava armazenado. Em vez de um médico, porém, ela foi recebida por uma jovem e amigável flebotomista. Ela explicou a Alice que o Dr. Shineburg fora chamado para uma emergência. Em resultado disso, a recolha de sangue em si pareceu mais uma questão técnica do que o momento emocional que ao mesmo tempo antecipara e temera.

Depois de o procedimento terminar, Alice atravessou o corredor na direção da sala de espera, levando na mão um panfleto informativo de um laboratório chamado GenCorp, em Chicago, que efetuariam a comparação genética e lhe forneceria os resultados. De acordo com o que lera brevemente enquanto a flebotomista recolhia o sangue, teria os resultados em quatro a seis semanas, mas iam tentar apressar um pouco as coisas.

Onde é que eu vou estar quando receber os resultados?

A pergunta atingiu-a como um murro na cabeça.

— Menina? Está tudo bem?

Alice pestanejou, saindo do transe. Percebeu que parara ao lado de uma cadeira de rodas e tinha uma enfermeira de meia-idade a olhá-la com uma expressão meio curiosa, meio preocupada.

— Eu... sim, estou bem — disse Alice, monocórdica. — Tive uma pequena tontura, por um segundo.

— Acabou de recolher sangue? — perguntou a enfermeira num tom bondoso.

— Sim.

Ela fez um aceno de compreensão.

— Porque é que não volta para o laboratório de análises e se senta? Eles têm lá sumo e bolachas.

— Não — disse Alice, com um sorriso tenso. — Estou bem. Obrigada.

Voltou a seguir pelo corredor. Não tinha sido a recolha de sangue que a deixara tonta. Fora o facto de o Campo Durand terminar dentro de uma semana e ela não fazer ideia do que raio ia fazer com a sua vida a seguir.

E se não for seleccionada para trabalhar na Durand? Devo voltar para a Maggie e começar à procura de outro emprego? Era esse o plano original. Mas não posso fingir que a Addie Durand nunca existiu, em especial quando receber o resultado oficial deste teste. E se for seleccionada como gestora? Começar por baixo seria uma boa maneira de abrir o meu caminho na empresa. Na vida. Mas e se a posição oferecida não fosse em Morgantown?

E o Dylan?

E se o Dylan estivesse enganado e eu não fosse mesmo a filha de Alan e Lynn Durand?

Onde raio será o meu lugar?

Continuou a caminhar para a sala de espera a sentir as pernas fracas, estas e outras perguntas a colidir na sua cabeça, deixando-a numa nuvem de vazia e atordoante ansiedade.

A sala de espera estava quase vazia, com excepção de um homem idoso a ler um jornal. Viu a figura familiar de Dylan ao fundo. Estava junto ao painel de informações a conversar com alguém em voz baixa. Deveria sentar-se e esperar que a pessoa se fosse embora, perguntou-se, nervosa. Supostamente, ela e Dylan não deviam tornar pública a sua ligação.

Mas depois Dylan virou-se e viu-a. Fez-lhe sinal para se aproximar.

— Olá, Sidney — disse Alice um segundo mais tarde quando dobrou a esquina e viu com quem Dylan estava a falar. Apertou-lhe a mão estendida e Sidney inclinou-se para lhe beijar brevemente a face. — O que faz por aqui?

— Tive de admitir um paciente, infelizmente, e vinha a sair quando vi o Dylan. — Depois pestanejou e ficou mais sério. — Sente-se bem, Alice?

— Sim, estou ótima — disse ela, demasiado alegre e enfaticamente. Ouvir o psiquiatra mencionar que tivera de admitir um paciente no hospital tocara um nervo sensível. Não que Alice se

considerasse apta para uma ala psiquiátrica. Ainda assim, estava ansiosa por provar aos dois homens... e a si mesma, que estava perfeitamente normal. — O Dylan mencionou porque estamos aqui? — perguntou, baixando a voz.

— Sim — disse Sidney. — Já está resolvido, então?

Alice ergueu o panfleto e fez o seu olhar de determinação.

— Sim. Agora só resta esperar pelos resultados oficiais.

Sidney fez-lhe um sorriso cauteloso.

— Isso é apenas o primeiro passo. Perceber o que significa realmente esse primeiro passo vai ser a parte mais difícil. Se fosse *mesmo* tão simples como extrair sangue e obter uma resposta...

— É verdade — concedeu Alice. Olhou de relance para Dylan, hesitante. — Contaste... contaste ao doutor o que me lembrei? — perguntou suavemente.

— Sim. Espero que não te importes — disse Dylan.

— Não há problema — assegurou Alice.

— Pareceu-me que a recordação da Lynn a comoveu muito profundamente — disse Sidney.

Lágrimas irromperam dos olhos dela, surpreendendo-a. Foi alguma coisa nos olhos bondosos e compassivos de Sidney que o causou. Céus, estava a ficar num farrapo.

— Sim — conseguiu dizer, o sorriso hirto a falhar. — Foi incrível.

— Alice...

— Acho que vou só à casa de banho antes de irmos, sim? — interrompeu ela numa voz invulgarmente aguda, olhando para o fundo do corredor.

Dylan pareceu prestes a detê-la.

— Há uma mesmo ali — disse Sidney, a apontar para uma porta a seis metros ao longo do corredor.

— Obrigada. Já volto — disse ela com um sorriso que destoava por completo dos olhos a transbordar de lágrimas.

— Tens de lhe dizer, Dylan — disse Sidney em voz baixa quando a porta da casa de banho se fechou atrás de Alice.

Dylan franziu o sobrolho.

— Tu viste-a. Ela não está preparada. Finge que está tudo bem, mas é mais frágil do que quer admitir.

— Já não tenho tanta certeza disso. Ela não é frágil por natureza. Ficou com as defesas comprometidas devido a todo o *stress* psicológico

e emocional. Mas isso não significa que não o consiga aguentar. Vais ter de lhe dizer em algum momento.

— Se estivesse pronta para saber, perguntava. É o que me tens estado a dizer o tempo todo — sibilou Dylan. Olhou em volta, cauteloso, para verificar se não estava ninguém por perto. Já tinha tido esta conversa com Sidney várias vezes nos últimos dias, e estava a tornar-se cada vez mais difícil. — A verdade sobre a Sissy e os tios chegou quando ela ficou preparada... quando teve essa recordação da Lynn a que se agarrar. Agora esperas que lhe estrague *essa* memória também?

— Não é uma questão de *tu* lhe fazeres algum mal. Estamos a falar dos factos. É a história dela. Ela merece saber. Os eventos agora vão começar a desenrolar-se mais depressa; coisas que nem tu nem a Alice podem controlar. É melhor que a verdade chegue através de ti do que de um desconhecido.

Ele fez um som de frustração. Sidney tinha razão, e, no entanto...

— Tu não estavas lá — disse Dylan, agitado. — Não sabes como foi ter de lhe dizer que a mulher que ela considerava sua mãe foi uma cúmplice do seu rapto.

— Não, mas posso imaginar como foi difícil para ti — replicou Sidney. — Nenhum de nós pensou que nada neste processo seria fácil, e, no entanto, aqui estamos nós, a dar um passo de cada vez, ao ritmo da Alice.

— O que eu estou a experienciar não é nada comparado com o que deve estar a ser para ela — disse Dylan, sombrio. O seu olhar fixou-se no velho amigo. — E desde quando és um defensor tão acérrimo de ação agressiva, no que diz respeito a este assunto? Desde quando é que deixaste de aconselhar cautela ao expor-lhe o seu passado, ou encaminhá-la subtilmente para ele, na pior das hipóteses?

— Desde que a conheci — disse Sidney sem uma pausa. — Ela é bastante extraordinária, e muito forte, à sua própria maneira. A informação de que continua a demonstrar qualidades únicas de liderança no campo. Isto apesar do que sabemos acerca de tudo o que ela suportou esta semana.

Dylan fez uma careta, em parte mais apaziguado, mas não convencido.

— O que é que soubeste da inclinação do Kehoe a respeito de a contratarmos... não que isso faça um grama de diferença no fim — acrescentou.

— É uma das melhores candidatas a uma posição, embora tenha a

impressão de que o Kehoe anda à procura de uma desculpa para a fazer descer na lista.

Dylan abanou a cabeça.

— Quem me dera percebê-lo. Sempre teve um desempenho do mais alto nível, para o Alan e para nós, mas...

— Tem a sua própria agenda. E não é fácil gostar dele — completou Sidney. — Lembro-me de o Alan ser ambivalente a seu respeito, mas o seu trabalho sempre foi impecável. Era a Lynn que admirava o que ele fazia no campo. Sabes que o campo sempre foi o seu projeto especial. Ela e o Kehoe colaboraram bastante para fazer dele o que é hoje: um valioso programa que demonstra todos os aspetos da filosofia da Durand, ao mesmo tempo que beneficia as crianças. Acho que, se não fosse por a Lynn lhe dar tanto valor, o Alan talvez tivesse mandado o Kehoe para alguma filial no estrangeiro, há anos.

— Não sabia que o Alan não gostava particularmente dele — disse Dylan. *Nem que Lynn gostava.* O som do secador de mãos na casa de banho ao fundo do corredor distraiu-o. Virou-se para a porta.

— Ela está abalada por causa dos exames hoje, Dylan — disse Sidney em voz baixa. — Mas isto não a derrotou. Começo a perguntar-me o que seria capaz de a derrotar. Vais ter de lhe dizer como a Lynn morreu.

Ele cerrou os lábios, não querendo prometer nada ao psiquiatra. Alice era a sua única guia nisto, não Sidney.

...

— Já tinhas planeado levar-me ao Picadeiro Riley esta tarde? — perguntou-lhe Alice, espantada, dez minutos depois. Estavam a voar pela estrada rural que seguia a linha de costa do lago Michigan, Dylan ao volante. Ele acabara de lhe dizer que iam montar e jantar a seguir.

— Sim. Tenho algumas roupas para trocarmos no porta-bagagem. Parecias muito mais à vontade no *Kar Kalim* ontem de manhã, por isso pensei que podia ser uma boa altura para outra aula.

Referia-se ao facto de, depois de ter escapado ao seu perseguidor e de terem aquele impulsivo e escaldante sexo na floresta, ele a ter levado de volta para os estábulos no seu cavalo.

— Estava demasiado ocupada a pensar noutras coisas para ficar nervosa — disse ela, trocista. — Mas estava mesmo muito mais descontrainda do que fiquei com o *Quinn*. O *Kar Kalim* é um cavalo fantástico.

— Então, não te importas?

— Não — disse ela com honestidade. — Parece-me bem.

De facto, fora uma experiência ímpar e maravilhosa para ela, no sábado anterior, a ida ao picadeiro, e depois o seu jantar especial; escapar por um período de tempo das sombras e mistérios do castelo Durand... partilhar aqueles momentos roubados com Dylan. Parecera-lhe que todo um novo aspeto da sua personalidade desabrochava, ao estar com ele naquele dia soalheiro e romântico, naquela noite estrelada. A casa e a propriedade Durand atraíam-na de muitas formas, mas havia nela, também, uma escuridão, uma opressão que tinha dificuldade em dissipar, certas vezes.

Naquele momento, a luz do sol enchia o carro e brilhava à volta deles como um caloroso abraço. Dylan parecia tão atraente e controlado, ao volante do luxuoso automóvel, o casaco do fato no assento de trás e a gravata solta. Alice sentia-se feliz. O momento de angústia existencial que experimentara no hospital desvanecera-se por completo, graças a Deus. Dylan tinha razão. Só precisavam de lidar com as coisas um passo de cada vez.

Ele olhou-a de relance, e depois olhou-a de novo com mais atenção.

— Porque estás a sorrir? — perguntou, a boca a revirar-se.

— Estou só contente por teres planeado isto. Mais nada.

Ele arqueou as sobrancelhas, de novo de olhos na estrada.

— Então fico contente também. Fiquei preocupado contigo, no hospital.

— Está tudo bem — tranquilizou-o ela. Começava a sentir-se como um gravador, a dizer aquilo a toda a hora.

Ele fez-lhe um rápido sorriso que se estendeu até aos olhos, e Alice sentiu uma vaga de alívio. Dylan não ia obrigá-la a falar do que acontecera no hospital. Não naquele momento.

— Queres experimentar montar sozinha, desta vez? — perguntou-lhe ele.

— Achas que estou preparada?

— Com a montada certa, acho que nasceste preparada.

Claro, Dylan já discutira com Kevin Riley, o dono do picadeiro, o que considerava ser a montada *certa* para Alice. Depois de vestirem as roupas de montar, Dylan e Kevin apresentaram-na a Alice. Uma linda e meiga égua, com um lustroso pelo avermelhado e líquidos olhos castanhos. Era muito mais pequena e mais delicada do que *Quinn* ou

Kar Kalin, o que Alice agradeceu. O seu medo de alturas e de cair não desaparecera, de modo nenhum, e ela duvidava que alguma vez desaparecesse inteiramente — em especial agora que sabia a causa original da sua fobia. Mas a bonita égua era muito menos intimidante do que *Quinn* ou *Kar Kalim*.

Para Alice, foi amor à primeira vista. O seu nome era *Shenandoah*, mas Kevin chamava-lhe *Doah*, para abreviar. Alice também, enquanto lhe fazia festas e murmurava sons sem sentido para a paciente e agradecida égua.

— Acho que escolheu bem — disse Kevin a Dylan com um sorriso conhededor, antes de os deixar.

Quando ela montou sozinha pela primeira vez, teve as suas dúvidas a respeito de aquilo ter sido uma boa ideia. Era verdade que *Doah* estava bem mais perto do chão do que *Quinn* ou *Kar Kalim*, mas também não havia a segurança de Dylan a segurá-la por trás.

E também não tinha Dylan a oferecer-lhe um louco êxtase para apagar a sua ansiedade.

Mas ele estava mesmo ali, ao princípio a guiar *Doah* e Alice pela rédea. Ficaram dentro do espaço do grande cercado, ao princípio, a descrever círculos em volta de Dylan enquanto ele a instruía com paciência a respeito dos aspetos básicos da equitação. O nervosismo de Alice foi diminuindo aos poucos, substituído ao princípio por cauteloso otimismo e, aos poucos, pela excitação de dominar uma nova tarefa. *Doah* estava muitíssimo bem treinada e era maravilhosamente sensível até aos seus mais subtis comandos.

Por fim, Dylan disse que ela estava pronta para um passeio calmo no caminho que bordejava o lago. Montou o seu próprio cavalo, um grande alazão com fogo nos olhos, e seguiram num passo lento na direção do lago.

— Porque é que estás tão preocupada? — perguntou Dylan quando chegaram à porção do caminho ao longo da margem, permitindo-lhes seguir lado a lado.

Ela olhou-o de relance, de olhos franzidos por causa da luz do sol poente e o lago brilhante.

— Estava a pensar no que senti há pouco, no cercado. Sei que provavelmente é só imaginação minha, tendo em conta o que me contaste sobre teres treinado a Addie com o seu pónei, mas...

— O quê?

— Pareceu-me *familiar*. Como se já o tivesse feito antes — disse ela, a voz apenas suficientemente alta para ser ouvida por cima do

bater dos cascos dos cavalos. — Achas que era uma verdadeira memória? — perguntou, mantendo o olhar fixo no caminho.

— Queres que seja?

— Sim.

— Então era, porque, definitivamente, aconteceu — disse ele. Ela olhou-o. Quer fosse pela brilhante e intensa luz do sol ou a sua borbulhante felicidade, permitiu-se mostrar o que sentia. Estava a perder a capacidade de escudar as suas emoções. Ou talvez permitir-se mostrar os sentimentos fosse a verdadeira competência, afinal de contas... a verdadeira força?

A expressão dele contraiu-se, e de repente ele estava a aproximar mais a montada da de Alice e a segurar-lhe nas rédeas.

— Uou — murmurou, puxando-as. Adivinhando a sua intenção, Alice puxou-as também. A mão enluvada de Dylan envolveu-lhe o queixo, e ele beijou-a, profunda e lentamente.

— Gostas da *Doah*? — perguntou, rouco, a morder-lhe a boca um momento depois.

— Sabes que a adoro — replicou Alice, os olhos fechados. Sentia-se atordoada e quente, pelo beijo inebriante e o calor do sol.

— Ainda bem. É tua. Feliz aniversário, Alice.

Ela pestanejou e abriu os olhos. A luz do sol brilhava em volta dos ombros e cabeça dele. Franziu os olhos, para ver melhor as suas feições ensombradas.

— O quê? Só faço anos a vinte e oito de agosto.

Ele abanou a cabeça. Porque é que parecia tão sóbrio?

— É hoje — disse, hesitante. Aplicou pressão com os dedos no queixo dela e voltou a encostar a boca à sua. Ela beijou-o, a cabeça a andar à roda. Percebeu vagamente que ele estava a fazer o que sempre fazia, a confortá-la com o seu toque quando lhe revelava alguma coisa que julgava poder provocar-lhe ansiedade.

— A Addie nasceu no dia vinte e um de julho — disse um momento depois, junto aos seus lábios. Reclinou-se ligeiramente para trás e estudou-lhe o rosto. — Pensei que querias saber.

Ela inspirou, trémula.

— Claro — disse, a tentar concentrar-se. — A Sissy teve de inventar uma data, não foi? Ali mesmo, no hospital, quando me viu pela primeira vez. Mesmo que ela ou Cunningham soubessem a data verdadeira, o que duvido, não podiam dizê-la no hospital e correr o risco de as autoridades consultarem os registos.

Ele anuiu, ainda sério.

— Obrigada por me dizeres. — Ele pareceu na dúvida. — Não, a sério. É estranho ouvir isto, mas faz sentido. Porque é que havia de partilhar o dia de anos da Addie? Seria estranho, dadas as circunstâncias. Vou levar algum tempo a habituar-me, mas prefiro saber. Fico contente por me teres considerado... tu sabes, pronta para o ouvir — continuou, o embaraço a atingi-la quando recordou como se mostrara fraca e transparente na frente dele e de Sidney no hospital.

— Eu sei que tens tido de ouvir e absorver muitas coisas, ultimamente. Não sabia muito bem se havia de te dizer. Mas não me pareceu correto deixar a data em branco. Agora que voltaste. Tantos aniversários perdidos em que o Alan não pôde desejar-te felicidade. Nem eu. Não me pareceu certo deixar passar mais um — repetiu, sombrio, baixando a mão e endireitando-se. Continuaram sem se mover sobre as suas montadas por mais um momento, Dylan a olhar o lago e ela o seu perfil forte.

— Alguma vez pensas no que vai acontecer se o resultado do teste disser que não sou a filha deles?

Sentirias o mesmo por mim, se isso fosse verdade?

O queixo dele virou-se abruptamente.

— Não. *Tu estás a pensar nisso?*

— É sempre uma possibilidade, não é?

Os olhos escuros percorreram-lhe a face.

— Não — disse ele, a sua voz grave a transbordar de determinação.

Ela tentou sorrir.

— Então... hoje faço vinte e quatro anos? — perguntou, trémula.

— Sim.

Ela pestanejou, a ouvir pela primeira vez o resto do que ele lhe dissera há momentos.

— E a *Doah* é *minha*? — perguntou, finalmente a ser atingida pela incredulidade e o espanto.

— É tua. *Esse presente é meu.*

Alice viu o calor nos olhos dele e o emergir daquele pequeno sorriso mortal, e de repente era ela a inclinar-se na sua direção, a enterrar os dedos no seu cabelo, a procurar o doce e estonteante consolo da sua boca.

— Onde vamos jantar? — perguntou ela, sonhadora, mais

tarde, enquanto olhava pela janela do carro, a bola laranja do sol a descer sobre o lago Michigan. Sentia-se tão feliz depois do passeio a cavalo, como se tivesse não só encarado uma coisa que lhe metia medo mas também ultrapassado esse medo. Era verdade que *Doah* tornara a tarefa tão fácil — algo que já esperara que Dylan garantisse quando lhe oferecera generosamente uma montada. Mas era mais do que ultrapassar o seu medo de cair, ou até de fazer o teste sanguíneo.

Nesse dia, dissera a Dylan que o amava. Expusera o seu coração, e continuava a viver e a respirar. Não havia dor, apenas alegria. O mundo não acabara.

— O jantar é uma surpresa — disse, o olhar fixo na estrada. Ela absorveu a sua imagem. Mais uma vez, foi percorrida por aquela sensação de euforia. Dylan era *dela*, naquele momento, e isso era espantoso. Tinha vontade de o devorar, tão forte e atraente com as suas calças de ganga e camisa de xadrez azul e branco que se ajustava na perfeição ao seu tronco seco e peito, ombros e braços muscudos. Foi preciso ultrapassar o momento de satisfeita atração antes de reconhecer como ele parecia tão concentrado a conduzir.

— Porque é que ficaste tão sério? Não continuas preocupado por me teres dito que fazia anos hoje, pois não?

Ele pestanejou e olhou-a de relance.

— Não, não é isso. Ou não é só isso.

— O que é que isso significa? — perguntou Alice, a sorrir. Ele reparou no seu sorriso.

— Queria esperar até recuperares o teu... equilíbrio para perguntar, mas o que foi que aconteceu no hospital para te deixar tão perturbada? O médico disse-te alguma coisa?

— Não, de todo. O médico nem sequer lá estava. — Explicou-lhe que o Dr. Shineburg fora chamado para uma urgência.

— Tive esperança que conseguisses falar com ele. Ele conhecia o Alan e a Lynn — disse Dylan, as sobrancelhas franzidas enquanto

olhava a estrada.

— Mas correu tudo bem. Fiquei contente por esse assunto ficar terminado. Se alguma vez quiser falar com ele depois de os resultados chegarem, eu falo.

— Então, o que é que te deixou daquela maneira?

— Oh, foi só uma coisa estúpida.

Ele olhou para ela, o seu olhar a dizer-lhe alto e bom som que não a acharia estúpida.

— Foi só... um pensamento que eu tive. *Onde é que vou estar quando receber os resultados do teste?*

— Não percebo — disse ele confuso depois de uma pausa.

— Essa pergunta suscitou tantas coisas. Quero dizer, se não for contratada pela Durand, vou estar no meu apartamento na casa da Maggie quando receber a chamada? Vou andar à procura de um trabalho? Se conseguir o trabalho na Durand, isso significará que posso estar no meio do processo de me mudar para uma nova filial? Se assim for, onde será? E como é que vai ser, deixar este sítio e tudo...

— A sua voz interrompeu-se. O cinto de segurança apertou-a quando ele carregou abruptamente nos travões. — Dylan, o que é que estás a fazer?

Ele virou o carro para a berma da estrada rural. Parou e puxou o travão de mão. Alice pestanejou quando ele se virou para ela e viu o brilho das chamas nos seus olhos.

— Porque é que estás a ser tão teimosa?

— De que é que estás a falar? — perguntou ela, surpreendida.

— Tu és a única herdeira das Durand Enterprises. *Tu*. Mais ninguém...

— Dylan, eu não quero...

— Não. Já recusaste ouvir-me acerca disto, mas não podes continuar a enganar-te a ti própria, Alice — disse ele com os dentes cerrados. Inclinou-se para o lado e agarrou-a pelos braços. — Discordei da ideia de regressares ao campo e continuares como se nada tivesse acontecido, mas compreendi porque o quiseste fazer.

— Eu tenho de terminar o que comecei! Foi isso que vim cá fazer...

— Tudo bem — disse ele em voz alta, os dentes a cintilar por entre os lábios tensos. — Mas não vais continuar a persistir nessa fantasia de que podes ser mandada embora da Durand sob quaisquer circunstâncias.

— Mas...

Ele abanou-a ligeiramente.

— Tens de parar de imaginar que vou permitir que sejas mandada para longe de mim. — Ela ficou em silêncio, atónita pelo seu olhar feroz.

O grito dele ecoou na sua cabeça. Abriu a boca de espanto.

— Agora, vais ouvir isto ou não? — perguntou ele num tom mais contido. O seu queixo estava muito tenso.

Ela anuiu. Nem sequer se atreveria a desafiá-lo, naquele momento.

— Ótimo — vociferou.

Inspirou fundo para se controlar, antes de começar.

— Depois de a Lynn falecer, o Alan instituiu um *trust* que deveria ser seguido à letra enquanto a filha continuasse desaparecida. Pôs sessenta por cento das ações da Durand Enterprises neste *trust*, que incluía diretivas filantrópicas muito específicas. Ofereceu-me generosamente a oportunidade de adquirir as ações restantes da sua empresa — quarenta por cento — a um preço mais favorável. Também me tornou executor do *trust* da Addie. Sessenta por cento do dinheiro da Durand, investimentos, dividendos e lucros reverteram anualmente para esse fundo durante quase duas décadas. Segui à risca as diretivas filantrópicas do Alan, mas o excesso, mesmo assim, foi enorme. Geri o excesso o melhor que consegui, e ficou bem feito. Muito bem feito. O Alan especificou que, na eventualidade de a filha regressar, as diretivas a respeito de como o fundo deveria ser gasto seriam dissolvidas, e ou o executor ou Addie, se esta fosse maior de idade, poderia usá-lo conforme necessário. O fundo gera, atualmente, mais de seis milhões de dólares por ano. No total, vale milhares de milhões de dólares. E é teu, Alice... para além de seres sócia maioritária da Durand.

Ela foi percorrida por arrepios.

— Não posso ficar com nada disso.

— Não te estou a pedir que estejas pronta já, nem para assumir a posse nem para liderar a empresa...

— Eu não vou liderar a Durand Enterprises. Estás *louco*? — explodiu ela, chocada até ao âmagô com a mera menção. A ideia de tomar decisões que afetariam dezenas de milhares de pessoas horrorizava-a. A sua ignorância e falta de experiência abria-se na sua frente como um poço negro sem fundo, e ela estava a cambalear mesmo na berma.

— Já te disse, não estou à espera de nada agora a não ser que assimiles isto ao teu próprio ritmo. Leva o tempo que precisares. —

Ele apertou-lhe o braço para dar ênfase. — Mas não precisas de ter medo de voltar para Chicago e procurar um emprego ou mudares-te para um sítio onde não queiras. Se quiseses insistir nesta questão do Campo Durand, então podes ser contratada como gestora e trabalhar em Morgantown. É o nosso quartel-general. Porque é que não haverias de começar aqui? — resmungou ele impacientemente. Era evidente que ela o irritara.

Alice engoliu em seco.

— Era... mais ou menos isso que estava a pensar. A desejar.

O olhar dele dardejou-lhe o rosto.

— Então porque é que não *disseste* logo?

— Porque não sei se vou ser convidada para ser gestora da Durand ou não!

Ele revirou os olhos e soltou-a. Deixou-se descair no seu assento, a passar os dedos pelo cabelo.

— Jesus. Ouviste bem o que acabaste de dizer?

— Ouvi-te a ti. Era difícil não ouvir, pela maneira como estavas a gritar! — Também ela descaiu no seu assento, os braços cruzados sobre a barriga. Um carro passou por eles, fazendo o *sedan* vibrar.

— Nem sequer sabemos se isso é verdade — disse ela num tom sussurrado após um silêncio tenso.

— Não existe nenhuma dúvida na minha mente. Se não fosses filha deles, porque é que terias todos esses *flashbacks* e recordações? — perguntou ele por entre os dentes cerrados. — E como é que a Alice veio à existência no exato momento em que a Addie Durand desapareceu?

Alice fechou os olhos brevemente.

— Prefiro ver primeiro a prova. É pedir muito? Entretanto, claro que faz sentido eu continuar no campo. Não achas que, se se provar que isto é verdade, é melhor que os funcionários da Durand saibam que estive nas trincheiras? Que quis mostrar que não tenho medo do trabalho duro, nem de começar por baixo?

Ele abanou a cabeça, de olhos na estrada na sua frente.

— Tu não compreendes. A Durand é tua por nascimento e pela lei. Não és obrigada a provar *nada*. — Ela viu-o agarrar o volante, os nós dos dedos a ficarem brancos.

— Não concordo. — Alice segurou-lhe no braço. Ele pestanejou e olhou para ela. Ela sustentou-lhe o olhar. — Não estou a dizer que alguma vez vou liderar a Durand. Mas, se o fizesse, queria mostrar que conquistara o direito a fazê-lo. Queria demonstrar aos

empregados que estava disposta a dar o couro pela sua empresa. Queria conquistar o seu respeito. — Apertou-o com mais força. — Queria fazer o que tu fizeste — sussurrou enfaticamente.

Ela viu o fogo nos olhos dele derreter num brilho caloroso. Dylan respirou pesadamente e segurou-lhe a mão. Envolveu-a entre as suas e pousou-a na sua coxa. Não disseram nada por um momento, ficando a ver uma carrinha passar por eles e desaparecer lentamente ao longe.

— É mesmo tão disparatado que queira terminar o Campo Durand com sucesso? — perguntou em voz baixa.

— Suponho que não — replicou ele. — Mas para de viver sob a ilusão de que, se quiseses aprender a gerir a Durand Enterprises e saber mais sobre a companhia, alguém tem poder para te impedir, incluindo eu.

— Talvez possas explicar isso ao Kehoe — murmurou ela, a sorrir.

— Que se foda o Kehoe. — Olhou-a de relance, a anterior chama a reaparecer por um breve momento. — Não tenho ouvido senão coisas boas acerca de como te estás a sair no campo.

Ela espevitou um pouco com isto.

— A sério?

O seu breve encolher de ombros e expressão pareceu dizer: *Claro, que mais podia ter ouvido?*

— Não temos falado muito disto. Não tinha a certeza se sabias alguma coisa para além do pouco que te disse no fim de semana passado.

— Ouço coisas. Não quis abordar o assunto. Não queria ofuscar as tuas decisões ou o teu progresso como monitora.

Ela sorriu.

— Quiseste que, para o bem e para o mal, tudo fosse por mérito próprio?

— Sim.

Ela apertou-lhe mais a mão. Ele olhou para ela.

— Também é a única coisa que quero, Dylan — explicou ela acaloradamente, querendo fazê-lo compreender o seu ponto de vista.

Passado um momento, ele respirou fundo e abanou a cabeça.

— Isso é outra coisa que aprendeste no campo? A convencer os que te contrariam de forma tão perfeita? — perguntou ele, lançando-lhe um olhar divertido e voltando a ligar o carro. Alice riu-se.

— Não. Acho que essa lição aprendi a cem por cento contigo.

Quando regressaram a Morgantown, o tempo estava nublado, sem vento e húmido. Nuvens cinzentas acumulavam-se em volta da luz brilhante do pôr do sol. Alice julgou que o céu dramático e fantasmagórico se adequava especialmente à linda e silenciosa mansão empoleirada no alto da falésia.

— Achas que já foi toda a gente embora? — perguntou a Dylan quando entraram na casa pela garagem.

— Sim. Estamos sozinhos. A Louise ligou o alarme — disse ele, inserindo o código no teclado do sistema de segurança. Virou-se para ela. — Sobe e podes tomar um duche antes do jantar. Tenho de tratar de algumas coisas, mas vou ter contigo quando estiver tudo pronto.

— Porque é que estás a ser tão misterioso? — perguntou ela, a sorrir.

— Porque é uma surpresa, por que mais haveria de ser?

O sorriso dela aumentou. Por mais que tentasse arrancar-lhe algumas pistas do seu plano, Dylan mostrou-se implacável. Limitou-se a enxotá-la para a escadaria principal e a mandá-la subir as escadas.

— Mas... o que é que eu visto? — quis saber quando ele a tinha conseguido fazer subir três degraus.

— Quanto menos, melhor — disse ele. Dylan reparou na expressão exacerbada no rosto dela. — O que quiseses. Não precisas de nada de especial. Não interessa. Só eu é que te vou ver.

— Então interessa muito.

Ele subiu os dois primeiros degraus, envolveu-lhe o queixo com uma mão e plantou-lhe um beijo na boca. Aquele beijo não durou tempo suficiente para Alice, antes de ele voltar a fazê-la subir.

— Vou buscar-te dentro de uns quarenta e cinco minutos, mais ou menos — disse atrás dela. — Não te atrevas a sair, desta vez, armada com um taco de golfe ou não. Fica quieta.

— Mas...

Tentou voltar-se, mas ele impediu-a, virando-a para as escadas com as mãos sobre os seus ombros. Ela olhou para trás e ele presenteou-a com uma palmada no rabo na brincadeira.

— E olha que levas mais. É o teu dia de anos, lembras-te? — perguntou ele, aquele perigoso brilho nos olhos escuros. Ergueu a mão sobre o rabo dela quando a viu hesitar. Ela soltou um ronco de gargalhada, saltando escadas acima para evitar a palmada.

Quando acabou de tomar duche e lavar o cabelo, Alice hesitou quanto ao que vestir, dadas as escassas informações que Dylan lhe dera. Pensou em todas as lindas coisas que ele lhe dera na última

semana. Apertando o cordão do robe felpudo contra o corpo, dirigiu-se da casa de banho para o *closet* onde os artigos estavam arrumados. O que seria apropriado usar no que parecia ser um jantar especial?

Um jantar de aniversário. Ainda parecia demasiado incrível. Mas não era essa a única razão por que considerava aquele dia especial. Aquele era o dia em que lhe dissera que o amava.

Vários minutos mais tarde, levantou-se rapidamente quando ouviu a maçaneta a girar. Estivera a ler o relatório anual da Durand que estava sobre a mesa de centro. Ou tentara lê-lo, pelo menos. Estivera mais em alerta máximo, à espera de Dylan.

Ele dirigiu-se para ela, a sorrir quando a viu apertar, envergonhada, o cordão do robe.

— Pensei que tinhas dito que não precisava de vestir nada de especial — disse, olhando-o, carrancuda. Ele parecia indecentemente belo. Era evidente que já tomara duche noutro quarto, porque ainda se via a humidade nos cabelos espessos e ondulados. Usava um par de calças pretas e um elegante polo preto, cinzento e marfim. Sentiu uma sugestão do seu *aftershave* suave e almiscarado quando ele se aproximou.

— Eu disse que não interessava — repetiu Dylan, passando as mãos pela lapela do seu roupão. Aproximou-se mais, a cabeça a baixar-se até ficar a poucos centímetros do rosto dela. Alice ergueu a face, a boca a entreabrir-se. Era como se fosse a primeira vez que o via. O seu corpo palpitava. — O roupão é perfeito. Mas podes ficar com um pouco de calor. Vamos jantar lá fora, e está um tempo quente e húmido — disse ele, a voz a tornar-se grave e rouca. Os seus olhos escuros percorreram-na. Ela estava intensamente consciente das mãos dele a subir e a descer na lapela do seu robe, os nós dos dedos a roçar contra a pele nua do seu peito. A boca dele pairou a breves milímetros acima da sua.

— Eu aguento — conseguiu dizer.

Ele sorriu.

— Ótimo. — Alice sentiu uma alfinetada de desilusão quando ele recuou e lhe deu a mão.

— É melhor calçar-me? — perguntou, hesitante, a olhar os pés nus.

— Não é preciso. Segue-me.

Ficou um pouco espantada quando, em vez de a levar para baixo pela escadaria principal, ele a conduziu na direção oposta e pelo corredor ocidental.

— Aonde vamos? — perguntou, ainda mais confusa quando ele a fez subir em vez de descer, um momento depois.

— Já vê.

— Oh, o alpendre das traseiras — disse, feliz, quando chegaram por fim ao estreito lance de escadas que reconhecia. Dylan levava-a ali na semana anterior para verem o nascer do sol. Embora aquele alpendre parecesse pouco usado e algo negligenciado, Alice achava-o extremamente romântico e encantador. Adorava em especial o velho e enorme baloiço.

Dylan virou-se para ela enquanto levava a mão à porta.

— Fecha os olhos.

Ela seguiu as suas instruções, sem conseguir conter o sorriso.

Ouviu a fechadura da porta e ele puxou-lhe a mão. Andou vários passos às cegas, guiada apenas por ele.

— Muito bem. Espera só uns segundos com os olhos fechados. Nada de batota.

— Despacha-te — insistiu ela, divertida, depois do que lhe pareceu uma eternidade. Estaria a ouvir o som de um isqueiro? — Estou a morrer de suspense.

— Paciência — censurou ele. Alice sentiu a mão dele fechar-se na sua.

— Pronto. Podes abrir.

Levou vários segundos a assimilar o que estava a ver. Toda a varanda fora transformada num conto de fadas romântico. O espaço fora pintado de novo. O chão e teto de madeira era de um cinzento suave que combinava com a pedra da casa, o varandim e o grande baloiço eram de um branco imaculado. As *chaise longues* de ferro forjado tinham sido aligeiradas com almofadas cor de cereja. Vasos de coloridas flores vermelhas e brancas tinham sido dispostos ao longo do varandim. Pelo meio havia lanternas a brilhar. Várias pequenas árvores em pequenos vasos tinham sido dispostas junto à parede, e alguém entrelaçara fios de minúsculas luzes brancas entre as folhas. No centro do alpendre, uma mesa redonda coberta com uma toalha fora posta com duas cadeiras. A mesa era um festim para os olhos, decorada com uma taça de cristal com lindas hidrângeas cor de púrpura e velas acesas. Na frente de cada cadeira estava um prato coberto com uma campânula de prata.

Um pequeno bolo de três camadas e uma garrafa de champanhe num balde de gelo tinham sido colocados numa mesa lateral. O bonito bolo estava iluminado com velas, fazendo-o parecer uma torre

pasteleira brilhante.

— Parabéns — disse Dylan, levando-a para o bolo.

— Está tudo tão bonito — murmurou ela, de olhos muito abertos, a absorver todos os pormenores à sua volta, maravilhada. O seu olhar aterrou no corrimão branco e nos vasos de flores. Ele observou a sua reação calorosamente. Ela foi percorrida por uma vertigem.

— Lembraste-te do que eu tinha dito, que o corrimão devia ser branco, e com vasos de flores na frente.

— Nunca vim cá a cima quando eras pequena, e nunca encontrei nenhuma fotografias — disse ele, a mão a mover-se nas costas dela. — Quando disseste que devia ser branco com vasos de flores, foi a minha única pista de como este alpendre era há vinte anos. — Acenou na direção do bolo. — Então? Pede um desejo.

Ela engoliu em seco, tendo dificuldade em concentrar-se, com tanta felicidade a obstruir-lhe a consciência.

Gostava de poder viver à altura de tudo isto, pensou, o seu olhar a perder-se na linda varanda e a pensar em tudo o que envolvia. Por fim, deteve-se em Dylan. *Por favor, que eu seja o que ele deseja verdadeiramente* — eu — *não a liberdade do fardo da dor e culpa que sentiu ao longo de todos estes anos.*

Soprou as velas... as vinte e quatro.

— Achas que era uma verdadeira memória? Aquela sobre o corrimão branco e os vasos de flores e a minha adoração pelo baloiço? — perguntou a Dylan depois de ele a instalar numa cadeira e se sentar à sua frente.

— Não vejo nenhuma razão para que não seja. A Louise e a Marie asseguraram-me que a escolha de cores era ideal, de uma maneira ou de outra. — Ergueu o champanhe do gelo, as sobranceiras arqueadas numa interrogação.

— Por favor — murmurou ela, voltando a olhar em volta, a admirar o ambiente romântico. — Então, a Louise e a Marie ajudaram-te com isto?

— Não teria conseguido sem elas. Mandeir vir alguns pintores, há uns dias. Foi a Louise que tratou da decoração e das flores. Tem estado a tratar disso todo o dia. A Marie preparou a refeição e fez o bolo. — Pousou-lhe a *flute* de champanhe na frente. — A única coisa que fiz foi seguir as instruções da Marie para aquecer o jantar. Esperemos que não o tenha estragado. — Levantou a campânula e Alice ficou a olhar o lindo e fumegante prato apresentado.

— *Cordon bleu* de frango, arroz *pilaf* e espargos estufados. A

propósito, elas deram-te os parabéns. A Louise e a Marie, quero eu dizer. Dei-lhes o dia de amanhã de folga. Queria a casa só para nós, por isso elas fizeram-me prometer que te transmitia as suas felicitações.

— Tão queridas. Isto está maravilhoso. Obrigada.

— Como eu disse, não fiz grande coisa — assegurou ele, removendo a tampa do seu próprio prato e colocando-o na mesa de apoio.

Ela estendeu a mão para a dele. Dylan ergueu o olhar, surpreendido.

— Isto é o exato oposto de nada. Planeaste tudo. Nunca ninguém me tinha oferecido um jantar de aniversário, quanto mais uma coisa destas.

A boca dele pressionou-se numa linha dura.

— Nunca?

— Não faz mal — assegurou-lhe ela, a sorrir. — Isto compensa tudo.

— Se ao menos isso fosse verdade — disse ele em voz baixa.

Ela engoliu em seco, lamentando a sombra que caíra sobre as feições de Dylan. Não devia ter dito aquilo. Lembrá-lo da sua dor a respeito de Addie lançara um pálio temporário sobre o momento mágico. Estava ansiosa por fazê-lo desaparecer.

— Também tenho uma pequena surpresa — disse ela animadamente, levando a mão ao laço do seu roupão. Levantou-se e dirigiu-se para uma *chaise longue*, o robe felpudo a cair-lhe dos ombros. Pousou-o sobre as almofadas e virou-se para ele, contendo a respiração. A expressão de Dylan tornou-se rígida enquanto a percorria com o olhar.

— Disseste que podia usar o que quisesse — disse ela, trémula, afetada pelo calor do seu olhar. — Esta foi uma das peças de *lingerie* que me compraste na semana passada — acrescentou, quando ele apenas continuou a olhar.

— Eu comprei-te uma camisa de noite. Tu transformaste-a num evento.

Ela corou de prazer. O que queria ele dizer com aquilo, um evento? Fosse o que fosse, percebia pelo seu olhar que era um elogio.

— O tamanho ficou ótimo — concordou ela, sem saber o que dizer e dando um passo de volta para a mesa. Era um eufemismo. A camisa azul-escura e prateada podia ter sido feita para ela. Tinha um profundo decote e envolvia-lhe os seios, caixa torácica e cintura antes

de alargar muito ligeiramente, sem deixar de lhe roçar sensualmente a barriga e as ancas. Uma tira de renda preta elástica era a única coisa que lhe cobria os mamilos. Os globos da parte superior dos seios estavam plenamente expostos. As suas faces aqueceram ainda mais quando Dylan continuou a devorá-la com o olhar. Deu um passo para a mesa para se voltar a sentar, mas Dylan agarrou na sua mão e puxou-a para si. Tinha o olhar preso nos seus seios.

— Vira-te. Deixa-me ver-te — ordenou, rouco.

A excitação atingiu-lhe o clítoris em resposta à expressão faminta no olhar dele. Alice virou-se lentamente.

— Para — instruiu ele quando ela ficou de costas. Alice olhou por cima do ombro. A camisa de noite não tinha costas. O olhar de Dylan viajou para baixo, fazendo com que a espinha nua de Alice se arrepiasse. Quando chegou ao rabo, ele estendeu um braço e esticou o material sedoso sobre uma nádega. Envolveu-a com a palma da mão e apertou. O sexo dela vibrou de excitação. Muito devagar, como se estivesse a gozar a espera, levantou o tecido, expondo-lhe o traseiro. Acariciou-lhe a curva inferior do rabo com as pontas dos dedos. Ela arfou, trémula, com a carícia íntima combinada com o seu olhar intenso.

— Sem cuecas. Vais mesmo transformar isto num evento — disse ele. Solto o tecido. Ela pestanejou quando ouviu um ríspido som metálico, e depois outro. Ele voltara a tapar os pratos do jantar. Pousando as mãos nas suas ancas, virou-a e aproximou-a, abrindo as pernas. Deteve-a quando ela ficou entre os seus joelhos. Alice observou, contendo a respiração, enquanto ele lhe passava as pontas dos dedos sobre a barriga coberta pela seda. A sua expressão era quase selvagem. Foi percorrida por um forte arrepio. Não sabia porquê, mas adorava quando ele ficava obcecado na sua excitação. Poder-se-ia julgar que se tornava egoísta naqueles momentos, mas Alice sabia a verdade. A avidez sexual de Dylan alimentava a dela. Alice adorava ser o objeto do seu prazer.

A mão dele desceu. Roçou-lhe muito ligeiramente o monte de vénus com as pontas dos dedos através da seda. O prazer percorreu-lhe o corpo com o seu toque. Os mamilos endureceram por baixo da renda. Solto um suave gemido, e ele ergueu o olhar. A luz das velas refletia-se nos seus olhos.

— És tão linda.

— Obrigada.

— Vou ter de te comer. O teu jantar terá de esperar. E o bolo

também.

— Eu sou muito paciente — sussurrou ela, presa nos seus olhos escuros.

— Não, não és. E eu também não.

Ainda de olhos nos dela, ele voltou a roçar as pontas dos dedos no seu monte-de-vénus, encontrando a abertura entre os lábios vaginais. Esfregou suavemente por cima da seda. A subtil pressão fê-la tremer.

— Pareces qualquer coisa saída de uma fantasia. Tão linda. Tão sintonizada com o meu toque.

Ela expirou, trémula, e estendeu uma mão para ele, desejando enterrar os dedos no seu cabelo. Dylan deteve-a, segurando-lhe os pulsos e baixando-lhos de novo.

— Deixa aqui as mãos ou vou ter de tas prender por detrás das costas. — O tom era suficientemente brando, mas o clarão de aço no seu olhar disse-lhe que ele estava a falar a sério. Envolveu-lhe as ancas com as duas mãos, depois passou as palmas ao longo da cintura e dos lados do corpo. Ela estremeceu de prazer.

— Frio? — murmurou ele.

— Não — replicou ela. O ar de verão estava morno e um pouco húmido. Eram as mãos dele que a faziam tremer. Ele passou-as pelo alto dos seus seios. As pontas dos dedos mergulharam por baixo da renda, puxando o tecido para baixo dos mamilos. O seu grave e rouco grunhido de satisfação provocou-lhe uma alfinetada de excitação no clítoris.

— Olha para isto — balbuciou ele, o olhar colado nos seus mamilos espetados. — Hoje és tu o banquete, Alice. Vou saborear-te. — O seu olhar dardejou para o rosto dela. — E depois vou devorar-te. Estás pronta para isso?

A força do desejo dele intimidou-a um pouco, mas também a excitou enormemente.

— Sem dúvida.

A boca de Dylan suavizou-se um pouco com aquela resposta ansiosa. Ele baixou-lhe a camisa até à cintura, desnudando-lhe os seios por completo.

— Ótimo. Vamos começar por uns aperitivos e champanhe. — Inclinou-se para a frente. Com as mãos nas ancas dela, desviou-a um pouco para trás, como se quisesse obter uma visão completa. Agarrou-lhe nos pulsos e ergueu-lhe as mãos. — Toca-te nas mamas.

Alice levou as mãos aos seios, hesitante. O pedido deixava-a um pouco embaraçada. Em especial quando ele se recostou na cadeira e

pegou no seu copo de champanhe. Bebeu um pequeno gole, observando-a o tempo todo como um falcão prestes a cair sobre a sua presa.

— Tens uns seios invulgarmente belos. Firmes. Macios. Mamilos gordos e cor de rosa que ficam tão duros com a mais ligeira estimulação. Toca-lhes agora — ordenou, com a voz rouca. Alice passou as pontas dos dedos sobre os picos, adorando a forma como os olhos dele se semicerraram e cintilaram de avidez. Com o cotovelo apoiado no braço da cadeira, ele encostou as pontas dos dedos ao queixo e boca de uma forma que distraiu Alice. Tudo o que ele lhe dissera sobre os seus seios lhe soava verdade pela primeira vez. A pele pareceu-lhe acetinada por baixo das suas mãos, os globos firmes e macios. Os mamilos endureciam sob as suas pontas dos dedos e o olhar quente e concentrado de Dylan. Experimentar o seu poder sobre ele excitava-a. Beliscou ligeiramente os picos. Recordando algo que ele fizera no escritório naquela tarde, ergueu os globos e soltou-os, fazendo-os balouçar suavemente.

Ele soltou um gemido do fundo da garganta.

— Outra vez — disse. Ela obedeceu com prazer. O seu pequeno jogo estava a excitá-la. Fez balouçar os seios. Ele bebericou um pouco de champanhe e observou enquanto ela beliscava os mamilos. A mão dele moveu-se para o meio das próprias coxas. Alice gemeu, trémula, a vê-lo acariciar o pénis por cima da roupa enquanto a observava atentamente.

— Estou a mostrar-te a minha. Mostra-me o teu.

Um sorriso curvou-lhe a boca.

— Gostavas disso? — perguntou, a mão ainda a subir e a descer ao longo da haste do seu pau, muito devagar. Estava a dar cabo dela. Alice conseguia ver claramente o seu contorno por baixo das calças, os dedos a moldarem o tecido contra a sua ereção. Ficou com água na boca.

— Sim, por favor.

— Como é que posso recusar um pedido tão *educado* de Alice Reed, quando a ocorrência é tão rara — disse ele, a sorrir para o sobrolho franzido de Alice. Desapertou o cinto e as calças. Descalçou os sapatos e puxou as meias antes de se levantar para remover as calças e boxers por completo. Alice observou com crescente excitação. Ele voltou a sentar-se na sua cadeira e levantou a camisa. Ela arquejou suavemente ao ver o pénis ereto encostado à barriga firme, a luz da vela a tingi-lo de um tom rosa-dourado.

Ele segurou nos testículos redondos e rapados e passou uma mão ao longo da haste. Ela estremeceu de excitação.

— Não teria concordado em fazer isto se soubesse que ias parar — disse ele com um olhar de censura.

Alice pestanejou. Ficara tão hipnotizada pela visão dele que as mãos tinham caído para os lados.

— Volta a pôr as mãos nas mamas — instruiu ele. — Deixa-as aí para eu ver. Isso mesmo — balbuciou quando ela obedeceu. Acariciou o pau com mais firmeza. — Continua a brincar com os mamilos.

Alice fez tudo o que ele lhe pedia, ficando cada vez mais estimulada com o seu próprio toque... e com a poderosa visão daquele homem a acariciar o pau. Com uma mão, segurava o champanhe, que ia bebendo ocasionalmente enquanto a observava. A outra puxava o pau ereto. Alice sentia-se muito exposta, como se estivesse a fazer um espetáculo para o prazer dele. Talvez isso a devesse ter ofendido, mas não ofendeu. Em vez disso, excitou-a intensamente.

— Estás a ficar molhada? — perguntou ele de repente, um minuto depois. Pousou o copo de champanhe e virou-se na cadeira, pegando na garrafa. Serviu-se de outro copo e olhou-a de relance, esperando uma resposta.

— Sim — disse ela, num tom quase de desafio. Como podia não estar molhada, ali de pé com um homem tão lindo a masturbar-se mesmo na sua frente. Os seus modos eram os de um príncipe ou um xeque, um homem habituado a ver obedecidas todas as suas ordens. Mas não estava a representar um papel. Dylan era um dominador sexual por natureza, e, indubitavelmente, estava habituado a ter o que queria nesta arena. Era, pelo menos, verdade no caso de Alice. Excitava-a fazer o que ele ordenava... mas claro que podia parecer estar a ceder com *demasiada* facilidade.

— Despe-te toda — disse ele, voltando a recostar-se na cadeira e erguendo o champanhe aos lábios. — Prova-me que estás excitada.

— Provar-te — balbuciou ela em surdina. Revirou os olhos. Mas depois baixou o tecido da camisa sobre a barriga e agitou as ancas para encorajá-lo a cair pelas coxas e pernas abaixo. Ele gemeu e começou de novo a acariciar-se com o firme mover das suas ancas.

— Enfia os dedos entre os lábios vaginais — ordenou ele, a voz tensa. Alice obedeceu, um gemido a escapar-se da sua garganta. Esfregou o clítoris e sentiu o creme espesso. — Consigo ver como estás molhada — disse ele, o olhar colado entre as coxas dela. Alice circulou os dedos e gemeu. A concentração dele e a mão a masturbar-se

estavam a deixá-la desesperada.

Impudica.

Levantou a mão e deixou-o ver a humidade que brilhava na sua pele. Lentamente, levou a mão à boca e introduziu os dedos molhados entre os lábios. A mão dele parou a meio de um movimento. Observou-a com atenção enquanto ela lambia os seus sucos dos dois dedos.

— Não tentes controlar o ritmo, Alice — avisou ele suavemente, os olhos com o brilho perigoso.

Um sorriso curvou os lábios franzidos de Alice.

— Acho que precisas de alguma coisa para arrefecer — disse ele, severo. Soltou o pénis, que bateu firmemente contra o seu abdómen. — Tira os dedos da boca, minha pequena feiticeira, e anda cá.

Ela colocou-se entre os seus joelhos, contendo a respiração quando ele lhe roçou as ancas e depois passou as mãos para cima e para baixo nos lados do seu corpo. Envolveu-lhe os seios e apertou-lhos suavemente.

— Tal como julgava. Estás muito quente. — Ainda a acariciar-lhe um seio com uma mão, pegou no seu copo de champanhe.

— Dylan — sussurrou ela em tom de aviso, os olhos a abrirem-se mais quando o viu inclinar ligeiramente o copo sobre o seio que tinha na mão. O líquido chegou à borda da *flute* e escorreu-lhe para o seio, deslizando pela curva e pingando do mamilo. Ela conteve a respiração.

— Frio? — perguntou, esfregando o champanhe no mamilo com as pontas dos dedos.

— Sabes que está — disse ela, parecendo sem ar.

— Sim. Estou a ver que está — disse ele distraidamente, a estudar a prova do seu mamilo hirtos. Voltou a inclinar o copo. O sexo dela contraiu-se de antecipação enquanto via o líquido dourado passar pela borda e cair no seu seio. Mais uma vez, fez deslizar os dedos sobre os seios e o mamilo, distribuindo o champanhe.

— Não, ainda estás muito quente — disse ele, a abanar a cabeça.

— É algum crime? — perguntou ela, atordoada, altamente distraída pela visão dos dedos dele a esfregar-lhe a pele molhada.

— Não. É só uma experiência. — Ela pestanejou com o tom aparentemente inocente de Dylan.

— Uma experiência de tortura — balbuciou, a vê-lo beliscar-lhe ligeiramente o mamilo. O seu clítoris contraiu-se de excitação solidária com a carícia.

Ele sorriu, claramente sem ter qualquer intenção de se defender. Em vez disso, pegou no balde de gelo e colocou-o na mesa ao seu lado.

— Não — sussurrou ela quando ele mergulhou a mão no balde prateado que estava embaciado de condensação.

— Eu gosto do meu champanhe muito frio — disse ele. Olhou-a nos olhos e encostou um pequeno cubo de gelo ao mamilo dela. Alice sabia o que ali vinha, mas não conseguiu impedir-se de dar um pequeno pulo. A sua boca tremeu quando ele esfregou o frio e duro cubo contra ela, a manipular-lhe a carne. Estremeceu com uma mistura de desconforto e agudo prazer. — Olha como está a ficar todo espetado — comentou ele, olhando o mamilo. Com a mão livre, pegou em mais gelo. Alice gemeu de ansiosa antecipação quando ele ergueu as duas mãos. Começou a esfregar o gelo em ambos os mamilos ao mesmo tempo.

— Para — sussurrou, com pouca convicção. Todo o seu corpo estava hirto de tensão. Os mamilos doíam do frio e da aguda excitação. Nunca os vira tão duros e eretos.

— Só mais um momento — replicou Dylan, o tom denso e distraído a dizer-lhe alto e bom som como estava excitado pela sua tarefa. Os cubos derreteram por baixo dos dedos dele até não restarem mais do que frios riachos de água a escorrer ao longo dos seus seios e costelas.

— Por favor — sussurrou ela, embora não soubesse precisamente o que estava a pedir.

O olhar dele dardejou-lhe para o rosto. Baixou os dedos molhados e pegou na garrafa de champanhe.

— Tens razão. Tenho muita sede.

Alice gemeu quando ele ergueu a garrafa.

— Não te mexas — orientou ele, talvez sentindo a tensão a acumular-se no corpo dela.

Alice não conseguiu conter o pequeno salto quando ele despejou o líquido gelado por cima de ambos os seus seios. Ele pousou a garrafa enquanto Alice ficou ali de pé, a tremer de desejo, o champanhe a escorrer dos seus mamilos e a descer pelas costelas abaixo. Depois ele puxou-a contra si, a boca quente a envolver-lhe o mamilo hirto e dorido, a língua a lambar o líquido. O trémulo gemido de incredulidade e excitação de Alice uniu-se ao rude grunhido de satisfação de Dylan.

Ele envolveu-lhe o outro seio, esfregando o mamilo húmido, enquanto a chupava com firmeza. Era insuportável. O mamilo soltou-

se dos lábios e ele passou a língua sobre o globo de um seio, depois o outro, recolhendo as gotas de champanhe. Depois lambeu-lhe as costelas e a barriga. Alice tremeu, as coxas a contraírem-se para ocultar o perfurante prazer no seu sexo. Gemeu de crescente agonia. Ele ouviu-a.

Baixou uma mão entre as suas coxas e esfregou-lhe firmemente o clitoris cremoso. A boca dela descaiu com o agudo prazer. Depois regressou aos seios dela, bebendo-os, lambendo-os. Quando tomou um pico duro na boca quente e o sugou com firmeza, Alice gritou e começou a vir-se contra a mão dele. Dylan não fez uma pausa nas suas ações enquanto ela estremecia no seu clímax. A única indicação de que sabia que ela se estava a vir foi um profundo rosar que vibrou na sua garganta. Continuou a acariciá-la e a saciar a sua sede, trabalhando até sentir o último tremor no seu corpo.

Ou, pelo menos, era o que Alice pensava. Até ele lhe envolver as ancas com as mãos e baixar a cabeça, enfiando a língua na racha entre os seus lábios vaginais. Ela gritou quando a tensão voltou a saltar para os seus músculos, e a firme língua de Dylan exigiu outro auge de prazer.

De repente, ele estava a levantar-se e a puxá-la fortemente contra si, as mãos a percorrerem-lhe as ancas, as costas e o rabo, a beijá-la violentamente com lábios e língua que sabiam a champanhe, e a ela. O seu corpo estava afogado e a vibrar, saciado, mas ainda palpitante de desejo. Encostou-se a ele, pressionando a barriga contra o seu pau duro, roçando-se e apertando-lhe os duros músculos do rabo com as mãos.

Ele arrancou a boca da dela um momento depois, a respiração ofegante a atingir-lhe a face. Levou as pontas dos dedos aos lábios dela e enfiou-lhos na boca. Alice chupou-os. Durante vários segundos, ele ficou a observar com intensa concentração enquanto lhe fodia a boca com os dedos. Depois retirou-os e baixou-se para lhe beijar os lábios inchados.

— Ajoelha-te — sussurrou-lhe contra a boca. O coração dela deu um pulo com as palavras e o brilho feroz no seu olhar.

Ele agarrou-lhe as mãos. Guiou-a para baixo até ficar com os joelhos pousados no tecido acolchoado. De imediato, pegou na ereção pesada e levou-lhe a cabeça inchada aos lábios. Alice ergueu o olhar enquanto ele movia as ancas. Ele agarrou-lhe na cabeça.

— Isso mesmo. Olha para mim enquanto te fodo essa boquinha quente — vociferou, o rosto tenso de desejo. — Fazes ideia de como

estás linda, neste momento?

Ela suspeitava que o que ele via era a sua total rendição, naquele momento. Alice permitia-lhe que a visse. Dava-lhe forças, de alguma forma, abandonar-se ao prazer dele.

Ergueu os olhos e agarrou-o com uma mão, acariciando-o enquanto o chupava mais fundo. Ele estava duro e imponente, a encher-lhe a boca, a esticar-lhe os lábios. Com uma mão na sua anca, instigou-o a mover-se mais depressa enquanto baixava a cabeça ao mesmo ritmo. Ele segurou-lhe a cabeça e entrou mais fundo. Ela conteve a reação de rejeição, a fome a superar o instinto. O rosto dele contraiu-se e ele estremeceu de prazer.

— Isso mesmo — exclamou, rouco. — És tão doce, vais deixar-me usar-te por um momento, não vais. Ah, céus, isso é bom. — Começou a mover-se mais depressa, mas Alice acompanhou o ritmo, adorando os seus grunhidos graves e roucos de prazer. Sentiu a excitação dele a crescer como se fosse a sua.

Sentiu o seu espasmo contra a língua.

Dylan retirou-se um pouco quando começou a vir-se, penetrando-a superficialmente e ejaculando na sua língua. Gemeu, rouco, agarrando-lhe o cabelo entre os dedos. Os olhos dela abriram-se enquanto todo o seu poder incendiário era posto em liberdade. Esforçou-se para o acompanhar, chupando e engolindo, sentindo o seu pau a palpar, enquanto mais e mais do sêmen se espalhava na sua língua.

Por fim, as ejaculações desvaneceram-se. O pau ainda rígido saltou de entre os seus lábios. Ela queria mais do seu sabor, quando ele saiu, por isso pressionou a ponta da língua na abertura. Olhou para ele, enquanto lhe lavava a cabeça inchada e brilhante do pénis. Ele olhou para ela, ainda a agarrar o pau, as narinas ligeiramente dilatadas, os escuros olhos de cigano a ferver enquanto ela lavava cada vestígio dele que conseguia encontrar.

Beijou-lhe a ponta do pau, parando para deslizar a boca contra a pele molhada. Um sorriso formou-se nos lábios dele.

— Nunca fazes nada com meias medidas — disse, os olhos a semicerrarem-se enquanto a estudava. — Adoro-te por isso, entre outras coisas.

— Por fazer boas mamadas?

A boca dele revirou-se num sorriso.

— Por te dares tão completamente. Vem cá — disse, de súbito a soar severo. Pôs a mãos nos ombros dela, instigando-a a levantar-se.

— O que foi, estou em sarilhos? — gracejou ela, um pouco confusa com a intensidade que lhe via na expressão.

— Não. Portaste-te muito bem. Exceccionalmente — disse, virando-se para passar o seu prato coberto e o balde de gelo para a mesa lateral. Fez rapidamente o mesmo com os talheres e copos. Depois pegou nela ao colo e colocou-a em cima da mesa.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Alice, espantada, quando ele puxou a cadeira e voltou a sentar-se.

— Abre as pernas — exigiu, num tom curto. Ela afastou as coxas e ele instalou a cadeira entre os seus joelhos. Alice soltou um pequeno gritinho quando ele pôs as mãos nas suas coxas e a puxou mais para a frente, deixando-lhe a rata mesmo na berma da mesa.

— Eu já bebi — disse ele, baixando a cabeça entre as coxas dela. Usou os polegares para lhe separar os lábios vaginais. Ela viu o seu pequeno sorriso malicioso. — Tu já comeste. Agora está na hora da minha refeição.

Finalmente comeram a refeição que Marie lhes preparara. Alice continuou sentada em cima da mesa na frente dele, nua e afogueada dos múltiplos orgasmos. Segurava um prato no colo e dava-lhe suculentos pedaços de comida com o seu garfo, servindo-se também e rindo quando entornava, de vez em quando, grãos de arroz para cima da sua barriga ou das coxas dele. Falaram de coisas triviais e ela provocou-o impiedosamente.

— É muito mais fácil do que julgava — disse ela de repente um pouco mais tarde, quando passaram para o delicioso bolo de aniversário.

— O quê? — perguntou Dylan, levando à boca o garfo que ela lhe estendeu.

— Amar-te.

Ele fez uma pausa no que estava a mastigar, os olhos a cintilar. Ainda a olhá-la, retirou-lhe o prato do colo e pô-lo de lado.

— Não sei como é que consegues.

— O quê? — perguntou Alice, sem fôlego, porque reconheceu aquele brilho nos olhos dele. Dylan levantou-se e ergueu-a da mesa.

— Ser tão descarada num momento e tão doce no momento seguinte.

Ela sorriu. Ele já lhe tinha dito isto antes.

— Não quero ser previsível

Os olhos escuros de Dylan cintilaram de diversão à luz das velas.

— Deus nos livre de uma coisa dessas.

Cobriram o bolo e apagaram as velas, mas deixaram tudo o resto para trás. Ele levou-a para o quarto, onde a mandou deitar-se na cama. Alice olhou-o, arrebatada, quando, um momento depois, ele se aproximou e entrou no seu corpo.

— Foi um bom dia de aniversário? — perguntou-lhe, os músculos inchados enquanto se erguia acima dela e o seu pau palpitava no fundo do sexo dela.

— O dia mais feliz que alguma vez tive.

— *Alice* — fez ele, rouco.

Começou a mover-se. A verdade do que ela tinha dito preencheu-a e maravilhou-a.

E assustou-a um pouco, também.

Na manhã seguinte, Dylan acordou sozinho. Levantou-se e vestiu umas calças, preocupado mas não alarmado como ficara no passado ao perceber que Alice andava pela casa sozinha, uma potencial vítima de lembranças que não sentia como suas.

Naquela manhã, teve o pressentimento de que sabia onde a encontrar. Quando chegou aos últimos degraus que davam para a varanda traseira, ouviu o denunciador ranger do baloiço. Aliviado, abriu a porta.

Ela estava no velho e grande baloiço, um pé descalço no chão a impeli-la, o outro dobrado e pousado no assento. Em cima da coxa estava um prato de bolo. Sorriu com o garfo que acabara de inserir na boca quando o viu aproximar-se.

— Acordei a pensar neste bolo — disse ela, a mastigar.

Ele sentou-se ao seu lado, as mãos na borda do baloiço, e observou-a com atenção. Alice com o fogo de desafio nos olhos era sempre um feroz teste à sua paciência e sentidos. Mas os olhos de Alice a cintilar de felicidade, enquanto ela saboreava um há muito devido bolo de aniversário, deixou-o sem respirar e mudo por um momento.

A testa dela franziu-se.

— Queres um bocadinho? — perguntou, a acenar na direção do bolo. Interpretara erradamente a sua expressão intensa, enquanto testemunhava a sua cintilante felicidade. Começou a levantar-se, como que para lhe ir buscar uma fatia de bolo.

Ele agarrou-a pela mão, detendo-a, e abanou a cabeça. Em vez disso, beijou-a suavemente, a doçura que ficara nos seus lábios a ser mais do que suficiente para o satisfazer. Passado um momento, ergueu a cabeça e recostou-se no baloiço, o braço à volta dela.

— Força — instruiu, com a voz presa. — Come o teu bolo.

Reparou no sorriso satisfeito de Alice enquanto se aninhava ao seu lado e voltava a comer. Apertou-a mais contra si e ficou a olhar por cima do parapeito. O dia ia estar bonito. O sol já se levantara, mas há

pouco tempo. Lançava uma pálida luz dourada sobre na floresta oriental. Ela demorou-se com o seu último pedaço, raspando cuidadosamente todo o creme do prato. Ele olhou-a, divertido, enquanto ela lambia cada último vestígio do garfo.

Estendeu-lhe a mão com uma expressão cômica. O riso encheu-lhe os olhos quando ela lhe passou o prato. Regressou um momento mais tarde com uma sólida nova fatia no prato.

— Está mesmo bom — insistiu ela em forma de explicação da sua fome matinal por bolo de aniversário.

— Um pequeno-almoço de campeões.

Ela riu-se e ofereceu-lhe uma garfada, que ele aceitou.

— Espero que sim. A fogueira é amanhã e vão anunciar os totais das equipas. Aceito todo o combustível que puder. Nem acredito que o campo acaba esta sexta e os miúdos se vão embora no sábado.

— A Equipa Vermelha ficou em primeiro, na semana passada. Ouvi dizer que ainda está na corrida, esta semana.

Alice anuiu, enfiando mais bolo na boca.

— Temos uma boa hipótese, mas a equipa do Thad é sempre uma ameaça, e a Equipa Dourada do Dave Epstein e a Prateada da Brooke têm tido semanas boas. Toda a gente se está a unir e a formar sólidas identidades de equipa.

Ele sorriu, a recordar os seus próprios dias como campista e depois como monitor no Campo Durand.

— Talvez tenhas de fazer alguma coisa um pouco mais ousada, para chamar a atenção dos gestores. O *team building* é crucial, mas, neste ponto, eles vão estar à espera de mais. Algum deslumbramento.

— Deslumbramento?

Ele encolheu os ombros.

— A arte de se saber vender é de uma enorme importância para se ser um gestor bem-sucedido. Sabes isso. É assim que vai ser no mundo dos negócios, se estiveres a competir por um contrato, a convencer retalhistas a adquirir um maior número dos teus produtos ou a negociar reposição de produto, a convencer um banco a fazer um empréstimo para expansão... seja o que for. Não basta apenas mostrar-lhes números, tens de ser diferente de todos os outros. Tens de te destacar.

Ela pareceu pensativa e sombria enquanto comia mais uma garfada de bolo.

— Não te preocupes comigo. Desde o princípio que a Brooke Seifert me anda a dizer que sou *diferente*.

— E és — garantiu-lhe ele, passando as pontas dos dedos pelos seus ombros. Ela olhou-o, hesitante. — Também te tenho andado a dizer isso desde o princípio, e é uma coisa *boa*.

Alice baixou a cabeça. Enfiou o garfo no bolo com grande concentração.

— Obrigada por ontem — disse em voz baixa.

Ele acariciou-lhe o ombro.

— O prazer foi todo meu. Também foi um dia especial para mim.

Viu o rosto dela enrubescer ao lado do seu. Alice continuava a estudar o bolo como se tivesse acabado de descobrir que ele continha os segredos do universo.

— Provavelmente já te aconteceu muitas vezes — murmurou.

— O quê? — perguntou ele, a sentir a sua inquietação. Continuou a acariciar-lhe a pele sedosa, a tranquilizá-la sem palavras.

— Teres mulheres a dizer que te amam.

— Tu foste a primeira.

O garfo fez *plinc* no prato de loiça. Ela virou-se de frente para ele, claramente sobressaltada.

— O quê?

— Foste a primeira pessoa na minha vida a dizer-me que me amava. Quando tinhas quatro anos. Claro, dizias constantemente ao *Angelfire* que a amavas, e à tua boneca Raggedy Ann, a quem deste compota de morango a comer um dia e ela ficou com uma barba e bigode vermelhos que nunca saíram, e ao gato vadio que andava em volta dos estábulos... por isso não sei muito bem se essa proclamação de amor valia mesmo muito — disse, a encolher os ombros. Olhou-a nos olhos, o seu divertimento a desvanecer-se. — Mas tu *foste* a primeira.

Durante vários segundos, Alice limitou-se a olhar para ele, os seus olhos azuis-escuros a cintilar.

— Valia — disse ela por fim.

Ele fez um aceno com a cabeça. Não tinha a certeza se Alice compreendia o que significara para ele ouvir, pela primeira vez, aquelas palavras, quando era um rapaz zangado e solitário de catorze anos, ou se estava a dizer que a sua inocente declaração de amor fora mais do que o passageiro e infantil sentimento de uma menina. Não importava.

A luz que brilhava nos olhos dela, naquele momento, era a única coisa que importava.

Passaram um idílico dia juntos. Dylan mostrou-lhe o ginásio. Treinaram juntos — mais ou menos, pelo menos. Estavam na mesma sala, mas ela não teria conseguido aproximar-se da rotina dele. As maravilhas do seu corpo magro e poderoso começaram a fazer perfeito sentido para Alice.

Ele dissera-lhe para levar um fato de banho, e foram dar um mergulho depois do exercício. Alice nem sequer tinha dado conta de que havia um fato de banho entre todos os artigos que ele lhe comprara. Quando procurou, descobriu um sofisticado e decotado fato de banho preto que era umas mil vezes mais sensual do que o prático fato de banho que ela usava no campo.

Depois do treino, ele levou-a para uma bonita piscina que ficava escondida, aninhada como estava entre as árvores e jardins na outra ponta da casa. Ali, passaram várias horas ao quente sol da tarde, a bebericar vinho branco, a nadar a conversar e a petiscar de um tabuleiro de fruta, bolachas de água e sal e queijo.

A certa altura, as pálpebras de Alice começaram a tornar-se mais pesadas. Voltaram a abrir-se de novo com a pressão da boca de Dylan a roçar-se contra a sua. A sua mão prendeu-se à nuca dele e o beijo tornou-se mais profundo, mais quente, molhado e intenso.

— Vamos continuar esta festa no quarto. Estás a ficar com um escaldão — murmurou ele junto aos seus lábios um momento depois. As pontas dos seus dedos percorreram-lhe o espaço apertado entre os seios. Apesar do calor, os seus mamilos contraíram-se. Com aquele escasso fato de banho, pele que estava normalmente coberta ficava agora exposta, tanto ao sol como aos olhares admiradores e dedos de Dylan.

— É *essa* a tua desculpa para me lebares para a cama? — provocou-o ela, a morder-lhe o lábio inferior.

— Preciso de alguma desculpa?

— Não, mas é convencido assumir que podes.

Ele abriu a mão grande na sua anca e rabo, as pontas dos dedos a enterrarem-se numa nádega.

— Mas eu sou convencido — disse, e ela viu o brilho dos seus olhos na sombra da sobancelha franzida. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Adorava a maneira como ele lhe tocava: tão possessiva. Tão segura. Ele nunca reprimia nada. — Estás-te a queixar?

— Não — sussurrou ela. — Agora não. Mas reservo-me o direito de mudar de ideias.

O pequeno sorriso dele abriu-se um pouco mais.

— Vai andando. Vou só levar estas coisas para dentro — disse, a acenar para o que restava da refeição e do vinho. — Vai tomar um duche rápido para arrefecer a pele. Já subo dentro de um minuto. Puxa os cobertores todos para o fundo da cama e deita-te de costas — disse ele, as pálpebras pesadas e o olhar quente enquanto a observava. — Vou amarrar-te.

— Mais alguma ordem, senhor?

As sobranceiras dele franziram-se.

— Algumas, de facto — disse ele, ignorando o seu sarcasmo.

Ela riu-se.

Um momento depois, caminhava sozinha pelo caminho de pedra por entre as árvores, arbustos e flores. O treino, dois copos de vinho e o sol quente tinham-na deixado sonolenta e satisfeita. A área da piscina era muito escondida. Quando chegou a uma bifurcação no caminho de pedra, hesitou. Tinham vindo do ginásio por um caminho diferente. Sabendo que acabaria por encontrar o rumo de uma maneira ou de outra, escolheu seguir pela esquerda.

Era o caminho errado. Percebeu isso assim que ouviu as ondas a bater na costa à distância. Continuou em frente, sabendo que, quando saísse de entre as árvores, poderia entrar pelas traseiras e o jardim da casa. Havia uma clareira mesmo em frente.

Emergiu da área arborizada, inspirando profundamente a brisa fresca. Viu a vedação cinzenta e branca na extremidade da propriedade e o grande lago azul a ocupar todo o horizonte. Uma memória saltou para a sua mente, a de ver Thad, Brooke e Tory Hastings — outra monitora — parados na ponta da falésia junto à vedação e a olhar o lago. Vira-os ao longe na noite da receção aos monitores do Campo Durand, várias semanas antes. Fora na noite em que Dylan a encontrara, sozinha e desorientada, na sala de jantar do castelo, convencida de que ouvira um gongo. Mais tarde, ficara lado a lado com Dylan, a olhar a festa que tinha lugar no terraço. Thad, Brooke e Tory tinham estado naquela mesma vedação.

A própria Alice nunca se aventurara a ir ao fundo do jardim ou à berma da falésia. Mas a vedação era bastante sólida — pelo menos um metro e vinte de altura e uns vinte e cinco centímetros de grossura. Era uma vedação feita para segurança, não um delicado ornamento de jardim. Curiosa, deu um passo em frente e olhou com cautela para baixo.

As ondas colidiam contra a margem muito em baixo, sobressaltando-a.

Claro que era tudo muito estranho, tudo o que lhe acontecera desde que tinha chegado ao Campo Durand. Mas a realidade das suas circunstâncias singulares pareceu atingi-la com tanta força como a das ondas a atingir as rochas em baixo.

Foi assaltada por uma sensação de tontura. Não fazia ideia de que a falésia era tão alta, ou que havia uma queda tão dramática desde a berma. Doze ou mais metros em baixo, as ondas fustigavam uma praia de aspeto violento, com rocha irregular e picada. Não admirava que nunca se tivesse aventurado a ir ali. Devia ter percebido por instinto que, com o seu medo de alturas, era um sítio bastante indesejável.

Por uns segundos de pânico, porém, não conseguiu mover-se. Estacou, imóvel, a olhar para baixo, como que hipnotizada pela visão das ondas a bater contra a dramática e nua linha de rocha. Também estava enfeitiçada pelo som. O rítmico bater das ondas pareceu-lhe duro e intensamente bizarro, dada a sublime beleza do dia de verão.

Violento.

— Alice?

Deu meia volta de um pulo ao som da voz de Dylan, a ação a desequilibrá-la. Cambaleou e estendeu as mãos para a frente, assustada, para se agarrar a qualquer coisa.

— Au — gritou quando a sua mão bateu com força numa pedra e foi atingida pela dor. Por uma fração de segundo, teve a experiência de cair para a frente. O vento soprou nos seus ouvidos. A vertigem e o cego terror abalaram-na.

Depois os braços de Dylan estavam à sua volta e ele estava a puxá-la do muro de pedra.

— Estás bem? — perguntou ele, tenso.

Alice olhou-o, atordoada. Não apenas fisicamente. Mentalmente. Todo o seu ser fora ali abalado, por um momento. Olhou por cima do ombro, a boca a abrir-se. A vedação parecia perfeitamente firme e sólida. Fora apenas a sua vertigem que a fizera sentir que a madeira tinha cedido e ela estava a cair.

— Estou — balbuciou. Foi varrida pelo embaraço quando reparou na expressão intensa e ansiosa de Dylan enquanto a olhava.

— O que é que estás a fazer aqui? Pensei que ias para a casa — disse ele com severidade.

— Não sei. Perdi-me. — Uma ponta de irritação perfurou por entre a sua ansiedade. Olhou para ele, carrancuda. — Porque é que estás a falar assim comigo? Achas que eu vinha para aqui olhar para baixo de propósito?

Viu o olhar ensombrado de Dylan dardejar para o caminho por onde ela viera e depois para a queda da falésia.

— Não, acho que não — disse ele muito devagar ao fim de uma pausa. O que era aquilo que ela estava a ler nas suas feições rígidas? Trepidação? Cautela? Não... não era isso. A sua expressão era fechada. A mesma com que ele ficava por vezes, quando estava a esconder-lhe alguma coisa. *Não era?*

Talvez fosse, Alice não tinha a certeza. Sentia-se confusa. A única coisa que queria nesse momento era afastar-se daquela traiçoeira falésia. O seu medo deixara-a irracional, em mais do que uma maneira.

— Bem, eu *sei* que não — corrigiu-o acaloradamente. Tinha a pele arrepiada e sentia-se nauseada. — Podemos ir para dentro, por favor?

Soltou-se dos braços dele e dirigiu-se para o longo jardim que conduzia à casa. Depois de ter andado uns cinco metros, Dylan fê-la parar agarrando-a pelo braço. Ela virou-se para trás.

— Eu sei como tens medo de alturas. Fiquei chocado ao ver-te ali parada. Parecia que estavas sem pinga de sangue, quando te viraste. Fiquei... assustado.

— Bem, eu também me assustei!

Ele fechou os olhos brevemente. A sua pele escurecera nessa tarde. Com o sol por trás, o seu rosto parecia ensombrado e enigmático ao cérebro aturdido de Alice.

— Eu sei — disse ele, abrindo os olhos. Desta vez, ela leu sem dificuldade os receios na sua expressão. — Vou perguntar-te outra vez, estás bem?

Ela anuiu, os ombros a descaírem ligeiramente para a frente.

— Acho que bebi demasiado vinho — balbuciou. — Estava a sentir-me um pouco tonta, e virei no sítio errado, e depois... — Acenou debilmente na direção da vedação e da berma do penhasco.

— Eu depois eu assustei-te — terminou Dylan. — Desculpa.

Os seus olhares encontraram-se. Fizeram-se tréguas em silêncio. Ele deu um passo em frente e pôs-lhe um braço em volta do ombro.

— Anda. Vou levar-te para casa.

O incidente foi em breve esquecido. Alice nunca se sentira tão relutante em deixar o pacífico porto de abrigo do castelo e o paraíso dos braços de Dylan como nessa segunda de manhã. Ter-se-ia enroscado na cama com ele, de bom grado, durante dias a fio, a gozar

a novidade e o sensual prazer do seu amor mutuamente reconhecido. Foi difícil arrancar-se aos seus devaneios e retomar a rotina no campo. Embora tenha acontecido algo ao pequeno-almoço que a atingiu com uma faísca de realidade e euforia.

Estava sozinha junto ao posto do café, à espera que a bebida ficasse pronta e a rezar por um jarro extraforte. Alguém falou atrás de si.

— Como é que consegues sempre ficar por cima?

Alice deu meia volta com o som da voz baixa e azeda. Brooke estava ali, parecendo chique e linda, apesar da descontraída roupa do campo. Brooke Seifert era a única pessoa que Alice conhecia que conseguia tratar do cabelo e da maquilhagem para um quente dia de verão cheio de rigorosa atividade e mesmo assim parecer nojentamente bela e composta ao final desse dia.

— Assumo que isso seja uma pergunta de retórica — balbuciou Alice, a olhar o pote de café com mudo desespero. Ainda nem tomara a sua cafeína. Como é que ia conseguir lidar com Brooke?

Apesar de ter dito a Thad que ia tentar ficar a conhecer melhor Brooke e dar-lhe o benefício da dúvida, ainda não cumprira a sua promessa. Fora mais fácil manter-se afastada tanto de um como de outro nos últimos dias, embora a distância a magoasse muito mais no caso de Thad do que no de Brooke.

Estacou quando esta lhe enfiou o telemóvel na frente da cara. Surpreendida, olhou a imagem no ecrã.

— Ainda não viste? — perguntou Brooke em voz baixa, obviamente a reconhecer o choque de Alice. — Todos os gestores andam nas nuvens por causa disto. Embora o Kehoe não pareça lá muito satisfeito — acrescentou com amargo triunfo. A sua vitória foi de curta duração. Uma expressão indecisa e amuada ocupou o rosto de Brooke. — Calculo que tenhas sido tu a mandá-los...

Alice riu-se abruptamente. Pegou no telefone de Brooke, a olhar a foto mais de perto.

— Oh, meu Deus. Isto é *fantástico*.

Dave apareceu atrás delas, a sorrir.

— Ainda não tinhas visto? Está toda a gente a falar do assunto. Eles enviaram mensagens com a fotografia esta manhã. Não sei como, conseguiram os números de telefone da maior parte dos gestores, mais o da maior parte dos monitores. E pelo menos um miúdo em cada equipa também recebeu, por isso as fotos andam a voar pelo campo à velocidade da luz. Hilariante. Boa, Alice.

Alguém chamou Dave, que se afastou.

— Há mais. Próxima foto — disse Brooke, a boca tensa.

Mas Alice olhou ainda com atenção a primeira, antes de passar para a segunda. A foto mostrava uma cabra de ferro num pedestal de pedra — obviamente, a lendária *Bang* do Campo Wildwood. A área por trás estava escura e vazia. Era claramente noite cerrada. À volta do pescoço da *Bang* estava atada a icónica bandeira da Equipa Vermelha. A cabra usava uns óculos de sol que Alice reconheceu de imediato como os *Cartiers* de imitação de Judith. Por baixo, três mãos faziam V de vitória: uma grande e morena, claramente masculina, outra feminina e mais clara, com longas unhas pintadas, a última pequena e delicada. Alice julgava poder identificá-las a todas.

O dedo de Alice percorreu o ecrã. O seu sorriso alargou-se. Aquela era *impagável*. Agora a área comum em volta da *Bang* estava cheia de gente. A fotografia mostrava Noble D, Jill Sanchez e Judith rodeados por vários outros adolescentes e adultos, a maior parte deles de calças de fato de treino, calções, *T-shirts* e pijamas. Eram todos desconhecidos. Devia ser o pessoal e miúdos do Campo Wildwood. D e Judith pareciam estar a passar caixas de piza, Jill a distribuir latas de refrigerantes. A boca da rapariga estava aberta, como se estivesse a conversar, e sorria.

A *Jill*? A conversar com desconhecidos com o que parecia ser um genuíno entusiasmo?

A legenda por baixo da foto dizia: *Como fazer ondas e amigos ao mesmo tempo, à boa maneira do Campo Durand*.

Alice soltou uma gargalhada, incapaz de se conter apesar de saber que Brooke consideraria o seu prazer irritante.

— Eles ofereceram pizzas aos miúdos do Campo Wildwood? — exclamou, incrédula.

— Depois de entrarem no campo sem ninguém os ver e tirarem fotografias com a cabra, provando que a podiam ter roubado, se quisessem — disse Brooke, recuperando abruptamente o seu telefone. Parecia furiosa quando o seu olhar se cruzou com o de Alice. — Eu sei que tens de ter sido tu a planear tudo. Podia muito bem ter tido o efeito contrário, sabes. Todos os gestores podiam ter ficado tão chateados como o Kehoe está. Como é que sabias que não iam ficar?

— Eu não sabia — disse Alice, encolhendo os ombros. — Os miúdos queriam a aventura e o desafio, e pensei que o deviam ter. É para isso que aqui estão, sabes. Só quis ter a certeza de que o faziam da forma mais respeitosa e segura possível. — Acenou para o

telemóvel na mão de Brooke. — Foram eles que tiveram todas essas ideias brilhantes.

— *Brilhantes* — bradou Brooke. A coluna de Alice endireitou-se, até ela reparar que apesar da fúria de Brooke, lágrimas acumulavam-se nos seus olhos, e o seu lábio inferior tremia. A réplica ácida de Alice evaporou-se na sua língua.

— O que é que se passa? — perguntou Alice, confusa pela mostra de vulnerabilidade da outra mulher. Brooke era sempre controlada e arrogante. Alice sentia-se intimidada por ela desde o primeiro momento em que lhe pusera a vista em cima. Vê-la à beira das lágrimas abalou-a um pouco. — Não é nada de especial, Brooke. São só miúdos a divertir-se.

— É, sim — corrigiu Brooke num tom surdo mas duro. — Nunca consigo ganhar, contra ti. Não consigo vencer-te porque não percebo porque é que toda a gente parece tão decidida a fingir que és *especial*, quando não passas de uma nojenta, malcriada, reles...

— Ei — interrompeu Alice, zangada. Apontou para a outra mulher num gesto ameaçador. — Para já por aí.

Brooke inspirou fundo, a tremer. Uma lágrima desceu-lhe pelo rosto.

— Faça o que fizer, nunca consigo vencer-te. Se não chegar a trabalhar na Durand vai ser por tua causa.

Alice ficou a olhar para ela de boca aberta, incrédula.

— Por *minha* causa. Isso é ridículo. Primeiro, não há razão para não conseguires. Toda a gente sabe que és uma das principais candidatas. Mas, se *não* conseguires, se calhar é porque estás mais preocupada contigo do que com os teus miúdos.

A expressão de Brooke desfez-se. Várias outras lágrimas transbordaram-lhe dos olhos.

— Isso não é verdade — exclamou, trémula. — É mesmo isso que tu pensas? Eu preocupo-me com a minha equipa. Bastante.

Alice ficou a olhar para ela, vendo a genuína consternação da outra mulher perante a ideia de alguém pensar que ela era egoísta no que dizia respeito à sua equipa. Expirou fortemente, resistindo à vontade de revirar os olhos. De súbito a sentir-se desconfortável, virou-se para servir o seu café. Raios, ainda nem bebera uma gota de café e já tinha de lidar não apenas com uma Brooke normal, mas com uma Brooke *angustiada*. Que mal teria feito ela.

— Não penso isso — balbuciou Alice renitente, abrindo um pacote de açúcar e despejando-o no café a fumar. — Já te tenho visto com

eles. És muito boa. Eles gostam de ti. A líder da minha equipa, a Judith, sabes, aquela nas fotografias da *Bang*, acha que és brilhante, o perfeito exemplo da liderança feminina. Boa. Forte. Equilibrada. Sempre impecável — disse Alice, franzindo o sobrolho. Era uma verdade que jurara nunca confessar a ninguém, quanto mais a Brooke. Mas era um facto. Durante a primeira semana do campo, quando Judith e Alice andavam sempre a chocar uma com a outra, ouvira-a fazer algumas observações acerca do superior *pedigree* e educação de Brooke em comparação com os de Alice. Agora que a conhecia melhor, não achava que a rapariga o fizera apenas para a aborrecer porque sabia que Brooke era a némesis de Alice. Judith respeitava mesmo Brooke.

Quando esta não respondeu depois de Alice ter rasgado o seu quarto pacote de açúcar — quando nem sequer costumava adoçar o café — olhou para o lado, cautelosa. Os seus olhos dilataram-se de alarme.

Brooke parecia totalmente desmascarada. Estava ali sem fôlego, todos os vestígios de arrogância e superioridade desvanecidos, a expressão aberta, desprotegida, descomposta. As lágrimas tinham espalhado rímel nas suas faces. Alice apressou-se a puxar uns guardanapos do dispensador. Estendeu-os a Brooke.

— Toma — disse, pouco à vontade. — Desculpa, eu não queria...

— Tu não tinhas de dizer isso sobre a Judith — fungou Brooke, a limpar as faces. — Toda a gente no campo sabe como a Judith te desafiava, ao princípio. Era um bocado... bem, *divertido* de observar, para ser honesta — acrescentou, um pouco arrependida. — Pensei que te ia dar um pontapé no traseiro, algumas vezes.

— Eu também — admitiu Alice.

Brooke engoliu sem eco.

— E tu conquistaste-a completamente. Ela agora adora-te.

— Oh, céus, *não* — insistiu Alice enfaticamente. — A Judith não adora ninguém. Prefere ser ela a adorada.

Brooke sorriu, trémula. Outra lágrima escorreu-lhe pela face, e ela apressou-se a limpá-la.

— Não há nada de mal em uma mulher saber o que quer.

— Não. Acho que não.

Um silêncio desconfortável instalou-se entre as duas.

— Bem... — Brooke inspirou fundo e limpou as faces uma última vez. Alice quase conseguia vê-la a recompor-se. Não pela primeira vez, admirou Brooke. Talvez nunca se tornassem as melhores amigas, mas

Thad tinha razão numa coisa: ela tinha os seus momentos.

— Desculpa ter caído em cima de ti daquela maneira — disse rispidamente, atirando os guardanapos para o lixo. Olhou de frente para Alice. — Fiquei um bocado em pânico quando vi as fotografias e ouvi dizer como os gestores estavam a admirar a proeza da Equipa Vermelha.

— Acho que não tens nenhuma razão para ficar em pânico.

— Ainda acho que há uma boa hipótese de vos ganharmos esta noite — disse Brooke, a erguer o queixo.

— Talvez. Por mim, tudo bem, desde que os meus miúdos se sintam bem consigo próprios. Pode estar na altura de aprenderem a lidar com alguma desilusão, de qualquer maneira. Estão a ficar um bocado convencidos, com todas as suas vitórias — disse Alice, a tentar reprimir, sem sucesso, um sorriso.

— Imagine-se — disse Brooke, o olhar altivo a lembrar Alice da antiga Brooke. Mas depois fez a Alice um pequeno sorriso aparentemente genuíno, antes de se virar.

Brooke desapareceu antes de Alice perceber que nenhuma delas mencionara Thad. Alice ficou feliz por o colega não ter vindo à baila. Talvez ambas tivessem percebido intuitivamente que Thad era um assunto demasiado pesado para ser suportado pela sua inesperada e delicada trégua.

Naquela noite, na fogueira, os seus miúdos estavam eufóricos. Todo o campo comentava em surdina a incursão de Judith, Jill e Noble D ao Campo Wildwood. Terrance dizia a quem quer que o quisesse ouvir que Judith, Jill e D tinham sido os emissários escolhidos da Equipa Vermelha porque eram três dos miúdos mais atinados e cumpridores das regras e, por conseguinte, estariam fora do radar da supervisora noturna. Assegurava que toda a equipa estava envolvida na aventura e que concordara em que os três campistas os representassem.

— Fizemos uma vaquinha para a piza, e a ideia de atar a bandeira da Equipa Vermelha ao pescoço da cabra foi minha — gabava-se Terrance ao líder da Equipa Dourada, quando a noite caía e alguns gestores começaram a mandá-los sentar-se.

Alice ia sentar-se na praia entre Judith e Matt Dinorio quando alguém falou atrás de si.

— Alice? Uma palavrinha antes de os trabalhos começarem oficialmente.

Alice reparou na expressão preocupada de Judith, quando ambas se viraram e depararam com Sebastian Kehoe nas suas costas.

— Claro — disse Alice.

O diretor acenou com a cabeça na direção da floresta. O sol acabara de desaparecer no horizonte, deixando o céu a oeste de uma brilhante fusão de magenta, laranja, vermelho e ouro, mas o bosque estava escuro. Kehoe parou mesmo à entrada das sombras que as árvores altas lançavam sobre a praia e virou-se para ela.

— Suponho que saiba de que se trata? — perguntou Kehoe.

— Hum... — Alice pestanejou. A luz do céu ocidental lançava um brilho vermelho nos óculos dele, embora o seu rosto estivesse coberto de sombras. — A *Bang*? — perguntou, hesitante.

Ele parecia aborrecido.

— Eu não estou nada contente com esse seu pequeno espetáculo. Deixei bem claro que, embora as incursões ao Campo Wildwood tivessem sido aceites, ainda que não encorajadas, no passado, íamos desencorajar a ideia este ano. Agora vêm os seus miúdos fazer com que pareça ainda mais desejável desobedecer às regras nos próximos anos.

Alice engoliu em seco.

— Não pensei que houvesse algum verdadeiro perigo na coisa, senhor. Os meus miúdos sabiam que tinham de ser respeitosos. Não encorajei o roubo. Tive o cuidado de fazer com que compreendessem isso mesmo.

A boca de Kehoe cerrou-se numa linha estreita e apertada.

— Estou a ver que deve ter tido conselhos de um antigo membro da Equipa Vermelha, não? Algumas instruções de outro *não-conformista* da Durand?

Um arrepio percorreu a superfície dos braços de Alice. Ele estava a referir-se a Dylan, claro. Desconfiava mesmo do seu envolvimento. Ou, possivelmente, tinha mais do que desconfianças.

Mas estava enganado ao pensar que fora Dylan que lhe dera a ideia. Ergueu o queixo.

— Não. Quaisquer ideias que tenha plantado na cabeça dos miúdos foram unicamente minhas, e depois eles inventaram o resto. Toda a ideia da fotografia como símbolo da conquista da cabra ao invés de a roubarem mesmo foi uma ideia deles. Tal como a piza, o que, pessoalmente, achei brilhante. Foi um gesto de amizade, e de certeza que contribuiu em muito para dissipar quaisquer ressentimentos pelo que aconteceu entre o Campo Durand e o

Wildwood no ano passado.

Kehoe parecia ter acabado de comer alguma coisa azeda.

— Ao que parece, a maior parte dos gestores da Durand concorda consigo. — Hesitou. — E o pessoal do Campo Wildwood também. O supervisor deles contatou-me esta tarde e convidou todos os campistas e o pessoal da Durand para um piquenique no próximo ano no Campo Wildwood.

— Isso é fantástico!

— Não a chamei aqui para lhe dar elogios — atalhou ele. O sorriso de Alice desvaneceu-se numa fração de segundo. Ele estava tenso como uma mola. Alice resistiu ao impulso de recuar. De certeza que devia ser uma partida do contraste de luz e sombras, mas Kehoe parecia um pouco enlouquecido, naquele momento.

— É tão emproada como ela era. Como ele é. O que é que acha que vai sair daqui? Que vai partir ao pôr do sol com o seu príncipe? — vociferou. — Não aconteceu antes. Não *vai* acontecer agora.

Ela ficou ali parada, com a boca aberta de choque, a ver Kehoe ir-se embora rigidamente na direção da cintilante fogueira.

Quando regressou para o círculo dos miúdos, reparou em Sal Rigo de pé ao fundo da multidão. O seu rosto parecia hirto, como se a tivesse visto aproximar-se. Teve a distinta impressão que ele estava a postos para entrar em ação. Alice fez-lhe um aceno com a cabeça para o tranquilizar. Pela primeira vez, a visão da sua figura acalmou-a em vez de a aborrecer. Kehoe fora para além da mera grosseria. Aproximara-se da maldade. Rigo afastou-se, com relutância, e sentou-se com os outros na areia, mantendo Alice debaixo de olho.

O encontro abalara-a. Não tinha dúvidas de que o «ele» a que Kehoe se referia era Dylan. Ter-se-ia enganado, ao dizer primeiro *ela*? E o que queria dizer com *antes*? Estaria a tentar fazê-la acreditar que Dylan já se envolvera com uma nova recruta anteriormente, e que fora Kehoe que o detivera? Porque Alice temera-o ao início, mas acabara por acreditar que Dylan não fazia disso um hábito. Só mostrava como Kehoe tinha de estar zangado... como tinha de estar desesperado para fazer uma tal sugestão e maledicência. Nunca o tinha visto tão descontrolado. Costumava ser um meticuloso exemplo de autodomínio.

Talvez *demasiado* meticuloso. Nessa noite, a pressão que devia exercer para se dominar o tempo todo parecera transbordar das rachas

na sua armadura.

A única coisa que sabia com toda a certeza era que os sentimentos de Kehoe por ela não eram de antipatia e desaprovação, como suspeitara.

Sebastian Kehoe, claramente, *odiava-a*.

As nove e meia dessa noite, Dylan sentou-se no escritório a falar com Jim Sheridan. Como era a noite da fogueira, Alice teria de trabalhar até mais tarde. Tinham combinado encontrar-se uma hora depois da habitual. Ficara até contente por ter um pouco mais de tempo para lidar com a visita de Jim.

Agora estava apenas aborrecido e frustrado.

— Porque é que tiveste de insistir? — vociferou para Jim, sem disfarçar a sua fúria.

Estava sentado à secretária, com o cotovelo sobre o tampo. Pressionou as pontas dos dedos contra as pálpebras fechadas. O seu acesso de fúria desvaneceu-se quase de imediato, deixando-o antes esgotado. Jim acabara de o informar que fora verificar os antecedentes de Alice Reed. Ao fazer isso, descobrira o nome de Sissy Reed, e procurara também o seu historial Sendo o obstinado e diligente polícia que era, acabara por escavar suficientemente fundo para reparar que Sissy e Avery Cunningham tinham cumprido pena no Centro de Detenção Juvenil de Cook County ao mesmo tempo.

— Desculpa lá. Sou um filho da mãe curioso, já sabes isso. Sempre fui — disse Jim à laia de desculpa. Dylan abriu os olhos lentamente e devolveu o olhar do xerife. — A tua reação na noite do alarme deixou-me de sobreaviso. Aquilo não era, claramente, uma parceira casual, por mais que tentasses disfarçar. Mas, quanto mais olhava para a Alice... — Encolheu os ombros, impotente. — De certeza que também já reparaste nas semelhanças entre ela e a Lynn. Não foi óbvio, ao princípio, mas havia qualquer coisa familiar a espicaçar-me a memória. Depois aquilo estava a torturar-me tanto que já nem conseguia dormir. Tens razão. Não consegui deixar o assunto.

— A Alice não está preparada para enfrentar os interrogatórios do FBI. A imprensa. A administração da Durand. Os que vão discutir o facto de ela ser a herdeira perdida dos Durand. As consequências de os Reed serem implicados no rapto. Estava só a tentar ganhar algum tempo para ela.

— E achas que alguém alguma vez estaria *pronto* para uma coisa dessas? — perguntou ele, o tom cheio de compaixão.

— Podes, ao menos, esperar pelo resultado dos exames de ADN, antes de falares com o FBI? Podias dizer que queríamos ter a certeza antes de os contactarmos.

— Isso exigiria que eu mentisse a respeito de tudo o que acabaste de me dizer acerca da confissão no leito da morte do Avery Cunningham, Dylan. Isso é muita coisa a esconder, durante muito tempo, quer o exame genético seja conclusivo quer não. Além disso, ambos sabemos qual vai ser o resultado desse exame.

— Então, dá-me só até ao final da semana — regateou ele sem uma pausa. — Por alguma razão, completar o Campo Durand significa muito para a Alice. Ela quer provar que tem capacidade para ser uma líder na Durand.

— Mas ela é *dona* da empresa, não é? — perguntou Jim, confuso.

— Claro, mas não conheces a Alice. — Dylan franziu o sobrolho. — Ela é muito... teimosa, de vez em quando.

— Então, não está assim tão diferente do que era em pequena — disse Jim com um pequeno sorriso triste.

— Dá-me só até sexta-feira. Dá esse tempo à *Alice*. É o último dia oficial de campo. Vai haver um jantar, e os prémios individuais e o troféu do Campeonato de Equipas vão ser distribuídos aqui no castelo. Não fazes ideia do que significa para a Alice poder terminar isto antes de a tempestade chegar.

— Não posso guardar em segredo uma coisa desta importância, Dylan. Isso seria sacrificar uma enorme dose de ética profissional.

— Eu sei que tens de informar as autoridades. Eu compreendo. Mas espera só alguns dias. Os monitores não sabem isto, mas os nossos gestores e o Kehoe começam por tabelar todas as suas avaliações para decidirem quais são os nove monitores que se tornarão esta noite funcionários da Durand, depois de somarem os pontos da competição por equipas. Os votos são contados e os resultados são finalizados na quarta. Na quinta-feira, começam a informar cada monitor quem foi escolhido e quem não foi em reuniões individuais. Pelo menos, dá-me tempo suficiente para ela poder ver os resultados e saber que foi selecionada como executiva da Durand de forma justa.

Sentiu a hesitação de Jim. A sua frustração cresceu.

— Há alturas em que acho que nunca vou conseguir que ela aceite o seu legado, se não puder dar este primeiro passo de terminar o raio do campo com sucesso — disse Dylan, batendo com a mão na

secretária. Jim sobressaltou-se com a sua intensidade. — Está com esta ideia na cabeça. Não consigo demovê-la. Mas, por outro lado... — Suspirou e descaiu pesadamente na sua cadeira. — Outras vezes consigo perceber o seu lado, mesmo que preferisse não perceber. Ela tem um monte de confusão e choque e incredulidade dentro de si. Terminar o campo com sucesso vai ser como... como uma espécie de marco tangível para ela, acho eu.

— Entre o mundo de Addie e o seu — disse Jim.

Dylan olhou para ele e anuiu.

— Dou-te até quinta à noite. É o melhor que posso fazer, Dylan. Vou fingir que só tivemos esta conversa antes de contactar com eles. E vou dizer-lhes que não disseste a verdade porque quiseste ver primeiro os resultados do teste. O mais provável é que os agentes não cheguem aqui antes do dia seguinte, se os contatar depois do horário de expediente. Que diabo, nem sequer sei quem é que vai atender o telefone do número que eu tenho — disse Jim, a encolher os ombros com um ar de dúvida na cara. — Os agentes que trabalharam no caso até já podem estar reformados, ou ter passado para outros trabalhos.

— Achas que vou ter sarilhos com o FBI? — perguntou Dylan em voz baixa. — Por esconder a verdade até agora?

— Duvido. A única coisa que fizeste foi ter sucesso numa missão que eles falharam durante vinte anos. Mas há sempre a hipótese de não levarem a bem teres mantido isto em segredo. Se calhar, é melhor não os deixarmos perceber que estamos tão convencidos como estamos de que a Addie Durand e a Alice são a mesma pessoa. Quem sabe? — disse Jim, a encolher os ombros. — Até podemos estar todos enganados.

— Não há a mínima hipótese — disse Dylan, num tom sombrio. — E tu também vais perceber isso mesmo, quando te contar algumas das coisas que a Alice começou a recordar.

— Eu já não preciso de muito para ficar convencido. — Jim apontou para a porta. — Tenho de ir primeiro à casa de banho. Contas-me tudo quando eu voltar?

Dylan fez um aceno afirmativo. Jim não fechou a porta quando saiu do escritório. Enquanto Dylan esperava, ouviu bater à porta ao longe. Ou antes, martelar. Estava alguém à porta principal. Consultou rapidamente o relógio de pulso. Quase dez da noite. Quem é que o visitaria àquela hora?

Quando chegou ao átrio de entrada, percebeu que o bater era persistente e forte. Abriu a pesada porta e viu Sebastian Kehoe à

entrada, o rosto tenso e pálido.

— Sebastian. Há algum problema? — perguntou Dylan, alarmado com a sua aparição inesperada e aspeto tenso.

— Ela não vai voltar a ganhar esta noite. A competição de equipas — rosnou Sebastian sem responder à pergunta de Dylan. — Está empatada com o Thad Schaefer, mas não interessa. Também já ganhou a competição de equipas da semana passada. Conseguiu ganhar as boas graças de todos os gestores. Vão todos votar nela.

— E então? — perguntou Dylan lentamente.

— Nem sequer perguntou de quem é que estou a falar — fez Kehoe notar com azedume. — Sabe que me estou a referir a ela. À Alice.

— Calculei — disse Dylan com uma falsa calma. — Alice Reed. Eu sei que foi ela que ganhou a competição de equipas na semana passada.

— Sabe muito mais do que isso, raios.

— Cuidado, Sebastian — disse Dylan suavemente. A boca de Sebastian cerrou-se. De súbito, abanou a cabeça.

— Não. Não, não vou deixar que isto aconteça. Não vou deixar que aquela chica-esperta, aquela reles carreirista assuma uma posição na Durand. É completamente desadequada — gritou Kehoe.

— Eu sugiro que se acalme. Quanto à Alice, os doze gestores da Durand parecem discordar. E é a maioria dos votos que conta.

— É por causa da sua constante intromissão que estamos agora nesta situação. Foi o senhor que a trouxe para cá. Eu nunca a teria contratado como monitora. O senhor *conspirou* para conseguir aquela entrevista com ela enquanto estávamos em Chicago, não foi? Tem estado a manipular-me! Eu *não* vou deixar que isto aconteça.

— Então vai ficar sem emprego, é isso?

— Eu já trabalhava e dava tudo por este emprego antes de o senhor saber sequer conduzir. Como se atreve a ameaçar-me — berrou Kehoe.

Dylan deu um passo em frente, a fúria a voar como gelo pelas suas veias.

— Acha mesmo que era uma *ameaça*? Era a realidade, pura e simples. Fui suficientemente claro?

Kehoe pareceu apoplético. Dylan tivera mais do que a sua dose de lutas em miúdo e adolescente. Experimentou a sensação familiar de se encontrar cara a cara com uma pessoa que atingira o seu limite, com quem alógica já não funcionava. A palavra «raivoso» veio-lhe à

mente. Contraiu-se, completamente preparado para o ataque físico de Kehoe.

— O que é que se passa aqui? — perguntou uma voz calma atrás deles.

Olhando para Kehoe cuidadosamente e permanecendo em alerta máximo, Dylan deu um passo atrás.

— É o Sebastian Kehoe. Veio expressar as suas preocupações acerca de algumas coisas no campo esta noite.

Jim colocou-se à vista de Kehoe. Pareceu agradavelmente surpreendido por ver Kehoe ali à porta.

— Boa noite, Sebastian — disse no seu tom cantado. — Linda noite, não está? Posso ajudar em alguma coisa?

Kehoe estremeceu e revirou a boca, como se estivesse a regurgitar ácido. Estava definitivamente a ponderar cuspir algumas palavras feias. Ou pior.

Em vez disso, deu meia volta e marchou pelas escadas abaixo.

Dylan e Jim ficaram a observar enquanto Kehoe desaparecia ao fundo da estrada. Dylan fechou a porta com estrondo. Jim assobiou baixinho.

— Ouviste? — perguntou Dylan baixinho.

— Cada palavra.

— *Ótimo*.

Dylan acenou com uma mão e ambos voltaram para o escritório.

Depois de falarem vários minutos sobre a insubordinada e estranha birra de Kehoe, Dylan começou a acalmar-se um pouco. Confessou uma das suas mais imediatas preocupações a respeito de Kehoe.

— Vou ter de estar fora da cidade duas noites, a partir de amanhã. Vamos abrir uma fábrica em Reno, no Nevada. Era para lá ficar cinco noites. Consegui reduzir para duas, mas não consigo safar-me disso. Já tinha planeado duplicar a segurança da Alice, mas, depois do que o Kehoe acabou de fazer, já estou com medo de ir.

Jim franziu o sobrolho.

— Achas mesmo que ele tentaria fazer *mal* à Alice?

— Não ouviste como parece louco, quando fala dela? Pensei que me ia atacar ali mesmo. Se não tivesses aparecido, era o que podia ter feito. Perdeu o juízo.

— Eu sei que nunca partilhei a tua preocupação a respeito do Kehoe e a Addie Durand, mas ainda acho que me está a escapar alguma coisa.

— Junta-te ao clube — balbuciou Dylan em surdina.

— Achas que o Kehoe *sabe* que a Alice é a Addie Durand?

— Ao princípio achei que não, mas, agora, não sei, talvez. — Contou a Jim como Thad Schaefer ouvira Alice conversar sobre as suas memórias de Addie. — O Kehoe tem estado desconfiado da Alice desde o primeiro dia. Sabia que eu a considerava especial. Diferente. Acho que, ao princípio, pensou só que estava atraído por ela, o que não só a tornou objeto do interesse dele mas também de desprezo. Não é segredo entre a administração que o Kehoe me desaprova, e por isso pensei que estava só a transferir a sua aversão para Alice. Ouvi dizer que ele tem andado a dar-lhe bastante na cabeça lá em baixo no campo, embora seja uma das melhores monitoras e por isso seja difícil censurá-la por coisas específicas. Não sei quanto tempo é que o Schaefer esteve naquele corredor à escuta, na semana passada, nem o que conseguiu ouvir, quanto mais perceber. Não consegui fazê-lo admitir que alguém, possivelmente o Kehoe, lhe pediu para espiar a Alice, para influenciá-la. Estou a tentar convencer o Schaefer que não sou o mau da fita, aqui, mas, infelizmente, ele tem dificuldade em ver a razão, no que toca a Alice. Está empenhado em ver-me como um idiota porque está interessado nela. Mas, se o Schaefer ouviu *mesmo* a Alice naquela noite e se *deu* informação ao Kehoe logo depois do Jantar de Antigos Alunos, então o Kehoe pode muito bem desconfiar que a Alice é a Addie Durand.

— Nesse caso, estará a arranjar uma maneira muito estranha de ganhar as boas graças da sua nova patroa.

— Isso é que me preocupa. Esta noite, ele estava lixado da vida com a ideia de a Alice se tornar executiva júnior na empresa. Consegues imaginar como vai ficar furioso se desconfiar ou souber que ela é a dona da Durand Enterprises? E se ele *esteve* envolvido no rapto? O que é que acontece?

As sobrançelhas de Jim arquearam-se de compreensão. Dylan já partilhara com ele as suas ideias sobre este assunto, e Jim desconfiava de que podia haver alguma verdade na ideia de que houvera alguém a puxar os cordelinhos no caso do rapto. Kehoe era, de facto, um possível suspeito que tinham discutido ao longo dos anos. Agora, Jim voltou a frisar o ponto em que costumavam ficar atolados.

— Mas porque é que o Kehoe odiaria tanto a Addie? Não teria tido qualquer interação com ela, pois não? Era um bem-sucedido funcionário da Durand há anos. Porque é que ia arriscar tudo descendo ao ponto do rapto de uma criança? Não é propriamente

como se alguma vez o Alan tivesse ponderado torná-lo a *ele* herdeiro no lugar da Addie.

— Se soubesse a resposta a essas perguntas, tu também saberias — disse Dylan, a boca rígida de irritação com aquele frustrante impasse.

— Parece-me mais provável que o Kehoe esteja a transferir a sua aversão por ti para a Alice, por suspeitar que os dois estão envolvidos. Vê isso como uma conspurcação do seu sagrado território de recrutamento.

Dylan fez uma careta. Aquilo parecia ser a resposta óbvia, mas ele não conseguiu dar a sua concordância verbal.

— Bem, posso ficar de olho nas coisas por aqui enquanto estás fora, e tornar a presença policial conhecida do campo, só para desencorajar qualquer coisa. Vou dar uma desculpa qualquer sobre um roubo, ou coisa do género, só para explicar a razão por que o departamento do xerife anda pela área. Mas, quanto à tua preocupação mais imediata com o Kehoe e a tua viagem ao Reno, tenho uma sugestão: leva-o contigo. Assim não vais ter de preocupar com o facto de ele e a Alice ficarem no mesmo sítio enquanto estás fora.

— Não é má ideia — balbuciou Dylan ao fim de um momento. — As pessoas vão achar estranho e o Kehoe vai ficar lixado como o raio por ser afastado enquanto o seu precioso campo está em sessão, mas, sabes que mais? — Recostou-se na cadeira, já a planear mentalmente como ia orquestrar a sua manobra. — Estou-me perfeitamente a borrfar para o que aquele parvalhão pensa.

Naquela noite, Dylan esperara encontrar Alice afogueada de excitação com o empate da sua equipa no primeiro lugar da competição por equipas. Em vez disso, ela parecia tensa, cansada e distraída quando regressou ao castelo. Quando lhe sugeriu que tomasse um banho quente na banheira de hidromassagem e tentasse descontraír, Alice concordou de imediato, deixando-o a pensar que também ela percebia que não estava em si.

Quando a viu emergir da casa de banho algum tempo depois, de cabelo molhado e embrulhada no roupão, pareceu-lhe um pouco mais relaxada. Ele estava a ler um relatório, semi-reclinado contra as almofadas na cama. Pô-lo de lado quando ela se aproximou e fez-lhe um sinal com a mão. Sem uma palavra, ela caiu sobre o colchão e encostou-se a ele, a cabeça encostada ao seu peito.

— Aquela banheira é fantástica. Sinto as pernas e os braços moles como massa cozida.

— Ainda bem, estavas a precisar.

Ela fez um satisfeito som de concordância.

— Aconteceu alguma coisa para te deixar tão tensa? — perguntou ele, enfiando uma mão no interior do seu roupão e acariciando-lhe a pele macia do ombro. Baixou o olhar e viu-lhe os lábios entreabertos, mas ela não disse nada. As suas longas pestanas palpitaram. Sentiu hesitação. — Alice? — insistiu.

— Não foi nada — disse ela suavemente.

— Teve de ser alguma coisa.

Ela pousou a mão aberta, com a palma para baixa, sobre o seu abdómen nu. Os nervos dele palpitaram com a consciência daquele toque. Ela acariciou-o, deslizando a mão para baixo na direção das suas virilhas. Ele pôs a mão por cima da dela.

— Estás a tentar distrair-me? — perguntou.

Ela virou o rosto para o peito dele.

— Não, tu é que me estás a distrair. Cheiras bem. E sabes bem — disse, rouca, a esfregar os lábios contra a pele dele e a vê-la arrepiar-se. Ele resistiu à vontade de lhe puxar a cabeça para mais perto... para a encorajar. Colocou os dedos por baixo do seu queixo e aplicou um pouco de pressão. Ela ergueu o olhar, relutante.

— O que foi que aconteceu? — Lia a ansiedade de Alice como um letreiro de néon. — Diz-me — insistiu.

Ela abanou a cabeça com impaciência.

— Foi o Kehoe — admitiu por fim.

— O que é que tem o Kehoe?

— Deu-me uma enorme bronca por causa de uma coisa que os meus miúdos fizeram... uma coisa que os outros gestores gostaram e ele não.

— O que foi que ele disse?

Alice suspirou.

— Não estou à espera que lutes as minhas batalhas, no que diz respeito ao Kehoe — disse ela impacientemente. — Não estou à espera que faças nada no que diz respeito aos meus deveres como monitora e tu disseste que querias que me fizesse valer pelo meu próprio mérito. *Eu trato disto, Dylan.*

Ele envolveu-lhe o lado da cabeça com as mãos.

— Isto não tem a ver com o teu sucesso ou fracasso como monitora do Campo Durand, Alice. Tem a ver com o Kehoe. E contigo.

Ele veio aqui a cima, esta noite, aos gritos. Nunca o tinha visto assim.

Ela pestanejou de surpresa. Plantou um cotovelo sobre o colchão e soergueu-se, para o poder ver melhor. — Veio cá a cima? A gritar sobre o quê?

— Sobre ti. Sobre mim. Insistiu que eu era de alguma forma responsável por te estares a sair bem como monitora, implicando que te estava a orientar. Disse que se ia recusar a oferecer-te uma posição na empresa, mesmo que os outros votassem em ti.

— Estás a falar a sério? — arquejou ela. — E o que é que disseste?

— Que, se fizesse isso, o despedia.

Os olhos dela dilataram-se.

— Ele comportou-se como um louco. O Jim Sheridan ouviu tudo e pensou a mesma coisa. Quero saber o que ele te disse *a ti*. Não estou a tentar lutar com os recursos humanos por ti. Isto tem a ver com algo muito mais prático e importante.

Alice suspirou.

— Disse coisas sobre como toda a gente podia pensar que me estou a sair bem como monitora, mas ele não. E depois disse um monte de coisas muito estranhas sobre eu estar muito enganada se julgava que ia partir ao pôr do sol com o Príncipe Encantado. — Revirou os olhos. Apesar da sua suposta atitude casual, ele sentiu a sua ansiedade. Isso deixou-o tenso.

— E que mais, Alice? — insistiu.

— Ele... mais ou menos sugeriu que *isto* — acenou entre os dois — já aconteceu antes, e que não o permitiu na altura e não o ia permitir agora.

— O quê? Que eu e tu já tínhamos estado envolvidos antes?

— Não. — Ergueu o olhar para ele, relutante, por entre a franja despenteada. — Acho que ele estava a insinuar que já tinhas dormido com alguém sob a sua guarda antes... como uma nova recruta da Durand, ou coisa do género, e que teve de lhe pôr um travão. — Abanou a cabeça, parecendo confusa. — Talvez tenha interpretado mal. Eu sei que disseste que isso não é verdade, que nunca tinhas dormido com uma funcionária da Durand.

— Só não tens a certeza de poderes acreditar em mim.

— Eu acredito em ti, Dylan. Mas porque é que ele *disse* isto? O que é que está a tentar conseguir?

— Discórdia. Ele tem inveja do teu sucesso no campo, de mim, do que nós temos... de tudo. E está a tentar envenenar qualquer felicidade que possamos ter — disse, a soar mais irritado do que

tencionara.

— Mas é óbvio que sabe o que se passa entre nós. Se contar aos outros gestores da Durand que estamos envolvidos, eles provavelmente vão retirar-me os seus votos.

— Não se atreveria — disse-lhe Dylan, o seu olhar a assegurar a Alice que estava a declarar um facto, não uma opinião. Na privacidade da sua mente, estava a ter umas fantasias bastante realistas de esmurrar aquele olhar arrogante e superior da cara de Sebastian Kehoe. Como se *atrevia* a inquietar Alice sugerindo que ele tinha um historial de seduzir funcionárias da Durand?

A expressão ansiosa de Alice penetrou a sua fantasia agressiva. Envolveu-lhe o lado da cabeça com as mãos e esperou até que os seus olhos azul-escuros penetrassem os seus.

— Saíste-te extremamente bem como monitora. Ninguém te vai retirar esse mérito. Vou garantir que o Kehoe percebe esse ponto. Ele vai comigo numa viagem a Reno. Ficamos fora duas noites, por isso vai haver bastante oportunidade para conversarmos — declarou, sombrio.

Ela endireitou a espinha.

— Vais partir amanhã?

Dylan anuiu. Plantou as mãos na cintura dela e puxou-a mais para cima de si. Quando ela ergueu o queixo e olhou para ele por entre a franja e as pestanas compridas, as suas bocas estavam apenas a milímetros de distância. Introduziu as mãos entre eles. Ela ergueu ligeiramente o corpo para lhe dar espaço, e ele soltou-lhe o cordão do robe. Afastou os lados do tecido, expondo-lhe o corpo contra o seu próprio peito nu. Solto um som de prazer quando ela se instalou contra si.

— Tentei evitá-lo, mas não posso. Vou trazer mais segurança para o campo quando estiver fora — disse.

— Dylan, eu não quero...

— E agradecia — interrompeu-a ele, deslizando as mãos ao longo dos seus ombros e braços nus e livrando-a do robe por completo — que não pusesse essa segurança nalguma espécie de caça aos gambuzinos. São boas pessoas e estão só a fazer o seu trabalho, Alice.

— Eu sei — balbuciou ela, parecendo vagamente contrita. O olhar dele concentrou-se na visão dos seus dentes a roçar no lábio inferior. — Não vou tentar fugir.

— Obrigada. Agora vem cá.

Agarrou-a pela parte de trás da cabeça e puxou a tentadora

distração da sua boca para mais perto de si.

Estava a correr por um corredor salpicado de sol, a rir. O gongo acabara de tocar, e tinha tanta fome. Os cheiros do frango e do macarrão com queijo enchiam-lhe o nariz, fazendo-a salivar. Também havia gelado de chocolate para a sobremesa. A Mamã dera o dia de folga à Cozinha, e preparara a refeição pessoalmente — todos os pratos preferidos de Addie. Mas o gelado de chocolate: Esse era também o preferido do *Papá*.

— Depressa, Papá. Hora do jantar — chamou por cima do ombro. Ele era mais uma sensação do que um homem tangível atrás de si. Era tão grande. Tão grande como uma montanha. E tão forte. E adorava rir. Não havia nada que o seu papá não pudesse fazer.

— Estou mesmo ao teu lado, Addie. E sempre estarei — chamou ele.

Os seus passos apressados detiveram-se. A voz dele ecoava na sua cabeça. Tão rica e calorosa, com amor a tingir cada sílaba.

Tão real.

— Papá? — chamou, a tremer, porque a única coisa que via atrás de si eram sombras. O medo penetrou o seu mundo dourado como uma serpente insidiosa. Foi percorrida por um arrepio. Porque é que não o via? Perscrutou a luz e a escuridão, dando um passo na sua direção, com esperança de o ver. A precisar de o ver. Alguém a agarrou por detrás no braço, a mão áspera a fazê-la gritar de choque. Virou-se e viu a Mamã, mas ela não lhe parecia bem. O seu rosto estava enrugado de medo. O pescoço e a orelha estavam molhados com um líquido brilhante e vermelho, mas foi a aflição nos seus grandes olhos que mais aterrou Addie.

— Foge, Addie. *Esconde-te*.

Alice acordou com o som do seu próprio grito. Os seus músculos contraíram-se de imediato e moveram-se numa reação de luta ou fuga, mas alguém a segurou.

— Alice. Chhh, está tudo bem, querida. Estavas a ter um pesadelo.

O som da voz de Dylan penetrou o seu medo intenso. Os seus movimentos frenéticos abrandaram, mas não os conseguiu parar por completo, como se a selvática necessidade de fugir fosse aquietada por níveis, não inteiramente num momento.

— Chhh. Estás em segurança. Está tudo bem — acalmou-a Dylan, apertando-a com mais força até ela parar de se debater. Os sons da sua própria respiração agitada encheram-lhe os ouvidos. — Estás bem? — perguntou ele ao fim de um momento, acariciando-lhe os braços, aquecendo-lhe a pele arrepiada.

— Sim. O gongo era para o *jantar* — arquejou ela. No olho da sua mente, reviu o breve mas vívido sonho. — A minha mãe tocava para eu e o pai sabermos que estava na hora de ir comer. Ia haver macarrão com queijo e frango... e... e gelado de chocolate.

— A tua comida preferida — murmurou Dylan. — E, sim. Tens razão. Era para isso que o gongo era usado. Chamava-te todas as noites para o jantar.

— E ouvi a voz dele — arfou ela. — Mas não o consegui ver.

Os movimentos de tranquilização de Dylan detiveram-se.

— O Alan?

— O papá — sussurrou ela. Estremeceu. — Quem me dera tê-lo visto — exclamou, frustrada. Sentia-se invadida por um intenso pesar. — Mas ouvi a voz dele, e era tão real. E depois a mamã estava a dizer-me para fugir e me ir esconder outra vez, e tinha sangue no ouvido e no pescoço. Dylan, tens a certeza que ela não estava aqui quando fui levada da floresta? Tens a *certeza* que aqueles homens não a magoaram também?

Sentiu Dylan mover-se atrás dela. A lâmpada da mesa de cabeceira acendeu-se. Ele fê-la virar-se para si. Alice apoiou-se sobre o lado. Estava nua. Tinham feito amor antes de adormecer, recordou ela, atordoadamente. A sua pele estava brilhante de transpiração, mas tinha frio. Estremeceu, e Dylan puxou-lhe o lençol e edredão até ao pescoço. Ela estudou cada pormenor do seu rosto tenso e atraente.

— Foi um sonho, Alice — assegurou em voz baixa.

— Mas a voz dele... acho que era real. — Ela *queria* que essa parte fosse real.

Dylan anuiu.

— Essa pode ter sido uma verdadeira memória, ou a memória de emoções a misturar-se com um sonho. Não a parte sobre o sangue. Tu nunca viste a Lynn assim. *Nunca*. Ela estava na casa quando foste raptada.

— Foi a primeira vez que tive alguma recordação dele. Tem sido sempre ela — balbuciou Alice, a reviver determinadamente aquela parte do seu sonho. Não queria ter de lidar com a expressão de puro medo e pânico na cara da mulher.

Nem no sangue.

— Ele soava tão forte e caloroso. Gostava de rir, não gostava?

— Sim. Em especial contigo. Todas as suas ideias sobre o negócio, cada problema ou preocupação que necessitava de ser resolvido, tudo se dissolvia assim que entravas na sala. Ele tornava-se mais leve contigo. Mais feliz.

— Ele disse-me que estava mesmo ao meu lado, e que sempre estaria. E... e gostava de gelado de chocolate tanto com eu. — Desta vez não conseguiu conter o seu soluço. Virou a cara para a almofada, embaraçada pela crueza das suas emoções. Como era possível haver tanto sentimento entranhado num breve momento de sonho e umas poucas palavras?

Dylan esfregou-lhe as costas.

— Eu sei que deve doer. Mas não é melhor ter a memória, por mais dolorosa que possa ser? Tens razão acerca do gelado de chocolate. Era o preferido do teu pai. Tiveste mesmo uma recordação dele. O teu pai adorava-te, Alice. Nunca conheci um homem que amasse tanto uma criança, sem uma ponta de reservas. Foi uma revelação para mim, ver a sua devoção por ti e pela Lynn.

— E nunca o vou conhecer. — Ela soluçou e encolheu as pernas. Aquela última noção foi como uma faca a enfiar-se na sua barriga. — Aqueles filhos da mãe tiraram-mo. Só queria matá-los.

— Eu sei. Eu sei, querida.

Ao fim de um tempo em que Dylan a abraçou e beijou na face e no lado da cabeça, acalmou-se um pouco.

— Eu nunca os vou conhecer — repetiu monocórdica, como se estivesse a ensinar-se uma lição que não queria, instintivamente, aprender mas sabia que era preciso. — Nunca.

— Mas tu conhece-os — disse Dylan, a sua intensidade a fazê-la pestanejar e erguer-se da sua infelicidade. — Sentimentos como os que eles nutriam por ti e que tu tiveste por eles não desaparecem, Alice. Quem eles eram faz parte de ti. É como o Alan disse no teu sonho: ele estará sempre ao teu lado.

Outro arrepio de dor percorreu-lhe a espinha. Era demasiado grande para o conseguir absorver, aquele sonho.

— Não consigo fazer isto, Dylan.

— Consegues. A tua mente sabe o que podes aguentar e o que não podes. É assim que as coisas acontecem — tranquilizou-a, acariciando-a com movimentos longos e calmantes. — E eu estou aqui contigo. Compreendes?

— Sim — fungou ela. *O Dylan está aqui.* Acenou com a cabeça contra a almofada, fortalecida por aquela sólida e maravilhosa verdade.

Alice acordou vários minutos antes do nascer do sol. O sonho com o gongo do jantar e Alan Durand ainda se colava à sua mente. Movendo-se com cuidado para não roubar a Dylan aqueles preciosos momentos de sono, saiu da cama. Mas ele já se levantara quando voltou a sair da casa de banho. A luz da mesa de cabeceira estava acesa. Dylan estava junto ao seu roupeiro, de calças de ganga e a vestir uma *T-shirt* azul-escura. Sorriu enquanto se dirigia para ele. Gostava mais de o ver assim: despenteado e quente da cama, o queixo ensombrado pela barba crescida.

— De que te estás a rir? — perguntou ele, puxando a ponta da camisa para baixo sobre o abdómen firme. Ela estendeu a mão para lhe tocar a pele nua antes de a ver desaparecer.

— De ti. Gosto de ti de manhã, quando estás assim.

Ele envolveu-lhe o ombro com uma mão.

— Então acho que, quando o campo acabar, vais ter de te levantar todas as manhãs comigo para montar, não vais? — perguntou ele, um sorriso a curvar-lhe os lábios sensuais. Ela pôs-se em bicos de pés e beijou-o.

— Isso é um sim? — perguntou ele um momento depois, as mãos agora em volta dos lados da sua cabeça e a boca a roçar a dela.

— Gostava que fosse um sim.

— Então é — disse ele com simplicidade. Sorriu, e ela deu por si a sorrir também, querendo *tanto* ser convencida por aquela absoluta confiança.

— Ainda bem que te sentes um pouco melhor — disse ele.

Alice pestanejou quando o sentiu enfiar-lhe qualquer coisa na palma da mão. Parecia metálica e fria.

— O que é isto? — perguntou, dando um passo atrás e olhando o que ele lhe pusera na mão. Mas Dylan não necessitava de responder. Era um lindo isqueiro vintage de prata. Num lado, a prata era lisa, no outro, estava intrinsecamente cinzelada. Passou os dedos sobre os minúsculos entalhes metálicos, maravilhada.

— Era do Alan — disse Dylan. — Pensei que, depois de ontem à noite...

— Ele fumava? — perguntou Alice, confusa. Abriu a tampa e

conteve a respiração. O ligeiro som das dobradiças soava-lhe familiar. Repetiu a ação.

— Não — ouviu Dylan dizer. — Quero dizer, quando comprou o isqueiro, sim. Parou no dia em que nasceste. Manteve o isqueiro por hábito... e porque gostava dele. Tinha-o comprado em Paris, quando foi lá com a Lynn em lua-de-mel. Disse-me uma vez que, quando o descobriste no seu bolso tinhas uns três anos, e ficaste fascinada por ele. Por isso removeu-lhe a pedra, para não se acender. Assim já não se importava de to dar quando lho pedias para brincar.

— Sim — disse ela suavemente, passando o isqueiro entre os dedos e abrindo a tampa várias vezes. Parecia-lhe, de facto, familiar ao toque, a memória do antigo isqueiro puramente tátil. As gravações no metal sabiam-lhe bem debaixo das pontas dos dedos. Não admirava que gostasse dele em criança. Impulsivamente, levou-o aos lábios e nariz e inalou. Não tinha nenhum odor discernível, mas sorriu na mesma. Teve a distinta impressão de que já tinha feito aquilo antes. Olhou para Dylan.

— Estás bem? Por te ter dado isto agora? Ou foi demasiado cedo? — quis ele saber.

Ela abanou a cabeça com determinação.

— Não — garantiu-lhe, pondo-se de novo em bicos de pés para lhe envolver o pescoço com os braços. — Foi perfeito.

Quando se baixou o suficiente para lhe ver o rosto, viu ali uma sombra de tensão.

— O que se passa? — sussurrou

Ele abanou a cabeça, a acariciar-lhe os ombros.

— Não é nada. — Fez uma careta e inspirou. — Não, isso não é verdade. É uma coisa. — Olhou-a nos olhos. — Gostava que isto pudesse esperar, mas não pode. Precisamos de falar sobre uma coisa importante quando voltar na quinta-feira, está bem?

N aquela manhã, sentiu-se agradecida pela distração da corrida com Terrance na praia, quando regressou ao campo. Dylan insistira que o que precisavam de conversar não era nada de estrondoso e que tinha a certeza que ela o conseguiria aguentar. Mas não diria nada mais. Sobre esse assunto, pelo menos.

Disse-lhe, porém, que queria que ela regressasse ao campo e fizesse o *sprint* final nos seus deveres como monitora.

— Tens sido um enorme sucesso — dissera. — Agora só tens de te concentrar em ir lá para baixo e carimbar esse sucesso.

O seu apoio significara muito para ela. O suficiente para ter conseguido concentrar toda a sua atenção em Terrance nessa manhã.

O rapaz já se mostrava muito menos ofegante e queixoso, nos últimos dias, embora continuasse a desperdiçar uma horrível dose de fôlego a falar com ela sem parar.

— Ainda acho que fomos roubados naquele *empate* com a Equipa Laranja — estava a dizer enquanto corria ao seu lado. — Ganhámos a escalada em parede, a Jill ficou à frente por aquela pintura que fez e o Miguel até lhe disse que era tão boa que tinha falado com o dono de uma galeria que conhecia e que o tipo disse que a queria para expor — disse Terrance, referindo-se a Miguel Cabrera, o talentoso terapeuta de arte do campo. Alice estava altamente gratificada pelo facto de Jill se sentir agora segura a ponto de sair da sua zona de conforto na arte. E o resultado disso surgira na forma de três pinturas ímpares e comoventes, uma das quais Miguel considerara com qualidade suficiente para ser vendida numa importante galeria de Chicago. Jill ficara sem palavras durante quase um dia inteiro, quando Miguel lhe dissera. Só que, agora, a sua mudez vinha da incredulidade e felicidade, não de trauma residual. Ver Jill tão arrebatada fizera-a sentir humilde e quase ridiculamente orgulhosa.

— Dominámos toda aquela coisa da *Bang* — continuava Terrance. — A Judith ganhou a competição de mergulho e a Equipa Vermelha venceu todos os jogos de futebol da semana... graças a mim.

Alice simulou uma careta de choque.

— E tiveram a lata de não nos dar pontos pela modéstia.

Terrance fez um sorriso tímido.

— Para quê negar a grandeza?

— Isso significa que decidiste que vais tentar jogar futebol este ano? — perguntou com um tom casual. Era uma coisa que andava subtilmente a tentar incentivá-lo. Não só julgava que ajudaria enormemente a autoestima de Terrance como sabia que os treinos e um treinador o ajudariam a continuar na senda de uma melhor saúde.

— Aqueles tipos são só idiotas brancos.

— Todos os tipos na equipa da tua escola são brancos? — perguntou Alice, surpreendida.

— Não, só queria dizer que são os mais pequenos de... Desculpa — disse Terrance rapidamente quando reparou na careta repressiva de Alice quando começou a mostrar uma medida com polegar e indicador. — Só queria dizer que são todos uns falhados.

— Tens *mesmo* a certeza disso?

— Do tamanho das pilas deles?

— *Terrance*.

Ele riu-se.

— Não conheço nenhum pessoalmente. Mas aqueles tipos que fazem desporto são todos «Olhem para mim, tenho uma camisola com números. Olhem para mim, ando aqui a pavonear-me com a minha pandilha de idiotas.»

Alice suprimiu um sorriso.

— Então achas que todas as pessoas que fazem parte de uma equipa organizada com um objetivo comum são falhadas?

— Claro — disse ele, como se ela tivesse declarado o óbvio.

— É disso que tens feito parte, nas últimas semanas — disse Alice, a olhar o lago brilhante. — E pareceu-me que tens sido mesmo muito bom como jogador de equipa.

— Isso é diferente...

— Não, não é. Achas que fui do tipo *cheerleader* na escola secundária?

— Não, eras definitivamente daquelas cromas solitárias — replicou Terrance num tom aprovador.

— Obrigada — disse Alice, a revirar os olhos. — O ponto é que não tens de te tornar nenhuma espécie de robô descerebrado para fazeres parte de uma equipa. Podes tornar-te mais forte como indivíduo trabalhando com outras pessoas. Olha para o que vocês

conseguiram na escalada. Foi tudo através do trabalho de equipa, mas fez-te sentir bem. Fez-te mais esperto, também. Melhor.

Terrance fez uma careta enquanto olhava fixamente a praia na sua frente

— Aqueles tipos da equipa de futebol não vão gostar de mim.

— Que se lixem. — Ele olhou para ela com uma expressão severa. Alice fez uma careta. Não quisera soar tão dura ou amarga. Entrara automaticamente em modo defensivo, só com a ideia de uns convencidos atletas adolescentes serem estúpidos com Terrance. Alice sabia como os miúdos podiam ser cruéis para quem era diferente. Agarrando-se a uma ponta de calma fugidia que lhe restava, continuou, mais ponderadamente: — Mesmo que se portem como idiotas, ao princípio, vão mudar de ideias quando ficarem a conhecerte. Só tens de ultrapassar aquela primeira fase difícil. Quando as pessoas dizem coisas cruéis, isso não significa nada a não ser que são imaturas e estúpidas. Deixa-as pensar o que quiserem, ao princípio. As tuas capacidades vão acabar por falar por si. E, se ainda não to disse vezes suficientes, tu *tens* as capacidades, Terrance, não só a robustez. Um treinador vai ser capaz de polir essas capacidades melhor do que eu. Com algum trabalho, podes ser fantástico — disse ela com sinceridade. — Além disso... aqueles outros gajos da equipa vão ter medo que os esmagues como um inseto, se te fizerem passar um mau bocado.

Ele soltou um ronco trocista.

— Tens de acreditar em ti mesmo, Terrance.

— Eu sei — admitiu ele, o sorriso a diminuir. — Se eu não o fizer, quem o fará, certo?

Alice pensou na mãe ausente de Terrance, no facto de ele ter sido basicamente o seu próprio encarregado de educação desde que entrou na escola primária. Não respondeu. Achou que não precisava. Terrance sabia melhor do que ninguém que, se não cuidasse de si mesmo, ninguém o iria fazer. Ele fez-lhe um olhar vincado quando deram meia volta na praia e se dirigiram de volta para o campo.

— Acreditavas em ti mesma quando cá chegaste e a Brooke Seifert olhava para ti com o seu nariz empinado?

— Bem... posso ter tido *alguns* momentos mais negros em que vacilei — replicou Alice com sombria honestidade, após um momento.

— Pois — riu-se Terrance. — Está bem, eu vou.

— Vais aonde?

— Vou jogar futebol.

— A sério? — perguntou Alice, interrompendo o seu ritmo para fazer um eufórico saltinho de lado.

Terrance riu-se.

— A Brooke é pelo menos o equivalente a toda a linha defensiva da universidade Metro Tech. Acho que, se tu conseguiste, eu também consigo.

Alice sorriu.

— Cuidado — balbuciou Terrance em surdina após um momento. — *Psychotron* em frente.

— Hum? — perguntou Alice. Seguiu o olhar de Terrance. Logo a seguir à marina, o campo tinha um pequeno percurso de manutenção na praia. Terrance e ela passaram a correr por Sebastian Kehoe, que estava a fazer rápidas elevações com precisão mecânica.

Fez um aceno obrigatório ao passar. Kehoe nunca abrandou um iota nas suas elevações, mas o seu olhar fixou-se em Alice, seguindo-a ao passar. O esforço que fez na sua mostra de considerável poder fez o seu rosto parecer rígido e algo desalinhado.

— O que foi que eu disse? — murmurou Terrance quando deixaram Kehoe para trás. — *Psychotron*.

Alice revirou os olhos. Em privado, estava a pensar que, mais uma vez, Terrance demonstrava os seus tipicamente brilhantes poderes de observação social.

Quando deixou os miúdos nessa noite sob a supervisão de Crystal, não regressou à sua cabana com a mesma rapidez e determinação com que normalmente o fazia. Dylan estava quase do outro lado do país. Enfiou a mão no bolso das calças de ganga e acariciou o metal frio do isqueiro. Fizera aquilo todo o dia, considerando a sensação tranquilizadora. Ele dera-lhe o isqueiro para a recordar de Alan Durand, mas, em vez disso, o objeto fazia-a pensar nele. A sensação do isqueiro no bolso acalmava-a, mas também a fazia sentir ainda mais a falta de Dylan.

Mais em frente no caminho, Alice viu Thad e Brooke parados frente a frente. À luz do sol poente, viu as suas mãos unidas. Thad baixou a cabeça e as suas bocas encontraram-se.

Então... já não estavam a ocultar a sua relação. Pensou no que Thad lhe dissera, como ele e Brooke tinham andado, intermitentemente, quando eram adolescentes. Continuariam juntos depois de o campo terminar? Alguma coisa nos seus modos nessa

noite, no seu nível de conforto um com o outro e a sua intimidade fácil, fez Alice pensar que não se tratava apenas de uma relação conveniente e casual.

Thad olhou em volta antes de ela ter oportunidade de virar no caminho que dava para a sua cabana.

— Alice — chamou Thad. Ela acenou em cumprimento e aproximou-se relutantemente do par. — Não tive ocasião de te dar os parabéns por ontem à noite na fogueira. Bom trabalho — disse, quando ela estava a poucos metros de distância.

— Igualmente — disse Alice. — Olá, Brooke.

— Olá — respondeu ela. Percorreu-a com o olhar. — Estás a deixar crescer o cabelo?

— Ah — Alice tocou o cabelo, envergonhadamente. Puxou-o para trás das orelhas. — Só não tenho conseguido cortá-lo aqui no campo.

— Só faltam mais alguns dias — disse Thad. Sorriu, e Alice pensou vagamente que parecia mais o Thad dos primeiros tempos. Um pouco mais descontraído. Perguntou-se se o facto de ter chegado uma limusina ao campo nessa manhã e um carrancudo Sebastian Kehoe lá ter entrado teria alguma coisa a ver com a redescoberta descontração de Thad. Kehoe partira para Reno no avião da empresa, nesse dia, com Dylan ao seu lado. Era típico de Dylan aliviar as suas preocupações a respeito de Kehoe pegando nele e transferindo-o para outra parte do país.

— Sim. Passou a correr — disse Alice.

— Vai-te custar muito, se tiveres de te mudar para outro sítio? — perguntou Brooke.

— Bem, assumindo que consigo um lugar, vou para onde quer que a Durand me mande — respondeu Alice.

Sentia-se um pouco incomodada a falar daquilo. Iriam Thad, Brooke, Kuvi e Dave — toda a gente no campo Durand — achá-la uma intriguista quando se soubesse a verdade sobre Addie Durand? Iriam recordar momentos como aquele, conversas com ela, e considerá-la uma falsa mentirosa?

E desconfiaria Thad de tudo, dado o que a ouvira dizer no corredor do castelo na noite do Jantar de Antigos Alunos? Se ouvira, teria compreendido o que significava? Seria por isso que ele se sentia desconfortável? Ela e Thad tinham andado a evitar-se, desde então. Alice sentia-se pouco à vontade, por ele saber da sua relação com Dylan... por não confiar em Dylan. Além disso, Dylan dissera-lhe que Thad admitira segui-la de vez em quando. Ainda estaria atraído por

ela?

— Vais conseguir um lugar — disse Brooke, o seu olhar duro e aborrecido a lembrá-la da antiga Brooke. Reparou que Thad estava a observar Alice com atenção. Brooke ergueu a mão de Thad, que ainda tinha na sua. — E tu também. Os outros sete lugares é que vão ser mais complicados.

— Isso não é verdade — disse Thad, sério, arrancando o olhar de Alice. — Tu vais conseguir. E o Dave e a Kuvi também, tenho a certeza.

Alice concordou.

— Bem, não vai demorar muito tempo até termos a certeza, de uma maneira ou de outra — disse Brooke, encolhendo os ombros. Inclinou a cabeça para a praia, a olhar vincadamente para Thad. Este anuiu, distraído.

— Vai andando. Preciso de falar com a Alice sobre uma coisa — disse.

Brooke arqueou as sobrancelhas. Alice sentiu a sua incredulidade e fúria. Ela abriu a boca e Alice sentiu que o que quer que ia ouvir não seria bonito.

— Não é o que estás a pensar, Brooke — disse Thad bruscamente, prevenindo a sua explosão. Olhou-a nos olhos. — Já vou ter contigo à praia daqui a uns minutos. Não vou demorar muito tempo. E é importante. Confias em mim?

A boca de Brooke continuou aberta. Alice pensou ver nos olhos dela uma ponta da vulnerabilidade que ali vira quando ela a confrontara com a história da *Bang*.

— Está bem — concordou. Fez um olhar hesitante a Alice antes de se virar e afastar.

— Aquilo foi corajoso da parte dela — balbuciou Alice, com honestidade. Brooke estava a quilómetros de distância na sua frente, no capítulo da confiança.

— Sim — anuiu Thad, sombrio. Alice não soube que mais dizer quando o olhar dele lhe voltou a estudar o rosto. Sentia-se como se tivesse um artista a estudá-la para um retrato.

— O que se passa, Thad? — perguntou ela, pouco à vontade.

— Queria que soubesses que, ao princípio, não compreendi. O que ouvi no corredor do castelo, na outra noite. Mas agora sim.

O significado daquelas palavras penetrou-a. Alice deu um passo atrás. Pelo canto do olho, viu movimento à esquerda da área comum. Pestanejou ao ver Sal Rigo parado no caminho. Era como se tivesse

emergido magicamente das árvores. Estava a olhar para os dois, as feições rígidas. Thad também reparou nele.

— Mas que ra...

— Está tudo bem — disse Alice de imediato, interrompendo a exclamação indignada de Thad com a flagrante intrusão de Rigo numa conversa privada. Acenou para o homem, o gesto ao mesmo tempo um reconhecimento da sua presença e a garantia de que estava bem e ele não precisava de se aproximar mais. Teve dificuldade em olhar Thad nos olhos.

— O Dylan pediu-lhe para olhar por mim — disse ela, embaraçada.

Fez-se um silêncio desconfortável.

— Porque és a Adelaide Durand? Porque és a herdeira da Durand que foi raptada há vinte anos?

As palavras proferidas em voz baixa atingiram-na como balas, amolgando-lhe a armadura mental. Talvez algumas a perfurá-la, até. Sentiu a garganta a embargar-se. Não conseguia responder. Ele pôs-lhe a mão no braço.

— Alice?

— Ouviste-me, naquela noite? Percebeste o que significava? — perguntou numa voz sufocada. Ainda estava a estudar-lhe a *T-shirt*, incapaz de o olhar nos olhos. Era a primeira pessoa para além de Dylan e Sidney que a confrontava com a verdade. Parecia-lhe intimidante, como se a sua identidade fosse demasiado nova, demasiado frágil e ainda em formação para falar dela no mundo quotidiano.

— Depois de vos ouvir falar, eu... — Ele pareceu desconfortável. — Senti que era alguma coisa importante, o que estavas a dizer... o que te estava a acontecer. Mas não compreendi, ao princípio. Por isso perguntei ao meu pai. O nome Addie não lhe dizia nada, mas ele lembrava-se que os Durand tinham tido uma filha chamada Adelaide e que houvera uma tragédia qualquer que a envolvera. Por isso fiz algumas pesquisas e encontrei artigos sobre o rapto. Como o Fall tem estado tão concentrado em ti, e tão protetor, juntei dois mais dois. Mais ou menos. Ainda não percebo como é que ele te encontrou.

— É uma longa história — disse Alice baixinho. Olhou-o de relance. — Por favor, não contes a ninguém, Thad. A verdade acabará por se saber, com o tempo. Fiz uns exames genéticos, mas demoram tempo. Ainda não estou preparada para que se saiba.

Ele anuiu, tenso. O seu olhar desviou-se para Rigo, que ainda os

vigiava com tensa concentração à distância.

— Acho que é bom — disse Thad lentamente. — Que ele te vigie.

— Tenho a certeza que é um exagero. Mas o Dylan sente-se melhor assim.

— E não te incomoda? Que o Fall saiba quem és e comece uma relação contigo?

Ela olhou-o nos olhos verdes e viu apenas preocupação. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Não, não tem nada a ver, Thad. Eu e o Dylan temos uma longa história juntos. Mais longa do que tu tens noção. Mais profunda do que podes compreender. Não o critiques. Eu devo-lhe tudo.

— Tu não lhe debes *nada*, Alice. — Thad comprimiu os lábios e abanou a cabeça, interrompendo-a quando ela ia começar a discutir.

— Começava a pensar que tinhas razão, depois do Jantar de Antigos Alunos, que talvez estivesse a ser injusto com o Fall. Ele até pode parecer decente, de vez em quando. Mas no fim de semana descobri... *tudo*. Descobri porque é que ele estava tão focado em ti. — Olhou de relance para o lado, para verificar se Rigo não o podia ouvir antes de continuar num tom mais baixo. — Não te lembras do que te disse na primeira semana de campo? Sobre como a maioria das ações da Durand estão num *trust* e como o Fall está paralisado no seu controlo da empresa, sem poder tocar naquela riqueza?

— Sim, eu lembro-me — disse Alice, a fúria a tornar mais fácil olhá-lo nos olhos. — O Dylan explicou-me isso tudo. Não está a fazer segredo do assunto. Porque é que havia de fazer?

— Porque te levou para cama poucos meses depois de descobrir que não só valias milhares de milhões de dólares, como eras a chave para o controlo da Durand Enterprises. Não é óbvio como ele vai beneficiar de te ter na mão? Vai beneficiar mais do que qualquer outra pessoa.

— Cala-te — vociferou ela. Olhou para Rigo. O homem parecia pronto para se dirigir para eles, por isso voltou a erguer a mão para o tranquilizar. Uma fria calma tomara conta dela, ao ouvir Thad declarar algo tão vingativo contra Dylan. — Eu não estou na mão dele. Isso é insultuoso. E tu não conheces o Dylan como eu. As suas motivações estão longe de ser egoístas.

Thad soltou uma gargalhada incrédula.

— Pois. Ele consegue ir para a cama com uma mulher linda que só por acaso é a herdeira da empresa que lidera mas que nunca poderá controlar por completo. O Fall parece-te do tipo de homem que se

contenta com menos do que o controlo completo do seu domínio? Está a atrair-te para o seu círculo de influência. Quando se souber quem tu és — sibilou Thad — ele já vai estar numa posição privilegiada de poder sobre ti. Caramba, Alice, como é que não vês que ele...

— Para!

Desta vez, não se importou quando Rigo investiu na sua direção. Deu meia volta e começou a marchar para a sua cabana.

— Alice...

Ela ignorou-o.

— Está tudo bem, Sal — disse em voz baixa para Rigo quando ele se aproximou. — Já vou para a minha cabana. Boa noite.

Não ia voltar a ouvir Thad Schaefer.

Ou era o que *desejava*, pelo menos.

As acusações continuaram a repetir-se na sua cabeça, vez após vez. Não acreditava numa palavra daquelas alegações.

Então porque é que estremecia de cada vez que as recordava, enquanto tentava desesperadamente dormir nessa noite?

Talvez fosse o seu sentimento de crescente inquietação que a conduziu a fazê-lo, ou então foi um fraco sentimentalismo que não soubera possuir até àquele verão. Provavelmente foi apenas o facto de a sua perturbadora conversa com Thad lhe dizer uma coisa alto e bom som: a tempestade estava no horizonte. Ia chegar, quer estivesse pronta quer não.

Fosse qual fosse a causa, no dia seguinte, durante o intervalo para o almoço, voltou para a sua cabana e pegou no telemóvel. Dirigiu-se para o terraço das traseiras.

— Tio Al? — disse em voz baixa um momento mais tarde, a olhar a praia banhada pelo sol. Houve uma longa pausa no outro lado.

— Alice? És tu?

— Sim. Sou eu. Como estás?

— Bem. Vai-se andando. Não me consigo livrar desta tosse — disse, pigarreando para limpar a garganta eternamente congestionada e tossindo algumas vezes como que para provar o que estava a dizer. Ela não gostou do som daqueles pulmões.

— Fumas demasiado — disse Alice por puro hábito. Foi varrida pela tristeza. Sempre dissera aquilo.

Al nunca a ouvia.

— Um homem tem de ter alguns vícios — crocitou.

— Pois, porque de resto és um autêntico anjo — riu Alice. Ele acompanhou-a, a sua conhecida gargalhada rouca a fazê-la sentir uma dor no peito.

— Eu e a tua mãe já julgávamos que tinhas caído da face da terra. Não temos notícias tuas desde o último natal.

— Eu sei. Andei muito ocupada, para terminar o meu mestrado e tentar arranjar um emprego.

— Já tens esse diploma todo chique, e tudo. Espero que não descubras que não serviu para nada.

— Não — disse baixinho. — Claro que serviu, tio Al. Arranjei um emprego. Na Durand Enterprises.

Desta vez, o silêncio estendeu-se ainda mais. Ela quase conseguiu ouvir a mente dele entrar em esgotamento.

— Tio Al? — chamou, amaldiçoando o tremor na sua voz. Fechou as pálpebras quando as sentiu arder. — Acho que talvez seja melhor ires embora por um tempo. Deixa a caravana. Podias fazer aquela viagem que sempre quiseste fazer, para ver o Arizona e o Novo México. É melhor... é melhor não dizeres a mais ninguém. Mas *vai*.

— Estás a dizer o que eu acho que estás a dizer, Alice?

— Sim. Eu... eu não vou poder controlar o que vai acontecer no futuro próximo, Al. Por favor. Sai daí.

— Queres falar com a tua mãe?

— Não — exclamou bruscamente. A ideia de ouvir a voz de Sissy deixou-a em pânico. — Por favor, não lhe digas que falei contigo. Não lhe fales do que estivemos a conversar. Não quero falar com ela. Acho que não vou querer falar com ela nunca mais.

Ouviu o pesado e ruidoso suspiro de Alice.

— Suponho que queiras uma explicação — disse ao fim de um momento. — Não sei se ta posso dar. Sempre desconfiei, estes anos todos, mas nunca soube nada de concreto.

Alice não conseguiu responder. A sua garganta comprimira-se dolorosamente.

— Se isso ajudar em alguma coisa, fico contente por teres descoberto. Devias ter a vida que te foi roubada. Tu mereces. Nunca fizeste parte deste sítio. Acho que sabias isso melhor do que ninguém. Isso não me impediu de desejar algumas vezes que sim, que fizesses parte da nossa família. — A sua voz quebrou-se ligeiramente, aumentando a tristeza de Alice. Nunca ouvira Al mostrar qualquer outra emoção para além de fúria ou rude afeição.

— Vais-te embora, por favor, tio Al?

— Vai correr tudo bem. Ouve bem o que te digo.

— *Okay* — sussurrou. — Cuida-te.

— Tu também. Não deixes que mais ninguém o faça. Isso é uma coisa que os Reed te ensinaram. Não confies a tua felicidade a mais ninguém. Isso só traz tristezas.

Alice fechou os olhos e sentiu uma lágrima escorrer-lhe pela face.

Céus, Al tinha razão. Tinham-lhe ensinado essa lição tão bem que se perguntava se alguma vez seria capaz de a desaprender.

Assim que regressou ao Michigan, na tarde de quinta-feira, Dylan foi de imediato para o seu gabinete, no quartel-general da Durand. A viagem e a nova fábrica tinham gerado uma montanha de trabalho adicional. Já passava das cinco quando entrou no escritório. A sua assistente administrativa, a Sr.^a Davenport, estava à sua espera. A Sr.^a Davenport era uma muito eficiente senhora com sessenta e muitos anos. Fora secretária de Alan durante dez anos, antes da sua morte. Tinha um olho arguto e uma língua ainda mais arguta, usando esta última sobre Dylan numa base diária sem um grama de medo ou compunção.

Ele não funcionava sem ela.

A mulher levantou-se da sua secretária no segundo em que ele passou a ombreira da porta, de caderno de apontamentos na frente, e começou a alistar-lhe tarefas.

— O Marcus Jordan precisa que lhe ligue imediatamente por causa dos últimos números da Indonésia. O Jason Stalwater ligou três vezes nas duas últimas horas para falar de uma nova contratação do campo. — O passo rápido de Dylan na direção do escritório abrandou. — A Janice Ahehorn, da nova fábrica, está a ter problemas com pessoal...

— Olá para si também, Sr.^a Davenport.

— Já falámos várias vezes hoje. Precisa mesmo dos cumprimentos?

— Bom, não conto com eles, de facto — replicou Dylan secamente. — O Kehoe que trate da Janice. Tem-se saído suficientemente bem, nos dois últimos dias. — Pelo menos sob as ordens de Dylan, e com muito pouca boa vontade. Kehoe fora uma companhia azeda e desagradável no Reno e a bordo do jato da empresa. Dylan ignorara a sua hostilidade e sobrecarregara-o de trabalho. — Acabei de o acompanhar ao seu escritório, por isso deve encontrá-lo ali para tratar da Janice. E que história é esta do Stalwalter? Os gestores do campo já fizeram as seleções para as novas

contratações?

— Acho que sim, tendo em conta que o Stalwalter já quer uma delas.

— Está bem — disse Dylan, abrindo a porta do escritório.

— Ligo primeiro ao Stalwalter, então? — disse a Sr.^a Davenport nas suas costas.

— Não — replicou Dylan, atirando a pasta para uma poltrona próxima antes de dar a volta à secretária. — Tenho uma outra chamada para fazer primeiro. — Ignorou o fungo de desaprovação da Sr.^a Davenport. — E feche a porta! — gritou quando ela começou a afastar-se.

A assistente obedeceu e fechou a porta com um baque mudo.

Dylan consultou o relógio de pulso. Eram cinco e quarenta e cinco. Talvez conseguisse apanhar Alice quando ela terminasse o seu jantar. Tinham combinado há algum tempo não comunicar por telemóvel, mas tinha o número dela e garantira que ela tinha o seu. Os monitores eram desencorajados de usar os telemóveis a não ser para emergências, enquanto estavam de serviço, mas Dylan pensou que aquilo podia ser considerado uma exceção. Sim, ia vê-la pessoalmente mais tarde nessa noite, mas sabia como aquilo era importante para ela.

O telefone tocou uma vez, duas, depois três vezes. Ela podia não o ter consigo. Deixou-o tocar mais algumas vezes. Desapontado, ia desligar.

— Estou — ouviu a sua voz distante e sussurrada.

Ele voltou a erguer o telefone ao ouvido.

— Alice? Sou eu.

— Eu sei — disse ela, e, apesar do tom exasperado, Dylan sentiu-lhe o sorriso na voz. A excitação.

— Ofereceram-te um lugar, não ofereceram?

— Sim.

Sorriu abertamente. Era impossível não ficar afetado pela mal contida felicidade na voz dela.

— Estou na despesa da cozinha. A Equipa Vermelha está de serviço ao jantar. Enfie-me aqui quando senti o meu telefone a vibrar. Não posso falar muito tempo. Aconteceu... fizeram-me a oferta mesmo antes do jantar. Chamaram-nos um a um. Foi absolutamente enervante. Senti-me tão mal pelas pessoas que não conseguiram um emprego, mas os diretores disseram que toda a gente tinha feito um trabalho extraordinário e que dariam excelentes recomendações.

Também os convidaram a candidatar-se à Durand através dos canais normais no futuro, se ainda estivessem interessados. A Kuvi ficou com um lugar! E o Thad, e o Dave, e a Lacey Sherwood... — Fez uma pausa, como se lhe tivesse ocorrido uma coisa. — Já sabias? Antes de ligares?

— Não em primeira mão. Acabámos de chegar a Morgantown e o Kehoe e eu não temos tido grandes conversas, embora tenha a certeza que ele recebeu a lista final ontem à noite. Nem sequer quis perguntar. Nem a ele nem a ninguém. Não precisei. Tinha a certeza de que íamos querer ficar contigo — disse. Não elaborou. Pensou que Alice ia compreender que ele queria que ela ganhasse aquele desafio unicamente por mérito próprio.

— Estou tão contente por o Kehoe não estar cá quando os diretores nos disseram. — Até o seu murmúrio transbordava de felicidade. — Os gestores foram tão *simpáticos* quando recapitularam o meu desempenho e me ofereceram a posição. Disseram que eu abordava as coisas de uma maneira fresca e inovadora e que não tinha medo de correr riscos. Claro que nisso estavam errados. Estava borrada de medo, na maior parte das vezes. Também disseram que tinham ficado impressionados pela ligação que tinha desenvolvido com os meus miúdos num tão curto período de tempo.

— Eles não estavam a ser *simpáticos*, querida. Estavam a ser inteligentes. Queremos ficar contigo por razões puramente egoístas.

Houve uma pausa.

— Alice? Está tudo bem?

— Acho que tenho de ir — sussurrou ela. — Alguém pode ouvir.

— Está bem. Vejo-te daqui umas horas, então?

— Sim. — Ela não desligou. — Dylan?

— Diz.

— Obrigada — disse ela nom abafado.

— Eu não tive *nada* a ver com a tua contratação, Alice. Foste tu que o conseguiste. De certeza que acreditas em mim quando te digo isto. No mínimo, tendo em conta o Kehoe, posso ter sido um peso ao teu pescoço.

— Eu sei — disse ela, e a sua voz quebrou-se um pouco. — Mas, independentemente das circunstâncias, estou aqui, no Campo Durand, por tua causa. E isso é... é tão... — Pigarreou. — Foi mesmo um dia incrível.

Alguma coisa dentro dele cedeu um pouco. Alice tinha o poder de o agitar, e, no entanto, parecia tão alheada dessa capacidade.

— Ainda bem. Porque tu o mereces. E muitos mais no futuro.

— Obrigada — balbuciou ela, de súbito a parecer embaraçada. Envergonhada. Ela nunca deixava de o fascinar. — Até breve — sussurrou.

— Não o suficiente.

Ele desligou, ainda a sorrir. Consultou rapidamente as suas mensagens e reparou que Jim Sheridan lhe ligara algures entre a altura em que chegara e desligara a chamada com Alice. O seu sorriso desvaneceu-se. Todo o calor que experimentara a conversar com Alice evaporou-se, para ser substituído por uma sombria sensação de temor. Ligou de imediato o seu número. Ele estava à espera da chamada.

Alguns minutos mais tarde, Dylan desligou o telefone e sentou-se pesadamente na sua cadeira. A verdade estava, de facto, na rua, ainda que não inteiramente. Jim apenas o informara de que ligara ao seu contacto no FBI e deixara uma mensagem, mas não falara com ninguém em pessoa. Dera-lhe mais umas horas ligando para o FBI no final do expediente.

Teria mesmo de dizer a Alice naquela noite. O caso do rapto Durand seria oficialmente reaberto.

De cotovelo sobre a mesa, pousou a testa numa mão, esfregando os olhos fechados com o lado da palma. Sem ser convocada, a imagem da cara de Alice quando acordara daquele pesadelo, umas noites antes, surgiu-lhe na mente. Ele nunca a vira tão vulnerável... tão assustada... tão consciente do que perdera e, por conseguinte, tão tolhida pela dor.

«Ele disse-me que estava mesmo ao meu lado, e que sempre estaria. E gostava de gelado de chocolate tanto como eu... E depois a mamã estava a dizer-me outra vez para fugir e me esconder, e tinha sangue na orelha e no pescoço.»

A última parte ecoava no seu cérebro, o seu efeito como o de uma chama a acender-se.

Lentamente, baixou a mão e abriu os olhos. Um arrepio percorreu-lhe as costas e braços.

Porque é que uma mãe extremosa encorajaria a sua filha de quatro anos a esconder-se num buraco escuro e assustador por baixo das escadas? Ou em qualquer outro buraco naquele castelo, já agora?

Porque é que nunca pensara nisso antes? É verdade que Dylan sempre fora mais próximo de Alan do que de Lynn. Nunca conhecera Lynn enquanto adulto, apenas em adolescente. Ainda assim... o cenário do jogo das escondidas que Alice lhe descrevera parecera-lhe

completamente desajustado do que conhecia de Lynn Durand. Addie era a princesa preciosa da casa, adorada e amada e protegida. Lynn mal a perdia de vista. Essa fora uma das razões por que Dylan se sentira tão culpado pelo rapto ao longo de anos; porque os Durand confiavam a filha a menos de uma mão cheia de pessoas, mas tinham-na confiado a Dylan.

Por que raio iria Lynn fazer Addie esconder-se nos lugares escuros e escondidos, locais onde a maior parte das crianças pequenas teria pavor de estar sozinhas? Mas, claramente, não tinham assustado Alice. Ela achara o jogo divertido. Fora essa a primeira memória a regressar, ouvir Lynn a jogar esse jogo com ela.

Mas e se tivesse sido um jogo apenas para Addie? E se fora um exercício muito sério para Lynn?

E se Lynn estivera a preparar a sua filha, a *treiná-la* para um potencial perigo?

«Dylan, tens a certeza que ela não estava presente quando me raptaram na floresta?»

Lynn Durand não estava, *definitivamente*, na floresta no dia em que Dylan fora esfaqueado e Alice raptada. Mas estaria enganado ao dizer a Alice que ela nunca vira a mãe naquele estado? E se Alice estava mesmo a recordar alguma coisa traumática que tinha acontecido, algo que ocorrera noutro dia... não no dia do seu rapto? E se alguém fizera mal a Lynn e ameaçara magoar Addie? E, com medo disso, Lynn treinara Addie para fugir e esconder-se num dos sítios *bons*?

Mais uma vez, a voz de Alice fez-se ouvir na sua mente: «*Eram também os esconderijos dela.*»

Um momento depois, abriu de rompante a porta do seu escritório

— A Janice Ahehorn ligou outra vez e não consigo encontrar...

— Agora não, Sr.^a Davenport — rosnou, investindo para a porta. Viu de relance a secretária de boca aberta de choque com a sua brusca interrupção. Por uma vez, ela não deu nenhuma resposta mordaz.

Tinham uma reunião geral obrigatória na praia da marina, a seguir ao jantar, depois do qual haveria uma grande festa entre equipas na praia. A refeição da noite fora especialmente ligeira porque Mira, a cozinheira do campo, levaria comida e bebidas para as festividades mais tarde. Os miúdos fervilhavam de expectativa e boa disposição. Um DJ tinha sido contratado para tratar da música e haveria uma fogueira. Um nadador-salvador estava presente e seriam ligados

holofotes para o caso de alguns miúdos quererem nadar.

Como eles, Alice estava elétrica, ainda ebuliente com a sua contratação e a perspectiva de se encontrar com Dylan dentro de algumas horas.

Sentira tanto a sua falta, apesar das incertezas geradas pelas acusações de Thad. Por experiência própria, porém, sabia que, assim que visse Dylan, assim que ele lhe tocasse, todas as suas dúvidas seriam esquecidas.

Por causa do seu estado tão agitado, mantivera-se de pé a alguns metros do seu grupo de miúdos, demasiado excitada para se sentar quieta.

Depois da reunião, todos os gestores se dedicaram à tarefa de entregar um pequeno álbum de fotos a cada campista e monitor. Era como um anuário do campo, cheio com fotos e recordações de eventos memoráveis, tanto sérios como divertidos. Havia páginas em branco onde os miúdos podiam pedir ao pessoal e amigos para autografar. Outros gestores estavam a andar em volta dos miúdos, transportando caixas com canetas de recordação do Campo Durand. Outros distribuíam *T-shirts* e bonés.

A atmosfera festiva prevalecia. Viu Sal Rigo a distribuir os álbuns aos seus miúdos, e sentiu-se feliz, mas um pouco melancólica, também, com a ideia da despedida. Ficara a gostar tanto deles. Todos os seus rostos pareciam iluminados com o pôr do sol e a excitação, mas Alice julgou reconhecer uma outra coisa. Eles pareciam... orgulhosos.

Recordou a sua entrevista com Dylan. Por fim, percebia o que ele dissera. O Campo Durand não tinha a ver com uma exibição de filantropia empresarial, publicidade, grandes oportunidades de fotografias ou até para contratar os melhores e mais inteligentes gestores. Tinha a ver com os miúdos. As comunidades e a formação de pessoas não tinham de ser mantidas num reino separado do sucesso e crescimento empresarial. Em muitos sentidos, aquele campo era como o sangue vital de toda a organização, as origens dos seus princípios motrizes, a fonte da sua renovação anual. Alan e Lynn Durand tinham reconhecido isto mesmo. Tinham nutrido aquele ideal, e Dylan continuara-o.

Ali parada naquela praia, com a tagarelice e gritos excitados dos miúdos à sua volta, ela suspeitou que talvez... talvez pudesse *realmente* pertencer à Durand Enterprises. Aquele era o legado de Alan e Lynn. O legado de Dylan.

Uma recém-nascida sensação de orgulho cresceu dentro do seu peito.

Sorriu para Sal quando ele se aproximou.

— Estou a ver que o puseram a fazer trabalho honesto, esta noite — disse a Rigo com um enorme sorriso enquanto aceitava o seu álbum.

— Temos alguma falta de pessoal — disse ele, mantendo a voz baixa.

— Sim, já reparei. A Jessica Moder ainda não se está a sentir bem? Alguém me disse que ela estava doente, depois de ser chamada para a minha reunião com os gestores — explicou Alice quando viu a interrogação nos olhos de Rigo.

Ele anuiu.

— Sim. Vírus da gripe, ou coisa do género. A Elle Perez acabou agora mesmo de voltar para a sua cabana, também o apanhou. E o Kehoe ainda não chegou. Parabéns pela sua contratação, já agora.

— Achou que eu não tinha perfil, não achou? — gracejou ela, a folhear o seu álbum.

— Não. Sabia que tinha. — Ela ergueu o olhar, surpreendida pela sinceridade no tom de voz do homem. As sobrancelhas dele arquearam-se. — Se alguma vez a conseguíssemos apanhar, claro.

Alice riu-se. Viu o minúsculo e fugaz sorriso de Sal antes de ele lhe virar as costas para ir entregar os álbuns à Equipa Laranja.

Movendo-se com rápida determinação, Dylan atravessou o corredor do andar térreo do castelo. Marie, a cozinheira, devia tê-lo ouvido chegar, porque estava à entrada, com um prato coberto na mão, quando ele entrou na cozinha.

— Pensei que tinha dito que não chegava a casa antes das oito — disse ela. — Ia mesmo pôr o seu jantar no frigorífico e sair.

— Mudei de planos. E está tudo bem, pode ir na mesma. Tranque a porta à saída, sim? — Olhou distraidamente em volta da grande cozinha. — Onde é que guardamos as lanternas, por aqui?

— Na despensa, à direita, gaveta de cima — disse Marie, lançando-lhe um olhar de curiosidade enquanto ele se apressava a entrar na despensa.

— Boa noite, Marie — disse de dentro da divisão, antes de voltar para as escadas das traseiras e começar a subi-las duas a duas.

Um momento depois, voltou a espreitar para o compartimento por baixo das escadas, o sítio onde encontrara Alice escondida na semana anterior. Ficou desiludido quando passou o foco da lanterna em volta do escuro espaço de três por quatro pés. Estava totalmente vazio, tirando algumas teias de aranhas aos cantos. Se Lynn Durand alguma vez usara os locais secretos do castelo para esconder outra coisa que não a sua filha, ela não estava ali.

Vários anos antes, durante uma visita, Deanna Shrevecraft mostrara-lhe não um, mas cinco esconderijos secretos no castelo Durand. Deanna tinha um B&B chamado Twelve Oaks Inn na costa. O Twelve Oaks fora construído pelo mesmo arquiteto que o castelo, mas a uma escala mais pequena. Quando Deanna visitara o castelo Durand, demonstrara a Dylan como as duas casas eram semelhantes, até ao nível dos vários quartos e compartimentos secretos.

A porta para o antigo quarto de Alice abriu-se com um sonoro rangido. Ele dirigiu-se de imediato para a grande estrutura de parede que mandara construir durante a remodelação. Cobria uma parede inteira. A nova estrutura era construída em cerejeira polida e incluía

uma consola de entretenimento, roupeiros profundos e prateleiras de livros. A maior parte das pessoas não se aperceberia que a estrutura tinha sido concebida em volta de uma mais pequena estante de livros embutida original. Dylan pedira aos carpinteiros para aplicarem um novo exterior de madeira que combinasse com o resto da estrutura, deixando o interior intacto.

Abriu a segunda gaveta, enfiou a mão ao fundo do armário e encontrou o manípulo. Ouviu um clique abafado.

Expôs um esconderijo muito maior do que o que estava por baixo das escadas. Dylan nunca tinha descoberto se o arquiteto do castelo Durand e da mansão de Deanna era apenas misterioso por natureza ou se tinha concebido aqueles espaços ocultos por encomenda.

Entrou no espaço, um odor a pó e ar abafado a entrar-lhe no nariz. Só ali estivera duas vezes, uma quando Deanna lhe revelara alegremente o segredo e uma mesmo antes de os carpinteiros chegarem para construir a nova unidade de prateleiras. Não parecera haver grande motivo de interesse no interior da pequena divisão, sendo o facto de ser oculta a sua única real curiosidade. Deanna era da opinião de que tinham escondido ali álcool contrabandeado, durante a Lei Seca, mas Dylan duvidava. Um candidato muito mais provável para aquele uso seria o pequeno quatinho secreto ao fundo da despensa da cozinha.

Nada mudara muito, reconheceu Dylan quando apontou a lanterna para cada canto, revelando armários de madeira cheios de pé e paredes de estuque a estalar.

Também aquilo se tornara um beco sem saída, percebeu, sombrio, começando a recuar do espaço escuro. A sua ideia luminosa não fora assim tão inspirada, afinal de contas. Havia outros três lugares secretos — que ele soubesse — na velha casa, embora estivesse a perder o vapor do entusiasmo e curiosidade a cada segundo que passava.

A luz da lanterna varreu o chão quando se voltou para sair. Nesse momento, reparou em algo. Dirigindo-se para o canto da direita do pequeno quarto, passou a luz sobre uma tábua do soalho que estava ligeiramente erguida acima das outras ao lado.

Ajoelhou-se e introduziu os dedos por baixo da tábua. Ela cedeu e ele puxou-a. Estava à espera de resistência, mas alguém soltara os pregos que seguravam originalmente a tábua. Toda a peça de um metro se ergueu como se tivesse uma dobradiça numa ponta. Apontou a lanterna para a abertura por baixo da tábua.

Ali, aninhados entre os barrotes, estavam quatro livros com capas de tecido. A sua lanterna não revelou mais nada de interesse, por isso pegou nos volumes e voltou a colocar a tábua no sítio.

Provavelmente não era nada — alguns velhos diários de uma adolescente apaixonada ou a esquecida documentação financeira de um contabilista corrupto. Aquela era uma casa muito antiga, afinal de contas, com uma longa história.

Voltou a posicionar a porta de fachada e dirigiu-se para debaixo da luz do candelabro. Reparou de imediato que, embora fossem velhos, os livros não eram antigos. Abriu a primeira página do de cima.

Não. Aquilo *era* alguma coisa, afinal.

Ficou a olhar a página de rosto do primeiro livro. Ali, numa letra inclinada estavam escritas as palavras *Lynn Charlotte Durand, julho de 1990*.

Virou a página e começou a ler. A escrita no diário de Lynn era evocativa. Suscitou uma clara imagem da mulher na sua mente: a sua bondade, a sua elegância... a sua tristeza.

Sim. O rapaz de treze ou catorze anos que ele fora não tinha compreendido aquela qualidade triste e pungente do caráter de uma mulher adulta. Mas as suas memórias, a parte da alma dela que ficara instilada para sempre nas suas palavras escritas, e a compreensão atual de um homem adulto, tudo combinado permitia-lhe ver claramente Lynn Durand pela primeira vez.

Foi apenas na quarta entrada que a bomba explodiu.

Claro que tenho sido tola e indigna do amor incondicional e apaixonado de um homem excelente. Dizer isto é declarar o óbvio. Diz-se que as pessoas sacrificam tudo por um amor romântico, mas eu sacrifiquei tudo em nome de um objetivo egoísta e duro: poder ser chamada mãe. Dar a Alan uma criança. Deus respondeu às minhas preces e deu-me uma linda bebé. Mas está a fazer-me pagar pelo meu sacrifício — está a fazer-me pagar pela minha crueldade e infidelidade a Alan — pondo em risco as duas coisas mais preciosas para mim: o meu casamento e Addie.

Vendi a alma ao diabo. Não é por isso que o diabo é famoso? Ele sabe os nossos desejos secretos e faz o que está ao seu alcance para no-los satisfazer. Em troca de alguma coisa. Desempenhou muito bem o seu papel. Pensei que ele partilhava os meus sonhos, e isso é poderoso para uma mulher que se

imagina condenada a uma vida estéril.

Por vezes tenho medo que o Alan saiba da minha infidelidade.

Pior, por vezes receio que ele saiba e, não só compreenda, mas também aceite por causa das suas questões médicas e a nossa dificuldade em conceber. Ele sabe melhor do que ninguém como sofri. Que me possa perdoar isto é a mais aguda e mais profunda das minhas dores.

Mas Alan não sabe, graças a Deus. É só a minha culpa a vir à superfície para me assombrar.

Como mereço.

Dylan sentiu-se nauseado, como se tivesse acabado de levar um murro no peito que reverberou pelo seu coração, ventre e cérebro.

Insistira com Alice para fazer o exame genético. Nunca sequer parara para considerar o que aconteceria se tivesse revelado aquela história sobre quem era Addie Durand — sobre quem era a Alice — e tudo saísse mal. Se tudo fosse uma mentira.

Saiu do quarto a sentir-se atordoado. Na sua suite, encontrou um par de óculos. Acendeu o candeeiro na zona de estar e sentou-se no sofá. Pôs os óculos e virou toda a sua atenção para os diários.

Teve o cuidado de os organizar por ordem cronológica. Os diários abrangiam desde o ano antes de Addie nascer até três anos depois do facto. Aquelas eram as entradas que Lynn escolhera, as que se sentira compelida a deixar num dos lugares secretos que partilhava com a filha.

Aquelas eram as confissões envergonhadas de uma mulher despedaçada. Como todos os outros, Dylan acreditara que tinha sido o rapto e possível morte de Addie que levava Lynn a terminar a sua própria vida. Dylan começava agora a compreender que os segredos que tinha nas mãos tinham constituído um ainda mais preciso e cruel incitamento para o seu suicídio.

Ainda tinha várias horas antes de ter de descer ao campo ao encontro de Alice. Com um sombrio sentido de determinação, começou a ler, fazendo os possíveis para ignorar o temor que se instalava dentro de si, mais pesado a cada minuto que passava.

— *O quê?* — perguntou Alice, a sorrir abertamente quando Dave Epstein se aproximou dela com duas paletes de refrigerante. O DJ começara a trabalhar e um ruidoso rap começou a ribombar nas colunas, tornando a conversa quase impossível. Os miúdos dançavam

na areia, nadavam, trocavam álbuns do campo e posavam para fotografias. Quase toda a gente que não estava de fato de banho usava a sua nova *T-shirt* do Campo Durand, incluindo Alice.

— A Mira recebeu uma chamada para ti na cozinha. Ela sabia que eu vinha para aqui, por isso deu-me o recado.

— O quê? — repetiu quando Dave lhe passou um pedaço de papel dobrado. Compreendera o grito de Dave, desta vez, mas ainda estava espantada com a mensagem. Mira era a cozinheira do campo. Porque é que estava a receber mensagens para Alice?

— Espera — disse Dave, revirando os olhos. Foi depositar as duas caixas de refrigerantes numa mesa em frente a Kuvi. Esta estava a dançar ao som da música, mas fez um aceno agradecido a Dave antes de começar a descarregar as bebidas num enorme recetáculo de lata cheio de gelo. Enquanto ele ali estava, Alice leu a mensagem à luz do brilhante pôr do sol.

Para Alice Reed,

O Sr. Fall ligou para a cozinha. Ele sabia que a menina estava na praia e incontactável, por isso ligou para aqui. Recebeu uma notícia e quer que venha ao castelo imediatamente. Disse para não se preocupar, não é uma urgência, mas é importante. Sugere que vá pela estrada principal e saia agora, enquanto ainda há luz. Também disse para pedir ao Sal Rigo para a acompanhar, e que estaria à sua espera no escritório.

Mira

Alice pestanejou, espantada. Aquilo era estranho. Viu Dave a reaproximar-se. Kuvi passara-lhe uma *T-shirt* do Campo Durand. Ele despiu a que tinha vestida e estava a enfiar a nova enquanto se aproximava dela. Alice desconfiou que as camisolas brilhariam no escuro.

— Foi a *Mira* que te deu isto? — gritou quando Dave se aproximou o suficiente.

— Sim. Ninguém conseguiria ouvir um telefone aqui. Ouvi bem o que a Mira disse? Foi o Dylan Fall que te ligou? — Alice percebeu pela sua expressão de incredulidade que Kuvi não traía o seu segredo a Dave, embora desconfiasse que ele e a colega estivessem a tornar-se cada vez mais íntimos. — O Fall a contactar-te por alguma espécie de emergência? Pareceu-me que a Mira disse que ele precisava de te ver. Está tudo bem? — perguntou, a acenar com a cabeça para o papel que

ela tinha na mão.

— Foi uma notícia qualquer da minha casa — mentiu, a pensar rapidamente.

— Nada de sério, espero... — berrou Dave.

— De certeza que não deve ser — replicou, a sorrir corajosamente para se tranquilizar. Olhou em volta da praia, à procura de Sal Rigo.

Kuvi arrastou Thad para a praia para dançar. O sol começava a mergulhar atrás do cintilante lago azul, quando a música terminou. Outra ruidosa música de dança seguiu-a de imediato.

— Espera. Então e eu? — gritou alguém divertidamente atrás dele quando passou com Kuvi pelo meio do bando de miúdos e pessoal. — Thad?

Thad teve consciência de que era Brooke a tentar chamar a sua atenção, mas estava concentrado noutra coisa. Via Alice ao fundo da multidão. Estava em bicos de pés, a gritar qualquer coisa ao ouvido de Sal Rigo. Ele franziu as sobrancelhas e acenou com a cabeça. Alice enfiou-se atrás de um maciço de árvores jovens plantadas na extremidade da praia. Depois Thad viu as suas longas pernas moverem-se com rapidez na direção das cabanas e desaparecerem. Montes de monitores estavam a fazer corridas entre a praia e o refeitório para manter as mesas de comida abastecidas, por isso não fora esse o motivo que fez despoletar o alarme mental de Thad. Foram os modos furtivos de Alice que lhe despertaram a atenção.

Assim que lhe ocorreu que as ações dela eram suspeitas, Sal Rigo também se escapuliu atrás das árvores.

— Thad! — Virou-se e viu Brooke na praia, a sorrir. Parecia radiante, nessa noite. Ela fez-lhe sinal para se aproximar. — Dança de comemoração?

Ele leu os seus lábios e gestos mais do que a ouviu. O nível de ruído na praia estava fora de controlo.

— Claro — disse distraidamente. Sabia que ela se estava a referir ao facto de ambos terem recebido ofertas de posições na Durand. Mas, em vez de se juntar a Brooke, virou-se para o outro lado. Fora dominado por uma sensação de desconforto.

— *Thad?*

— Desculpa, podemos deixar para mais logo? — perguntou, apontando significativamente para a cozinha e fazendo uma careta. Tinha a certeza de que Brooke não o compreendera, mas, uma vez que

estava a ser propositadamente evasivo, não esperava que o fizesse. Mergulhou na multidão de miúdos em festa na direção oposta de Brooke.

Alice subiu a última parte da estrada, a observar o castelo que se erguia claramente no seu campo de visão. Havia ainda luz suficiente no céu para a deixar ver a casa grande e elegante. Sabia que era apenas a sua imaginação, os vestígios da mente fantasiosa de uma criança, mas a casa parecia-lhe com frequência um ser senciente: sempre intemporal e à espera, por vezes misteriosa no sentido de um maravilhoso conto de fadas, ocasionalmente misteriosa, ameaçadora e sombria.

Talvez fossem os sons tumultuosos e a música da distante festa na praia a chegar ao alto da falésia, mas, naquela noite, não senti vibrações sinistras do castelo. Claro que era difícil ficar ansiosa com um homem da estatura de Sal Rigo ao seu lado.

— Quando estou com o Dylan, costumo entrar pelas traseiras — disse a Rigo quando ele se dirigiu para a porta principal.

Rigo fez um aceno de assentimento e seguiu-a enquanto caminhavam para o lado da casa. Ao início da festa, achara-o um pouco mais acessível, com a sua *T-shirt* do Campo Durand e a conversar com os miúdos enquanto distribuía os álbuns de fotografias e ajudava os monitores e outros funcionários a pôr comida e bebidas nas mesas. Naquele momento, porém, voltara para a sua sóbria personalidade profissional. Reparou nele a estudar a fachada lateral do castelo com os olhos semicerrados.

Estaria preocupado com o bilhete de Dylan? Alice estava, um pouco, embora provavelmente não da mesma forma que Rigo. Sentia-se, definitivamente, confusa. Dylan já indicara que precisava de falar com ela sobre uma coisa importante nessa noite. O que teria acontecido para o fazer falar mais cedo? Ou seria a mensagem sobre uma outra coisa diferente?

Rigo parou no perímetro do terraço de pedra.

— Eu fico de vigia até entrar. Depois volto para a festa.

Alice sorriu e acenou na direção da música ao longe.

— Vão precisar de si lá em baixo. Se alguém perguntar aonde fui...

— Digo-lhes a verdade. Que o Sr. Fall recebeu uma informação urgente para si e quis dar-lha em pessoa. Mas duvido que deem pela

sua falta, naquela confusão. Além disso, os supervisores noturnos já chegaram há meia hora.

— Obrigada por me acompanhar até cá a cima, Sal. Boa noite.

— Boa noite. E, mais uma vez, parabéns.

— Obrigada.

Ela usou a sua própria chave. Olhou por cima do ombro enquanto entrava, fazendo um aceno a Sal. Quando fechou e trancou a porta, viu-o desaparecer na penumbra. O sol mergulhara por completo no lago, e a noite caía rapidamente.

Introduziu de imediato o código memorizado no alarme. O silêncio colou-se à sua pele, enquanto atravessava a sala de multimédia escurecida. A música e os sons da festa não penetravam as paredes grossas do castelo. Subiu a correr as três escadas que acediam ao nível da cozinha e dirigiu-se para o corredor.

Não pressentiu ameaça nem medo. Quando o momento chegou, estava a pensar em como ansiava por ver Dylan, fosse qual fosse a emergência que o fizera chamá-la. Enfrentariam juntos fosse o que fosse.

O passado de Addie chocou violentamente com o presente de Alice num único segundo, na forma de uma atordoante pancada no lado esquerdo da sua cabeça.

Dylan saiu de casa por volta das nove e vinte dessa noite para ir ter com Alice. Tinha a cabeça a andar à roda com o que acabara de ler nos diários de Lynn. Como iria contar a Alice? Era suficientemente mau ter de lhe dizer que era uma questão de horas até o FBI aparecer para a interrogar. Agora, Dylan tinha informação ainda mais condenatória para dar aos investigadores. Teria de contatar com Jim Sheridan assim que Alice estivesse no castelo com ele. Os diários de Lynn iriam sem dúvida agitar as águas no caso do rapto Durand... e Dylan compreendera por fim aquele fugidio motivo.

Mas o efeito dos diários de Lynn sobre Alice era o que mais o preocupava.

Pelas nove e trinta e três, começou a ficar preocupado por Alice não aparecer no lugar combinado na floresta. Ela costumava ser bastante pontual. Ouvira a música que emanava da praia da marina assim que saíra de casa, claro. Era a tradicional festa que organizavam na última noite de campo. Costumava ser um evento muito agitado, por isso, ao princípio, pensou que seria por isso que Alice estava atrasada. Muito provavelmente estava a celebrar a vitória do seu emprego na Durand com os outros e perdera a noção do tempo.

Pelas nove e trinta e cinco já não se sentia tão convencido disso. Estava preocupado com o conteúdo dos diários de Lynn, e mais do que um pouco ansioso. Pela segunda vez desde que Alice chegara ao campo, dirigiu-se para a porta da frente da sua cabana, indiferente às luzes na zona comum vazia que poderiam facilmente revelar a sua identidade a qualquer pessoa. Bateu, a primeira vez baixinho.

A segunda e terceira pancadas na porta foram menos delicadas. Estava prestes a voltar a correr para a marina quando alguém falou atrás dele.

— Sr. Fall?

Deu meia volta ao ouvir a voz masculina. Viu Kuvi na companhia de um homem alto de cabelo escuro que já vira por perto de Alice nos eventos no castelo. Estavam a poucos metros do alpendre da cabana, o

braço do rapaz enlaçava a cintura de Kuvi. Ambos pareciam um pouco envergonhados por encontrá-lo ali.

— Kuvi — disse ele, contente por ver alguém próximo de Alice. — Onde está a Alice? Ainda está na festa?

— Acho que sim. Mas não a vejo há algum tempo. Viste-a, Dave? O homem alto abanou a cabeça.

— Não, não está na festa. Foi para o castelo.

— *O quê?* — perguntou Dylan, descendo os três degraus.

— Sim, ela recebeu um papel com uma mensagem — disse Dave, a olhar para ele, pouco à vontade. — A sua mensagem, certo? Ouvi a Mira a falar ao telefone e a escrever o recado, quando fui buscar bebidas à cozinha.

— Diga-me tudo. O que é que o bilhete dizia? Rápido — enfatizou Dylan quando Dave pareceu perplexo com o seu pedido.

— Eu não li a mensagem pessoalmente, mas dei-o à Alice há uns vinte minutos, mesmo antes do pôr do sol. Ouvi o suficiente da conversa da Mira ao telefone para saber que era consigo e que a Alice tinha de ir ao castelo porque havia uma emergência familiar, ou coisa do género.

— O Sal Rigo ainda está na festa? — perguntou Dylan, mal contendo os pés de desatarem a correr pelo trilho abaixo.

Kuvi e Dave trocaram um olhar dúbio.

— Não sei, para ser honesta. Aquilo parece um manicómio, lá em baixo.

— Voltem para a praia e procurem por ele. — Kuvi anuiu. — Se o encontrarem, digam-lhe que eu não liguei à Mira e que o recado era um truque. Digam-lhe para ir ao castelo. Vou ligar ao Jim Sheridan pelo caminho.

— Mas...

— Façam só o que lhes digo — interrompeu Dylan.

— Sr. Fall? A Alice está bem? — perguntou Kuvi, os olhos esbugalhados de alarme quando ele começou a ir embora.

— Espero bem que sim. Faça só o que eu pedi, Kuvi. Já — insistiu antes de disparar para o caminho do castelo.

Estava alguém a arrastá-la, as mãos por baixo das suas axilas a magoá-la. Não, não estava a arrastá-la. Os seus pés moviam-se — ou não? Sentia as pernas fracas e pesadas como rochas, ao mesmo tempo, como se estivessem mal coladas ao corpo e incapazes de cumprir a sua

função. No momento em que pensou isto, sentiu-as falhar. Sentiu-se cair vários centímetros.

— *Levanta-te*, sua cabra estúpida.

— Largue-me... — balbuciou entre os dentes cerrados. O forte puxão nos seus braços e a dor perfurante na sua cabeça *tinham* de parar. Era insuportável. Abrir as pálpebras exigiu-lhe um esforço monumental. A escuridão e a vertigem assaltaram-na.

Vomitou.

— Não te atrevas a vomitar em cima de mim — rosnou alguém, com aversão.

Foi empurrada. Instintivamente, estendeu as mãos para amparar a queda, mas foi demasiado tarde para lhe servir de muito. As suas palmas colidiram contra pedra dura, e quase de imediato o seu queixo e depois a sua maçã do rosto embateram contra a mesma superfície implacável. Caiu no chão de joelhos, gemendo quando uma dor quente dominou todo o seu corpo e cérebro. Por um momento, não conseguiu distinguir entre esquerda e direita, cima e baixo. Não conseguiu respirar.

Depois alguém a agarrou pelos ombros e ergueu-a de novo, e os seus pulmões voltaram a funcionar. Inspirou asperamente. A nova onda de dor penetrara um pouco a sua vertigem. Quando abrandou, encontrou espaço para pensar.

Isto não é um pesadelo. A dor é demasiado real. Estou a ser atacada.

Era o primeiro pensamento claro que tinha desde que sofrera a pancada há pouco. Lembrou-se numa fração de segundo: estava a andar pelo corredor do castelo, ansiosa por ver Dylan... uma dor lancinante e depois o nada.

A adrenalina percorreu-a com a memória incompleta, fazendo com que as suas veias parecessem em chamas. Desferiu uma cotovelada na barriga do seu atacante com toda a força que conseguiu.

Ele soltou um grunhido e empurrou-a de novo. Desta vez, ela protegeu-se melhor, mas a pele das suas mãos já estava cortada da queda anterior. Gritou com o impacto da pedra com carne viva.

— Vá, levanta-te, se quiseses. Sempre te imaginaste tão forte, tão *esperta*. E a maneira como a Lynn te tratava não ajudou em nada. Quando tinhas três anos, estavas à espera que todos caíssemos de joelhos em adoração na tua frente. Mas não eras *forte*. Eras só uma fedelha mimada.

Alice conteve a respiração. Apenas o brilho das estrelas fornecia alguma luz, e estivera demasiado escuro para ver o seu atacante com

clareza. O seu atordoamento também não ajudava. Ele era apenas uma figura alta à sua direita. Por vezes, duas. Mas, naquele momento, reconhecia o denso desdém no seu tom. Naquela noite, o desdém crescera exponencialmente para além daquilo a que se acostumara no campo.

— Kehoe — balbuciou.

— Pois é. Vamos deixar tudo em pratos limpos, esta noite. E tu és a Addie Durand. Perdoa-me se não me ajoelho em adoração na tua frente, Addie.

Ela fechou os olhos, arquejante, a tentar desesperadamente conter as tonturas e recuperar o sangue frio. Kehoe incapacitara-a grandemente. Precisava apenas de se recompor o suficiente para lutar. Para fugir, se necessário. Rigo dissera-lhe que era rápida, certo?

Só precisava de ganhar tempo para acalmar as tonturas e para a dor se dissipar um pouco.

Foge, Addie. Esconde-te.

— Como soube que sou a Addie? — perguntou, por entre a respiração ofegante. Onde estava ela? Seria aquilo o brilho de água à distância? Os seus dedos tatearam a superfície a que continuavam encostados. *É o muro de pedra.* Kehoe arrastara-a para a falésia. Aquele som impetuoso não era só o do seu sangue a martelar-lhe os ouvidos, mas também o das ondas na praia e a esmagarem-se contra as rochas.

— Ao princípio, não sabia. Depois é que comecei a perceber as coisas, por mais improváveis que parecessem. O Fall estava demasiado concentrado em ti. Claro que ele tinha de garantir que punha as garras em cima de ti, tal como fez com o Alan Durand. Primeiro, nem quis acreditar. Mas tu pareces-te com ela, sem toda essa maquilhagem horrível. Com a Lynn, quero eu dizer. Reparei quando a maquilhagem saiu, depois de nadares. Mas és mais alta e mais forte. Achaste mesmo que te podias comparar com ela usando aquele vestido, e as suas pérolas? *As suas* pérolas. Não mereces beijar o chão que a Lynn Durand pisava, nunca terás a sua elegância. Mas és tão arrogante como ela. *Isso* é uma coisa que herdaste. Eu devia saber. Conhecia-a melhor do que qualquer outra pessoa viva. A tua mãe e eu éramos muito próximos. Tão próximos como uma mulher e um homem podem ser.

Aquilo perfurou o choque e desorientação de Alice, mais do que qualquer outra coisa.

— O quê?

— Não faças esse ar tão incrédulo — sibilou ele. — Éramos iguais,

a Lynn e eu. Tínhamos os mesmos sonhos filantrópicos, a mesma inclinação generosa. Criámos o campo Durand juntos. Gravámos os ideais que mais tarde se tornaram os princípios orientadores de toda esta maldita empresa, embora o Alan Durand tenha assumido todo o crédito por aquilo que fizemos. Fui eu que dei a Lynn aquilo de que ela precisava, mais do que aquele marido defeituoso que ela tinha. Era solitária, sabes. Tão linda. Tão triste.

— Perfeita para um predador como tu? — não conseguiu Alice impedir-se de perguntar. — Au. Não, *para*.

Ele agarrara-a pelos cabelos na nuca e puxara-lhe a cabeça para trás. Doía tanto.

— Mas já não és a princesinha preciosa, está a *ouvir-me*? — bradou-lhe ele junto ao ouvido. Alice sentiu cuspo salpicar-lhe a pele. Apesar da sua dor e desconforto, o som da voz dele provocou-lhe um puro medo. Ele era louco, a gritar-lhe ao ouvido, um homem tão enraivecido que já não temia as consequências das suas ações. — O teu amante, o grande Dylan Fall, disse-te como a tua mãe morreu, Alice?

O seu tom escarninho, provocador — ou talvez a pergunta em si — lançou uma onda de fúria e pânico pela sua mente. Ele aproximara-se mais para lhe agarrar o cabelo. Ela acotovelou-o de novo, mas desta vez não lhe acertou tão em cheio como antes. Kehoe praguejou e puxou-lhe ainda mais o cabelo, esticando-lhe o pescoço e obrigando as suas costas a arquearem-se. Depois apertou-lhe a garganta com o braço. Ela engasgou-se com a pressão, começou a tentar empurrar-lhe o braço para libertar a traqueia, mas ele não cedia.

— Caiu mesmo deste penhasco, Addie. Encontraram o corpo dela nas rochas em baixo, toda ensanguentada e partida.

— Tu... tu... — Emudeceu quando ele pressionou o osso do braço com mais força contra a sua traqueia.

— Não. Não fui eu que a atirei, se é isso que queres saber. Mas vou contar-te um pequeno segredo, Addie — sussurrou-lhe ao ouvido, fazendo com que os seus arrepios de medo e nojo se amplificassem. — Eu estava aqui mesmo quando ela o fez. Pode-se dizer que assisti da primeira fila. E não a impedi. Foi a culpa que a matou, não eu. Ela queria tanto um bebé que escolheu ser infiel ao marido. Escolheu-me a mim. Odiei vê-la sofrer quando estávamos aqui neste penhasco, por isso achei que seria cruel detê-la quando ela tinha tomado a sua decisão. Que mais poderia ela fazer, quando lhe disse que todos os boatos eram verdadeiros? A sua preciosa Addie estava *definitivamente*

morta. Ou devia estar, pelo menos. Foi para isso que paguei àqueles idiotas inúteis do Cunningham e o Stout, e paguei bem. Mas, na altura, quando estava aqui com a Lynn neste penhasco, pensava que tinham feito o seu trabalho. Senti-me mal, a dizer à Lynn que a Addie tinha morrido. Mas a tua mãe merecia. Fez-me sofrer e sangrar anos antes, quando me abandonou. E depois, mais tarde, quando me disse o que disse de ti. Achava mesmo que podia voltar para o Alan e que iam viver os três o seu lindo sonho, o rei rico e a linda rainha e a querida princesinha, todos muito felizes — troçou. — Bem, eu não podia deixar que isso acontecesse, Addie. Não depois de a Lynn me ter levado ao caminho que levou. Eu não podia deixar que isso acontecesse.

A raiva com o que ele estava a dizer fez a mente de Alice esvaziar-se. A única coisa que queria era magoar Sebastian Kehoe, naquele momento, e não lhe interessava como o conseguiria. Impeliu a cabeça com toda a força e enterrou os dentes no seu antebraço. Kehoe gritou de dor e surpresa.

Ela cerrou o queixo, os dentes a cortarem-lhe a carne. O gosto do sangue dele espalhou-se na sua língua.

Kehoe uivou de sofrimento, mas ela aguentou como um cão furioso com a presa nas mandíbulas. Ele atingiu-lhe a têmpora com o punho livre. Sentindo-lhe o braço a afrouxar, Alice abriu o queixo e caiu no chão. Rebolou na terra para se afastar.

— Vou matar-te por isto, sua cabra ranhosa e inútil — vociferou Kehoe. — Desta vez, não vou ser só espetador. Vou atirar-te por ali abaixo com as minhas próprias mãos. Talvez até vá atrás de ti, e vamos ficar todos partidos e a sangrar juntos. Gostavas de ter companhia, Addie? Eu não me importava. Morro com a satisfação de saber que o Dylan Fall te vai encontrar e ficar tão destroçado para o resto da vida como o Alan Durand quando encontrou a Lynn.

Alice arrastou-se freneticamente no relvado, desesperada para se distanciar do som da voz dele. O horror preenchia cada célula do seu ser. Ele estava completamente louco.

A queda no chão e o espaço que percorrera a rebolar amplificara a sua desorientação. Um alarme distante e estrondoso começava a pulsar nos seus ouvidos. Sentou-se na relva, com a escuridão como única cobertura, a tentar ao máximo acalmar-se para conseguir pôr-se de pé. Foi apenas uma questão de segundos, porém, até a sombra de Kehoe se estender por cima dela. Em pânico, tentou fugir de gatas. Soltou um grito frustrado quando ele a seguiu com facilidade.

— Estou-te a ver, Addie — riu-se ele.

Merda. Ele conseguia ver a sua *T-shirt* do campo Durand, que brilhava no escuro. Gritou de angústia quando as mãos fortes se fecharam nos seus ombros e a apertaram. Céus, ia mesmo morrer.

— Levanta-te, Addie. Viveste mais vinte anos do que eu tinha planeado. De que é que te podes queixar?

— Não! — resistiu Alice, e atingiu-lhe o pescoço e a cabeça com um punho quando ele se baixou, a outra mão a prender-se no chão, a enterrar-se na relva de desespero, procurando algo a que se agarrar e sem o encontrar. Ia perder. Ele era forte, e enfraquecera-a demasiado.

— Dylan. *Dylan!* — gritou.

Ele esbofeteou-lhe a face. Com força. Ela arfou de choque.

— O convencido do teu cavaleiro andante não te vem salvar, desta vez. De facto — ela gemeu de choque quando ele a puxou rudemente para cima — a culpa desta infelicidade é toda dele, Addie. Se o Fall te tivesse deixado em paz, estarias sã e salva a esta hora, não estarias? Nunca terias regressado a Morgantown. E também tens de lhe agradecer por esta noite. Eu sabia que ele estava a desconfiar de mim, para me obrigar a ir àquela maldita viagem a Reno, a rir-se de mim o tempo todo porque achava que me estava a impedir de alguma coisa. Bem, adivinha? Se o poderoso Dylan Fall me quiser despedir, estou-me a borrifar. Que se foda ele e mais o seu maldito emprego. O emprego nunca foi tão importante como a Lynn. Ela é que contava. — Empurrou-a na direção da praia e ela gritou. — Não sejas cobarde, Addie. A tua mãe não foi, no final. Estava tão bela e corajosa, quando saltou daquele penhasco. Eu devia ter saltado a seguir. Devia ter acabado com tudo ao seu lado, não contigo. Mas continuei a viver por ela. Queria garantir que os seus sonhos ganhavam vida. Tudo o que fiz desde esse dia, fiz por ela.

Ele empurrou-a e ela cambaleou na direção do som da água a bater. O terror prendeu-lhe o peito, apertando-o com tanta força que Alice pensou que ia morrer de ataque cardíaco naquele mesmo momento, em vez da queda do penhasco.

Queda... queda.

— Não — gritou, rouca, fechando ambas as mãos com força na sua frente, preparando-se para atirar os punhos e todo o seu peso contra ele numa última tentativa desesperada de sobrevivência. O som de um punho a atingir carne entrou-lhe nos ouvidos, seguido por um grunhido de dor. O braço de Kehoe amorteceu. O que estava a acontecer? Ela estava a preparar-se para lhe bater, mas as suas mãos

não se tinham movido, pois não?

Outro *tunc* de osso contra carne e Kehoe soltou-a por completo.

— Foge, Alice. Sai daqui.

— Thad? — arfou ela, espantada. Pestanejou, e conseguiu discernir a sombra de outra figura. Ouviu outro *tunc* e a sombra de Thad cambaleou para trás. Kehoe retaliara pelo ataque surpresa de Thad. Alice hesitou. Se Kehoe quisesa atirar Alice pelo penhasco abaixo, provavelmente não hesitaria em fazer o mesmo a Thad por interferir.

— Schaefer, seu idiota — disse Kehoe, o seu tom cheio de exausto desdém. Alice julgou ver a mão de Kehoe empurrar rudemente o ombro de Thad. A sombra deste vacilou. O exercício diário de Kehoe devia mesmo funcionar. Mas era mais do que isso. A sua força era a de uma loucura há muito contida e de repente libertada. — Não admira que o teu pai te ache tão estúpido. Meu Deus, será impossível contratar alguém como deve ser, hoje em dia? — perguntou-se Kehoe, com aversão.

Ouviu outro *tunc* e um grunhido de dor, e desta vez Alice julgou tratar-se de Kehoe. Thad acertara-lhe em cheio.

— Vai, Alice — vociferou Thad.

Desta vez, Alice não hesitou.

Arrancou a denunciadora *T-shirt* por cima da cabeça e atirou-a para o lado. Usando apenas o sutiã de treino preto, disparou na direção do castelo. Os pés aguentavam o seu peso, mas por pouco. Estava sempre a descair sem querer para a esquerda. O golpe que Kehoe lhe desferira na cabeça fizera alguma coisa ao mecanismo de leme do seu cérebro. A vertigem não desaparecia. Chocou contra um arbusto qualquer e caiu de joelhos.

Sem saber como, conseguiu voltar a pôr-se de pé. Havia um zumbido horrível e pulsante a soar na sua cabeça. A sua viagem pelo jardim parecia feita da enevoadada, claustrofóbica, assustadora matéria dos pesadelos.

Os seus pés a atingirem a pedra do terraço foi um triunfo. Só quando cambaleou para as portas das traseiras do castelo é que percebeu que aquela buzina vibrante não estava na sua cabeça. Eram os alarmes do castelo a tocar. Pareciam pulsar ao ritmo da dor na sua cabeça e queixo. Quando chegou finalmente às portas é que percebeu que uma delas estava escancarada.

Céus, estava tão confusa. E tão nauseada. Nunca voltaria a sentir-se bem outra vez.

Onde estava *Dylan*?

Precisava tanto dele...

Kehoe podia estar mesmo atrás de si.

Foge, Addie. Esconde-te.

A ideia galvanizou-a. Entrou no castelo como uma ébria, a cambalear e a chocar contra a mobília. Um pensamento consumia-a: encontrar o esconderijo mais próximo e esconder-se. Os pés levaram-na para a cozinha. Chegou à porta da despensa. Sem acender a luz, fechou a porta atrás de si. No espaço fechado, o alarme de segurança emudecia-se um pouco. Misturou-se com o som da sua respiração agitada.

«Eu consigo fazer isto no escuro. Queres que te mostre?»

A Mamã conseguia fazer tudo. Mas *ela* também conseguia. O escuro não a amedrontava. O escuro podia esconder-nos. Com as mãos estendidas, encontrou a parede do fundo da despensa. Os seus dedos percorreram a berma de uma prateleira e procuraram.

Não, eras mais pequena. Tem de ser mais em baixo.

Mais uma vez, não conseguia encontrar. O que seria aquele estrondo à distância? Alguém estava a vir. O pânico cresceu. *Mais baixo ainda.*

Usando as prateleiras para apoiar o corpo a vacilar, baixou-se e finalmente encontrou a alavanca. Puxou-a. Ouviu um clique e a parede de trás da despensa soltou-se. Alice empurrou e a parede com as prateleiras girou para dentro. Apressou-se a entrar no espaço revelado e voltou a empurrar a parede para o seu lugar.

Todo o seu corpo começou a tremer. Ou talvez já estivesse antes e ela não tivesse parado tempo suficiente para o sentir. As suas pernas pareciam de borracha, e cederam e ela caiu no chão.

«Pronto. Conseguiste. Agora estás segura, Addie.»

Aquilo era a voz imaginada da sua mãe, a falar com ela. Alice queria acreditar, mas não estava inteiramente convencida. O seu corpo, porém, parara de fugir. Já não podia ir mais além. Arrastou-se alguns centímetros, encontrando um canto no esconderijo. A sua cabeça descaiu para trás contra a parede. Finalmente, sucumbiu à pesada e densa névoa da inconsciência.

Graças à ruidosa festa na praia, *Dylan* não ouviu o alarme do castelo a soar à distância até chegar ao trilho dos cavalos. Já ia a correr, mas acelerou ainda mais quando ouviu o alarme.

Definitivamente, está alguma coisa errada.

Já contatara com Jim e dissera-lhe para ir ter com ele ao castelo, mas esperava que o conhecimento de que a casa fora invadida o fizesse apressar-se ainda mais.

Quando chegou às portas do terraço, percebeu que uma estava aberta. Uma rápida verificação informou-o de que o vidro perto da porta fora quebrado. Alguém o partira.

— Alice? — gritou ao entrar, o alarme a obliterar a sua voz.

Perdeste-a. Outra vez.

Calou a voz inútil e assustada que o condenava. Atravessou a correr a sala de multimédia na direção do corredor.

As pálpebras de Alice abriram-se aos poucos. A dor na cabeça diminuía, mas o seu rosto, queixo e mãos ardiam como se lhe tivesse sido derramado ácido na pele. Fora aquilo que a fizera recuperar a consciência? Onde estava? Ao longe, ouvia o pulsante alarme.

A memória regressou preguiçosamente.

Kehoe.

Ele tentara matá-la. Todas aquelas coisas horríveis que dissera sobre Lynn. E se as coisas que ele dissera eram *verdade*? Significaria isso que Kehoe podia ser o seu...

Não. Não penses nisso agora.

Thad estivera ali. Salvara-a, e ela arrastara-se para o esconderijo na despensa. A memória de infância daquele espaço devia ter sido despoletada pelo trauma e o medo.

Numa pausa do alarme, ouviu um barulho à entrada da despensa. A luz exterior acendeu-se. Dedos gelados de medo introduziram-se por baixo da sua pele. Olhou com horror a fenda de luz branca por baixo da parede falsa ao fundo da despensa. Teria a parede vibrado ou era todo o mundo de Alice que estava a tremer?

Os dedos de gelo chegaram-lhe ao coração e apertaram-lho quando viu a parede girar lentamente para dentro. A luz inundou o espaço secreto. Alguém entrou pela abertura.

Kehoe olhava para ela, parecendo ter saído de um filme de terror, com sangue a escorrer-lhe da têmpora e o olho direito a inchar. Os seus óculos elegantes — o próprio símbolo da personalidade meticulosa de Kehoe — estavam agora tortos no seu rosto. Havia uma mancha de sangue numa das lentes. Alice não conseguia respirar.

Uma ruga de aversão franziu os lábios de Kehoe.

— Achaste mesmo que não te encontrava? Estás a sangrar como um porco. Deixaste marcas até aqui. Sabia que eras muito mais estúpida do que a Lynn, mas, tenho de te dizer, estou desiludido, Addie.

Ela odiou a sua fraqueza; desprezou-a. Mas ficou paralisada quando ele entrou no pequeno espaço, invadindo a sua zona de segurança. Foi então que reparou no que ele trazia na mão — um pesado martelo de carne. Devia tê-lo tirado do jarro de utensílios sobre a bancada da cozinha. A visão da peça galvanizou-a. Apoiou-se sobre as mãos e pontapeou com as pernas quando ele se aproximou mais.

Ele devolveu-lhe o pontapé e atingiu-a no tórax, os seus modos quase descontraídos. Alice soltou um *uuf*. Os seus pulmões bloquearam. A dor voltou a atordoá-la.

— Não queres que isto acabe de uma vez? Eu sei que queres — disse Kehoe com uma crueldade exausta que a aterrou quase tanto como a arma. Viu-o erguer o braço que segurava o martelo de carne. Tudo pareceu acontecer em câmara lenta.

Alice observou, como que num sonho, quando Dylan se introduziu de lado no espaço apertado. O seu coração deu um pulso. Por uma fração de segundo, os seus olhares cruzaram-se. Só teve uma imagem fugaz. Ele usava um fato sem casaco, a gravata solta e o cabelo denso despenteado, a franja caída para a testa. O seu olhar concentrado estava fixo em Kehoe. Parecia furioso e glacial, focado e perigoso.

Os olhos de Kehoe esbugalharam-se quando o martelo de carne subitamente mudou de direção. Dylan empurrou o braço do homem para trás ao mesmo tempo que prendia o polegar e o indicador por baixo do seu queixo. Agarrando-o pela garganta, empurrou-lhe a cabeça e o pulso ao mesmo tempo, atirando-o contra a parede com uma força que fez tremer a superfície atrás das costas de Alice. O martelo saltou da mão de Kehoe, caindo com estrondo no chão de cimento em bruto. Antes que Kehoe pudesse recuperar, Dylan ergueu-lhe a cabeça e esmagou-a contra a parede.

Foi um golpe brutal. Ouviu-se o som de algo a estalar. Alice desconfiou que a cabeça de Kehoe partira o gesso da parede. Ou isso... ou fora o próprio crânio do homem que se partira.

Dylan puxou-lhe a cabeça para a frente e voltou a atirar com ela contra a parede. O corpo de Kehoe caiu inanimado. Descaiu vários centímetros contra a parede, mas Dylan ainda o estava a agarrar pelo pescoço com força. Puxou-lhe de novo a cabeça para a frente.

— *Chega*, Dylan — gritou um homem, ofegante. — Vais matá-lo!

Era como ver a cena através de um tanque cheio de água. Tudo era baço e abafado. Ela viu um homem espreitar pela parede aberta da despensa. Estava fardado. Era Jim Sheridan. Era demasiado grande para caber no espaço já demasiado cheio.

— *Dylan* — bradou Sheridan.

Dylan imobilizou-se.

Lentamente, virou-se e encontrou o olhar de Alice. Naquele rápido segundo, ela soube que matar Kehoe era precisamente o que ele planeava fazer, antes de Jim os encontrar. Não pestanejou por causa da sua ferocidade, mas estava a ter dificuldade em impedir as pálpebras de se fecharem e perder a consciência outra vez. A mão de Dylan na garganta de Kehoe abriu-se. O corpo do homem deslizou e estatelou-se no chão.

Alice olhou fixamente o rosto de Dylan enquanto ele se aproximava. Ele agachou-se e tocou-lhe com suavidade a pele no lado das costelas. Recordou vagamente que tirara a *T-shirt* porque a traía na escuridão.

Toda a focada selvajaria que se gravara no rosto atraente de Dylan derreteu, apenas para ser substituída por uma dor pungente e impotente. Aquele misterioso e inexplicável laço que partilhavam desde crianças foi como um nervo a ser repuxado. Ele estava a sentir a sua dor, naquele momento, e ela detestou isso.

— Vai correr tudo bem, querida — murmurou Dylan, a mão a mover-se e o olhar a percorrê-la ansiosamente, em busca de ferimentos.

— O meu ajudante já chamou uma ambulância. Não a movas, Dylan — disse Jim Sheridan, mas o olhar de Alice não se desviou do rosto de Dylan. Não queria parar de olhar para ele.

— Está tudo bem. Eu estou bem. Mas o *Thad* — sussurrou, rouca. A expressão de Dylan contraiu-se.

— O que é que tem o Thad?

— Lutou com o Kehoe no penhasco. Se calhar ainda lá está... ferido — conseguiu dizer. O esforço para falar deixou-a exausta. Uma lágrima deslizou pela sua face. Céus, e se fosse pior. E se Kehoe matara Thad? Ela não o devia ter deixado. Ele salvara-a, e ela abandonara-o.

— Chh, querida, vai correr tudo bem — ouviu Dylan dizer, mas a sua voz estava muito abafada. Ele disse qualquer coisa a Jim num tom curto, e o xerife respondeu-lhe, mas ela já não conseguia decodificar

as palavras.

Entrou na escuridão sem dar mais luta. Era uma escapatória, sabia-o, um evitar de tudo o que era feio. Mas, naquela altura, já não temia sucumbir.

Dylan estava ali, e era seguro.

A primeira coisa que Alice viu quando acordou no hospital foi Dylan. Estava a olhar diretamente para ela, como se soubesse que se encontrava à beirada da consciência... como se tivesse estado à espera que acontecesse. Todo o seu corpo doía, mas pouco importava. Estava concentrada apenas nele. Por um momento, nenhum dos dois falou enquanto olhavam um para o outro. Para Alice, era como se o estivesse a beber. Recordou vagamente, como se recordasse um sonho enevoado, que ele estava a usar exatamente a mesma camisa branca, calças de fato e gravata na noite anterior...

...na despensa.

Estremeceu quando a gráfica e aterradora memória lhe invadiu a consciência. Desesperada, tentou concentrar-se no momento. Em Dylan.

Havia manchas de sangue na frente da sua camisa. O vermelho vivo parecia gritar contra o fundo branco como neve. Percebeu que as manchas deviam ter vindo dela. Não recordava a ambulância nem a chegada ao hospital, mas, em algum ponto, ele encostara-se a ela e ficara com sangue em cima.

Dylan levantou-se devagar, com os olhos escuros muito brilhantes enquanto a olhavam. Ela ergueu uma mão para lhe tocar e percebeu que estava ligada e que tinha um tubo inserido no braço. Franziu o sobrolho. Ele prendeu-lhe suavemente o braço e voltou a baixá-lo sobre a cama. Manteve a sua mão ali. A quente pressão do seu toque confortou-a.

— Vais ficar bem. — A voz era longínqua. Abafada. Virou a cabeça. Ele leu a pergunta nos seus olhos. — Puseram-te a soro para te manter hidratada, uma vez que estiveste inconsciente durante algum tempo e não podias tomar líquidos. A tua cabeça foi o que ficou pior. Tens bastantes cortes e equimoses, mas nada que não passe por completo com o tempo. A maior preocupação deles é com a pancada na cabeça.

— Estás... — Ela engoliu. Sentiu a garganta muito seca. Dylan reparou na sua dificuldade e pegou num jarro na mesa lateral. Encheu-lhe um copo com água. Ergueu-lhe a cabeça da almofada e

levou-lhe o copo aos lábios. Alice bebeu, o líquido fresco a parecer o nirvana na sua garganta encortiçada.

— Estás bem? — completou um momento depois, quando ele voltou a pousar-lhe a cabeça na almofada e a pôr o copo de lado.

Dylan fez-lhe um pequeno sorriso. O coração dela fez um pequeno espasmo com a visão. Tivera saudades dele. Não o via desde que ele partira da cidade na terça-feira, mas era mais do que isso. Era como se aquelas provações no penhasco e na despensa tivessem ocupado um ano no seu cérebro.

A noite anterior envelhecera-a.

— Estou perfeitamente bem — disse ele, voltando a pousar a mão no seu antebraço. — Bem melhor agora, que acordaste — acrescentou.

— Obrigada por teres vindo — sussurrou acaloradamente.

A mão dele fechou-se em volta do seu braço, e depois soltou-a de imediato, como se pensasse que a podia partir. Alice percebeu pela sua expressão que ele percebia que lhe estava a agradecer por lhe ter salvo a vida, não por estar naquele quarto de hospital.

— Só lamento não ter chegado mais cedo.

Ela olhou em volta do quarto, a ver o que a rodeava.

— Lembras-te de tudo o que aconteceu, Alice? — perguntou ele num tom cauteloso. — O médico tem medo que possa haver alguma perda de memória.

Ela fez um aceno afirmativo.

— Acho que me lembro de tudo. Mas há muita coisa que não compreendo.

— Temos estado a tentar perceber a cadeia de eventos. Sei pelo Dave Epstein que o Kehoe te enviou aquela mensagem no meu nome, através da cozinha. — Fez uma careta, como se tivesse sentido alguma dor. — Alice, eu acho que devia estar na casa quando ele te atacou pela primeira vez. Lá em cima. Saí para ir ter contigo, mas isso deve ter sido praticamente ao mesmo tempo que o Kehoe te levou para o penhasco e o Schaefer fez tocar o alarme.

— Levei uma pancada na cabeça e apaguei. Não sei por quanto tempo — admitiu ela. — Quando acordei, ele estava a arrastar-me pelo jardim, e estava escuro. Se te ouviu chegar, deve ter esperado na casa até saíres.

Lamentou dizer aquilo quando viu a inclinação zangada na boca dele. A visão de Dylan a atacar Kehoe voou para a sua mente. Uma sombra cruzou as feições firmes de Dylan, e ela perguntou-se se ele acabara de recordar a mesma coisa.

— O Kehoe? — fez, a voz rouca.

— Vai sobreviver — replicou ele, a expressão a transmitir que não estava propriamente satisfeito com aquela notícia. — Está estável.

— Está... o Kehoe está aqui? Neste hospital? — quis saber, inquieta.

— Não. A ambulância levou-o para o County General. É onde os prisioneiros do condado recebem cuidados médicos. Estão mais habituados a guardas policiais do que no Morgantown Memorial.

Ela respirou fundo, aliviada por saber que Kehoe não se encontrava debaixo do mesmo teto. A boca de Dylan tornou-se sombria, e Alice percebeu que ele lera a sua ansiedade e subsequente alívio ao perceber que Kehoe estava noutro hospital e sob custódia.

— Ele é um homem horrível, doentio — balbuciou.

— Nunca mais vai voltar a incomodar-te, Alice. Nunca.

Ela tinha tantas perguntas para lhe fazer, mas a exaustão pesava mais. Como teria Kehoe entrado na casa sem ativar o alarme? Estaria a falar com a polícia? A admitir a sua culpa? Estaria mais alguém ferido?

— O Thad está bem? — conseguiu dizer fracamente.

— Está um bocadinho maltratado, mas vai ficar bem. Dão-lhe alta esta tarde. — Levantou a mão quando ela abriu a boca para lhe fazer outra pergunta. — Eu sei que tens perguntas, querida. Eu também. Mas agora não é a altura certa. Tenho de ir dizer à enfermeira que acordaste. A médica queria ser chamada para te examinar. Prometi que o faria assim que abrisses os olhos. Por isso, por agora, só tens de saber que estás em segurança e vais recuperar rapidamente. Está bem?

Ela fez um aceno afirmativo, mas sentiu-se ansiosa quando ele começou a afastar-se.

— Já volto — sussurrou ele suavemente antes de se debruçar sobre a proteção e roçar a boca nos seus lábios. Alice fechou os olhos, saboreando o contacto da pele de Dylan contra a sua. Depois ele desapareceu.

Esforçou-se ao máximo para ficar acordada, mas podia jurar que as pálpebras pesavam quinze quilos cada.

Não conseguiu vencer os pesos nos olhos. Acordou por volta do meio-dia, esfomeada. Dylan ficou com ela enquanto comia a sopa de massa chinesa com galinha e uma sanduíche de queijo grelhado. Estava com tanta fome que aquela sanduíche foi a melhor coisa que alguma vez

tinha comido em toda a sua vida. Ficou contente por ver alguma da pura preocupação abandonar o rosto de Dylan enquanto a observava a devorar aquela simples refeição. A seguir, a Dr.^a Sheldrake examinou-a e declarou que ela não mostrava sinais de danos neurológicos. Explicou que ainda precisava de fazer mais testes, porém, e marcou uma ressonância magnética para aquela tarde.

— Quando é que vou terminar? Tenho de estar num sítio, esta noite — disse à médica quando ela terminou o exame. A testa da médica franziu-se e ela olhou de relance para Dylan.

— Infelizmente, não vai poder ir a lado nenhum, esta noite, Alice. Terá de ficar connosco até segunda de manhã, talvez mais tempo, dependendo do resultado dos exames. Sofreu um grande traumatismo na cabeça. Queremos ter a certeza de que não houve danos graves no seu cérebro.

Alice olhou para Dylan, o pânico a inundá-la.

— Mas os meus miúdos! É a última noite de campo. Esta noite vão entregar o troféu de equipas. Se não os vir esta noite, eles vão-se embora e... — Calou-se porque a sua voz ficara a tremer com a mera ideia.

— Tenho muita pena, querida, mas ouviste a doutora.

— Mas...

— Não há nenhum mas — disse Dylan com mais firmeza, desta vez, mas havia compaixão nos seus olhos escuros. A médica murmurou alguns lugares comuns e factos médicos sobre traumatismos cranianos, que Alice ignorou, e saiu do quarto.

Ela deixou-se descair nas suas almofadas, desolada. Não podia acreditar. Depois de tudo o que vivera naquele campo — todo o esforço, ansiedade, risco e triunfo — ia perder o dia mais importante. A Equipa Vermelha tinha tantas hipóteses de ganhar o troféu do Campeonato por Equipas, e ela tinha tantas coisas para dizer aos seus miúdos antes de eles partirem. Podia nunca mais voltar a vê-los. Só lhe apetecia chorar. Céus, desprezava Sebastian Kehoe por muitas razões, mas aquele particular roubo da sua vida tinha de estar mesmo no cimo da lista.

— Achas que os miúdos poderiam vir visitar-me antes de voltarem para casa amanhã? — perguntou a Dylan, a voz a falhar.

Ele pareceu algo dilacerado.

— Acho que não percebes aquilo por que passaste.

— Tenho um traumatismo e alguns cortes e arranhões! Foste tu próprio que o disseste.

Ele inspirou fundo e fechou os olhos. De repente, levantou-se e começou a sair.

— Dylan?

— Já volto.

Regressou um minuto depois trazendo um espelho de mão. Pareceu muito solene quando lho passou. Alice pegou nele com um ar desconfiado e uma mão ligada. Ergueu-o ao rosto.

Os seus pulmões bloquearam. Olhou, incrédula, por vários segundos, antes de devolver o espelho a Dylan, sem uma palavra. Ele pousou-o na mesa de cabeceira. Lágrimas cresceram nos olhos dela no silêncio que se seguiu.

— A polícia quer falar contigo, e o FBI também — disse Dylan em voz baixa. — A Dr.^a Sheldrake não os deixa entrar para falar contigo enquanto não terminar os exames e dar o seu *okay*. Duvido seriamente que vá permitir que um bando de adolescentes cá venha. Eu só consigo entrar porque... bem, porque não aceitei uma recusa, em primeiro lugar. E desconfio que o donativo da Durand para a construção de uma nova ala pediátrica aqui no hospital provavelmente também ajudou a minha causa — acrescentou secamente em surdina. — Mas a verdadeira razão por que a Sheldrake fez uma exceção no meu caso foi o facto de estares sempre a dizer o meu nome, quando entraste. Só eu é que te consegui acalmar, por isso acho que ela viu o meu valor. Mas não vai concordar com um quarto cheio de miúdos.

Alice não discutiu. Mudara de imediato de ideias quando se olhara ao espelho. A última coisa que queria era que eles a vissem daquela maneira. A sua cara era uma polpa escura e ensanguentada, depois de esbarrar contra aquele muro de pedra. Parecia um espírito maligno com ligaduras.

— Tens a certeza que nenhuns dos danos são permanentes? — perguntou, trémula, envergonhada da sua vaidade num momento daqueles.

— Tenho — assegurou Dylan, tocando-lhe no ombro. — Não te preocupes com isso. As escoriações vão levar algum tempo a curar e as equimoses a desaparecer, mas são danos superficiais. Não partiste nenhum osso, graças a Deus. Acham que não vai haver cicatrizes graves. — Acariciou-a. O seu calor fê-la derramar uma das lágrimas que tinha nos olhos. — Desculpa por te fazer saber desta maneira, mas pensei que tinhas de compreender.

Ela anuiu. Era muito difícil conter a sua desilusão.

— O que é que estão a dizer aos meus miúdos sobre a razão para não estar lá para a apresentação dos troféus? — perguntou.

— Falei com o gestor dos recursos humanos, o Guy Morales, que estava mesmo abaixo do Kehoe e vai assumir as suas funções por agora, para ele falar com os outros gestores, os principais funcionários do campo e os outros monitores sobre os pormenores básicos do que aconteceu no castelo ontem à noite. O Guy vai determinar qual dos gestores está mais familiarizado com os teus miúdos, para ser essa pessoa a contar-lhes a notícia. A comunicação social foi informada de que foi efetuada uma detenção ontem à noite e que houve duas agressões e uma entrada forçada no castelo, mas não foram divulgados quaisquer nomes ou pormenores. Esta deve ser a primeira vez que os teus miúdos sabem da história, e depois será feito um anúncio mais generalizado por todo o campo. Quem contar a notícia aos miúdos vai ter o cuidado de lhes garantir que vais ficar bem.

Alice fungou. Dylan passou-lhe um lenço de papel sem dizer nada.

— A Jessica Moder é quem os conhece melhor, mas não sei se vai estar capaz disso. Apanhou gripe na quinta à noite — disse Alice. — Preferia que fosse o Dave Epstein ou a Kuvi a dizer-lhes. E... e por favor, pede-lhes que fiquem atentos à Jill Sanchez. Provavelmente vai ficar mais perturbada do que qualquer um dos outros. Podes fazer um pedido especial para pedirem à Judith Arnold, a líder da equipa, para olhar especialmente por ela? Embora ela provavelmente o faça na mesma.

— Vou dizer tudo isso ao Guy. Alice, achas que consegues falar agora com a polícia sobre o que aconteceu?

— Disseste que o FBI também estava aí. Há bocado.

Ele fez um aceno afirmativo.

— Era o que tinha planeado dizer-te quando nos encontrássemos ontem à noite. Parece que o Jim Sheridan andou a fazer umas investigações por conta própria e fez a ligação entre a Sissy e o Avery Cunningham, o que confirmou o que ele já suspeitava, que és a Addie Durand. Quando me confrontou, contei-lhe tudo o que sabia. Ele contactou o FBI com a informação ontem à noite. Chegaram dois agentes a Morgantown para nos interrogar esta manhã, só para descobrirem que estavas aqui no hospital e o seu ficheiro arquivado tinha voltado à vida da forma mais dramática possível. — Fez uma careta. — Já me fizeram perguntas, a mim e ao Thad. Estão muito ansiosos por falar contigo.

— Não quero falar com eles.

— Tenho muita pena, Alice. Tenho mesmo. Mas não consigo impedi-los de...

— Não... Eu só queria dizer que não quero falar com eles enquanto não falar contigo — interrompeu-o ela. — Sobre as coisas que o Kehoe disse ontem à noite, quando me atacou. — A memória, subitamente fresca no seu cérebro, fê-la estremecer e engasgar-se.

— Alice? — Dylan levantou-se e aproximou-se mais. — Vais vomitar?

Ela abanou a cabeça, controlando a sua reação instintiva o melhor que conseguiu.

— Acho... acho que o Kehoe pode ser o meu pai biológico — disse ela rapidamente, antes que a náusea voltasse a subir-lhe à garganta.

— Não — disse Dylan com abrupta firmeza.

Ela sentiu-se afogar na infelicidade. Sabia que Dylan nunca quereria acreditar que ela não era filha de Alan Durand, mas não pensara que o iria negar tão terminantemente. Precisava de lhe contar antes de dizer à polícia e ao FBI, ou, pior ainda, antes que Kehoe o confessasse e Dylan descobrisse a verdade da pior maneira. Fora por Alan que Dylan sentira tanta lealdade. Fora pela dor de Alan com a perda de Addie que Dylan sentira aquela culpa durante toda a sua vida e experimentara uma obrigação pessoal de resolver as coisas.

Era um sofrimento para ela ter de lhe dizer que toda a sua culpa e a sua missão de a ver regressar ao seu lugar de direito como filha de Alan Durand fora para nada.

— Tu não compreendes — sussurrou ela a tremer. — O Kehoe disse-me que ele e a Lynn tinham tido um caso. Ela queria tanto ter um bebé que traiu o Alan porque ele não conseguia engravidá-la.

— Eu sei — disse Dylan calmamente. — Eu sei disso tudo.

— O quê? — perguntou Alice, certa de que não ouvira bem.

— Ontem à noite descobri alguns dos diários da Lynn. Comecei a perguntar-me porque é que a Lynn diria a uma criança de três ou quatro anos para se esconder sozinha em lugares escuros e assustadores. Parecia-me completamente desfasado do que conhecia dela. Ela raramente te perdia de vista. Depois lembrei-me de teres dito que os esconderijos também eram dela, e, não sei... foi como um clique. Voltei para o castelo e inspecionei alguns dos compartimentos secretos. No teu antigo quarto, encontrei quatro dos diários da Lynn num quarto secreto que a Deanna Shrevecraft me tinha mostrado uma vez. Acho que a Lynn os deixou lá de propósito por causa do seu conteúdo, para serem encontrados um dia.

— O que é que diziam?

— São os agentes Clayton e Rogers que os têm neste momento. Estão a guardá-los como provas, mas acho que tos vão deixar ver, quando estiveres pronta. Mas eu já os li e sei isto — disse vincadamente. — Tu *não* és filha do Sebastian Kehoe. A Lynn acabou com ele meses antes de saber que estava grávida de ti. Nos seus diários, ela mencionava que a altura do seu caso com o Kehoe foi suficientemente próximo da sua gravidez para a fazer ter medo, ao princípio.

— Então, ele ainda *pode* ser meu pai?

Dylan abanou a cabeça resolutamente.

— Não, depois ela percebeu como estava no início da gravidez. Infelizmente, a proximidade *era* suficiente para fazer com que o Kehoe questionasse se podia ser o pai. Mas ela tinha mais provas de que não era. Apesar de insistir com ele, o Kehoe continuou a acreditar nisso durante anos, depois de ela o deixar. A Lynn tinha-lhe dito durante o relacionamento que o Alan tinha alguns problemas médicos e que a hipótese de conceberem um filho era tão residual que quase se considerava uma impossibilidade. Talvez estivesse relacionado com o facto de o Alan ter sido diagnosticado mais tarde com cancro testicular. — Abanou a cabeça. — Não sei. O que *sei* é que Alan e Lynn se referiam sempre a ti como um milagre. Eu pressentia a dose de emoção por detrás dessa palavra quando a diziam. Se tudo isto é verdade, então, para *elas*, era mesmo no sentido literal, não no figurativo da palavra. Em especial para a Lynn, que teria desistido da esperança de ter um bebé depois de acabar tudo com o Kehoe e resolver nunca mais voltar a ser infiel a Alan. Mas como Kehoe estava armado com o conhecimento da suposta impossibilidade de Alan ter um filho, não desistia da ideia de que era ele o pai.

»Persegui a Lynn por causa disto durante anos. Estava obcecado por ela, e destroçado pelo rompimento. Infelizmente para a Lynn, Morgantown não é uma cidade grande, e o enclave dos funcionários da Durand é ainda mais pequeno. Ela era obrigada a encontrar-se com Kehoe em várias ocasiões, em jantares de negócios e outros eventos. Quanto mais o evitava, mais obcecado ele se tornava. A Lynn tinha pavor de que ele contasse a Alan do caso que tinham tido. Acho que vivia diariamente com medo, mas fez tudo o que estava ao seu alcance para esconder esse facto do Alan e de ti.

— Foi por isso que me ensinou a esconder-me? Por causa dele? — perguntou Alice, com arrepios a percorrerem-lhe a pele. Era incrível,

mas, vinte e poucos anos depois do facto, fora precisamente isso que acontecera. Alice fora atacada por Kehoe e escondera-se num dos sítios que Lynn lhe indicara. Provavelmente teria funcionado, se não estivesse tão desorientada que não percebera que estava a deixar um rasto de sangue que conduziu Kehoe até ela.

Dylan anuiu.

— A Lynn ficou com pavor do Kehoe. A verdadeira prova de que não eras a filha dele estava no teu tipo de sangue. Vários meses antes do teu quarto aniversário, ela finalmente mostrou-lhe os teus registos médicos e alguns artigos sobre provas de paternidade através do grupo sanguíneo. Chamou o Kehoe ao castelo para um encontro privado enquanto o Alan estava fora da cidade em trabalho. O Kehoe ficou enraivecido quando ela lhe apresentou os factos. Já não podia continuar a agarrar-se à ilusão de que era o pai da filha do amor da sua vida... ou que alguma vez ela voltaria para ele.

— E bateu-lhe, não foi? — perguntou Alice, monocórdica.

— Sim. Parece que lhe deu com um taco no lado da cabeça. — Instintivamente, Alice tocou no lado esquerdo da cabeça. Fora onde Kehoe a atingira para a fazer desmaiar. O golpe que mais preocupava a médica. Pensar que Lynn, a sua mãe, sofrera um ferimento semelhante da parte do mesmo homem era outro triste mas firme laço entre ambas. Dylan reparou no gesto e a sua expressão endureceu.

— Continua, por favor — insistiu Alice.

Ele inspirou fundo.

— Tu estavas com uma *baby-sitter*, mas ouviste a Lynn gritar quando ela foi atingida. Correste para o escritório. Ela estava a sangrar da orelha e...

— Ela ficou aterrada por ter-me na mesma divisão que ele e disse-me para fugir e me esconder — terminou Alice.

— Essa era outra verdadeira recordação. Talvez a mais antiga que tinhas — disse Dylan em voz baixa. — Estava errado quando te disse que nunca aconteceu.

— Porque é que ela não o denunciou? — exclamou Alice de súbito. — Porque é que não disse à polícia, quando fui raptada, que o Kehoe podia ser responsável? E *foi*, a propósito — acrescentou rapidamente. — O Kehoe admitiu ontem no penhasco que tinha contratado Cunningham e Stout.

Dylan estacou.

— A sério?

— Ah, sim. Mas porque é que a Lynn não disse nada depois do

rapto? Tinha medo que o Alan descobrisse o seu caso com o Kehoe?

— Não. Não me parece que isso tivesse impedido a Lynn de expor a sua infidelidade, se julgasse que isso te traria de volta.

— Então, *porquê*? Porque é que não disse nada do Kehoe? — perguntou ela, frustrada e zangada com uma mulher de quem possuía apenas pequeníssimos vislumbres, e, no entanto, com quem partilhava o mais elementar dos laços.

Dylan envolveu-lhe o ombro com uma mão, acalmando a sua vaga de fúria impotente.

— Ele tinha-lhe batido num acesso de raiva quando ela lhe apresentara a prova de que não eras sua filha. Talvez já lhe tivesse batido antes, e ela estava com vergonha. Não sei. Nunca o disse especificamente nos seus diários. Fiquei com impressão pela sua escrita que a relação entre eles tinha sido sexualmente intensa na melhor fase, volátil na pior. Discutiam muito: o Kehoe queria que ela deixasse o Alan, e a Lynn recusou.

»Mas a principal razão por que acho que não disse nada teve a ver com o facto de ela não acreditar que Kehoe fosse capaz de raptar uma criança. Quer gostasse disso quer não, ela julgara-se apaixonada por ele, num breve momento na sua vida. Não acreditava que ele faria de ti o alvo da sua fúria por ter sido rejeitado. Poderia ter medo que lhe fizesse mal a *ela*, e que talvez fosses magoada se estivesse por perto. Vocês estavam quase sempre juntas. Mas não me parece que ela alguma vez tenha acreditado que ele seria capaz de planear qualquer coisa *exclusivamente* contra ti, quanto mais tentar *raptar-te* e matar-te. Os seus diários indicam que nunca conheceu um lado no seu carácter que fosse *tão* negro.

E porque Lynn fora incapaz de o ver, Alice fora forçada a isso por ela. Era um pensamento muito pouco caridoso para se ter sobre uma mulher que sofrera tanto... sobre uma mulher que era a sua mãe biológica. Alice sabia-o. Fechou as pálpebras com força. A ação repuxou-lhe as escoriações no rosto. Abriu de imediato os olhos a arder.

— A Lynn soube a verdade acerca dele — disse ela. — No final, soube. O Kehoe contou-me junto ao penhasco que não podia deixar que aquilo acontecesse. Não podia deixar que o rei rico e a linda rainha e a princesinha vivessem o seu sonho idílico no castelo. *Disse* mesmo qualquer coisa deste género — disse ela numa voz rouca, enojada com a memória. Limpou com cuidado os cantos dos olhos.

— Provavelmente odiava-te pelo que simbolizavas, depois de

perceber que não eras dele — disse Dylan após uma pausa, a acariciar-lhe o ombro. — Mas, para além disso, soube que se privasse o Alan e a Lynn da filha, estava a garantir a infelicidade de ambos.

Ela inspirou fundo e estremeceu, levando o lenço ao canto do olho para conter a vaga de lágrimas. Faziam-lhe arder os cortes.

— Porque é que não me disseste que ela saltou do penhasco?

— Desculpa — disse ele, de cabeça baixa. — Nunca me perguntaste como ela morreu. Estava a tentar seguir o conselho do Sidney de dizer-te apenas as coisas quando pareces preparada para elas. Desconfiei que devias saber, no fundo, que ela tinha morrido de uma forma trágica, dadas as circunstâncias. Pensei que até devias ter ficado com pistas disso, por causa daquela maldita história de fantasmas que os miúdos contam. Mas, embora pensasse que devias desconfiar, nunca perguntaste. — Ela olhou para ele. Dylan parecia tão infeliz como ela se sentia.

— Ele estava com ela. O Kehoe. Quando ela caiu.

— *O quê?* Ele...

— Não, não a empurrou. Ou, pelo menos, foi o que me disse. Mas foi ele que a matou.

— O que é que queres dizer com isso?

Ela franziu o lábio ao recordar. As coisas começavam a encaixar-se nos seus sítios.

— Que grande cabrão — sussurrou. — Ele sabia que estavam a voar os boatos de que eu já devia estar morta. Disseste-me que, depois de Jim Stout confessar, a polícia e o FBI ficaram convencidos disso mesmo. Foi então que ele confrontou a Lynn no penhasco, quando ela estava tão cheia de medo e de dor, vulnerável por causa do que o FBI estava a desconfiar.

— Ela caiu numa depressão grave, depois de seres raptada. Acreditava que estava a ser castigada pela sua infidelidade. Estava nos seus diários.

— Foi nessa altura que o Kehoe lhe contou tudo, quando ela estava tão fraca — disse Alice. Fechou as pálpebras a arder. Queria chorar livremente, mas o seu corpo não lhe oferecia energia suficiente para isso. — Disse-lhe que tinha a certeza de que Addie estava morta — fez uma pausa, suprimindo um soluço — porque fora ele que contratara e dera a ordem aos raptos. E depois não impediu a Lynn de saltar da falésia, quando soube da notícia.

»Ele ia atirar-me daquele penhasco, ontem à noite. Disse que viria atrás de mim, e que ficaríamos partidos e a sangrar juntos. Foi como

se estivesse tudo a acontecer outra vez para ele, o que aconteceu com a Lynn. Disse que desejava ter-se suicidado com ela, para poderem estar juntos. Vê só como é louco. Não parou de se comportar como se me odiasse mais do que a qualquer outra coisa no mundo, e no segundo seguinte falava dela como se fosse a perfeição em pessoa. Planeava suicidar-se depois de me matar, acho eu. Sabia que já desconfiavas dele, e que podia ficar debaixo de fogo se a investigação ao rapto recomeçasse em força por eu ter voltado. Já tinha ciúmes de ti e odiava-te por causa da tua relação com o Alan — disse ela, a olhar para Dylan.

— Ele *desprezava* a ideia de estarmos juntos e felizes, a controlar a empresa, em especial depois de tudo o que passou para boicotar a felicidade da Lynn e do Alan. Foi por isso que me disse na outra noite na fogueira que não ia deixar que acontecesse *outra vez*. Não ia ficar a ver-me partir contigo ao pôr do sol. — Soltou uma gargalhada amarga, que se misturou com um soluço contido. — Em vez disso, queria ver-me acabar no mesmo sítio que a Lynn e deixar-te a sofrer como o Alan. Disse qualquer coisa sobre morrer satisfeito pela tua infelicidade quando me visses naquelas rochas. O facto de estar a ponderar suicidar-se ontem à noite pode significar que tinha desistido de disfarçar o seu ódio e obsessão... a sua doença.

— Jesus. — Alice ergueu o olhar. As feições rígidas de Dylan quebraram-se brevemente. Ele pressionou os lábios na sua têmpora. Ela sentiu a sua intensa tristeza. Estendeu a mão ligada e tocou-lhe no ombro, para absorver o rasgo de emoção que lhe percorria o corpo poderoso.

— Queres que fale agora com o FBI e a polícia? — perguntou-lhe debilmente ao fim de um momento.

Ele endireitou-se e abanou a cabeça.

— Não? — estranhou ela.

— Agora descansa — disse ele, o olhar a percorrer-lhe a face. Alice odiou pensar no que ele via quando a olhava. — Mal consegues manter os olhos abertos. Vou transmitir aos agentes o que me contaste, para eles não estarem completamente em branco quando te vierem interrogar. Isso deve tornar as coisas um pouco mais fáceis para ti. Se te sentires pronta para isso depois de descansares e do teu exame, podes falar com eles nessa altura.

Alice anuiu. Ele estava a evitar o seu olhar, o que a incomodou profundamente. Abriu a boca para questionar a sua preocupação, mas ele interrompeu-a com um beijo suave mas firme nos lábios. O coração

dela afundou-se um pouco quando ele se virou e saiu do quarto.

Teria medo, no fundo, que ela não fosse mesmo filha de Alan Durand? Vagas preocupações antigas regressaram para a assombrar, agora mais claras e a brilhar como letreiros de néon no seu cérebro. Dylan *queria* acreditar que ela não era filha de Kehoe, talvez tanto quanto Alice o desejava. A ideia de ser prole daquele monstro transformava-lhe as entranhas em gelo. Mas só porque isso os deixava desconfortáveis não podiam simplesmente assumir que não era sequer possível. Mesmo que não fosse filha de Kehoe, não era possível que Lynn tivesse dormido com outra pessoa qualquer? Não seria esse um cenário mais provável do que acreditar que Addie Durand era um bebé milagre?

O que aconteceria se o resultado do exame de ADN mostrasse que não era filha de Alan? Ficaria muito desapontada, depois de ouvir a voz de Alan naquele sonho, depois de sentir tanta emoção associada com ele. *Papá*.

Mas Dylan provavelmente também ficaria devastado.

Concentrara-se ao ponto da obsessão, durante a maior parte da sua vida, em encontrá-la. Agora que sabia a verdade, mudaria isso o que sentia por ela?

Alice deu o seu depoimento à polícia e ao FBI nessa noite depois do jantar. Quando os agentes entraram no seu quarto pela primeira vez, carregando caixas do que parecia ser equipamento eletrónico, Dylan entrou com eles.

— O que é isso tudo? — perguntou Alice, pouco à vontade, depois de ter sido apresentada aos agentes especiais Clayton e Rogers. O mais velho, Clayton, lançou a Dylan um olhar vincado. Este aproximou-se mais da sua cama, e Alice teve o pressentimento de que os agentes lhe tinham pedido que lhe desse mais alguma notícia.

— O que foi? — sussurrou, estudando-lhe os lábios com atenção, à espera.

— Alice, os agentes precisam de te fotografar.

Alice empalideceu.

— Eu estou horrível — sussurrou. A última coisa que queria era ter desconhecidos a tirar-lhe fotografias.

Ele fez uma careta.

— As tuas lesões constituem provas. Se o Kehoe se declarar inocente do teu ataque...

— Ele vai declarar-se inocente? — perguntou ela num tom agudo.

— Ainda não sabemos. Ele continua no hospital e tem estado apagado grande parte do tempo. Quando acorda, não diz grande coisa. A questão é que, se isto *chegar* a ir a tribunal — continuou Dylan calmamente — o teu estado é uma prova importante. E, mesmo que não chegue a tribunal, é informação valiosa para a questão da sentença. Tenho muita pena, querida. Não há maneira de o evitar.

— Não, tudo bem — disse ela depois de uma pausa. — Se todas estas nódoas negras e ligaduras tornarem mais provável que o Kehoe apanhe a sentença mais severa possível, então vai valer a pena.

— Estava com esperança que visses as coisas dessa maneira. — Alice ergueu o olhar para ele quando não o viu desviar-se. — Há mais uma coisa. Também querem filmar a entrevista.

A boca de Alice abriu-se. Queria fazer tudo o que pudesse para pôr Kehoe atrás das grades pelo que lhe tinha feito... pelo que tinha feito a Lynn e Alan. Mas nunca se sentira mais vulnerável.

A boca de Dylan curvou-se num pequeno trejeito quando viu a reação dela.

— Vou dizer-lhes que, se querem filmar o depoimento, terão de o fazer noutra altura.

— Não, tudo bem — disse Alice suavemente.

— Tens a certeza? — perguntou ele em voz baixa. — Porque não posso ficar contigo. Acho que eles não querem correr o risco de eu influenciar a tua história.

Alice esforçou-se para ocultar o seu desapontamento com isto.

— Claro. Eu fico bem — assegurou-lhe. Viu a hesitação dele. — Além disso, precisas de ir para casa, tomar um duche e descansar um pouco — disse-lhe. O seu olhar desceu significativamente. — O meu sangue não é o acessório que mais te favorece, sabes. — Dylan não saíra do hospital, nem sequer enquanto ela fazia os exames, por isso ainda tinha a camisa suja de sangue.

— É um acessório que nunca mais quero voltar a usar. — Alice teve de se esforçar para ouvir a sua voz murmurada. Ele endireitou-se, olhando os agentes de soslaio. — Ela cansa-se muito facilmente — disse a Clayton. — Não a deixem esforçar-se demasiado.

O agente anuiu.

— Só tem de nos dizer se ficar cansada, Alice, e nós podemos terminar amanhã.

Dylan pareceu um pouco mais descansado. Surpreendeu-a um pouco quando se virou de novo para ela e a beijou na boca, ignorando

os agentes. O seu coração deu um pulso com a sensação dos lábios quentes e firmes contra os seus. Acompanhou o seu ritmo lento e delicioso, retribuindo o beijo por um momento fugaz.

— Tens a certeza que não te importas de fazer isto agora? — perguntou ele, a boca a roçar na dela.

Alice fez um aceno afirmativo.

— Quero acabar de vez com o assunto.

— Então, volto mais tarde — assegurou-lhe, hesitante.

— Não achas que era melhor descansares no castelo e voltares amanhã? — sussurrou ela.

— Volto logo à noite — repetiu.

Foi abalada por uma sensação de incerteza. Tivera de lhe ler os lábios para o compreender. Estaria Dylan a falar assim tão baixo? Ele endireitou-se, lançando aos agentes aquilo a que Alice podia apenas chamar um olhar de aviso, e saiu da sala.

Alice não tinha a certeza de como interpretar aquele beijo na frente dos agentes. Estariam agora a declarar a sua relação ao mundo? Desconfiava que talvez ele estivesse apenas a dizer-lhe que não precisava de ter problemas em revelar o seu envolvimento. Não tinham tido muitas oportunidades para discutir o seu depoimento aos agentes. Aquele beijo encorajara-a mais do que qualquer outra coisa desde que tinha acordado e o vira sentado ao seu lado na cama. Parecia dizer: *Conta a verdade. O tempo dos segredos acabou, e não tens nada de que te envergonhar.*

Quando os agentes arrumaram o seu equipamento e saíram, ela estava bastante cansada. Fora difícil falar de Sissy e os Reed, sabendo que os agentes estavam a vê-los estritamente em termos da potencial colaboração com o rapto de Addie. Mas, para Alice, eles tinham sido muito mais do que isso. Eram uma família de que se envergonhava horivelmente, e desprezava de vez em quando... mas eram a sua família, apesar de tudo. Ou, pelo menos, assim julgara. Fez uma muda prece para que o tio Al já tivesse saído da caravana, como lhe pedira. Quanto aos outros, parecia-lhe tristemente inevitável e completamente fora do seu controlo fazer alguma coisa para impedir a mão do destino ou da justiça. Tudo lhe parecia tão maior do que ela.

Foi ainda mais difícil, ao princípio, falar de cada pormenor do seu encontro com Kehoe, mas tornou-se mais fácil com a continuação. Quando chegou à parte sobre Kehoe querer atirá-la do penhasco, o

agente fê-la parar. Pediu-lhe que recordasse exatamente o que Kehoe tinha dito, o melhor que conseguia, até ao fim. Estremecendo, Alice repetiu o que ele dissera sobre Lynn, o seu suicídio e as suas ameaças contra ela.

O agente especial Clayton acenou com a cabeça quando ela terminou.

— Isso condiz com o que o Schaefer ouviu, quando estava a chegar ao penhasco. Tem noção de que Schaefer andava a segui-la regularmente por ordens do Kehoe?

— Não. Quero dizer, sabia que o Thad andava algumas vezes atrás de mim, mas não sabia que era sob instruções do Kehoe. Está a dizer que o Thad me seguiu até ao castelo ontem à noite porque Kehoe lhe mandou? — perguntou, confusa.

— Não. Ele diz que o fez ontem à noite porque ficou preocupado consigo. Parece que já não estava inteiramente convencido de que as intenções do Kehoe a seu respeito fossem boas.

— Ele... hum... dizia que tinha um fraquinho por mim — admitiu ela, pouco à vontade. — Julgava que era por isso que me andava a seguir, ao princípio.

— Alguma vez correspondeu a esse interesse? — perguntou Clayton.

— Não. Deixei bem claro à partida que só queria que fôssemos amigos.

— Parece que Kehoe deu ordens a Schaefer para ficar de olho em si tanto quanto possível, aproximar-se de si, contar-lhe tudo o que acontecesse digno de nota. Ele contou que o pai e Kehoe são velhos amigos, por isso tinha uma confiança implícita no homem desde o princípio. Além disso, o Kehoe era o *big boss* aqui do campo... a pessoa que precisava de impressionar para ser contratado para a Durand. Sentiu-se obrigado quando o Kehoe lhe pediu para se aproximar de si, embora só mais recentemente tenha começado a perceber a razão.

— Acha que só fingiu gostar de mim para poder seguir-me com mais facilidade... e dar mais informação a Kehoe a meu respeito?

— O Schaefer nega-o, mas não ficaria surpreso se assim fosse.

— Mas ele salvou-me — disse Alice, franzindo o sobrolho. — Andou à luta com o Kehoe e tornou possível a minha fuga do penhasco.

— Começou a não confiar no Kehoe. Começou a sentir-se pressionado por ele a fazer coisas que não queria fazer, e pensou que o homem parecia estar a perder o controlo. Há pouco tempo, percebeu

que os seus motivos não eram os mais honrados. Claro — disse Clayton secamente — o Schaefer também não foi propriamente muito honrado. Sob as ordens de Kehoe, fez acionar o alarme da casa do Dylan Fall, há uma semana, ou coisa do género.

— Foi o *Thad* que fez isso?

— Ele admitiu — respondeu Rogers.

— Mas *porquê*?

— Foi Kehoe que planeou tudo. Parece que ele conhecia bem o sistema de segurança do castelo. Esteve lá muitas vezes em eventos de trabalho ou sociais, ao longo dos anos, o suficiente para reparar nos pormenores do sistema de alarme. A empresa de segurança chama-se Home Guard, e o quartel-general fica aqui em Morgantown. O Kehoe conseguiu insinuar-se junto de um empregado, subornou-o ou chantageou-o; ainda não sabemos bem. O empregado não tem sido muito falador, por isso suponho que tenha sido chantagem. Seja como for, Kehoe conseguiu que este tipo fizesse algum do seu trabalho sujo. — O agente Rogers fez uma pausa e consultou o seu bloco. — Um homem chamado Chester Greeson. O plano era o Schaefer ir mexer numas portas e janelas para fazer disparar o alarme. Kehoe ia mandá-lo fazer aquilo vezes suficientes até Fall pedir que o alarme fosse verificado pela Home Guard por causa de uma avaria. Parece que Fall teve o cuidado de os chamar logo depois da primeira ocorrência. O Greeson apareceu para fazer a verificação do serviço e programou um código de desativação adicional no sistema.

— Que depois passou ao Kehoe, dando-lhe acesso — continuou Alice.

— Isso mesmo — respondeu Clayton. — Depois de o Schaefer nos contar o que sabia, fizemos uma visita ao Greeson, esta manhã.

— Ele vai admitir o que fez e acusar Kehoe?

— Já o fez. É por isso que temos a informação — disse Clayton.

Alice ficou aliviada pelo seu ar de confiança.

— Então o Kehoe já tinha desativado o alarme quando cheguei lá a cima por causa daquele recado falso?

— Estava lá dentro, à espera que a Alice chegasse. Não temos a certeza se ele sabia que o Fall estava lá em cima ou não. Pode ter ficado à espera que a cozinheira saísse para desativar o alarme e entrar. Mas, a certa altura, tem de ter ligado para o campo, dizendo ser Fall.

Alice estremeceu, a imaginar a cena.

— O Kehoe teve sorte. O Dylan tinha-me dito que queria falar

comigo de um assunto importante quando regressasse de Reno. Quando vi o recado, pensei que se relacionava com isso. Foi estúpido da minha parte confiar, mas a menção do Dylan a uma coisa importante em combinação com o facto de no bilhete ele parecer preocupado com a minha subida para o castelo, dizendo-me para subir pela estrada mais segura e pedir ao Rigo para me escoltar... bem, soava a qualquer coisa que o Dylan me diria.

»O que é que vai acontecer ao Thad? — perguntou ela a Clayton após uma pausa. Estava zangada com ele por se associar com o Kehoe, mas grata por a ter salvo. Não confiava tanto em Thad como no início da sua amizade, mas agoniava-a pensar nele a trabalhar para aquele homem... mesmo que tivesse acabado por perceber o seu jogo sujo.

— O xerife local prendeu Schaefer por invasão de propriedade privada, depois de ele admitir ter feito disparar o alarme. O Sheridan podia ter feito acusações mais graves, dado tudo o que o rapaz confessou. Mas ele cooperou totalmente e parece ter percebido que o Kehoe não era o respeitável executivo que o pai e ele o consideravam. Além disso, quando chegou e te ouviu a gritar no penhasco, entrou de propósito no castelo para fazer disparar o alarme...

— Para a polícia vir — concluiu Alice. — Depois confrontou o Kehoe, dando-me tempo para fugir.

Clayton anuiu.

— Schaefer alega que podia ter chegado mais cedo. Mas a Alice e Rigo subiram pela estrada. Ele teve de vos dar algum avanço, ou arriscava-se a ser apanhado. A estrada para o castelo tem uma boa visibilidade. Se se virassem, tê-lo-iam visto, por isso ele teve de ficar para trás e esperar que chegassem ao alto. O seu relato do que se passou dá-nos, provavelmente, a nossa melhor noção do tempo que passou entre o Kehoe a atingir na cabeça na casa e a arrastar para a berma do penhasco. Parece que o Schaefer quase não chegou a tempo para impedir Kehoe.

Ela pensou em todas as vezes que Dylan a avisara a respeito de Thad. Fechou as pálpebras, de repente a sentir-se muito cansada.

Os agentes partiram por volta das sete da noite. Talvez fosse da medicação para as dores, mas deu por si num estranho estado mental. Não sabia muito bem se estava meio a dormir ou acordada, mas as suas rumações tinham uma estranha qualidade de pesadelo. Durante meia hora, ficou ali deitada, a pensar... a refazer a tapeçaria da sua

vida.

O fio que mais a preocupava e concentrava era Dylan.

Estaria ele a lamentar o facto de haver uma hipótese de ela não ser filha biológica de Alan Durand? E se isso fosse verdade — se não fosse mesma filha de Alan, apenas de Lynn — como é que isso afetaria o *trust* e os poderes de Dylan como CEO da Durand? Não que pensasse que ele só estava interessado no seu potencial dinheiro ou poder. Nada disso. Amava Dylan. Amava-o tanto. Só que os diários de Lynn e as confissões de Kehoe iriam alterar drasticamente a forma como ele levava a sua vida... a sua preocupação em encontrá-la. Devia estar a debater-se também com uma tremenda revisão do seu passado.

E se estivesse a rever a sua relação com ela?

Sentia-se dilacerada, vulnerável à ansiedade e à dúvida. Pensava repetidamente nas preocupações de Sidney Gate a respeito da obsessão de Dylan em encontrar Addie Durand, e como ele sacrificara os seus próprios sonhos para diminuir o fardo da culpa.

Quando ouviu bater à porta baixinho, o seu coração deu um pulo de ansiosa expectativa.

— Entra — disse, assumindo que Dylan regressara. Estava ansiosa por vê-lo, apesar da sua disposição sombria. Ou talvez por causa dela. A presença de Dylan sempre fora capaz de dissipar as suas dúvidas.

— *Thad* — exclamou quando ele entrou no quarto. — Pensei...

— Que tinha sido preso por Jim Sheridan? E fui. Mas não era uma acusação grave. Saí sob fiança.

Ficaram a olhar um para o outro. Ele tinha um olho negro, um penso na têmpora esquerda e um lábio cortado e inchado.

— O Kehoe deixou-me K.O. no penhasco para ir atrás de ti — disse, tocando brevemente no penso.

Precisara de um ou dois segundos para se recompor antes de falar. Alice sabia que tinha ficado chocada com a sua aparência.

— Aquele filho da mãe tem um gancho direito dos diabos — continuou Thad, pouco à vontade.

— Não é novidade para mim, infelizmente — murmurou, trocista. — Estás horrível, mas mesmo assim estás melhor do que eu.

Ele abanou a cabeça, claramente emudecido perante a forma ligeira como ela abordava a sua condição.

— Esta é a parte em que devias dizer «Não estás assim tão mal, Alice.» Não te preocupes. O Dylan deu-me um espelho. Sei que pareço qualquer coisa acabada de sair do *The Walking Dead*.

Os olhos de Thad brilharam de emoção. Alice sentiu-se um pouco

arrependida dos seus gracejos.

— O Fall disse-me que os médicos acham que vais ficar bem. Só não estava à espera... — Thad acenou, impotente, na direção da cara dela. — Lamento tanto, Alice.

— Por teres pensado que o Kehoe era tão fixe? — perguntou sarcasticamente.

— Por tudo. Só de pensar que ele te fez *isto*. Pensar... que era isto que ele sempre quis fazer.

— Não sei se foi *sempre*. Quando contratou os teus serviços — disse ela, franzindo o sobrolho — ele não sabia que eu tinha alguma ligação com a Addie Durand. Estava só curioso e desconfiado por causa do interesse do Dylan por mim. Quando percebeu tudo, quis fazer pior do que isto — disse ela, a apontar para a sua cara.

Thad deixou-se cair na cadeira ao lado da cama como se as suas pernas tivessem acabado de desistir de o apoiar.

— Fui eu que acabei por confirmar tudo.

— Confirmar o quê?

— Que tu eras a Addie Durand — disse Thad. O seu puro arrependimento era óbvio. — O Sheridan devia ter-me prendido por isso. Mencionei-o ao Kehoe antes de compreender totalmente o que isso significava: o que te ouvi dizer no corredor na noite do Jantar de Antigos Alunos sobre a Addie Durand — disse ele, o rosto de um homem penitente a fazer uma dolorosa confissão.

— O Kehoe já desconfiava que eu era a Addie, por essa altura. Por que outra razão teria planeado entrar no castelo? Quando lhe contaste o que tinhas ouvido no jantar, foi apenas uma confirmação, provavelmente, e talvez nem sequer a primeira para ele. O Kehoe compreendia muito mais coisas do que tu, quando começou a manipular-te no seu tabuleiro de xadrez.

— Como seu peão. — Alice não discutiu. — Ele compreendeu como eu queria agradar ao meu pai. Tanto que ajudei cegamente o homem que quase matou a mulher que eu...

Alice percebeu que tinha recuado na cama, e que foi por isso que ele se calou abruptamente. Durante vários segundos, ficaram apenas a olhar um para o outro.

— Eu sei que, dado tudo o que aconteceu, deves pensar que estava a mentir a respeito do que sentia por ti. Mas não, Alice — disse ele, renitente.

Alice anuiu. Não queria dissecar aquele assunto com ele. Não valia a pena, seria demasiado doloroso. Nunca teria uma relação com Thad.

A expressão sombria e decidida que surgiu no rosto do rapaz pareceu dizer que também ele já aceitara essa realidade.

— Fizeste disparar o alarme para a polícia ir ao castelo, naquela noite — disse ela em voz baixa. — Lutaste com Kehoe. Posso estar magoada por teres colaborado com aquele idiota, mas pelo menos redimiste-te. E foste meu amigo, no fim.

— Não mereço o teu perdão. O Kehoe tinha razão em chamar-me idiota — disse ele numa voz embargada.

— Que se lixe o Kehoe. É um lunático.

— Parece-me um bom conselho — disse Thad, tentando fazer um pequeno sorriso.

— Eu desculpo-te, mas ainda *estou* zangada contigo — esclareceu Alice com um olhar severo. — Nem *acredito* que estiveste disposto a envolver-te com uma pessoa tão insana, só para conseguires o emprego que o teu papá queria para ti.

Ele estremeceu.

— Pois. Bem... acho que mereço ouvir isso. E ainda mais.

Ela arqueou as sobrancelhas quando viu a incerteza nos olhos dele.

— Por favor, Thad. Pareço-te o tipo de pessoa capaz de espezinhar alguém? — perguntou ela com desgostoso divertimento.

— Eu já não digo nada.

Ela riu-se baixinho e o sorriso dele alargou-se. Depois ocorreu-lhe uma coisa. Soergueu-se ligeiramente na cama.

— Ei, porque é que não estás agora no castelo? Para a apresentação do troféu do Campeonato de Equipas?

Ele abanou a cabeça, parecendo de novo mais sério.

— Já não vou trabalhar na Durand. Já nem sequer sou monitor.

— *O quê?* O Dylan...

— Não, ninguém me despediu. Embora, depois dos erros de julgamento que fiz nas últimas semanas, não tivesse ficado muito espantado se o Fall me desse um pontapé no traseiro. Despedi-me. Foi mesmo antes de vir aqui para te ver, na verdade.

— Porquê? — perguntou ela, atónita.

Ele abanou a cabeça, claramente embaraçado. Mais do que embaraçado. *Envergonhado*. Apesar da sua irritação com ele, o coração de Alice comoveu-se.

— Se alguma coisa me ensinou como é estúpido seguir cegamente as ideias do meu pai sobre o que é melhor para a minha vida, foi isto. Antes disto tudo acontecer, não conseguia confiar nos meus próprios

instintos. Tinha de haver sempre figuras de autoridade a dizer-me o que devia fazer. — Encolheu os ombros. — Olha aonde isso me levou.

— Então... isso significa que agora vais ouvir as tuas próprias opiniões? — perguntou ela, esperançosa. — E tornar-te professor?

— Significa que vou tentar descobrir o que preciso de fazer para que isso aconteça.

— Não, Thad. Só tens de *fazer* com que aconteça. Tu. Mais ninguém.

Thad acenou com a cabeça uma vez, e Alice teve a distinta impressão de que era isso mesmo que ele ia fazer.

— Tu é que sempre tiveste o que é preciso para se ser um bom executivo — disse ele após uma pausa. — Uma líder fenomenal. És tão forte — disse, a voz a quebrar-se por fim.

— Tu também podes ser forte, Thad. Foste brilhante com os miúdos. Toda a gente diz isso. Só duidavas de ti mesmo. Mas, no fim, salvaste-me a vida. Tu e o Dylan.

Viu a garganta de Thad comprimir-se, e soube que ele estava a conter a emoção.

— O que é que vais fazer a respeito da Brooke? — perguntou em voz baixa depois de ele se controlar. — Há alguma esperança de futuro com ela?

— Talvez. Por acaso, fiquei espantado quando não se riu da ideia de me tornar professor, quando falei com ela sobre isto, na outra noite

— Isso é bom. Tanto que ela tenha sido recetiva como que te sintas suficientemente à vontade para lhe contar.

— Sim. E estive a pensar...

— O quê?

Ele fez uma careta.

— Lá em cima, no penhasco, foi a primeira vez que alguma vez tive mesmo de lutar por alguma coisa — disse. — Sempre me tinha sido dado tudo de mão beijada.

— Incluindo a Brooke, certo? — perguntou Alice, a olhá-lo de esguelha.

— Sim, para ser honesto.

— Isso não significa que não valha a pena... lutar por ela. A Brooke é porreira. — concedeu Alice. — Não é todos os dias que um tipo conhece uma mulher tão gira e inteligente como ela, de certeza. E ela é louca por ti.

Thad anuiu.

— Tens razão. Ela é incrível, na verdade. Talvez esteja na altura

de a ver como algo mais do que alguém conveniente.

— Se vais mesmo tentar ser uma pessoa melhor, é isso que devias fazer.

Ele fez um aceno de concordância e olhou para ela, incomodado.

— Há mais uma coisa por que preciso de te pedir desculpas — disse. — Tenho observado bastante o Fall, aqui no hospital. Ele é louco por ti. Eu... hum... eu posso ter tido pouca vontade de o ver com muito bons olhos porque ele tinha aquilo que eu queria. Mas, pelo que tenho visto, a primeira coisa que ele pensa em todas as situações é a tua segurança e conforto. A tua felicidade.

O sorriso de Alice tremeu.

— A felicidade da Addie Durand ou a minha? — Thad pestanejou.

— Elas são uma e a mesma pessoa, não são?

Alice não respondeu. Sentiu a garganta apertada, porque não sabia como responder a esta pergunta.

— Vai haver alguma espécie de conferência de imprensa, ou coisa do género? — perguntou Thad.

— Sobre a detenção do Kehoe?

— Não... o nome dele já apareceu nas notícias esta noite. Ouvi na rádio a caminho do hospital. O que queria dizer é se vai haver um grande anúncio sobre o regresso de Addie Durand... e o que isso significa para as Durand Enterprises?

— Oh. Não sei — respondeu Alice, desconcertada pela pergunta. Seria isso que ela queria? Ficar na frente do mundo e dos flashes das câmaras e ser apresentada como a herdeira perdida Adelaide Durand?

Não conseguia imaginar-se com forças para isso. Pelo menos enquanto não tivesse os resultados dos testes de ADN na mão...

E, possivelmente, nem sequer nessa altura.

Acordou com a sensação de alguém a roçar-lhe a orelha com o nariz.

— Acorda, linda.

Reconhecendo a voz baixa e rouca de Dylan, abriu os olhos e sorriu, fatigada. Nunca estivera mais confusa a respeito do seu relacionamento com ele e o seu significado do que naquele momento. Mas esse facto não impedia o seu coração de desferir um salto ao som da sua voz, não amortecia o desejo de ver o seu rosto ousado e atraente. Ele continuava debruçado sobre ela quando abriu os olhos, o rosto a poucos centímetros do seu. Percorreu-o com o olhar. Ele tomara banho e trocara de roupa, e estava belo aos seus olhos cansados. Usava uma camisa azul e casaco desportivo cinzento. Ela inspirou o familiar perfume e fez um satisfeito ronronar com a garganta.

— Tentei ficar acordada para ti — sussurrou.

— Desculpa. Tive de tratar de umas coisas no castelo. Agora a enfermeira está a ameaçar-me que não posso demorar muito. Não te teria acordado, mas pensei que ias achar que valia a pena.

— O quê?

Dylan endireitou-se. Ela percebeu que ele tinha a mão atrás das costas. Passou-a para a frente, mostrando-lhe o que tinha escondido. Ficou a olhar o troféu do Campeonato por Equipas.

A bandeira da Equipa Vermelha estava atada por baixo das mãos unidas.

— A equipa vencedora normalmente não consegue largar o troféu na última noite do campo; isto é um enorme golpe, sabes. Eles só têm uma noite para o admirar — disse Dylan, com um sorriso. — A tua equipa perguntou imediatamente ao Guy Morales se te podíamos enviar o troféu ao hospital. Para ti.

A emoção atingiu-a como um tsunami. Sentiu-se sufocada. Lágrimas escorreram-lhe dos olhos. Dylan pareceu alarmado, mas ela não conseguia impedir-se. A tempestade de emoção atingira-a

inesperadamente.

— Chhh — tranquilizou-a Dylan um momento depois. Ela percebeu que ele pusera o troféu de lado e baixara a proteção da cama. Sentou-se na cama e envolveu-a com os braços. Ela pressionou a têmpora esquerda contra o seu peito. Estremeceu de emoção. Felicidade. Ansiedade. Esperança. Angústia. Confusão. Desejo. Perda. Dor. Triunfo. Medo. Tudo misturado, tudo o que tinha experimentado desde que pusera os pés na propriedade Durand, semanas antes.

— Não deviam ter feito isto. O troféu era dos miúdos. Foram *eles* que o conquistaram.

— Eles quiseram que ficasses com ele. Foi a sua forma de dizer que estavam a pensar em ti. E de te agradecer — disse Dylan, a acariciar-lhe as costas.

— Não posso fazer isto — balbuciou ela tristemente contra o seu peito. Porque é que a demonstração de carinho e apoio dos seus miúdos a fizera perder o controlo, e não as ações homicidas de Kehoe? Dylan devia julgar que era louca. Talvez *fosse*. — Não sou quem tu pensas que sou, Dylan. Não sou quem *toda a gente* pensa.

Sentiu-o beijar-lhe suavemente o alto da cabeça. A mão dele percorreu-lhe a espinha, como se ele quisesse afastar a sublevação emocional.

— Tu pensas que és a Alice. E a Alice tem passado por mais do que a maioria das pessoas imagina, nas últimas semanas, e tem conseguido.

— Eu *não* estou a conseguir — soluçou ela. — Sinto-me como se estivesse tudo a desfazer-se na minha vida. É uma confusão.

— Toda a confusão acabou, querida. A catástrofe acabou. Agora vem a parte difícil.

— O quê? — balbuciou ela, atenta.

— Agora vais ter de arrumar a casa e decidir como queres que ela fique.

Minutos passaram. Lentamente, a arremetida de emoções diminuiu. Ela ficou exausta, o corpo a doer com uma palpação mortíça. Dylan continuava a abraçá-la. Não falaram. No entanto, era a voz dele que não parava de ouvir na sua mente.

Como é que *queria* que fosse a sua vida?

Na manhã seguinte, os agentes regressaram com mais algumas perguntas, a maior parte delas a respeito dos Reed. Alice ficou

altamente incomodada quando lhe pediram pormenores da disposição física da caravana onde crescera e se tinha conhecimento de quaisquer armas na propriedade. Estavam a pedir-lhe pormenores porque planeavam enviar agentes para prenderem os Reed. Dylan estava no quarto com ela quando os agentes chegaram, e eles não lhe pediram para sair. Quando ele viu a hesitação de Alice em responder, interveio.

— Eu sei que é difícil, Alice. Mas os pormenores que lhes deres vão ajudá-los a garantir que ninguém se magoa.

Alice fez um aceno de assentimento. Ele tinha razão. Respondeu a todas as perguntas dos agentes o melhor que sabia.

Mais tarde nessa manhã, teve de fazer mais exames. Quando estava a terminar de almoçar, Dylan enfiou a cabeça pela porta do quarto.

— Olá — cumprimentou.

Ela riu-se. Reconheceu o seu olhar. Tinha alguma surpresa preparada para ela.

— Olá. Porque é que estás com esse ar tão contente contigo mesmo?

— Tens uma visita — anunciou. Desviou-se para o lado para deixar alguém entrar no quarto. Alice pensou que podia ser Kuvi ou Dave, embora soubesse que os autocarros dos miúdos só partiam nesse dia depois do almoço. Mas, em vez de Kuvi ou Dave, foi Maggie Lopez quem entrou no quarto.

— *Maggie* — exclamou Alice, emocionada ao ver o rosto familiar da sua mentora e amiga. Maggie fora sua orientadora de mestrado. Ficara tão orgulhosa por Alice ser contratada como monitora no Campo Durand. Alice arrendava o apartamento por cima da garagem de Maggie, e tinham-se tornado amigas.

— O Dylan ligou-me ontem à noite — disse ela, aproximando-se da cama. Ia dar-lhe um abraço, mas parou, parecendo preocupada com os ferimentos de Alice.

— Está tudo bem — assegurou Alice, estendendo-lhe os braços. Felizmente, tinham-lhe removido a IV nessa manhã. — Estou tão contente por te ver.

Maggie abraçou-a delicadamente, a rir. Plantou-lhe um beijo caloroso na têmpora direita para compensar o fraco abraço. Depois endireitou-se e estudou o rosto de Alice. Não era capaz de disfarçar inteiramente a sua preocupação e ansiedade.

— Não estou tão mal como pareço — assegurou Alice. — Pois

não, Dylan?

Este ainda estava à porta, a observá-las.

— A médica diz que todas as indicações são boas. Ela não vai ficar com nenhuns danos permanentes. Tudo isso vai sarar, com o tempo.

— Alice olhou-o por um momento, grata por ele ter ligado a Maggie. Como descobrira que era precisamente dela que precisava naquele momento?

Porque é que tens de ser tão perfeito? Não perfeito de uma forma objetiva qualquer. Perfeito para mim.

Dylan anuiu, como se tivesse compreendido o seu agradecimento, mesmo que não tivesse descodificado a sua ânsia por ele. A sua confusão. Apontou para o corredor.

— Vou fazer umas chamadas, dar-vos tempo para porem a conversa em dia.

Maggie virou-se e fez a Alice a sua habitual expressão determinada. O seu olhar desviou-se para o troféu sobre a mesa de cabeceira. Sorriu.

— O Dylan contou-me da tua grande vitória — disse, pegando no troféu e olhando para ele com orgulho.

— Desde quando é que se tratam pelo nome próprio? — perguntou Alice, divertida.

— Desde que ele me ligou ontem à noite a contar tudo — disse Maggie, fazendo-lhe um olhar severo. Pousou o troféu. — Ou quase tudo. De certeza que uma história desta magnitude não pode ser contada numa conversa de quarenta e cinco minutos. Sempre que eu pensava que já tinha ouvido tudo, o Dylan vinha com mais alguma coisa chocante para cima de mim.

— Nem me digas nada — disse Alice, com um revirar de olhos

— Com que então... *Adelaide Durand*?

Alice encolheu os ombros e anuiu afirmativamente perante a incredulidade de Maggie.

Maggie lançou um olhar por cima do ombro na direção da entrada.

— E o *Dylan Fall*? — acrescentou, os olhos muito abertos.

— Eu sei. É a parte que ninguém consegue acreditar, eu incluía.

Maggie soltou uma gargalhada e apertou-lhe o antebraço.

— Essa parte, por acaso, começa a fazer cada vez mais sentido. Vi a maneira como olhavam um para outro, ainda agora. — Puxou a cadeira para mais perto. — Olha, só posso ficar umas noites, por causa da *Doby*.

Alice sorriu, conhecendo muito bem a turbulenta *Irish setter* de Maggie.

— E como é que está a *Doby*?

— Saudável. O que significa que vai comer todas as economias da minha tia Janine, se não estiver de volta a Chicago na segunda-feira. Por isso... fala comigo, Alice.

Hora e meia depois, Dylan ergueu o olhar e viu Maggie entrar na sala de espera. Desligou o telefone, interrompendo a sua chamada a meio, quando reparou na expressão atordoada no seu rosto.

— Está tudo bem? — perguntou Dylan quando ela se deixou cair num assento ali perto.

— Sim. É só muita coisa para assimilar. Ainda bem que me contou como ela estava maltratada antes de eu a ver. — Olhou de frente para Dylan. — Este filho da mãe que lhe fez isto, vão prendê-lo por muito tempo?

— Estava mesmo ao telefone com um dos agentes. O FBI está a reunir as provas contra o Kehoe. O gabinete do procurador está confiante de que têm um caso sólido contra ele, se se atrever a declarar-se inocente.

— *Ótimo* — vociferou Maggie.

Ele sentou-se na cadeira ao seu lado. Já decidira que gostava Maggie Lopez, mas, ao ver a prova da sua fúria contida, gostou ainda mais. Só que a dor e fúria de Maggie também acenderam um fósforo na sua própria culpa e impotência. Estava sempre a reviver os segundos em que saíra de casa naquela noite para se encontrar com Alice no lugar habitual. Ela e Kehoe estavam, provavelmente, a poucos metros de distância: Alice inconsciente, Kehoe em silêncio e à espreita. Se soubesse e tivesse feito alguma coisa, podia tê-la salvo daquele horror junto ao penhasco...

...e na despesa.

Estremeceu.

— Sem ofensa, mas está com muito má cara. Quando foi a última vez que dormiu? — perguntou-lhe Maggie.

Ele abriu as pálpebras.

— Há montes de frentes onde lutar, montes de fogos para apagar — murmurou. O olhar de Maggie sobre ele era bondoso, mas astuto.

— É estranho, porque a Alice disse que mal saiu do lado dela.

Dylan soltou um grunhido ambíguo.

— Sabe... — começou Maggie num tom casual. — tenho um primo que vive no bairro de Logan Square, em Chicago. É polícia... um tipo grande como o Dylan. Há quatro anos, foi posto no turno da noite, por isso ele e a mulher tiveram de fazer grandes alterações nas suas vidas. Só estavam casados há dois meses, na altura. Uma noite, enquanto ele estava a trabalhar, dois idiotas entraram em casa para a assaltar. O Tony, o meu primo, tinha ensinado a mulher, Sheila, a usar uma arma. Por isso a Sheila confronta um dos homens com ela, mas não se apercebe que o outro está nas suas costas. Ele desarma-a. Para resumir, os dois acabam a espancá-la, deixando-a entre a vida e a morte. Foi brutal, o que eles fizeram, e, pior ainda, pareceram gostar.

— Apanharam-nos? — perguntou Dylan.

— Só ao fim de dois anos e meio, mas, sim... apanharam-nos. O que eu quero dizer é: o Tony ficou na merda. Era um tipo grande, forte... um polícia, ainda por cima, mas não conseguiu prever aquela situação, não conseguiu proteger a mulher. Porquê? Porque uma pessoa sã e normal não pode prever o que um criminoso ou um louco vai fazer. O Tony tinha de ir trabalhar, como as outras pessoas. Não podia ficar em casa sentado a olhar para a mulher durante cada segundo da sua vida. Essas coisas acontecem, Dylan, porcaria que não podemos controlar. Só podemos lidar com as consequências o melhor que conseguirmos.

Dylan descaiu mais uns centímetros na cadeira.

— Eu sei que havia uma moral da história.

Maggie riu-se.

— O Dylan não é onipotente. Ninguém gosta de encarar esse facto. — Dylan olhou-a de lado sem mover a cabeça. Ela arqueou as sobrancelhas. — Além disso, teve sorte, comparado com o Tony. Conseguiu salvar a Alice dos maus da fita... tanto na quinta à noite como daquilo que lhe fizeram há vinte anos.

— Ao contrário do seu primo, eu já desconfiava deste mau da fita há muito tempo, mas não consegui provar nada. O Sebastian Kehoe era considerado um homem de sucesso, cumpridor da lei.

Maggie suspirou, cruzou os braços sobre a barriga e descaiu na cadeira.

— Sim, bem, o que é que se pode fazer sem ter qualquer prova? Fazer justiça com as próprias mãos? Não vai ajudar a Alice em nada se for parar à prisão.

Dylan pensou na sua breve experiência de fazer justiça pelas próprias mãos, naquela despensa. Alice testemunhara a sua

brutalidade. Vira uma parte dele que mantinha escondida. Quase assassinara Kehoe na frente dos seus olhos.

Pela milésima vez nos últimos dias, encolheu-se por dentro com esse pensamento.

Alice dormiu sólida e profundamente, nessa noite. Quando acordou na manhã seguinte, Dylan estava sentado ao seu lado numa cadeira, as pernas compridas cruzadas. Usava calças de ganga, uma camisa azul-aço e os óculos. Estava a ler o *Wall Street Journal*. Ela não disse nada e rendeu-se ao luxo de o observar por um momento.

Dylan estava a dobrar o jornal quando reparou que ela tinha os olhos abertos.

— Bom dia — disse, atirando o jornal dobrado para a mesa lateral.

— Olá — murmurou ela. Tentou espreguiçar-se. O corpo estava rígido e dorido, mas havia algumas melhorias, em comparação com o dia anterior.

— Como estás de dores, hoje? — perguntou Dylan.

— Melhor. Dormi como uma pedra — disse, a bocejar.

— A visita da Kuvi e do Dave, ontem à tarde, deixou-te esgotada — disse Dylan, levantando-se.

— Contar-lhes o drama da vida da Alice Reed é que me deixou esgotada. — Recordou vividamente a expressão de pura incredulidade nos rostos deles quando conseguira por fim explicar que Dylan a descobrira porque acreditava que ela era Adelaide Durand.

— Foi demasiado, ter de explicar tudo primeiro à Maggie e depois à Kuvi e ao Dave — disse ele, as sobrancelhas escuras franzidas numa expressão severa. — Quero que descanses, hoje.

O olhar dela percorreu-o calorosamente.

— Para de me dar sermões. Estás a deixar-me excitada.

Ele abanou a cabeça. Mas Alice fizera-o sorrir, e, inexplicavelmente, a visão fez a sua garganta comprimir-se de emoção.

Precisava tanto dele. Embaraçava-a, aquela estrondosa *necessidade* que ele inspirava, mas não o conseguia impedir. Estendeu os braços. Ele fez um pequeno sorriso e sentou-se na berma da cama, os braços a envolverem-na com cuidado. Alice mal podia esperar pelo dia em que Dylan não teria de a abraçar como se ela fosse feita de porcelana delicada. Uma sensação de nostalgia — ou seria perda — cresceu no

seu peito. Poderiam as coisas voltar a ser como eram, depois daquela noite horrível? Encostou o nariz ao esterno dele e inspirou-o.

— Quem me dera poder tomar banho no teu chuveiro enorme e maravilhoso, e usar o teu sabonete. Cheiras sempre tão bem. E eu estou tão nojenta, só com estes banhos de esponja e depois a enxaguar-me à mangueira naquela casa de banho horrível ao fundo do corredor. Senti-me um cavalo, só que provavelmente a *Doah* tem melhores instalações do que aquelas — balbuciou, franzindo o sobrolho. Pensar na *Doah* causou-lhe outro pico de emoção.

Ele beijou-lhe o alto da cabeça.

— Ainda cheiras a Alice.

— Se o meu cheiro normal for a suor e antisséptico e fedor de hospital. — Enterrou mais o nariz no peito dele. — Amo-te.

A pequena gargalhada dele deu-lhe vontade de chorar. Precisava mesmo de se controlar. As suas emoções estavam assustadoramente frágeis, nos últimos tempos.

— Amas-me a mim ou à minha camisa limpa e corpo lavado num chuveiro?

— É *tudo* bom, confia em mim — sussurrou ela, com a voz embargada.

— Com licença — disse uma mulher.

Alice retirou o nariz do peito de Dylan com relutância. Viu uma auxiliar de enfermagem a alguns passos, com uma cadeira de rodas na frente.

— Venho buscá-la para o teste de audição — disse a auxiliar com um sorriso.

— Está bem — gemeu Alice, começando a soltar-se de Dylan. Nunca desejara tanto sair de um lugar como queria sair daquele hospital, mas ao mesmo tempo...

...receava sair dali. Receava as decisões que precisaria de tomar.

— Porque é que ela vai fazer um teste de audição? — perguntou Dylan à auxiliar, levantando-se.

— Eu não sei — disse ela. — São ordens da doutora.

— A médica disse-te alguma coisa? — perguntou Dylan a Alice, franzindo o sobrolho. A auxiliar aproximou a cadeira da cama e ajudou Alice a sentar-se. Isso ofereceu-lhe uns abençoados segundos para evitar o olhar de Dylan.

— Alice?

— Não é nada de especial. A médica acha que posso ter sofrido alguma perda de audição no ouvido esquerdo.

— O quê? — perguntou Dylan. Ela odiou a expressão nos olhos dele. — O que é que fez a médica pensar isso?

Ela suspirou.

— Não é nada de importante.

— O que é que a fez pensar isso? — quis saber Dylan. — Foi alguma coisa nos exames ao cérebro?

— Não.

— Então, por que raio...

— Ela pensou isto porque eu lhe *disse* — concedeu Alice, a sentir-se encurralada.

Viu-o empalidecer.

— Não é assim tão mau, Dylan. Os sons parecem-me só um bocado abafados deste lado. O outro ouvido está bom. E pode passar com o tempo — argumentou.

Dylan anuiu. Alice sabia o que ele estava a pensar. Mais uma coisa por que se sentir culpado. Procurou alguma coisa para dizer. A auxiliar começou a levá-la para fora do quarto sem esperar pelo *okay* de Alice. A sua incapacidade de se mover sequer sozinha só amplificou a sua sensação de impotência.

— Para — vociferou Dylan atrás dela.

A auxiliar estacou abruptamente. Dylan deu a volta à cadeira, fazendo um olhar vincado à auxiliar. Depois virou-se para Alice.

— Eu amo-te — disse, rouco. Baixou-se e beijou-a na boca.

— Eu também te amo — sussurrou ela.

Depois do exame, tanto Maggie como Dylan estavam à sua espera no quarto. Almoçou na sua companhia e depois adormeceu ao som da sua conversa abafada e murmurada, quando a médica voltou para falar sobre o teste auditivo.

Alice tinha uma pequena a moderada perda de audição no ouvido esquerdo. Não ficou chocada. Seria exatamente assim que o descreveria. Dylan fez várias perguntas à médica. A Dr.^a Sheldrake explicou que precisariam de fazer mais testes de diagnóstico num regime ambulatorio para saber se o dano era ou não permanente. Ia enviar Alice para um especialista.

— Agora, a boa notícia. Os resultados dos outros testes são satisfatórios, por isso vamos dar-lhe alta amanhã. Vai voltar para casa — disse a doutora com um sorriso.

— Aleluia — murmurou Dylan.

— Ámen — apoiou Maggie.

Alice só conseguiu fazer um sorriso trémulo. Não sabia onde era a sua casa.

N aquela tarde, quando acordou da sua sesta, Dylan não estava no quarto. Uma enfermeira enfiou a cabeça pela porta e disse que a médica queria que ela andasse um pouco sob supervisão. Já se levantara da cama para ir à casa de banho, mas aquele seria um passeio muito mais longo, pelo corredor do hospital.

— Tem de ficar em forma para a sua ordem de marcha amanhã — gracejou a enfermeira.

Alice ficou mortificada ao perceber como tinha os músculos rígidos, fracos e doridos. Sentia-se como se cada centímetro do seu corpo tivesse sido espancado. Felizmente, as articulações começaram a soltar-se com o movimento.

Quando chegou à sala de espera, reparou de imediato em Dylan. Estava sentado ao lado de Sidney Gates. Fez uma pausa. Quase os chamou. Alguma coisa lhe conteve a língua. Dylan estava de costas para ela, a cabeça baixa, os grandes ombros rígidos. Por alguma razão, a sua postura fazia lembrar solidão, apesar de Sidney estar ali mesmo. O rosto do psiquiatra estava parcialmente virado. Falava rápida e sobriamente. Alice pensou que ele estava a tentar convencer Dylan de alguma coisa. Quer fosse do raio da perda de audição ou por haver simplesmente demasiado barulho em volta do balcão das enfermeiras, Alice não conseguiu perceber o que ele estava a dizer tão enfaticamente. Mas desconfiava de uma coisa.

Dylan não estava a aceitar.

De súbito, percebeu uma das palavras de Sidney: *Culpa*.

Uma dor aguda percorreu-a, e não tinha nada a ver com o físico.

— Sente-se bem? — perguntou a enfermeira.

Alice anuiu.

— Só um pouco cansada — disse, virando-se para voltar para o seu quarto.

...

— Contactei o vice-presidente para o departamento legal da Durand, Charlie Townsen — disse Dylan mais tarde a Alice, depois de

ela terminar o seu jantar. — Vai passar amanhã no castelo para agendar uma reunião contigo a respeito do *trust*. Quero que tenhas alguém do teu lado que possa trabalhar contigo e responder a todas as tuas perguntas. O Charlie conhece o documento de trás para a frente.

— Pensei que não íamos preocupar-nos com isso até chegarem os resultados do exame de ADN — disse Alice, pouco à vontade.

— Isso foi antes de tudo isto acontecer com o Kehoe. Ele era membro da administração. A sua detenção e algumas das circunstâncias que a rodearam tornaram-se públicas. Embora tenhamos conseguido manter o teu nome fora dos jornais até agora, é só uma questão de tempo até também isso vir a lume. Tive de comunicar alguns dos pormenores básicos do que tinha acontecido aos outros membros da direção. Não sou o único a ser incomodado por jornalistas. Tivemos de formar uma frente unida. Já para não falar no que Kehoe poderá revelar ou alegar quando for proferida a acusação. Ele gere um enorme departamento internacional na Durand. Precisámos também de informar algumas das pessoas que trabalhavam diretamente abaixo dele dos factos básicos, para não estarem totalmente despreparados quando a história explodir.

— Então... este homem, Charlie Towsen, e várias outras pessoas na Durand Enterprises... disseste-lhes que pensas que sou Addie Durand? — perguntou ela com trémula incredulidade.

— *Tu* também pensas que és a Addie Durand. Não estamos a falar de uma horrível verdade. É uma verdade fantástica. Não deixes que o Kehoe fez te tire isso.

— Não sei se sou filha do Alan Durand, e a empresa era dele, não da Lynn — disse ela bruscamente. A notícia de que outras pessoas sabiam algo que ela estivera a esconder ao longo de semanas deixou-a a sentir-se vulnerável. Estava irritada com Dylan por ter iniciado a sua exposição sem lhe pedir permissão. Estava em pânico.

Não estou pronta.

— O que era do Alan era da Lynn, Alice. Mas não é esse o ponto principal. Tu és filha do Alan — disse Dylan.

— Não sabes se sou, por mais que queiras acreditar nisso.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Dylan lentamente, e ela viu a fúria dardejar nos seus olhos lustrosos.

— Significa que sei que tu o queres, sei que isso justificaria tudo o que tens feito para me encontrar. Mas não faz com que seja *verdade*, Dylan.

— O *trust* foi deixado a Adelaide Durand. *Tu és a Adelaide Durand*

— fristou ele. — O documento não diz nada sobre a necessidade de se exigir testes de ADN. Isso é só uma coisa que pensei que devíamos fazer para a tua paz de espírito.

— Tu disseste-me que os executivos da Durand os exigiriam, quando chegasse a altura! — *Oh, céus, essa altura é agora.* Porque é que não percebera que as ações de Kehoe fariam saltar a tampa de tudo tão rapidamente?

— Isso foi antes de eu ler os diários da Lynn. Não pensei que podia ser um potencial problema, na altura. Mas se lhes disser que és a Addie Durand, então eles vão ter de aceitar a minha palavra. Eu é que sou o executor do teu *trust*, não eles.

Alice ficou a olhar para ele, atordoada com a sua explosão.

— É assim *tão* importante para ti? Que eu seja ela? É por isso que estás disposto a enfiar o facto de que sou supostamente a filha de Alan Durand pela garganta da direção abaixo? Queres assim *tanto* que eu seja a sua herdeira?

Ele pareceu confuso. Depois a sua fúria regressou, redobrada.

— Estás a insinuar que só te quero com o objetivo de reclamar o *trust*? Achas que fiz isto tudo porque era motivado por *dinheiro*?

— Não. Não penso isso nem por um segundo. Mas acho que podes ter feito tudo isto porque eras motivado pela honra — disse ela, a voz um grito sufocado. — E o dever. E a *culpa*. E, por isso, admitir que posso não ser filha verdadeira de Alan Durand é difícil, porque depois terás de te perguntar por que raio fizeste tudo aquilo.

Ele virou a cabeça, coçou o queixo e depois fechou as pálpebras brevemente.

— Foi suficientemente mau ouvir esta merda do Sidney durante todos estes anos. Agora tenho de o ouvir de ti?

— Bem, talvez o Sidney e eu estejamos a ver uma coisa que tu não vês — exclamou ela. — Sei que ele esteve aqui no hospital hoje, a falar contigo sobre a tua culpa.

— O quê? — Ele virou-se e olhou para ela, claramente apanhado desprevenido. — O Sidney não estava a falar da minha velha culpa, a que sentia em miúdo por causa do rapto. Ele estava a falar sobre ter de lidar com a minha culpa por ter deixado que o Kehoe te magoasse.

— Tu não foste responsável por isso! Não podes controlar tudo, Dylan.

— Eu percebo isso — replicou ele, zangado. — Mas também é perfeitamente natural que o lamente. Até o Sidney acha isso. Tens alguma ideia de como me senti impotente quando te vi caída naquela

despensa, coberta de sangue?

— Estou cansada de ser a coisa por que estás sempre a sentir-te culpado! É como o Sidney sempre te disse, a culpa não é uma emoção saudável sobre a qual basear a tua vida. E de certeza que não é a melhor para se construir uma *relação* — exclamou ela acaloradamente.

Os olhos dele semicerraram-se. Ela conteve uma vaga de emoção. Quis retirar de imediato o que tinha dito, e, ao mesmo tempo, experimentou uma sensação de alívio por finalmente dar voz à sua preocupação.

— É isso que tu pensas? — perguntou ele ao fim de um silêncio sufocante. — O Sidney não compreende o que sinto por ti. Também não esperava que compreendesse. Mas pensei que *tu* compreendias. Talvez estivesse enganado. — Levantou-se.

Alice queria tanto gritar-lhe que *não estava* enganado. Mas tinha *tanto medo* que Sidney tivesse razão. A dúvida assaltava-a, sufocando-lhe a voz. Maggie apareceu à porta no momento em que Dylan ia a sair. Entrou pela porta com os olhos muito abertos.

— Ouvi gritos — disse Maggie num tom emudecido.

— Às vezes só queria nunca ter ouvido o nome Adelaide Durand — explodiu Alice. — Não, queria que o *Dylan* nunca o tivesse ouvido.

O rosto dela enrugou-se.

— Oh, não — disse, correndo para o lado da amiga.

Na manhã seguinte, Dylan chegou ao hospital às oito. Acalmara-se bastante desde a noite anterior.

Sim, a dúvida de Alice magoara-o. Gostava de estar tão confiante no seu amor por outro ser humano, da mesma forma como amava Alice, que isso não o magoasse como magoara. Mas também compreendia que Alice tivesse medo. Porque não havia de ter? Todo o seu mundo fora abalado ao descobrir que nascera de outra pessoa, fora obrigada a fornecer ao FBI detalhes que os ajudariam a prender mais facilmente aqueles que julgara ser a sua família e fora brutalmente atacada e quase assassinada por um louco. Tudo isso acontecera nas três últimas semanas da sua vida.

Para acrescentar a isso, dissera a Dylan que não tinha a certeza se confiava nele, só para lhe dizer que o amava na semana seguinte. Ele conhecia o suficiente de Alice para perceber que só isto bastaria para abalar o seu mundo, quanto mais todas as outras coisas.

Ele já sabia que tudo aquilo exigiria muita paciência e força

moral. Alice não percebera que, desde o descalabro de Kehoe, muito do poder de Dylan para proteger a sua privacidade e anonimato tinham desaparecido. Ele apanhara-a de surpresa com esse facto. Talvez a tivesse desiludido. Tentaria compensá-la nesse dia, sem perder a calma, desta vez.

Viu Maggie junto à máquina de comida a caminho do quarto de Alice. Parou quando ela ergueu o olhar.

— Já se sabe quando é que ela vai ter alta? — perguntou-lhe.

Ela aproximou-se, com um copo de café na mão.

— Estão só a terminar a papelada.

Dylan franziu o sobrolho. Porque é que Maggie estava a ter dificuldade em olhá-lo nos olhos?

— Então, ela está pronta? — perguntou, referindo-se a Alice.

Maggie anuiu.

— Está à sua espera no quarto.

Foi percorrido por um mau pressentimento.

— O que se passa? — perguntou devagar.

Maggie abanou a cabeça. Pela primeira vez, olhou-o de frente.

— Ela está muito confusa. É muita coisa para assimilar. Seria muito para *qualquer* pessoa...

— Maggie? — interrompeu ele.

— Fale com ela.

Alice estava sentada na berma da cama já feita. Kuvi levara-lhe da cabana algumas roupas e o computador, e Dylan também lhe deixara algumas coisas do castelo. Ela vestira um par de calças de ganga, ténis de corrida e uma *T-shirt* de manga curta — nenhum dos artigos dos que ele lhe dera. Tinha o cabelo lavado e escovado para trás das orelhas. O seu rosto parecia tenso e esgotado, sob a descoloração das nódoas negras e cortes.

No colo, tinha o que parecia ser papel grosso dobrado e com agrafos em volta das pontas.

— O que se passa? — perguntou, dando vários passos na direção dela. Viu a infelicidade nos seus olhos azul-escuros, quando ela o olhou. *Merda*.

— Vou voltar para casa com a Maggie — disse, rouca.

— Não.

Ela estremeceu.

— Não consigo continuar a fazer isto, Dylan. O campo acabou. Os miúdos foram-se embora.

— Eu sei que vieste para cá por causa do campo. Mas vais mesmo

ficar aí sentada e dizer-me que, depois de tudo isto, essa é a única razão para ficares?

— Não — disse ela numa voz embargada. Ele sentiu-se como se a estivesse a massacrar, ao ver o silencioso rogo por compreensão nos olhos brilhantes de Alice.

— Preciso de tempo para recuperar e pensar em tudo, e no que significa para mim. — Ele abriu a boca. — Preciso de tempo — repetiu ela, soando desesperada.

— Longe de mim — esclareceu ele, rouco. — Achas que não te conheço, Alice? És uma solitária. Tentas esconder-te quando te sentes vulnerável. É para ti um instinto tão natural como respirar.

— Não posso mudar quem sou numas poucas semanas.

— Compreendo isso. Mas também sei que, quando encontras cobertura, vais querer lá ficar. Só que desta vez não te vais poder esconder. Isto é demasiado grande para poderes passar despercebida. Isto já começou a mudar-te. Não podes voltar para o teu antigo mundo e ajustar-te a ele.

— É o que tenho de fazer! — disse ela, e levantou-se. Vacilou ligeiramente, e ele apressou-se a apoiá-la, a mão a envolver-lhe o ombro. Foi percorrido pela tristeza e a impotência quando viu a sua dor.

— Não estás a fugir do mundo da Addie Durand. Estás a fugir de mim. Eu sei que te desiludi...

— Tu nunca me desiludiste — exclamou ela, estremecendo. — Eu amo-te. Tu és perfeito.

— Mas mesmo assim vais fugir — percebeu ele com uma nauseante sensação de finalidade.

Ela fungou e controlou o tremor no seu corpo.

— Podes contatar-me pelo meu telemóvel, se houver alguma emergência. Mas liguei àquele homem, o Charlie Towsen, o tipo do departamento legal da Durand, esta manhã. Podes corresponder-te comigo sobre qualquer coisa que julgues crucial em relação à Addie através dele...

Dylan fechou os olhos. Jesus. Ela voltara a dizer o nome de Addie como se fosse outra pessoa.

—...e prometi ao Towsen que, quando tivermos os resultados dos testes genéticos...

— Não faças isto, Alice. Achas mesmo que me interessa saber de quem raio é que tu és *filha*?

— Se penso que faria alguma diferença para ti se sou filha de Alan

Durand ou de Sebastian Kehoe? — ripostou ela. — Penso, sim, dado o que sei do teu passado. Tu eras como um filho adotivo para o Alan Durand. Terias feito tudo para te provares perante ele.

— Estás enganada. Estás a misturar tudo na tua cabeça.

— Eu não quero discutir contigo — insistiu ela, trémula. Fez uma pausa para tentar recompor-se. Ele sentia-a escapar, e nunca se sentiu tão impotente. — Estar contigo foi como estar num sonho... o *melhor* sonho do mundo — disse ela, sem ar. Parecendo desfeita, atirou o papel que tinha na mão contra o abdómen dele. Dylan agarrou-o sem pensar. Ela começou a ir-se embora.

— *Alice.*

Ela parou a meio metro da porta, de cabeça baixa. Não se virou.

— Achas que só é difícil para ti? Não sou mais experiente em confiança, ou em relacionamentos, ou em longo prazo do que tu. Mas percebi uma coisa. O que existe entre nós é real. Tu sentes. Eu sei que sim. Tu e o Sidney podem chamar-lhe alguma espécie de resíduo do nosso passado, ou culpa, ou insanidade, se quiseses, mas isso não vai mudar o que existe. Eu amava a Addie Durand porque ela foi a primeira pessoa no mundo que me amou sem dúvida nem pensamento. Era isso que fazia naturalmente, como respirar. Mas eu *apaixonei-me* por ti, embora me tivesses combatido, e questionado, e desconfiado o tempo todo, porque amei a tua força e a tua independência e, sim... até o raio dessa tua maldita suscetibilidade. O laço entre nós não se vai quebrar — garantiu-lhe, sombrio. — Não importa a loucura na Durand Enterprises, ou na imprensa, ou na sentença ou julgamento do Kehoe com que possamos ter de lidar. Tenho a certeza que não se vai quebrar, se saíres daqui deste momento.

Ela ficou parada, os ombros caídos e a cabeça baixa. Passado um momento, endireitou as costas, ergueu a cabeça e saiu do quarto. Ele não ficou propriamente surpreendido. Conhecia-a bem.

Isso não impedia que lhe doesse como fogo.

Ficou ali parado, a sentir-se vazio numa questão de minutos. Por fim, reparou no que tinha na mão.

Arrancou os dois agrafos do papel e abriu o envelope improvisado. O isqueiro de prata de Alan Durand aterrou-lhe na mão. Abriu com cuidado o papel. Ela escrevera apenas duas frases.

É um presente de nós os dois, meu e do Alan. Serás sempre o meu cavaleiro andante.

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Doby saltitava entre as suas pernas enquanto ela tentava ajudar Maggie a carregar os sacos da mercearia.

— Para, *Doby* — repreendeu Maggie, pousando múltiplos sacos sobre a bancada da cozinha. — Vais mandar a rapariga outra vez para o hospital, a atirar-te para cima dela dessa maneira. Anda cá, cão tonto.

Alice riu-se quando o chamamento de Maggie abriu caminho para ela.

— Já não estou assim tão frágil. Graças a Deus. Como correu o teste? — perguntou, referindo-se a um exame que Maggie dera à sua turma de Estatística. Alice ajudara-a a conceber o teste.

— Ainda não olhei para eles. Só vou conseguir logo à noite — disse Maggie, enquanto guardava uma garrafa de leite.

— Eu corrijo-os — disse Alice, tirando umas bananas de um saco. — E as minhas nódoas negras quase desapareceram, por isso não me importo nada de dar algumas das tuas aulas na próxima semana, também, se quiseres. Para ganhar o meu sustento.

Olhou em volta quando a porta do frigorífico se fechou com um sonoro baque. Maggie olhava para ela com uma expressão solene.

— O que se passa? — perguntou Alice, pouco à vontade. — Fui tua assistente, já dava algumas das tuas aulas todos os semestres. Achas que estaria sem prática?

— Claro que não. Mas eu já tenho um assistente. Tu já não és estudante. Formaste-te com distinção e foi-te oferecido um lugar na Durand Enterprises por esse Stalwalter, ou lá como se chama. Se não queres trabalhar para ele, de certeza que há muitas outras empresas que te dariam um emprego. E, claro, de acordo com algumas notícias fidedignas, tu és *donna* da Durand Enterprises — acrescentou, a revirar os olhos. — És um bocado mal-empregada para corrigir testes e dar as aulas de que menos gosto, Alice.

— Mas isto é só uma coisa temporária. Queria ajudar enquanto estivesse aqui contigo, mais nada — disse Alice, de sobrolho franzido.

Maggie suspirou e aproximou-se dela.

— E eu agradeço. Mas estás aqui como uma amiga. Não tens de trabalhar para mim. Precisaste de tempo e espaço para recuperar e pôr a cabeça em ordem.

— E agora decidiste que o meu tempo acabou, não foi? — perguntou Alice com uma gargalhada seca. — Estás a pôr-me na rua? — perguntou, a sorrir apesar do seu desconforto com a volta que a conversa dera.

— Não. Estou só... — encolheu os ombros e fez um som de impotência. — A picar-te um bocadinho?

Alice suspirou e encostou-se à bancada da cozinha, os braços cruzados sob os seios.

— Vi um artigo no *Tribune*, esta manhã, sobre a conferência de imprensa da Durand Enterprises, na próxima sexta-feira. Assumo que saibas do que se trata? — disse Maggie.

Alice anuiu sem uma palavra. Desconfiara que Maggie ia ver o artigo.

— E vais contar-me?

— Eu... não sabia como — disse Alice, frustrada porque se sentia culpada por não ter sido aberta com Maggie. Sentia-se como se tivesse aquela coisa enorme dentro de si e a quisesse tirar para fora. O problema era que não sabia como expeli-lo adequadamente. Era como uma grávida no fim de termo, desesperada pelo alívio, quase a explodir e impotente perante a natureza.

— *Espera*. Estás a dizer-me o que penso que estás a dizer? Recebeste o resultado dos exames? — perguntou Maggie, tensa.

— Sim — disse Alice, estudando o chão de ladrilhos. Recebera uma chamada do laboratório de genética dois dias antes.

— E?

Ergueu o olhar para o de Maggie, hesitante.

— Parece que... sou um milagre, afinal de contas.

Só de o dizer sentiu arrepios ao longo dos braços. A sua reação de espanto não diminuía nada desde que dera a notícia tanto ao agente especial Clayton como a Charlie Towsen.

— Tu és filha biológica de Alan e Lynn Durand.

— Parece que sim — disse ela, a encolher os ombros com incredulidade.

— *Uau*. O Dylan sabe? — perguntou Maggie cautelosamente após

uma pausa.

Alice engoliu em seco.

— Penso que sim.

— Mas não tens a certeza?

— Falei com o Charlie Towsen e enviei-lhe uma cópia do relatório do exame. Dylan é chefe do Charlie. De certeza que ele lhe disse. — Inspirou fundo e endireitou-se, voltando a tirar artigos dos sacos porque sabia o que Maggie ia dizer a seguir e precisava de uma distração.

— O Dylan não ligou? — perguntou Maggie, soando um pouco confusa.

— Não — respondeu ela secamente, enquanto arrumava um pão na caixa e fechava a porta com demasiada força. — Mas pedi-lhe para me ligar apenas em caso de emergência.

Além disso, ele deve estar tão furioso comigo que evita contactar-me a qualquer custo.

— Ele não considera o facto de seres definitivamente filha de Alan e Lynn uma notícia importante? Nem o facto de o Kehoe se ter declarado culpado, não só do rapto, mas também de ter dado ordem para te matarem há vinte anos, ou de tentar matar-te recentemente? Isso não pode ser classificado como informação suficientemente grave para te ligar?

— Sabes que o Clayton me disse isso tudo antes de a história sair nas notícias — disse Alice, movendo-se mecanicamente e evitando o olhar de Maggie. Tanto Clayton como Towsen tinham sido fantásticos, informando-a de todos os pormenores dos eventos à medida que iam ocorrendo.

Sentira-se incrédula e aliviada ao ponto da fraqueza física, quando soubera que Kehoe não ia arrastar aquela tragédia ainda mais indo a tribunal. Ainda parecia impossível de acreditar que o trauma que ele causara sobre Alan, Lynn e a própria Alice ia finalmente chegar ao fim. A notícia fora particularmente bem-vinda porque, vários dias depois de chegar à casa de Maggie, o agente Clayton lhe dissera que Sissy e dois dos seus tios — Tim e Christopher — estavam sob custódia do FBI. Teria de testemunhar no julgamento de Sissy, um facto que nunca deixava de lhe causar ansiedade.

Não tinha notícias de Al nem dos outros tios, mas Alice sabia que havia mandados de captura para todos. Havia uma boa possibilidade de a ausência de provas permitir que ficassem em liberdade, mas o futuro era muito incerto no que tocava aos Reed. Adormecera a chorar

durante duas noites seguidas, depois de saber das suas detenções, inquieta pelas notícias. Mas, mais do que isso, lamentava a perda da única pessoa que poderia perceber a sua ambivalência e infelicidade perante a ideia de os Reed irem parar à prisão por sua causa: Dylan.

Quanto a Kehoe, Alice soube pelo agente Clayton que era um homem destruído. Depois de ter recuperado o suficiente para poder ser interrogado pelo FBI, a primeira coisa — e, durante algum tempo, a única coisa — que confessou foi ter traído Lynn Durand anos antes. Estranhamente, confessou também tê-la matado, embora se verificasse mais tarde no interrogatório que o que ele dissera aos investigadores era o que tinha dito a Alice. Conduzira Lynn ao suicídio quando lhe dissera que Addie estava mesmo morta.

Kehoe não era imune ao sentimento de culpa, afinal, que o apanhou no fim. Alice teve de concordar com a confissão de Kehoe: Era como se ele tivesse atirado com Lynn pelo penhasco abaixo, torturando-a até a fazer saltar. Alice também soubera por Clayton que Kehoe fora colocado sob vigilância, depois de tentar enforcar-se na sua cela. Não ficou muito surpreendida, tendo em conta as coisas que ele lhe dissera naquela noite.

Kehoe ficara obcecado por Lynn, consumido pelo objetivo de a tornar tão infeliz como ele se sentia sem a ter na sua vida. Quando foi apanhado, o seu remorso, mágoa e culpa atingiram-no em cheio. A única coisa que parecia capaz de fazer era confessar os seus pecados contra Lynn Durand vez após vez. Os agentes tinham necessitado de uma grande dose de tempo e paciência para o deixar acalmar-se o suficiente para admitir os seus crimes contra Addie.

Contra Alice.

Talvez fosse possível um homem como Kehoe arrepender-se. Ele parecia, de facto, consumido pela culpa. Alice não fingia saber as respostas. Estava apenas grata por *qualquer coisa* ter impelido Sebastian Kehoe a confessar e pôr um ponto final naquele pesadelo, quase vinte e cinco anos depois.

— E, sim, tenho a *certeza* que o Dylan sabe do resultado dos exames de ADN — disse Alice a Maggie, arrancando-se aos seus pensamentos.

— Como?

— Eu conheço o Dylan — disse ela, deixando cair com força um saco de batatas sobre a bancada. — E porque aquela conferência de imprensa da próxima semana foi organizada por ele depois de eu dar os resultados ao Charlie Towsen. Tudo vai ficar resolvido, agora que o

Kehoe já confessou e a sua sentença está marcada.

— Vais lá estar, certo? — perguntou Maggie suavemente.

Alice fez um aceno afirmativo. Teria de dar o seu testemunho sobre o ataque de Kehoe: teria de encará-lo numa sala de tribunal. A sua contribuição ajudaria o juiz a decidir a sua sentença. E não tinha apenas a ver com questões técnicas. O juiz queria saber o que o rapto e o ataque tinham significado para ela em termos emocionais, o impacto do crime de Kehoe sobre toda a sua vida... tudo o que ele lhe roubara...

...O que lhe custara.

Quando tudo isto lhe foi explicada, Alice assumiu a tarefa de avaliar aquele preço racionalmente.

Afetava uma pessoa, ter de atribuir um peso às ações de outra. O que seria a sua vida se Sebastian Kehoe não tivesse conspirado contra ela e os pais, a sangue frio, vinte anos antes?

Enquanto ponderava sozinha naquelas respostas, Alice apercebeu-se de que havia perdas e custos de que nunca desconfiara. Magoava-a perceber isso, mas também a limpava, de alguma forma. Fê-la iniciar a verdadeira recuperação e a construir as fundações de uma sólida ponte entre a criança que tinha sido e a mulher que era agora... entre Addie e Alice.

— O Dylan também vai testemunhar. E o Thad. Vai acontecer na segunda feira, após a conferência de imprensa — disse a Maggie.

— E foi o Dylan que planeou esta conferência de imprensa?

— Sim. O Towsen contou-me. O FBI vai fazer uma breve declaração, o gabinete da procuradoria vai responder a perguntas sobre Kehoe e a sentença, Dylan vai falar, também, em nome da Durand... — Guardou um pacote de açúcar numa prateleira. — E eu também.

— E vais mesmo? — perguntou Maggie num sussurro.

Alice pousou ambas as mãos na berma da bancada, ainda de costas para Maggie.

— Acho que já não tenho muita hipótese de escolha — disse. — Sabes... é que, apesar de tu e o Dylan pensarem que estou só a enterrar a cabeça na areia...

— Eu não disse isso — protestou Maggie. — E acho que também não é o que o Dylan pensa, para ser honesta.

— Eu tenho pensado muito no que vou fazer com a minha vida — continuou Alice, trémula.

— E o que é que decidiste? Vais aceitar aquela oferta de emprego

do Jason Stalwalter em Nova Iorque? Ele parece mesmo querer muito que lá fiques.

Alice soltou uma pequena gargalhada.

— Os principais executivos da Durand receberam um memorando sobre o regresso de Adelaide Durand. Tenho a certeza de que o Stalwalter ia querer mesmo muito ficar com a filha do Alan Durand a trabalhar no seu grupo.

— Dar-lhe-ia a oportunidade de dar graxa à dona da empresa — acrescentou Maggie secamente. — Mas, verdade seja dita, ele ainda não sabia nada disso quando te ofereceu o emprego, pois não? Ficou só impressionado pelo trabalho que fizeste para o Dylan... pelo teu trabalho em geral. E não pode ser *muito* graxista. Insistiu em oferecer-te um lugar, embora eu aposte que o Dylan está tremendamente lixado com ele por tentar aliciar-te para viveres longe, em Nova Iorque.

— Sim. Estava só a brincar. O Stalwalter parece-me uma pessoa decente.

— E então... vais trabalhar com ele?

— Não — disse Alice suavemente. Abriu a boca, fechou-a e depois abriu-a de novo. — Quando for a Morgantown para a conferência de imprensa... vou de vez. Vou pedir para trabalhar como executiva júnior na divisão de *marketing* do quartel-general da Durand. Se não ali, então vou para onde quer que possa servir. Quero aprender o máximo que conseguir sobre a empresa. O Alan derramou todo o seu suor e lágrimas naquela empresa. Ficando a conhecê-la... ficarei a conhecê-lo a *ele*.

Virou-se ao ouvir o som de uma única palma. As duas mãos de Maggie ainda estavam unidas. Depois ela pressionou-as contra o peito e sorriu para Alice. Era como se tivesse estado à espera que Alice dissesse aquelas exatas palavras, a cada minuto das últimas três semanas.

— Acho que Morgantown é a minha casa — admitiu Alice, trémula. — Não por causa da Durand Enterprises, ou por causa do Alan e a Lynn. Mas porque o Dylan está ali.

Os olhos de Maggie encheram-se de compaixão. Deu um passo em frente e abraçou Alice com força. Alice retribuiu da mesma maneira.

— Claro que o mais provável é o Dylan já não querer saber de mim — balbuciou contra o ombro de Maggie. — Deve achar-me uma tremenda cobarde. Espero conseguir fazê-lo compreender... — Interrompeu-se quando a sua voz ficou sufocada. Maggie deu-lhe uma palmada no ombro. Recuou com a cabeça. Reconheceu a sua

expressão.

— Tive de te dizer uma vez, antes de ires àquela reunião com o Dylan Fall, que precisavas de endireitar as costas e fazer o que fosse necessário. Vou dizer-te o mesmo outra vez — disse com simulada severidade, referindo-se à fatídica entrevista que Alice tivera com Dylan, meses antes. Partilharam um sorriso. Aquela entrevista parecia ter sido há uma vida. Parecia-lhe que, desde essa altura, ficara virada do avesso, como se fosse a mesma pessoa mas para sempre diferente. — Como te disse antes, tens de confiar em ti mesma — continuou Maggie. — Mas agora tens muito mais sorte do que tinhas na primavera, Alice. Porque agora tens também o Dylan em quem confiar.

— Estava a mentir a mim mesma, por isso menti-lhe também. Que espécie pessoa sou eu para optar por acreditar em culpa, e dúvida, e medo, e não nesta coisa extraordinária que existe entre nós? Eu disse-lhe que não confiava nele — admitiu, aquela simples e dura verdade a perfurar-lhe de novo o peito.

— Oh, querida — disse Maggie, tocando-lhe na face. — Isso era porque não sabias o que era a confiança.

Alice chegou ao Campo Durand antes do nascer do sol, naquela sexta-feira. O som dos pneus do carro alugado a rodar sobre a gravilha encheu-lhe os ouvidos. Uma sensação de pungente nostalgia dominou-a, quando olhou pela janela. O campo estava iluminado precisamente como quando estava em função, por isso conseguia distinguir pontos de referência importantes. Mas tudo parecia tão silencioso e vazio, tão contrário à agitação e risos e o sentido de objetivo que sentira quando lá estava.

Estacionou e saiu do carro, o ar fresco e limpo da aurora a abraçá-la. Podia ter estacionado no castelo, mas queria fazer a caminhada desde o campo. Aquela era a sua oportunidade de se despedir finalmente de uma das melhores experiências da sua vida. Esperava que o campo tivesse mudado todos os miúdos de uma forma positiva, mesmo que fosse apenas um pouco. No seu caso, sentia que as semanas passadas na margem do lago e nos braços de Dylan a tinham mudado para sempre.

Atravessou o espaço desolado, passando pelo pavilhão principal e pela cabana que partilhara com Kuvi. Sabia pelas suas trocas de mensagens e mails com Kuvi que ela aceitara uma posição nos

escritórios da Durand em Londres, enquanto Dave Epstein estava a trabalhar em Nova Iorque. Tinham-se tornado tão próximos que iam tentar uma relação de longa distância, para ver como funcionava. Alice estava contente por os dois amigos quererem encontrar a felicidade um com o outro. Fez uma pausa junto à cabana da Equipa Vermelha. O facto de nunca ter conseguido dizer adeus aos seus miúdos ainda a magoava enormemente. Teriam já iniciado a escola? Terrance deveria tentar jogar futebol, e Judith ia começar em triunfo o seu último ano. Quase subiu a porta para tentar entrar. Talvez a tivessem deixado destrancada por acidente...

Mas não... aquilo era agora parte do seu passado. E o presente estava a chamá-la na direção da floresta.

Com sorte, também o seu futuro. Enquanto seguia o trilho para o estábulo, porém, Alice estava a experimentar sérias dúvidas e receios acerca desse.

A porta do estábulo estava destrancada, o que significava que Dylan já lá estava. Antes de a sua ansiosa expectativa ter tempo de crescer ainda mais, viu-o de imediato. Interrompera-o enquanto ele erguia a pesada sela de *Kar Kalim*. Ele deu meia volta, viu-a e largou de imediato a sela.

Durante vários segundos cauterizantes, ficaram apenas a olhar um para o outro.

Ele vestia calças de ganga, luvas de montar, botas, e uma *T-shirt* cor de ferrugem. Os seus músculos ainda estavam enormes de tensão por baixo das mangas curtas, embora ele tivesse soltado a pesada sela. Os pelos da barba estavam cuidadosamente aparados e salientavam-lhe a boca dura e sensual. Os seus olhos escuros eram tão atraentes como ela recordava. Mais ainda. Aqueles lustrosos olhos de cigano moviam-se agora sobre ela, deixando-a intensamente consciente de cada centímetro quadrado do seu corpo.

— O que é que estás aqui a fazer, Alice?

Encolheu-se um pouco ao ouvir o tom brusco. Ele ainda estava zangado com ela. Não esperava que fosse diferente, claro, mas a prova da sua zanga fez moessa na sua coragem a desvanecer.

— Vim para a conferência de imprensa, e... — Engoliu em seco. A sua incerteza cresceu, agora que estava ali cara a cara com ele. O laço que sempre sentira permanecia, aquela elétrica ligação física e sensual. Mas a sua expressão era tão fria e proibitiva. A combinação de ligação e distância magoavam-na.

— E? — perguntou ele, soltando a sela e tirando uma luva. A

confiança dela decaiu ainda mais, perante aquela fria receção. Ele ergueu o olhar depois de descalçar ambas as luvas e enfiá-las no bolso de trás. As suas sobranceiras escuras arquearam-se num movimento que parecia dizer *Então?*

— Vim pelo campo. Pareceu-me tão vazio — disse ela com um sorriso falso, acenando na direção do campo.

— Então vieste ver o campo?

— Vim para te ver a ti — exclamou ela. — Eu... eu queria falar contigo.

— Sobre o quê?

— Dylan, porque é que estás a tornar isto tão difícil? — perguntou, a sua frustração e ansiedade a levarem a melhor.

— Porque não sei o que vieste aqui dizer — replicou ele sucintamente. Os seus olhos não se desviaram, e, desta vez, ela sentiu a agitação do estado emocional de Dylan. Ele não estava indiferente à sua chegada, como parecera ao princípio. Hesitou, esmagada pela necessidade que tinha dele, pela frustração de não conseguir expressar-se. Não era boa naquilo. As narinas dele dilataram-se um pouco, quando ele viu as suas dificuldades.

— Não posso ser eu a fazer tudo, Alice — disse bruscamente, a voz dura. — Há alguns passos que vais ter de ser tu a dar.

Ela ficou ali, afogada em impotência, enquanto ele erguia a sela com um movimento seguro, virava-se e ia embora.

Chegara ao estábulo um pouco mais cedo, naquela manhã. Ia ser um longo dia. Tinha os nervos em franja, por mais do que uma razão. A conferência de imprensa estava marcada para as onze da manhã no salão de baile de um grande hotel local. O departamento de relações públicas e a sua administradora, a Sr.^a Davenport, já tinham tudo preparado.

Mas, pela sua parte, as águas estavam bastante agitadas. Parecia que cada chefe de departamento e diretor da Durand, tanto nacional como internacional, queria falar com ele, o que contribuíra para uns últimos dias caóticos. Havia uma inquietação por toda a empresa, e as pessoas queriam ser tranquilizadas. Dissera à Sr.^a Davenport, quando anunciaram a conferência de imprensa, que trataria de todas as chamadas pessoalmente. Se conseguisse dissipar quaisquer ansiedades falando com as pessoas uma a uma, era o que ia fazer.

Aquele dia seria o mais caótico de todos. Charlie Towsen

mantivera-o diligentemente informado das suas interações com Alice, por isso sabia que ela concordara com a conferência de imprensa. O facto de saber que a ia encontrar dentro de poucas horas deixava-o bastante alterado. Não saber o que ela pensava do reencontro — o que pensava fosse do que fosse — estava a dar com ele em louco.

Uma vigorosa corrida no *Kar Kalim* ia limpar-lhe as ideias.

Talvez.

Não teve a mínima hipótese.

Pegou na sela. Ouviu a porta do estábulo abrir-se e olhou para trás, surpreendido. Eram apenas cinco e meia da manhã.

Ela estava à porta. Foi assaltado por um choque e soltou a sela sem querer. Ficaram a olhar um para o outro, o momento tenso.

Ela estava quase curada, apercebeu-se vagamente, os olhos a devorar a sua visão. Ainda havia uma vaga descoloração das escoriações na sua bochecha direita. Parecia apenas deixá-la ainda encantadora, enfatizando-lhe a delicada estrutura óssea e a macia radiância da sua pele. Estava igual, mas *diferente*, ao mesmo tempo. Cortara e mudara o cabelo, a cor a regressar ao que ele calculava ser o seu tom natural — um brilhante acobreado com madeixas douradas. Fizera um corte curto e assimétrico que fazia destacar o seu pescoço elegante, os olhos grandes e o lindo rosto, para não falar do espírito inconformista. O corte era surpreendentemente preciso, chique e com aspeto profissional. Fazia-a parecer mais sofisticada, percebeu ele. Ficou contente por ver a sua recém-encontrada maturidade, mas também o entristeceu um pouco. Sabia o que a envelhecera. Ela mudara enquanto estava longe dele, e isso em si era triste.

Pensou que talvez também ele tivesse envelhecido com ela naquela noite de julho. E, nos dias a seguir, sentira-se, por vezes, um ancião.

Usando toda a sua força de vontade, resistiu ao impulso de correr para ela. Não importava o que estava a sentir, não sabia o que ela estava a experienciar. Vê-la partir cortara-o até aos ossos. Não podia vê-la fazer isso outra vez com as defesas em baixo.

— O que é que estás aqui a fazer, Alice?

— Vim para a conferência de imprensa, e... — Engoliu em seco. Ele pensara-o tantas vezes; que ela era como uma criatura selvagem. Mas aquela manhã era diferente. Antigamente, perguntava-se sempre se Alice mostraria a sua natureza feral arreganhando os dentes. Naquele dia, era mais como uma corça, fugidia e esquiva. O seu coração derreteu. Ela estava vulnerável.

Mas ele também.

— E? — perguntou bruscamente. Precisando de qualquer coisa que o distraísse, começou a descalçar as luvas. *Porque é que ela não dizia nada?* Olhou para ela com inquieta expectativa.

— Vim pelo campo. Pareceu-me tão vazio — disse ela com um sorriso trêmulo, a acenar para a porta.

— Então vieste para ver o campo? — replicou. Sentia-se um homem na frente de uma brigada de fuzilamento com alguém que hesitava em dar a ordem para disparar.

— Vim para te ver a ti. Eu.... Eu queria falar contigo.

— Sobre o quê?

— Dylan, porque é que estás a tornar isto tão difícil?

— Porque não sei o que vieste aqui dizer — bradou ele, frustrado.

Os seus olhares encontraram-se. Ele sentia perfeitamente o desespero e vulnerabilidade de Alice. Ela não era melhor do que ele naquilo. Não, era pior, na verdade. Ele *sabia* isso. O desejo de correr para ela quase o avassalou. Mas aqueles eram passos que Alice precisava de dar sozinha, quer fossem na direção dele... quer na direção oposta.

— Não posso ser eu a fazer tudo, Alice — disse ele, a voz a vibrar com emoção. — Há passos que vais ter de dar sozinha.

A transbordar de frustração, ergueu a sela de *Kar Kalim* e começou a voltar para os estábulos.

— Dylan. Não... espera. Raios, importas-te de me *ouvir*?

Foi a reemergência do característico tom acerbo que o fez virar-se para ela, mais do que qualquer outra coisa. Atirou a sela de *Kar Kalim* para o chão, irritado.

— O quê? O que é que queres dizer, Alice? *Diz* de uma vez, pelo amor de Deus.

Ela correrá atrás dele quando o vira ir embora. Metro e meio. Era tudo o que os separava agora. Bufou ao ouvir o desafio dele, os olhos enormes de indignação pela dureza na sua voz. Abriu a boca, como se fosse dar alguma réplica sarcástica. Ele resistiu a um forte impulso para fechar a distância entre eles e enfiar a língua entre os seus lábios, calá-la da melhor maneira possível...

Talvez ela tivesse captado a caótica violência das suas emoções naquele momento, porque a sua boca fechou-se.

— Eu disse-te que precisava de algum espaço. Algum tempo — começou.

Ele apenas acenou uma vez, à espera, os pulmões a arder, os

músculos cerrados para conter a vontade de se mover.

Ela fechou os olhos brevemente, como que a reunir forças antes de continuar.

— Pensei muito em tudo, enquanto estive na casa da Maggie. Com a sentença do Kehoe a sair, pensei no que teria sido a minha vida se ele nunca se tivesse intrometido — disse, rouca. — Pensei muito no que ele me custou: um pai e uma mãe, um lar afetuosos, uma existência normal, segura, abençoada.

— Tens razão. Ele tirou-te isso tudo — concordou Dylan.

Ele viu a sua elegante garganta contrair-se quando ela engoliu em seco. Ela deu um passo em frente. Ele sentiu o coração começar a martelar-lhe os ouvidos.

— Mas tirou-me mais do que isso. Tirou-te a ti — disse, trémula, embora o seu olhar fosse firme e intenso. — Durante vinte anos da minha vida, tirou-te de mim. Não quero deixar que me tire mais, Dylan.

Por um momento, tudo se concentrou nos seus grandes olhos ternos, a sua linda boca suave, e o trovejar do coração dele nos seus ouvidos. *Ela não vai fugir outra vez.*

— Também não quero que isso aconteça — admitiu. — Mas agora a escolha não é do Kehoe. É tua.

— Eu sei. Agora sei. É por isso que estou aqui. Desculpa-me por ter ido embora. Estava tão confusa. E desculpa por ter dito que não confiava em ti. Desculpa por não ter confiado em nós. Não devia deixar que pessoas como a Sissy ou o Kehoe me dominassem, acreditar que tudo é potencialmente mau ou feio. Ou errado. — Olhou-o nos olhos, claramente abalada pela força das próprias emoções. — Porque tu és lindo para mim, e *foi* errado. Foi *tão* errado virar as costas a uma coisa tão certa só porque tinha medo...

— Alice — interrompeu ele, a tremer. *Que se lixe a cautela.* Começou a encurtar a distância entre eles.

— Não, deixa-me terminar — disse ela, parecendo quase em pânico. Limpou impacientemente uma única lágrima da face. Era como se agora que a represa se rompera sobre a sua hesitação, estivesse decidida a fazer tudo sair rapidamente. Engoliu em seco e olhou-o nos olhos.

— Lembras-te do que te contei, depois de ter aquele sonho com o Alan, que eu estava a correr para o jantar e ele vinha mesmo atrás de mim? Uma memória tão comum, tão corriqueira, e, no entanto, quando ele falava comigo, havia tanto amor. — Outra lágrima desceu

pela sua face. — Ou quando tive aquela recordação de jogar às escondidas com a Lynn, aí não havia medo. Quase todos os segundos da minha vida deviam ser preenchidos com felicidade e confiança e amor.

»E, depois, quando estava aqui contigo, pensava: Como é que alguma vez posso habituar-me à ideia de que fui em tempos a Addie Durand? Sou tão diferente dela. *Eu* não confio. Eu não espero nada para além do ordinário — disse, a tremer, tocando no seio. — E tudo em ti, *tudo* em nós, era tão extraordinário.

— Querida — balbuciou ele, rouco. A luta dela tornara-se insuportável de testemunhar.

— Não, está tudo bem — tranquilizou-o, o seu rosto a iluminar-se. Lágrimas transbordavam agora dos seus olhos. — Porque foi então que percebi.

— O quê?

— Que todas as noites que passei contigo, todas as horas, todos os minutos... a Addie devia ter estado comigo. Porque a verdade é que eu *nunca* confiei tanto. Eu nunca me senti tão amada como quando estava contigo. E tu percebeste isso desde o princípio, não percebeste? Sabes... — Ela deu um passo para Dylan, a expressão ansiosa, como se estivesse louca por fazê-lo compreender. Ele sentia que o seu coração se quebrava um pouco, ao vê-la naquele momento, a testemunhar a sua força e a sua coragem. — Com a Lynn e o Alan... com a minha mãe e o meu pai, só tive aqueles minúsculos vislumbres de como era. Mas, contigo, sinto-o o tempo todo. A Addie podia confiar, por isso eu também posso. Vês? Apesar de *tudo*. Apesar do Kehoe, e do Cunningham e o Stout, apesar de ter sido despojada da minha família e de tudo isto... — indicou com um gesto largo o estábulo à sua volta. — Apesar de todos os anos com a Sissy, *não é* demasiado tarde — concluiu, estendendo uma mão e pousando-a no peito dele.

Ele estremeceu de prazer com o simples toque.

— Se não pensares que é, quero eu dizer — acrescentou após um momento, estudando-lhe a face, ansiosa. — Desculpa ter-te magoado quando me fui embora. Gostava de fazer-te compreender, Dylan.

Ele agarrou-lhe na mão e beijou-a.

— Compreendo melhor do que tu pensas — disse ele. — Eu sabia que tu confiavas, e sabia-o ao mesmo tempo que tu duidavas dessa confiança.

— Já não duvido — sussurrou ela, aproximando-se mais. — Foi *por isso* que vim.

Ele tocou-lhe na face, de novo espantado com a sua maciez. A sua preciosidade. Procurara-a durante todos aqueles anos, e, no entanto, nunca fizera ideia de como ela era preciosa. Acariciou-lhe o queixo.

— A capacidade de confiar só é concedida àqueles que são bem-amados — disse ele num sussurro. — É por isso que sempre te disse que devias confiar em mim. Porque acho que ninguém pode ser amado tanto como eu te amo.

Dylan inclinou-se para a frente para prender o seu nome na língua dela. O seu gosto e textura inundaram-no. Tão doces. Tão familiares.

Sempre novos.

Sem pensar, reagindo puramente por instinto, ergueu-a nos braços e dirigiu-se para a porta fechada do escritório.

Ela começara a habituar-se a isso antes de estar com Dylan: tantas camadas de sentimentos complexos, inexplicáveis, misturados com a obcecada necessidade sexual. Agora, quando o voltou a experimentar naquele momento no estábulo, Alice conseguiu dar um nome ao que lhe acontecera... ao que ainda *acontecia*. Era amor e uma profunda e duradoura ligação, um laço demasiado misterioso para ser dissecado.

As suas mãos delinearão-lhe o peito e ombro duros com desejo. Com reverência. Ele sabia tão bem. Encostou-se mais, com fome de preencher com ele os seus sentidos. Teria perdido o juízo, para se privar daquilo? Moveu as ancas num círculo estreito, sentindo a sua ereção crescer. Ele gemeu, rude e profundo, os braços a apertarem-se à sua volta.

Ele ergueu-a de contra si e começaram a mover-se. Ela foi percorrida por um frémito de prazer. Sempre adorara a sua força e a sua dominação durante o sexo. Desde a primeira vez, naqueles mesmos estábulos, quando ele a posicionara e possuía com uma concentração obsessiva que a deixara atónita e intensamente excitada.

Viciada.

Quando entraram no escritório, Dylan arrancou a boca da dela para poder fechar a porta e trancá-la. Depois virou-se de novo para ela, o olhar semicerrado a descer sobre o seu rosto afogueado de uma forma que a fez inclinar-se para cima para o provar outra vez. Ele colocou-lhe uma mão no ombro.

— Se calhar devíamos ir para casa e fazer isto como deve ser — disse, embora, pela maneira como lhe estava a olhar a boca, com um ligeiro trejeito de avidez nos lábios, deixasse claro que era uma oferta

pouco convincente.

Ela abanou a cabeça.

— Tu fazes isto *sempre* como deve ser. Não preciso de velas e violinos, neste momento. Só preciso de ti — disse, arrancando-lhe os primeiros botões da camisa. Desabotoou-os até ao umbigo, abriu as lapelas e encostou a cara à sua pele, inalando-o. Provando-o. Passou-lhe a ponta dos dedos ao longo do lado do tronco e sentiu a pele dele arrepiar-se com a ponta da língua.

— És sempre uma coisinha tão ávida — rosnou ele. Alice ouviu o perigo no seu tom, a prova do selvagem dentro dele que ela tanto adorava. Para lhe mostrar como estava certo, ela mordeu um denso, suculento, músculo peitoral e fez deslizar a língua sobre um pequeno mamilo escuro, fazendo-o contrair-se. Ele gemeu e enterrou os dedos no cabelo dela. A sua pele arrepiava-se sob os lábios e os dedos dela. Aplicando uma pequena pressão na sua cabeça, moveu-a sobre o seu peito e costelas, descendo para o abdómen trabalhado. Ela perdeu-se na glória do corpo dele, beijando e lambendo e usando os dentes até ouvir aquele rosnar na garganta dele, aquele que tanto lhe dizia como ele apreciava as suas carícias como era também um excitante aviso.

O desejo pulsava em volta deles, encapsulando-os no seu pequeno mundo. Ela estava ávida e cúmplice, quando ele a instigou a descer mais, os dedos a enterrarem-se por baixo da cintura das calças de ganga. Apoiou-a quando ela se ajoelhou na sua frente. Depois ela estava a abrir-lhe rapidamente a braguilha, a sua excitação a crescer com a sensação do pau dele a empurrar-se contra a ganga. Incapaz de esperar, passou a mão ao longo da sua extensão. Gemeu, a sensação a deixá-la febril. Baixou a cabeça, prendeu a coluna entre os dentes superiores e inferiores e girou ligeiramente a cabeça. Ele gemeu e puxou-lhe mais a cabeça contra si. As calças protegiam-no da ponta afiada dos dentes dela. Ela estimulou-o assim por um momento. Ele pareceu apreciar a áspera pressão, e gemia de prazer. Mas, tal como ela, ele estava impaciente. Levantou-lhe a cabeça e puxou as calças e a roupa interior para baixo.

Ela abriu a boca quando o viu segurar a sua ereção por baixo e acariciar a sua extensão rígida. Era tão lindo. Fez um som sufocado e desesperado na garganta, quando o seu odor lhe invadiu o nariz. Ansiava por ele.

— Eu sei, querida — fez ele, rouco, apertando-lhe mais o cabelo entre os dedos. — Também tive saudades tuas. — Deu um pequeno passo em frente. Sentindo o que ele queria, ela manteve a boca

entreaberta enquanto ele encostava a macia e quente ponta do pénis ao círculo dos seus lábios. Depois acariciou-lhe a face com ele. Ela ergueu o olhar enquanto ele a acariciava, impotente no seu desejo. As narinas de Dylan dilataram-se ligeiramente quando a olhou.

— És tão bonita — disse.

— Tu também — sussurrou ela, virando o queixo e lambendo-lhe a cabeça suculenta do pau. Agitou a língua. Ele baixou a mão. A sua firme e pesada ereção balouçou no ar sob a influência da língua dela. Alice ergueu o olhar enquanto brincava com ele, lambendo apenas a cabeça e fazendo agitar o pénis.

Ele fez um som grave com a garganta, e envolveu o seu pénis e o queixo dela ao mesmo tempo.

— Sempre a provocar, não é? — perguntou, com a voz embargada de desejo. Enfiou-lhe o pau entre os lábios, abrindo-os para abrir caminho para a sua espessura. Os seus olhares cruzaram-se enquanto ele lhe enchia lentamente a boca. Tornada mais ousada pela profundidade e expressão dos seus sentimentos, inclinou a cabeça para a frente e engoliu-o profundamente, recuperando do movimento enquanto chupava e puxava a boca para trás.

— Jesus — gemeu ele quando ela repetiu o gesto. — Alice...

Ela era uma mulher em chamas, a luxúria alimentada pelo amor. A única coisa que queria era mostrar-lhe. Nada a podia impedir, em especial quando ouviu os seus incrédulos gemidos e grunhidos de aprovação. Era verdade que acabara de fazer progressos falando honestamente das suas emoções, mas Alice estava mais familiarizada com o reino físico. Era assim que se expressava com ele naturalmente. Sempre assim fora, sempre seria.

Voltou a enterrá-lo até ao fundo, apertando a base do pau com a mão fechada, depois puxou para trás, chupando-lhe com força a haste do pénis. Céus, ele deixava-a louca. Solto-o da boca, batendo-lhe suavemente na ereção com a mão, e depois voltou a enfiá-lo na boca com ganancioso abandono.

— Sua...

De repente o pau dele desapareceu e ele estava a puxá-la para cima, as mãos por baixo dos seus cotovelos dobrados. O rosto dele parecia afogueado e duro, quando a conduziu para a secretária. Pobre Gordon Scheider. Iam conspurcar a secretária do responsável do estábulo pela segunda vez. Dylan arrancou-lhe a camisola pelos braços, e depois a camisa de algodão estava a cegá-la quando ele lha puxou por cima da cabeça.

— Tira as calças — ordenou, tenso, retirando à pressa as botas de montar.

— Foi sempre isto que adorei em ti — disse ela, livrando-se dos seus sapatos rasos. — Quando entra na onda, não há nada que detenha Dylan Fall.

Depois de se despirem a uma velocidade recorde, Dylan puxou-a contra si. Os seus braços envolveram-na. Ela teve uma rápida visão das suas feições rígidas e depois ele estava a beijá-la como se não houvesse amanhã, as mãos a moverem-se pelo seu corpo nu, a redescobri-la, a roubar-lhe o fôlego. Sempre que fazia amor com Dylan, ele atingia-a como um tsunami.

Ele agarrou-lhe nas nádegas e apertou-lhas por um momento antes de a erguer e sentar na berma da secretária.

— Foi demasiado tempo, querida — disse, e ela não teve a certeza se ele estava a pedir desculpa pelo seu desespero ou apenas a declarar o óbvio. Estavam ambos a rebentar de desejo. Ele colocou-se entre as suas coxas abertas e dobrou-lhe os joelhos na direção dos ombros. Com um grunhido de insatisfação, puxou-a mais contra si.

— Prepara-te — instruiu. Baixando o olhar para avaliar o ângulo, Alice pôs as mãos atrás de si sobre o tampo da secretária e inclinou o tórax. Também ergueu a pélvis, inclinando a rata num ângulo ligeiramente para cima. — Isso mesmo — rosnou Dylan, a expressão quase zangada enquanto a observava entre as coxas. Guiou o seu pau até à abertura e entrou. Grunhiu num misto de agonia e prazer quando se enterrou parcialmente e parou. Alice impeliu as ancas para cima, tão desesperada por ele. Fazia agora mais de um mês desde que estivera com ele. A sua mente estava mais pronta para ele do que o seu corpo. Gemeu de frustração.

— Chhh — tranquilizou-a, e mordiscou-lhe a boca, chupou-lhe os lábios com avidez. Derretia-a sempre com os seus beijos fortes, gananciosos, sedutores. Ela ficava tão concentrada em retribuir que o seu corpo relaxava à volta dele. Ele segurou-lhe a caixa torácica com as mãos firmes enquanto enterrava o pau dentro dela com suave mas firme determinação. Envolveu-lhe um seio com a mão e passou o polegar e o indicador sobre o mamilo, acariciando o botão de carne. Ela gemeu, a sentir o corpo aquecer em volta dele. — Isso mesmo — disse ele para os seus lábios abertos. — Deixa-me entrar, menina linda.

Ele fletiu as ancas. Um áspero gemido soltou-se da sua garganta. Ela gritou quando ele se enterrou até ao fundo e viu os seus olhos

revirarem-se para trás.

— Demasiado tempo mesmo — rosnou ele por entre os dentes cerrados.

— Concordo — sussurrou ela, porque a sensação de ele a encher tão fundo lhe roubara a voz.

Dylan ergueu o olhar e encontrou o dela.

— Nunca mais — declarou simplesmente.

— Nunca mais — prometeu ela.

Ele passou as mãos por baixo das costas dela e os seus braços fortes apertaram-lhe os joelhos até os fazer tocar nos ombros. As pernas dela ficaram totalmente abertas e imobilizadas entre os corpos de ambos. Alice mordeu o lábio perante a intensidade da pressão do pénis de Dylan. Ele pusera-a numa posição muito vulnerável. Deixara-a à sua mercê.

Já o estivera também noutras ocasiões. Mas, agora, sabia que confiava nele, e era muito mais forte por causa disso. Olhou os seus profundos olhos lustrosos quando ele começou a mover-se, e soube que não havia como voltar atrás.

Alice tinha apenas uma muito vaga ideia do que envolveria a conferência de imprensa. Percebeu que provavelmente tinha sido melhor não compreender as implicações do que estava prestes a ocorrer, ou nunca teria concordado em estar presente.

Depois do emocional e apaixonado reencontro com Dylan no estábulo, regressaram ao castelo e continuaram a sua celebração de uma forma mais demorada na cama. Alice não conseguia pensar em mais nada e mais ninguém para além de Dylan. Descobrir a sua capacidade de amar e ser amada deixava-a mais livre. Renascida. Dylan parecia igualmente extasiado, fazendo-a recordar que, apesar da sua superior confiança e fé no seu relacionamento, também ele fora em tempos um solitário. Também fora em tempos aquele rapaz desconfiado e zangado que baixara as suas defesas por uma inocente menina de quatro anos.

Era naqueles momentos que compreendia mais claramente que nunca como a dúvida e a incerteza podiam ter feito com que o perdesse.

Nunca mais voltaria a arriscar-se a deixar que isso acontecesse.

Deitados na cama, entrelaçados um no outro, a tocar-se, a conversar, a fazer amor, Alice sentiu-se como se tivesse recebido de

novo o dom da inocência, ao poder olhar para ele, admirá-lo, amá-lo sem o fardo da ansiedade.

Nem sequer ficou preocupada quando chegou a hora e tiveram de se levantar e preparar para a conferência de imprensa, ainda encapsulada como estava na bolha da intimidade partilhada. Decidiu usar um vestido que Dylan lhe comprara, um bonito azul-cobalto que tinha um aspeto profissional ao mesmo tempo que lhe lisonjeava a silhueta e os olhos. Quando viu Dylan escolher um fato azul-escuro, entrou no seu enorme *closet* e escolheu uma gravata azul-cobalto. Enrolou-lha em volta do pescoço, a sorrir.

— Assim vai parecer que combinamos um com o outro.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras e prendeu a gravata por baixo do colarinho.

— É mais do que *parecer*.

A resposta deixou-a tonta de felicidade. Sorriu ainda mais e começou a virar-se para se calçar. Ele agarrou-a pela mão. Ela virou-se, as sobrancelhas a arquearem-se quando percebeu como ele parecia sério.

— Ainda não o percebeste bem, Alice, mas a tua vida está prestes a mudar para sempre — disse em voz baixa. O sorriso dela desvaneceu-se perante a intensidade que lhe adivinhava. — Estás prestes a ser reconhecida como a única herdeira de Alan Durand. És uma mulher muito rica. As pessoas vão questionar o nosso envolvimento. Vão insinuar e assumir montes de coisas a nosso respeito.

— Não me interessa o que...

Ele ergueu uma mão.

— Deixa-me terminar.

Alice fez um aceno afirmativo.

— Eu quero um futuro contigo — declarou com simplicidade.

— E eu também quero um futuro contigo.

— Por causa desta verdade básica, eu nunca, em ocasião nenhuma, te pedirei ou usarei um cêntimo do dinheiro ou propriedade que os teus pais te deixaram. Nunca. Essa não é uma promessa vazia, Alice. A partir de amanhã, deixarei de ser executor do teu *trust*. Podes responsabilizar-te por ele pessoalmente ou contratar um representante legal e financeiro ou uma equipa para o fazer. Se quiseres conselho sobre quem contratar, eu dou-to, ou aponto-te na direção de outra pessoa que possa aconselhar-te a respeito de diferentes candidatos. O ponto é que és tu a única beneficiária. A escolha é tua.

Alice corou de desconforto.

— Temos mesmo de falar disto agora?

Ele apertou-lhe a mão.

— *Temos*. Não deixes que o assunto do dinheiro te faça sentir incomodada. Vais precisar de aprender a falar abertamente sobre ele. Não é crucial para o nosso relacionamento, mas é importante, num sentido geral, para a tua vida. Muito importante. Quero que saibas claramente que, graças ao Alan e ao sucesso da Durand, eu próprio não me saí muito mal.

Ela soprou, exasperada. Sabia uma ou duas coisas sobre a situação financeira de Dylan, graças ao estudo que fizera.

— Tu tens centenas de milhões de dólares. Eu tenho noção de que não és propriamente pobre, Dylan. Achas que isso me interessa?

— Estou orgulhoso do que consegui na Durand. Mas se, em algum dia, decidires que queres assumir o leme...

— Oh, céus — gemeu ela. — Dylan, isso é uma possibilidade tão absurda, neste momento.

— Neste momento, pode parecer-te isso — disse ele num tom calmo. Ergueu a mão e acariciou-lhe o rosto. Ela moveu o queixo, tranquilizada pelo toque, e olhou para ele com mudo desespero. — Garanto-te, com os teus talentos, não te vai parecer assim tão bizarro. Eu só quero que saibas que, não importa o que decidas, vou ficar bem. Posso ter todo um novo futuro noutra sítio qualquer.

— Eu não te quero *noutro sítio qualquer* — disse ela com ênfase, alarmada com o mero pensamento.

Ele sorriu aquele sorriso que a fazia sentir-se puxada por dentro, aquele que a fazia sentir tão valorizada.

— No que diz respeito a nós os dois, vou estar *sempre* ao teu lado. Um emprego é uma coisa diferente. Tu sabes.

Ela anuiu, uma dose de alívio a percorrê-la.

— Não consigo fazer isto sem ti, Dylan. Não me deixes quando estou só a dar os meus primeiros passos.

— Eu *não* te vou deixar — garantiu-lhe ele, os olhos a relampejar. — Só não quero que alguma vez tenhas de pensar duas vezes, como aconteceu com o Thad Schaefer, quando ele começou com as suas insinuações a meu respeito.

— Eu nunca acreditei que quisesses apenas o dinheiro do Alan — negou ela acaloradamente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Pensaste nisso, mesmo que não durante muito tempo e mesmo

que o tenhas negado no fim.

— Eu nunca... — Ela interrompeu-se na sua defesa, franzindo o sobrolho quando pensou em como se sentira miserável na noite em que Thad alegara que Dylan tinha motivos ocultos a seu respeito. Talvez ele tivesse razão. As insinuações tinham deixado uma farpa, uma que podia ter crescido rapidamente, se ela o permitisse.

— Estás a ver o que quero dizer? — perguntou ele, ao ler-lhe a expressão. — O dinheiro pode facilmente intrometer-se entre as pessoas e dividi-las. Acontece mesmo antes que se apercebam disso. Não vou deixar que isso aconteça connosco, por mais invulgar que seja a nossa situação. — Inclinou-se para a frente e beijou-lhe a testa. — É por isso que te estou a dizer isto neste momento. — Os seus olhos escuros cintilaram com determinação. — Eu nunca, nunca ficarei com nada dos teus bens; para que nunca, nunca tenhas de pensar duas vezes nesse assunto. O Alan deixou-te um legado...

— Que tu mais do que triplicaste com os teus investimentos brilhantes — inseriu ela.

—...e estou demasiado orgulhoso do que consegui sozinho para começar a ser sustentado por herdeiras, neste ponto da minha vida.

— Dylan — repreendeu-o ela, com uma careta carrancuda.

Ele riu-se e acariciou-lhe a face.

— De acordo?

— Sim — resmungou ela. Achava a conversa altamente perturbadora.

— Ótimo, porque, agora que esclarecemos isto, tenho uma coisa para dizer sobre nós os dois.

— O quê?

— Quero que venhas viver aqui comigo.

Os olhos dela esbugalharam-se. Como era típico de Dylan, ele declarara a sua intenção com simples frontalidade. Com ele não havia rodeios. Estendeu-lhe a outra mão e aproximou-se mais.

— Tens a certeza? Não achas que as pessoas vão falar? Se ficar com um lugar na Durand e for viver com o CEO?

— Oh, vão falar, claro — confirmou. — Isso é garantido. Os boatos vão bater todos os recordes, por isso, se essas coisas te incomodam, vamos ter de inventar outra situação qualquer. Acho que ambos temos de estar preparados para muito falatório e maledicência sobre nós. Não podemos deixar que isso nos separe.

— Isso nunca me afastaria de algo tão importante para mim — insistiu ela com intensidade.

Ele tocou-lhe no de novo no rosto.

— Esta é a tua casa. Sempre foi, desde o princípio.

Ela apertou-lhe a mão

— Tens razão — disse ela acaloradamente.

Ele pareceu algo surpreendido com a rapidez com que ela concordou, e depois muito satisfeito.

— Mas não porque era a casa do Alan e a Lynn — acrescentou ela suavemente. Pôs-se em bicos de pés e roçou a boca contra a dele. — Porque tu estás aqui.

A primeira centelha de pânico ocorreu quando estavam no carro a caminho da conferência de imprensa e Alice reparou nas carrinhas dos meios de comunicação social estacionadas de cada lado da estrada já a um bom quilómetro e meio da entrada do hotel. Ouviu um ruído mudo e familiar e espreitou para cima através do para-brisas para ver um helicóptero, depois outro.

— O que é que se passa?

Dylan lançou-lhe um rápido olhar e de súbito pôs o pé no travão e enfiou o carro atrás de uma carrinha branca. Desligou o motor e virou-se para ela.

— A história em si saiu esta manhã. O pessoal das relações públicas da Durand esboçou um comunicado e enviou-o para as principais agências noticiosas. Por esta altura, já deve ter circulado. O comunicado diz, basicamente, que a filha de Alan Durand que tinha sido raptada está viva e regressou, e que os pormenores estão relacionados com o recente ataque a uma mulher de nome Alice Reed pelo vice-presidente da Durand, Sebastian Kehoe.

— Ah — disse ela atordoada. — Pensei que isso é que ia ser dito na conferência de imprensa.

— Aí vão ser dados mais pormenores, mas o pessoal pensou que seria útil distribuir a história, para a comunicação social ser informada pelo menos dos aspetos básicos antes de começar. — Alice anuiu, o mudo *rat-a-tat-tat* do helicóptero a tornar difícil concentrar-se. — A imprensa recebeu indicações precisas para não te bombardear com perguntas — disse ele com firmeza. — Podes fazer uma declaração geral, se quiseres, mas não és obrigada. Depois, alguém das relações públicas da Durand vai escolher três ou quatro jornalistas para te fazer perguntas. Responde como quiseres, mais brevemente ou com todos os detalhes. Se não quiseres responder, só tens de o dizer. Não é crime.

Isto é tudo muito novo para ti e, se a imprensa não perceber isso, que se lixem. Parece-te bem? — perguntou, envolvendo-lhe o ombro com uma mão.

— Só não estava à espera de que fossem *tantos* — disse ela, a olhar pela janela enquanto uma equipa de reportagem passava ruidosamente por eles na berma da estrada.

Dylan fez uma careta.

— Sim, bem... por muito que deteste admiti-lo, é uma história *sexy*. A jovem e bela herdeira regressa ao seu legado depois de ter sido raptada aos quatro anos.

— *Eles* não sabem quem eu sou. E o que é que isso tudo tem de *sexy*? — perguntou Alice, a franzir a testa de incredulidade.

— Eu sei. Seres raptada, passares vinte anos a pensar que és outra pessoa e no fim seres atacada não tem nada de *sexy*, mas, para os média, isto é uma mina de ouro. Lamento, querida, não sou eu que escrevo as regras — acrescentou quando ela revirou os olhos. Arqueou uma sobrancelha e olhou pela janela quando uma mulher e um homem com uma câmara na mão passaram. — Vê as coisas por esta perspetiva. Por um lado, és uma das mulheres mais ricas do mundo e ele estão prestes a ter oportunidade de te ver bem. Podem ainda não saber como és, mas, quando te virem... — Fez-lhe um olhar malicioso. — Bem-vinda ao circo.

— Estou a reconsiderar aceitar o convite.

Os dedos dele aproximaram-se da nuca dela. Acariciaram-lhe a pele suavemente. Apesar da vaga de ansiedade, as suas terminações nervosas agitaram-se de prazer.

— Queres que te leve de volta para o castelo?

— O quê? — perguntou ela, os olhos a abrirem-se mais de espanto. Não esperara que ele dissesse aquilo.

Ele encolheu os ombros.

— Se não quiseses fazer isto, está tudo bem por mim. Não é isso que vai mudar os factos básicos.

Ela olhou-o por um momento, a considerar seriamente aceitar aquela generosa oferta da parte dele. Passado um momento, voltou a afundar-se no seu assento.

— Não. É melhor fazer isto de uma vez — disse com resignação. — Eu sou filha do Alan e da Lynn. Isto tudo faz parte do mundo deles, e acho que tenho de me habituar. Além disso, seria só adiar o inevitável. — Olhou para ele. — Mas obrigada por dizeres que me levarias para casa.

Ele sorriu e enfiou a mão no bolso. Pegou na mão dela, e Alice sentiu o metal frio contra a sua pele. Um momento depois, ergueu o pulso para examinar a pulseira de Lynn a cintilar à luz do sol. A visão fortaleceu-a. Seria a primeira vez que a usava em público. Havia algumas vantagens em já não ter de esconder a sua identidade secreta. Fez-lhe um olhar agradecido.

— Para te dar coragem — disse Dylan, e ligou o motor do carro.

Ela conseguia ouvir o enlouquecedor ruído de conversas que emanava da porta mesmo antes de Rick Preston, do departamento de relações públicas da Durand, a abrir para Alice, Dylan, o agente Lee, do FBI, Guy Morales e Darla Sparrow, o procurador da região. Alice sentia-se um pouco dormente, quando se dirigiram para a mesa. O salão de baile silenciou-se com a sua entrada, excetuando o clicar de centenas de câmaras. Dylan puxou-lhe a cadeira e depois sentou-se ao seu lado. Enquanto a sentava, as pontas dos seus dedos roçaram-lhe nas costas. O toque ajudou-a a acalmar a vaga sensação de surreal que a invadira quando olhou a multidão.

Rick Preston fez uma breve declaração e depois apresentou Dylan.

Ao ouvir Dylan falar, Alice conseguiu lentamente começar a abstrair-se da loucura do que a rodeava e da sua ansiedade. Com um estranho sentimento de nostalgia, recordou como, no ano anterior, passara tanto tempo a investigar a Durand Enterprises e o seu CEO para o seu projeto de investigação com Maggie. Ficara um pouco obcecada por Dylan Fall, até na altura, enquanto olhava as suas fotografias e via vídeos da imprensa com ele a falar. Recordou agudamente como era um orador fascinante, confiante e firme, brilhante e arguto, sem nunca parecer convencido nem autoritário. Os apoiantes de Kehoe — se é que, de facto, Kehoe alguma vez *tivera* algum seguidor na Durand — podiam conspirar, insinuar e troçar tanto quanto quisessem. Alan Durand sabia *exatamente* o que estava a fazer quando designara Dylan como o líder da sua empresa.

Dylan falou à sua maneira direta, sucinta, mas eloquente, nunca hesitando enquanto relatava mais pormenores pessoais do que alguma vez revelara em público — tanto quanto Alice soubesse — sobre o seu relacionamento com Alan, Lynn e Addie Durand e sobre a sua presença na altura do rapto de Addie. Não se estendeu sobre a sua vida de demanda para encontrar aquela menina, dizendo que deixaria esses pormenores para o procurador. Alice achou esse desvio

notavelmente modesto da sua parte, uma vez que ele era a única razão por que ela se encontrava ali naquele momento. Mas também isso era típico de Dylan.

Depois ele passou a fazer uma declaração a respeito de como Alan Durand fizera provisões para a sua filha, caso alguma vez regressasse. Apresentou o seu firme apoio à herdeira de Alan Durand e ofereceu credíveis previsões para o contínuo crescimento, liderança global e sucesso fiscal da Durand Enterprises.

O nível de energia na sala crescera visivelmente enquanto Dylan falava. Quando ele disse que responderia a algumas perguntas, quase todas as câmaras estavam viradas para Alice. Ela só desejava poder desaparecer. A vaga sensação de irrealidade só se amplificou.

— Mencionou que a maioria das ações pertence a um *trust* que deveria reverter para Adelaide Durand se ela alguma vez regressasse — começou um jornalista. — O que é que isso significa para a gestão da Durand e os muitos projetos de solidariedade que ela apoia?

— Posso responder em relação à gestão da Durand, porque o *trust* e os ativos da empresa são duas entidades distintas. Quanto ao que vai acontecer com o *trust*, isso não me cabe a mim dizer. Cabe à Alice... à Addie. Ela pode decidir hoje ou pode decidir mais tarde. Pode alterar os seus planos em qualquer data futura. É uma decisão que lhe cabe inteiramente. O que quer que ela decida — Dylan fez uma pausa e olhou brevemente para Alice. O coração acelerado da rapariga deu um pequeno pulo. — O público deve saber que a Durand Enterprises vai continuar a funcionar e a prosperar como ao longo da última década. O *trust* foi reservado por Alan Durand para a sua filha, e quer os funcionários e o público se apercebam disso quer não, as operações diárias na Durand foram levadas a cabo desde a sua morte mantendo esse legado intacto. A empresa não sofrerá nenhum empobrecimento ou dificuldade.

Ela começava a ouvir um trovejar nos seus ouvidos. Compreendia que tudo o que Dylan estava a dizer era verdade, mas havia uma diferença entre a compreensão lógica e uma compreensão emocional de que era a única herdeira de uma vasta fortuna.

Só precisas de tempo. E Dylan garantira-lhe que não a ia abandonar.

Dylan dispensou mais perguntas.

— Tenho noção de que não é a mim que querem ouvir hoje — disse para o microfone com um pequeno sorriso seco. — Por isso vou dar lugar a Guy Morales, que é o nosso vice-presidente interino para

os recursos humanos. Ele vai falar-vos um pouco mais sobre Alice Reed. — Alice moveu-se desconfortavelmente na sua cadeira quando as câmaras começaram de novo a clicar rapidamente. O que teria Guy Morales para dizer a seu respeito? Ela só lhe fora brevemente apresentada por Dylan. Olhou de relance este último com uma interrogação no rosto quando ele voltou a sentar-se ao seu lado.

— Foi-me dada a honra de poder estar aqui hoje para vos relatar uma história verdadeiramente extraordinária, sobre uma jovem mulher que, apesar de uma relativa falta de recursos e fundos, conseguiu licenciar-se com distinção na Universidade de Illinois, em Chicago, e terminar o mestrado em Gestão, *summa cum laude*, na faculdade de Arlington. Desde muito nova que demonstrou notáveis competências em matemática, conquistando uma ambicionada bolsa para a universidade de Illinois. Durante a sua carreira académica, a menina Reed colaborou num dos mais aclamados estudos alguma vez conduzidos sobre a correlação entre filantropia empresarial e lucro. Sem o saber — Morales fez uma pausa para ênfase e sorriu brevemente a Alice — estava a comprovar os princípios há tanto tempo defendidos pela Durand Enterprises... e pelos seus pais, Alan e Lynn Durand.

As câmaras voltaram a disparar como loucas. Alice sentiu-se um pouco nauseada quando Guy continuou a descrever a sua passagem no Campo Durand e como os gestores tinham escolhido a equipa dela — sem conhecerem a sua identidade como a herdeira Durand — como a vencedora do Campeonato por Equipas. Viu Dylan olhá-la de relance e perguntou-se se se aperceberia de como se estava a sentir incomodada, a ouvir cantar daquela maneira os seus louvores na frente de uma sala cheia de câmaras e desconhecidos.

Quando Guy continuou a descrever como Alice fora contratada — mais uma vez, sem o conhecimento dos gestores da sua verdadeira identidade — como executiva júnior na Durand, a atenção de Alice foi atraída para o fundo da sala e um breve movimento. Reconheceu um rosto que se erguia acima da multidão. Endireitou-se mais na cadeira, incrédula. Foi percorrida por um arrepio.

Dylan debruçou-se para ela e sussurrou-lhe diretamente ao ouvido.

— Sabia que te sentias mal por teres perdido a tua última noite. A Judith e o Noble D ofereceram-se para trazer um carro cheio cada um. Parece que a maioria conseguiu vir.

— Não acredito — murmurou ela.

Reparou em Noble D a seguir, cuja cabeça era quase tão alta como a de Terrance. Este acenou-lhe descaradamente. Outra mão voou para lhe baixar a sua. Um sorriso perpassou pela boca de Alice quando viu que fora Judith a conter Terrance. Um sorridente Noble D estava atrás de Judith, com as mãos nos ombros dela. Entre Terrance e D, estava Angela Knox e, do outro lado, Justin Arun. Um rosto ansioso espreitava sobre a multidão. Era Jill Sanchez, que parecia ter crescido vários centímetros desde a última vez que Alice a vira. Matt Dinorio saltou de repente sobre as cabeças do público, de mão no ar. Judith sibilou-lhe qualquer coisa, pondo-o também na ordem. Alice reprimiu a vontade de rir.

Ver os seus rostos fez com que toda a experiência mudasse para ela. Ouviu até ao fim a introdução de Guy Morales com uma incipiente sensação de maravilhamento. O novo vice-presidente dos recursos humanos tinha *razão*. Aquela era uma história *incrível*. Duas pessoas que se amavam e pareciam abençoadas na sua vida, desejavam, acima de tudo, ter uma criança. Após muita luta e dificuldade, foi-lhes dado aquela filha, apenas para lhes ser arrancada pela obcecada ganância e inveja de um homem. Porque a vida de um rapaz solitário e marcado tinha sido indelevelmente tocada pela bondade de um homem e o amor inocente de uma criança, ele nunca desistira de encontrar essa rapariga.

Uma jovem mulher, ignorante das suas raízes e do amor que em tempos respirara como o ar que a rodeava, seguira as tendências e talentos herdados, estudando Gestão e Matemática, e levando até a cabo um projeto de investigação que teria enchido os seus pais de orgulho. A jovem mulher chegara a um lugar onde podia fazer diferença, tocara as vidas de crianças únicas e fora tocada por elas, por sua vez, tal como Dylan Fall fora mudado para sempre por Alan Durand.

Ela olhou para Dylan quando Guy Morales chegou ao fim da sua introdução. Lágrimas brilhavam nos seus olhos, mas o seu sorriso refletia genuína felicidade.

E a mulher e o homem encontraram-se, e o círculo completou-se...

Dylan ergueu-se para lhe puxar a cadeira quando Guy Morales a apresentou. Segurou-lhe brevemente a mão quando ela se levantou, apertando-lha para lhe dar confiança. Desta vez, quando Terrance pôs a duas mãos no ar e acenou e Matt saltou, Alice sorriu e acenou-lhes em resposta.

Aproximou-se do pódio. Pigarreou, e o som no microfone pareceu anormalmente alto no absoluto silêncio que se seguiu. Agarrou o pódio para se apoiar.

— Em primeiro lugar, deixem-me apenas dizer que, embora possam ter todos muitas perguntas, há grandes hipóteses de eu não poder responder. A maioria de vós provavelmente pergunta-se se deverá chamar-me Alice Reed ou Addie Durand. O facto é que não tenho sequer resposta para *essa* pergunta, neste momento. Um nome... uma das coisas mais básicas que uma pessoa sabe a respeito de si própria, e, no entanto, tenho de alegar ignorância temporária. Isto ilustra como é tão novo, incrível e avassalador tudo isto para mim.

»Gostaria de agradecer pessoalmente a Dylan Fall e à direção da Durand por terem sido tão pacientes no seu apoio e na sua orientação ao longo do que acabou por ser um tempo muito confuso. Vou deixar o agente especial Lee e a menina Sparrow responder a quaisquer perguntas relacionadas com o rapto ou com a investigação do FBI. Estou aqui hoje por causa de um homem. Se não fosse Dylan Fall, que nunca desistiu de encontrar Addie Durand, eu teria morrido a acreditar ser Alice Reed. Obrigada por não desistires de mim, por mais escassas que fossem as hipóteses de Adelaide Durand alguma vez ser encontrada — disse com a voz embargada, a olhar para Dylan. Fez uma pausa, a emoção a prender-lhe a garganta. Extraiu forças do olhar firme e cintilante de Dylan. As câmaras dispararam freneticamente no silêncio tenso.

— Por causa do envolvimento da Durand Enterprises e do *trust* e do dinheiro, sei que haverá uma tendência para fazer com que esta história seja apenas acerca de tudo isso — continuou, com a voz a tremer. — Mas, para mim, esta é uma história extremamente pessoal, e não tem nada a ver com dinheiro. — O seu olhar percorreu os adolescentes de pé ao fundo da sala. Judith parecia ao mesmo tempo ansiosa e arrebatada, a olhá-la. — Para mim, as últimas semanas foram feitas de ligações com algumas pessoas incríveis, de aprender a confiar... de encontrar a fé e a esperança...

Sentiu-se de repente incomodada ao perceber como soava emocionada e em carne viva. Não era nada típico dela, ser tão transparente num evento público. Reparou no olhar de Rick Preston e acenou com a cabeça.

— Algumas perguntas — disse Preston. A sala explodiu em gritos, cadeiras arrastadas e mãos a acenar. Preston apontou e chamou um nome.

— Danny Zarnoff, do *Detroit News* — anunciou um homem mais velho e robusto. — Dado que é a dona da Durand Enterprises, acha que se vai contentar a trabalhar como executiva júnior no *marketing*?

Alice pestanejou com a pergunta descarada.

— Muito — replicou. Olhou para Rick Preston com uma expressão de expetativa. Danny Zarnoff pareceu perplexo com a sua resposta simples e começou a gritar uma insistência, mas foi eclipsado pela cacofonia de repórteres aos gritos. Alice olhou de lado nervosamente. Dylan arqueou as sobrancelhas ligeiramente. Embora o seu rosto parecesse impassível, ela tê-lo-ia imaginado divertido.

Preston chamou um nome e uma mulher começou a falar.

— Katie Jordan, do *Crain's Chicago Business*. É agora a maior acionista da Durand Enterprises, e parece que tem talento para o negócio e a liderança. Tem planos para assumir um dia o lugar de Dylan Fall como CEO da empresa?

— Dylan Fall fez da Durand Enterprises a empresa mais rentável e de mais rápido crescimento na nossa indústria. Como acionista, não quero fazer nada que prejudique o crescimento nem o valor da empresa. Alan Durand teve a inteligência de ver o potencial do Dylan, que, desde então, tem-se provado digno dessa confiança. Já vos disse que não conseguirei responder a muitas das vossas perguntas, mas uma coisa posso dizer-vos com toda a certeza: Dylan Fall continuará como CEO das Durand Enterprises enquanto quiser esse lugar.

Quando terminou duas outras perguntas e se sentou, Alice sentiu as pernas fracas, à medida que a adrenalina se esgotava do seu sangue.

Toda a atenção de Dylan parecia concentrada no agente especial Lee a fazer a declaração do FBI. Por baixo da toalha branca que cobria a mesa, porém, a sua mão fechou-se no joelho de Alice. Apertou-lho. Como acontecia sempre que Dylan lhe tocava, o tremor de terra à sua volta aquietou-se uma vez mais.

Uma atmosfera quase festiva prevaleceu na antessala do salão de baile, depois de a conferência de imprensa chegar ao fim. Nem todos os membros da Equipa Vermelha conseguiram comparecer, mas os que lá estavam foram escolados às traseiras. Alguns deles pareciam algo sem fala, ao princípio, com a notícia da descoberta da identidade e passado de Alice. Assim que ela abraçou cada um calorosamente, porém, os mais hesitantes regressaram aos níveis de conforto que

tinham no campo. Dylan surpreendeu-a — mais uma vez — mandando alguém levar o troféu do Campeonato por Equipas. Alice e os seus miúdos tiveram por fim a oportunidade de o passar entre cada membro, admirá-lo e trocar histórias sobre o que tinha conduzido àquela vitória.

Depois de recordarem um pouco e porem a conversa em dia, Judith perguntou abertamente a Alice se podia falar com ela a sós por um momento. Alice concordou e foram para um canto vazio.

— Fizeste um bom trabalho ali em cima — disse-lhe Judith. — Deve ter sido difícil.

— Sim. Sempre vos disse que falar em público não é o meu forte — concordou Alice.

Judith mudou a posição dos pés, claramente hesitante.

— Está tudo bem, Judith? — perguntou Alice.

— É só que... eu sei como é. Passar de um mundo para outro — disse Judith por fim, relutante. Reparou na confusão de Alice. A minha mãe, a minha avó e eu vivemos em Wyoming Street, em Detroit, enquanto a minha mãe terminava a faculdade e começou a trabalhar no banco. Quando foi promovida para uma posição melhor, mudámo-nos para Sterling Heights. Foi como mudar-me para outro planeta. Talvez o meu salto não tenha sido tão enorme como o teu, mas, mesmo assim... pelo menos tenho uma *ideia* do que estás a passar.

— Quanto tempo levaste a ajustar-te? — perguntou Alice.

Judith encolheu os ombros e cruzou os braços por baixo dos seios. Por alguns segundos, Alice pensou que ela ia amuar outra vez.

— Nunca me ajustei, na verdade — deixou escapar Judith, de súbito. Fez um olhar envergonhado a Alice. — Só muito recentemente, pelo menos, e ainda tenho um longo caminho para percorrer. Olha, eu sei que fui uma cabra, quando cheguei ao campo. Desculpa ter sido tão má.

— Desculpas aceites. Eu se calhar também devia ter sido um pouco mais paciente contigo.

Judith revirou os olhos.

— Se fosses demasiado paciente, eu tinha-te massacrado. Sabes perfeitamente.

Alice sorriu, concordando.

— Eu não sabia bem onde pertencia. A minha mãe queria que cortasse todos os laços com os meus amigos do antigo bairro e comesse de novo em Sterling Heights. Era como se quisesse lavar a

mancha de Wyoming Street e nunca mais pensar nisso. Uma parte de mim concordava com ela. Queria fundir-me no novo local, tal como ela.

— E a outra parte? — perguntou Alice suavemente.

— Sentia-me uma hipócrita — disse Judith, a boca a franzir-se de fúria.

— É compreensível. Eu sei como me senti quando fui para a faculdade. Não contava a ninguém onde cresci. Era uma das minhas maiores vergonhas.

— Sim. Mas, embora sentisse isso, também queria vingar-me da minha mãe por ter virado toda a minha vida do avesso. Estava sempre a fazer coisas para a chatear.

— Como candidatares-te ao Campo Durand? — perguntou Alice. Há muito que se perguntava porque insistira Judith em desafiar a mãe e frequentar um campo que era maioritariamente para miúdos pobres, em especial quando Judith se fazia de tão superior e acima de todos os outros quando lá chegara.

Judith ergueu o queixo num já conhecido trejeito de desafio. Quando Alice não disse mais nada e apenas esperou, a rebelião da rapariga pareceu escoar-se do seu corpo. Por alguns segundos, pareceu exatamente aquilo que era: uma adolescente esperta, bonita e muito vulnerável.

— Sou mesmo patética, não sou? — perguntou-se Judith em surdina.

— Não és absolutamente nada patética — disse Alice. — Acho que faz sentido. Não tens nada de que te envergonhar. Sabes que mais? — Judith olhou para ela, hesitante. — Acho que vingares-te da tua mãe foi a única razão por que te candidataste ao campo Durand, mas também pode ter havido outra razão. Acho que te sentias alienada e tinhas saudades do teu antigo bairro, dos teus amigos e das tuas raízes, e uma parte de ti quis ligar-se a isso outra vez. E foi o que fizeste, Judith. Da maneira mais extraordinária. Pessoalmente, acho que serás capaz de te sair bem onde quer que seja. Wyoming Street. Sterling Heights... onde quiseses fazer a diferença, podes fazê-la.

— E tu também.

Alice encolheu os ombros e sorriu.

— Sabes que agora a Durand vai ter de ser obrigada a aturar-me. Judith soltou uma gargalhada.

— Bem, é como sempre me quiseste provar. Por vezes, o melhor líder não é o mais óbvio.

Deu a Alice um breve, mas intenso — e inesquecível — abraço, antes de se ir embora.

Os miúdos, Dylan e alguns membros do pessoal da Durand não foram os únicos a aparecer na pequena festa improvisada. Ela ficou feliz ao ver Sidney Gates e Jim Sheridan. Quando estava a falar com Jim, Terrance e Judith sobre a agora famosa festa da piza com a *Bang*, Dylan aproximou-se dela com uma mulher loura, mais velha mas em forma.

— Queria apresentar-te uma pessoa que tem estado morta por te conhecer — disse Dylan. — Alice Reed, apresento-te a Virginia Davenport. É o meu braço direito e nunca deixa de mo recordar. Também foi assistente administrativa do Alan durante anos.

— Prazer em conhecê-la — disse Alice com sinceridade, estendendo a mão. Em vez de a apertar, porém, a mulher agarrou-a calorosamente entre as suas.

— Chame-me Sr.^a Davenport. Pode parecer mais formal, mas não é. É o que o Dylan e o Alan me chamavam. Surpreende-me que o Dylan até saiba o meu nome próprio. — Alice sorriu com a expressão sofredora de Dylan. Reparou que a Sr.^a Davenport lhe estudava o rosto e percebeu que os seus olhos azuis cintilavam de lágrimas.

— Está tudo bem? — perguntou em voz baixa, preocupada, em especial porque a Sr.^a Davenport parecia uma personagem formidável, não propriamente inclinada a manifestações públicas de emoção.

Ela anuiu rapidamente.

— É só porque me lembra tanto dele.

— Do Alan? — perguntou Alice, tocada. — Obrigada. A maior parte das pessoas parece pensar que me pareço com a Lynn.

A senhora Davenport fungou e começou à procura de qualquer coisa na mala.

— E parece-se. Não é na aparência física que me lembra o Alan — admitiu ela com a voz embargada, enquanto puxava de um pacote de lenços de papel.

— Então é em quê? — perguntou Dylan, claramente curioso.

— É na maneira de ser — disse a senhora Davenport antes de se assoar. — O Alan tinha a bondade de um santo e era um verdadeiro cavalheiro, mas conseguia ser cortante como uma faca, para quem era mal-educado. Aquele Danny Zarnoff do *Detroit News*? Irritava-o sobremaneira. O Alan teria *adorado* ver a maneira como o pôs no seu

lugar ali na sala.

SEIS SEMANAS DEPOIS

— **N**ão, não! Eu ofereço — exclamou Alice excitadamente quando Dylan estendeu a mão para a conta. — És sempre tu a pagar. É a minha vez, agora que comecei a receber ordenado.

O empregado olhou para Dylan. Este fez um pequeno aceno com a cabeça, embora parecesse um pouco contrariado.

Estavam a almoçar num elegante restaurante chinês chamado Great Wall. Faziam questão de almoçar juntos nos dias de trabalho sempre que podiam. Era gratificante já não terem de esconder a sua relação. Não a exibiam, de forma nenhuma, mas os dias de andarem escondidos estavam oficialmente terminados.

Com grande excitação, ela retirou o cartão de crédito da carteira. Ergueu-o à altura da cara e simulou uma pose.

— O meu primeiro cartão de crédito de sempre — disse.

Dylan estendeu o braço por cima da mesa e agarrou no cartão. Estava excecionalmente atraente naquele dia, usando a nova gravata bronze e preto que ela lhe comprara na véspera — também com o seu novo cartão. Ela pensara que a cor tornava os seus olhos especialmente lustrosos e hipnotizantes. Ele observou o cartão de crédito, um sorriso a suavizar a sua boca firme. Devolveu-lho.

— Pediste-o com o novo nome — disse, enquanto ela enfiava o cartão na pequena pasta e a estendia ao empregado.

— Sim. O que achas?

— Sabes que gosto muito. — Estendeu a mão sobre a mesa e ela colocou a sua por cima. — Tens a certeza de que não queres receber uma conta para despesas extraída do *trust*? Isso pode ser arranjado numa questão de horas. Tenho a certeza de que o Dick te falou disso — disse ele, referindo-se ao novo executor do seu *trust*, um guru financeiro chamado Dick Everhill. Alice e Dick, com a útil contribuição de Dylan ao fim de anos de experiência, tinham decidido não fazer quaisquer alterações no *trust*, por enquanto. Alan

estabelecera diretivas sagazes e Dylan fizera um brilhante trabalho na sua gestão. Alice não conseguia pensar em nada melhor do que mantê-lo tal como estava.

— Falou, sim. Mas não me estragues a diversão. Estou tão feliz como uma rapariga trabalhadora que ganha o seu salário.

— Deus me livre de sugerir qualquer coisa que destrua a tua felicidade. Mas não quero que te ponhas com extravagâncias a comprar-me coisas — disse-lhe severamente, com um toque breve na gravata nova.

— Eu gosto de te comprar pequenos presentes — gracejou. Suspirou quando o seu olhar severo não se atenuou. — Estás sempre a estragar-me com mimos, Dylan. Não há razão para não retribuir o favor, à minha modesta maneira.

Ele acariciou-lhe o polegar e a palma, parecendo pensativo. Cócegas de prazer dançaram nas terminações nervosas de Alice, com aquela simples carícia. Passou o dedo sobre os nós dos dedos dele, admirando a sua mão masculina. Quando ela lhe envolveu o indicador e o apertou, ele pestanejou e olhou-a nos olhos.

— Chegas mesmo cedo a casa, esta noite? — perguntou ele, a voz profunda e baixa e o calor nos seus olhos a dizer-lhe alto e bom som que ele partilhava a sua amplificada química sexual. Desde que tinham começado a viver juntos que Alice colhia os benefícios de não só haver menos restrições no tempo que passavam juntos como da considerável imaginação e energia de Dylan no que dizia respeito ao sexo. Era uma mulher muito sortuda.

— Se conseguir acabar as análises à campanha da *Doce Adelaide*... e o Gabriel diz que consigo — acrescentou com um sorriso malicioso, referindo-se ao seu chefe na divisão de *marketing*. Alice gostava bastante do seu novo emprego. Estava a aprender tanto que por vezes sentia que a sua cabeça ia explodir, ao final do dia. Era muita coisa para absorver, ter de aprender as suas funções num exigente trabalho novo ao mesmo tempo que tentava assimilar tudo o que significava ser Adelaide Durand. Começara, lenta mas consistentemente, a tomar conhecimento de todos os objetos pessoais remanescentes de Alan e Lynn, aos fins de semana, um processo que podia ser intenso e maravilhoso mas, ao mesmo tempo, emotivo e esgotante. Também andava a ler tantos relatórios financeiros e informação histórica da Durand quanto podia.

Felizmente, Sidney Gates indicara-lhe um terapeuta em Morgantown. Era bom para Alice ter um sítio aonde ir todas as

semanas para poder despejar tudo sobre um ouvinte objetivo. Aos poucos, começava a reorganizar toda a confusão e discrepância da sua existência dual numa única identidade nova que fazia cada vez mais sentido para ela.

E que estava a amar cada vez mais.

Dylan semicerrou os olhos.

— Dir-se-ia que o facto de o produto que o Gabriel te mandou trabalhar ter o *teu* nome teria algum peso na matéria.

— Pois não tem — disse ela num tom severo, agarrando-lhe de novo o dedo e percorrendo-o com o punho fechado sugestivamente. Sorriu quando os olhos dele dardejaram. — E foi assim que eu quis, lembrás-te?

— Não me deixas esquecer.

— Em que é que estás a pensar? — murmurou ela ao fim de um momento, reconhecendo a preocupação de Dylan.

— O teu nome — disse ele. — Agora que o mudaste legalmente, suponho que nunca mais o queiras mudar...

O coração dela deu um pequeno pulo.

— Claro que não — replicou Alice. — Quero dizer... não o tive durante vinte anos da minha vida. Nunca mais vou prescindir dele.

Dylan anuiu, o rosto impassível. Mesmo assim, ela sentiu que a sua resposta o subjugara. Riu-se suavemente e acariciou-lhe as costas da mão.

— Posso, no entanto, considerar a adição de um hífen... se a oferta certa se apresentar.

Frustrantemente, ele não disse mais nada.

— *Dylan*.

— O quê?

— Estás a pedir-me em casamento? — deixou ela escapar.

— Estava a testar as águas — disse ele, arqueando as sobrancelhas escuras e fazendo-lhe aquele olhar sombrio e malicioso que a fazia sempre recordar um pirata.

— Mas...

— Não abuses, minha menina — murmurou ele, a boca a curvar-se de divertimento.

Ela abanou a cabeça com simulado desgosto. Já o conhecia tão bem. Ele ia pedi-la em casamento, sim, à sua própria maneira. Dylan nunca fazia nada a meio gás, com ela. Estava sempre a surpreendê-la, quer na forma de um presente dado na altura certa quer por incluir atenciosamente algum dos seus amigos, como Maggie, num jantar.

Tornara-se muito menos concentrado na sua preocupação com ela, nas últimas semanas, mas Alice tinha o pressentimento de que ele seria sempre cauteloso. Era a sua história comum que o tornara assim, e ela compreendia. Era também a mesma razão por que ele parecia nunca deixar de celebrar a sua presença. Não podia propriamente queixar-se da solene e pungente gratidão dele perante a sua própria existência, mesmo que ainda a surpreendesse a cada hora de todos os dias.

Alice arrancou o olhar do rosto dele quando o empregado regressou. Aceitou a conta, agora incapaz de esconder um ebuliente sorriso. Estava a ter cada vez mais dificuldade em disfarçar a sua alegria por detrás de uma máscara de indiferença, nos últimos tempos.

Seria possível a minha vida ser mais extraordinária? Poderia eu ser mais sortuda?

— Acerca daquelas águas... — murmurou num tom desinteressado, fingindo-se mais preocupada com a gorjeta. — É só a minha opinião, mas eu diria que são bastante convidativas.

Ergueu o olhar ao ouvir o breve riso caloroso de Dylan. Viu-o ali, naquele momento, nos olhos cintilantes de Dylan: todo um futuro de calor selvagem e doces e calmos momentos de partilha. O seu laço invulgarmente forte apenas cresceria para se tornar inquebrável. Alice ainda duvidava, por vezes. Ainda se questionava mudamente, ainda se perguntava, por vezes, se a sua língua sarcástica e cinismo pronto alguma vez seriam totalmente vencidos. Mas uma coisa mudara para sempre. Sabia agora que a sua dúvida e desconfiança podiam ser as destruidoras da sua ligação com Dylan, se as deixasse. E não deixaria nunca que esse inimigo a vencesse nesse particular campo de batalha.

Os pais tinham razão. A sua vida acabara mesmo por ser um milagre. Alice confiava, e amava de todo o seu coração. Para ela, não havia maior milagre do que esse.

Apertou a mão de Dylan. Voltando-se para a conta, assinou o seu novo nome com um orgulhoso floreado.

Alice D. Swind

Biografia



BETH KERY cresceu numa casa construída no séc. XIX, o que cultivou o seu amor pelo mistério e o paranormal. Quando não estava à

procura de passagens secretas e fantasmas com os seus amigos, devorava livros de fantasia e romances, a par de qualquer outro livro que lhe caísse nas mãos. Hoje em dia tenta equilibrar a sua exigente carreira com o seu amor pela sua cidade, pelas artes e pela vida familiar, e a sua escrita reflete a paixão que tem por tudo isso. Já adulta, começou a investigar a fundo os mistérios do romance e do sexo. É uma autora de êxito com mais de trinta livros e contos publicados, e escreve igualmente sobre o pseudónimo de Bethany Kane. Beth acredita, principalmente, que escrever uma intensa e apaixonada história de amor preenche o leitor a nível sensual, emocional e intelectual.

Mais informações em

WWW.SDE.PT

FAZ-ME SENTIR

BETH KERY

*As coisas são tão simples e entretidas que com frequência
escondidas sob as telas, tal como as personagens.*

• NICKY KATZ



***O romance da autora best-seller do new york times que explora
passados escondidos, obsessões perigosas e paixões incontroláveis***

Harper McFadden construiu a sua reputação como jornalista de investigação ao ser compassiva mas destemida. Depois de a tragédia atingir a sua família, muda-se para as margens do lago Tahoe em busca de paz. Mas quando o misterioso magnata de *software* Jacob Latimer entra na sua vida, os seus pensamentos deixam de se focar na sua recuperação para se centrarem num desejo insaciável de estar com ele.

Jacob é um homem que construiu o seu império do nada. Os rumores que envolvem a sua ascensão ao poder são abundantes e ninguém sabe os segredos que esconde no seu passado. Harper seria a última pessoa que ele deixaria entrar na sua vida: ela é a única que pode expor as suas origens ocultas. Mas Jacob conhece aspetos do passado de Harper que o atraem irresistivelmente. A única coisa que ele quer é torná-la sua – e Jacob é um homem que consegue sempre o que quer...

Mais informações em

WWW.SDE.PT